

ITEM 4. RELATÓRIO ANALÍTICO DA PESQUISA DE SATISFAÇÃO DO PÚBLICO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL – CASA MÁRIO DE ANDRADE

A Casa Mário de Andrade busca constantemente o aperfeiçoamento de sua programação cultural. Assim, é muito importante a pesquisa qualitativa aplicada aos participantes de suas atividades.

Em 2022, a programação realizada em formato on-line continuou a ser ofertada devido ao distanciamento social imposto pela pandemia, em especial no primeiro semestre do ano, mas também pelo interesse do público na realização de atividades em plataformas virtuais. Foi retomada também a realização de eventos presenciais ou híbridos, sendo possível averiguar a satisfação do público com essas duas tipologias de atividades. A referência instrumental foi baseada no **Programa de Capacitação em Projetos Culturais** elaborado pela Fundação Getúlio Vargas para o Ministério da Cultura em 2012, fundamentada pela *Escala de Likert*.

A Casa Mário de Andrade recebeu **414 respostas** dos participantes das atividades da programação cultural realizada em 2022. O formulário é composto por 14 questões, sendo 3 dissertativas e 11 de múltipla escolha.

As questões dissertativas foram a primeira (nome da atividade frequentada pelo participante), e as duas últimas, que apresentam solicitações de sugestões para a programação cultural e comentários pessoais sobre a programação. As respostas dessas questões têm nos orientado para atender melhor as demandas do público participante das atividades. Os comentários sobre a programação são, em sua maioria, lisonjeiros tanto para a equipe do Museu e professores contratados quanto ao conteúdo das ações. Averiguou-se que há muitas solicitações para que seja mantida a programação em formato on-line, o que possibilita a participação de pessoas que moram longe de São Paulo.

As respostas para as questões de múltipla escolha podem ser analisadas pelos gráficos. Em sua maioria, observa-se que as ações culturais foram positivas para o público, tanto para a formação profissional quanto para o desenvolvimento de repertório cultural. Destaca-se o fato de que 99,3% responderam que recomendariam atividades realizadas pela Casa Mário de Andrade a outras pessoas, e 99% fariam outras atividades on-line ofertadas pela Casa Mário de Andrade. Estes dados nos comprovam que o trabalho de formação de público é bem-sucedido.

Ademais, a questão “Como você ficou sabendo da atividade?” nos orienta para a melhor adequação de divulgação da programação cultural, e a “Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?” nos direciona para o aperfeiçoamento na criação do conteúdo das ações culturais.

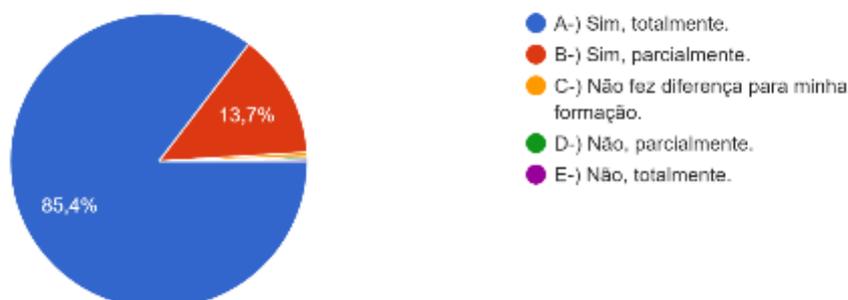
Desta forma, conclui-se que em 2022 a Casa Mário de Andrade obteve retorno positivo sobre sua programação cultural.

As respostas dissertativas podem ser analisadas no arquivo *excel* anexo.

As respostas de questões de múltipla escolha podem ser analisadas nos gráficos a seguir:

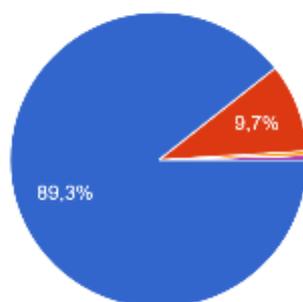
2 - A atividade foi relevante para sua formação profissional, acadêmica e cultural?

410 respostas



3 - A atividade foi relevante para o seu desenvolvimento de repertório cultural e artístico?

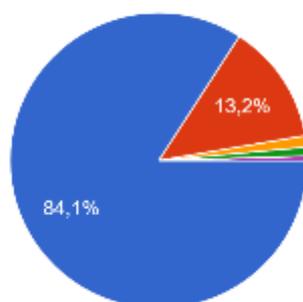
412 respostas



- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) Não fez diferença para meu repertório cultural.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

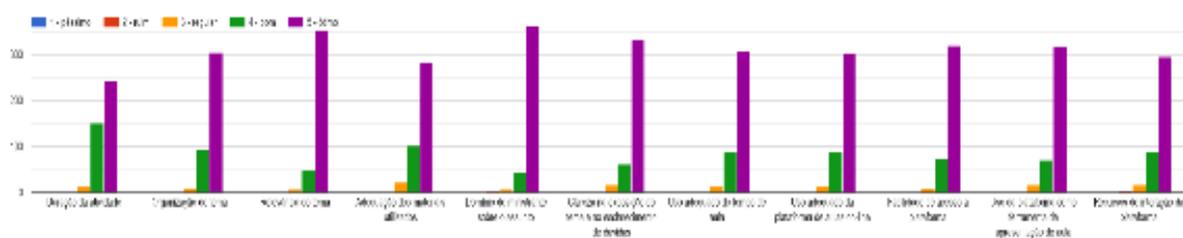
4 - Ela correspondeu às suas expectativas?

409 respostas



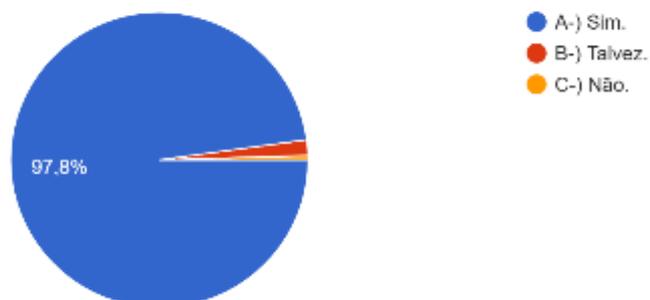
- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) Nem sim, nem não.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

5 - O conteúdo foi 5 pontos seguintes pontos



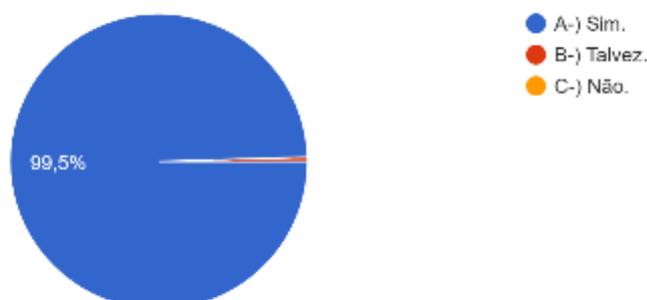
6 - Você recomendaria a atividade a outras pessoas?

411 respostas



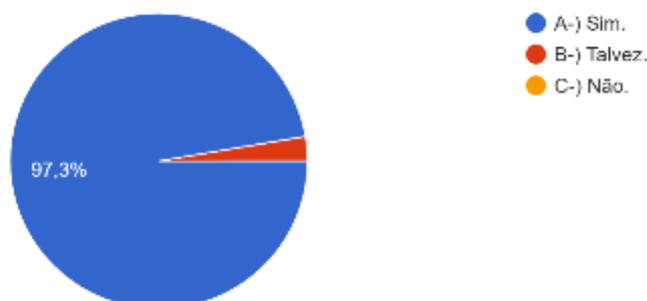
7 - Você recomendaria atividades realizadas pela Casa Mário de Andrade a outras pessoas:

411 respostas



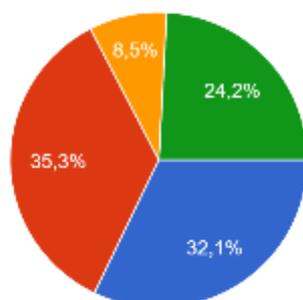
8 - Você faria outras atividades em formato on-line oferecidas pela Casa Mário de Andrade?

410 respostas



9 - Você já participou de outras atividades oferecidas pela Casa Mário de Andrade?

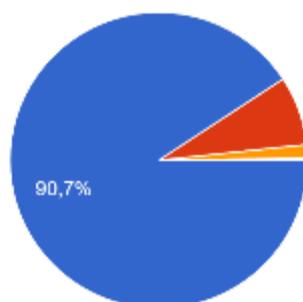
414 respostas



- A-) Não, esta é a primeira.
- B-) Sim, de mais de uma atividade.
- C-) Sim, de mais de cinco atividades.
- D-) Sim, acompanho a programação e já participei de muitas atividades.

10 - A atividade realizada despertou em você o interesse em conhecer mais sobre a Casa Mário de Andrade?

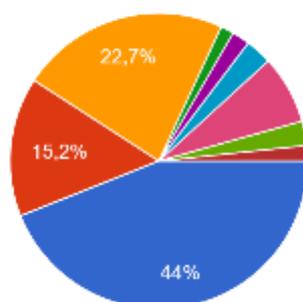
410 respostas



- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) É indiferente para mim.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

11 - Como você ficou sabendo da atividade?

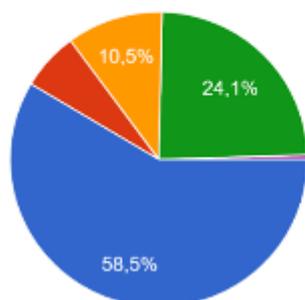
414 respostas



- Eu recebo a programação da Casa Mário de Andrade por e-mail.
- Eu acompanho a programação pelo site.
- Por redes sociais.
- Por divulgação do ministrante da atividade.
- Por divulgação de integrantes da equipe.
- Eu acompanho as atividades da Casa Mário de Andrade.
- Por indicação ou convite de um amigo.
- Por matéria em site de conteúdo cultural.
- Outra fonte.

12 - Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?

410 respostas



- A-) O tema abordado.
- B-) A gratuidade ou valor acessível da atividade.
- C-) A qualificação do ministrante da atividade.
- D-) A compatibilidade da proposta com meus estudos, meu trabalho, minha pesquisa acadêmica ou meus interesses culturais.
- E-) Outro.

ITEM 4. RELATÓRIO ANALÍTICO DA PESQUISA DE SATISFAÇÃO DO PÚBLICO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL – CASA DAS ROSAS

A Casa das Rosas busca constantemente o aperfeiçoamento de sua programação cultural. Assim, é muito importante a pesquisa qualitativa aplicada aos participantes de suas atividades.

Em 2022, a programação realizada em formato on-line continuou a ser ofertada devido ao distanciamento social imposto pela pandemia, em especial no primeiro semestre do ano, mas também pelo interesse do público na realização de atividades em plataformas virtuais. Foi retomada também a realização de eventos presenciais ou híbridos, sendo possível averiguar a satisfação do público com essas duas tipologias de atividades. A referência instrumental foi baseada no **Programa de Capacitação em Projetos Culturais** elaborado pela Fundação Getúlio Vargas para o Ministério da Cultura em 2012, fundamentada pela *Escala de Likert*.

A Casa das Rosas recebeu **576 respostas** dos participantes das atividades da programação cultural realizada em 2022. O formulário é composto por 14 questões, sendo 3 dissertativas e 11 de múltipla escolha.

As questões dissertativas foram a primeira (nome da atividade frequentada pelo participante), e as duas últimas, que apresentam solicitações de sugestões para a programação cultural e comentários pessoais sobre a programação. As respostas dessas questões têm nos orientado para atender melhor as demandas do público participante das atividades. Os comentários sobre a programação são, em sua maioria, lisonjeiros tanto para a equipe do Museu e os professores contratados quanto ao conteúdo das ações. Averiguou-se que há muitas solicitações para que seja mantida a programação em formato on-line, o que possibilita a participação de pessoas que moram longe de São Paulo.

As respostas para as questões de múltipla escolha podem ser analisadas pelos gráficos. Em sua maioria, observa-se que as ações culturais foram positivas para o público, tanto para a formação profissional quanto para o desenvolvimento de repertório cultural. Destaca-se o fato de que 98,8% responderam que recomendariam atividades realizadas pela Casa das Rosas a outras pessoas, e 97,2% fariam outras atividades on-line ofertadas pela Casa das Rosas. Estes dados nos comprovam que o trabalho de formação de público é bem-sucedido.

Ademais, a questão “Como você ficou sabendo da atividade?” nos orienta para a melhor adequação de divulgação da programação cultural, e a “Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?” nos direciona para o aperfeiçoamento na criação do conteúdo das ações culturais.

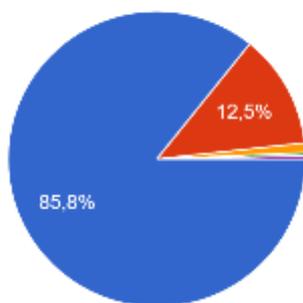
Desta forma, conclui-se que, em 2022, a Casa das Rosas obteve retorno positivo sobre sua programação cultural.

As respostas dissertativas podem ser analisadas no arquivo *excel* anexo.

As respostas de questões de múltipla escolha podem ser analisadas nos gráficos a seguir:

2 - A atividade foi relevante para sua formação profissional, acadêmica e cultural?

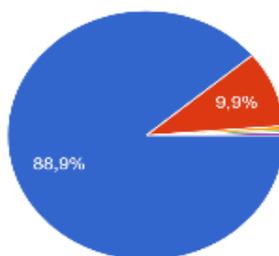
576 respostas



- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) Não fez diferença para minha formação.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

3 - A atividade foi relevante para o seu desenvolvimento de meu repertório cultural e artístico?

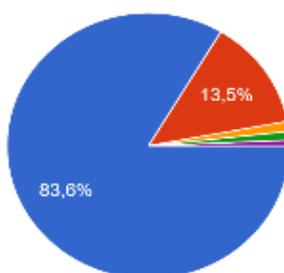
575 respostas



- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) Não fez diferença para meu repertório cultural.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

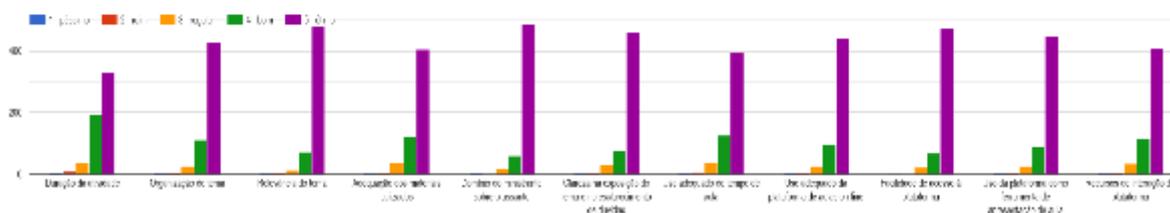
4 - Ela correspondeu às suas expectativas?

572 respostas



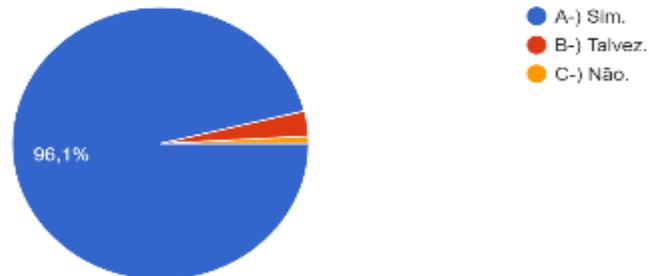
- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) Nem sim, nem não.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos:



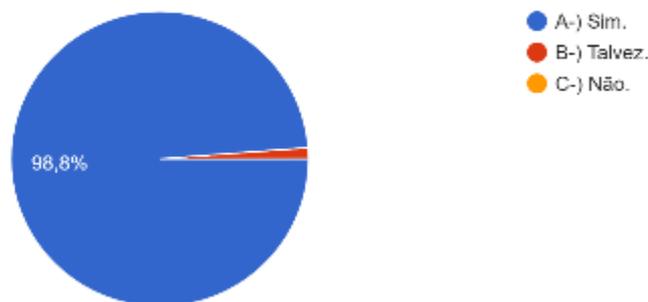
6 - Você recomendaria a atividade a outras pessoas?

571 respostas



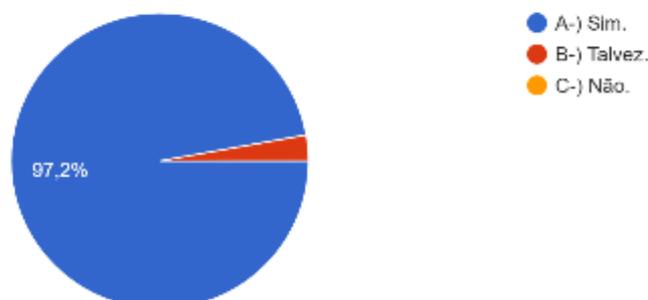
7 - Você recomendaria atividades realizadas pela Casa das Rosas a outras pessoas:

573 respostas



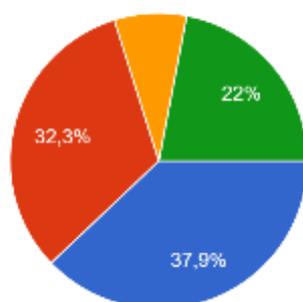
8 - Você faria outras atividades em formato on-line oferecidas pela Casa das Rosas?

566 respostas



9 - Você já participou de outras atividades oferecidas pela Casa das Rosas?

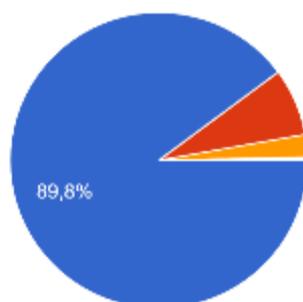
573 respostas



- A-) Não, esta é a primeira.
- B-) Sim, de mais de uma atividade.
- C-) Sim, de mais de cinco atividades.
- D-) Sim, acompanho a programação e já participei de muitas atividades.

10- A atividade realizada despertou em você o interesse em conhecer mais sobre a Casa das Rosas?

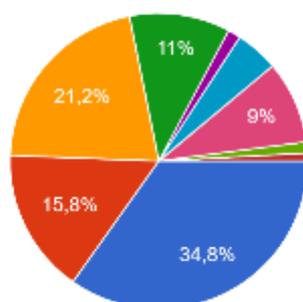
570 respostas



- A-) Sim, totalmente.
- B-) Sim, parcialmente.
- C-) É indiferente para mim.
- D-) Não, parcialmente.
- E-) Não, totalmente.

11 - Como você ficou sabendo da atividade?

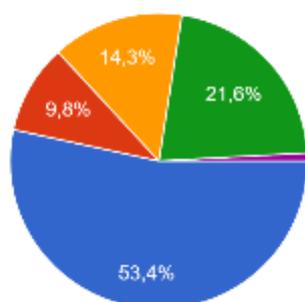
575 respostas



- A) Eu recebo a programação da Casa das Rosas por e-mail.
- B) Eu acompanho a programação pelo site.
- C) Por redes sociais.
- D) Por divulgação do ministrante da atividade.
- E) Por divulgação de integrantes da equipe.
- F) Eu acompanho as atividades da Casa das Rosas.
- G) Por indicação ou convite de um amigo.
- H) Por matéria em site de conteúdo cultural.
- I) Outra fonte.

12 - Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?

573 respostas



- A-) O tema abordado.
- B-) A gratuidade ou valor acessível da atividade.
- C-) A qualificação do ministrante da atividade.
- D-) A compatibilidade da proposta com meus estudos, meu trabalho, minha pesquisa acadêmica ou meus interesses culturais.
- E-) Outro.

ITEM 4. RELATÓRIO ANALÍTICO DA PESQUISA DE SATISFAÇÃO DO PÚBLICO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL – CASA GUILHERME DE ALMEIDA

A Casa Guilherme de Almeida busca constantemente o aperfeiçoamento de sua programação cultural. Assim, é muito importante a pesquisa qualitativa aplicada aos participantes de suas atividades.

Em 2022, a programação realizada em formato on-line continuou a ser ofertada devido ao distanciamento social imposto pela pandemia, em especial no primeiro semestre do ano, mas também pelo interesse do público na realização de atividades em plataformas virtuais. Foi retomada também a realização de eventos presenciais ou híbridos, sendo possível averiguar a satisfação do público com essas duas tipologias de atividades. A referência instrumental foi baseada no **Programa de Capacitação em Projetos Culturais** elaborado pela Fundação Getúlio Vargas para o Ministério da Cultura em 2012, fundamentada pela *Escala de Likert*.

A Casa Guilherme de Almeida recebeu **539 respostas** dos participantes das atividades da programação cultural realizada em 2022. O formulário é composto por 14 questões, sendo 3 dissertativas e 11 de múltipla escolha.

As questões dissertativas foram a primeira (nome da atividade frequentada pelo participante), e as duas últimas, que apresentam solicitações de sugestões para a programação cultural e comentários pessoais sobre a programação. As respostas dessas questões têm nos orientado para atender melhor as demandas do público participante das atividades. Os comentários sobre a programação são, em sua maioria, lisonjeiros tanto para a equipe do Museu e professores contratados quanto ao conteúdo das ações. Averiguou-se que há muitas solicitações para que seja mantida a programação em formato on-line, o que possibilita a participação de pessoas que moram longe de São Paulo.

As respostas para as questões de múltipla escolha podem ser analisadas pelos gráficos abaixo. Em sua maioria, observa-se que as ações culturais foram positivas para o público, tanto para a formação profissional quanto para o desenvolvimento de repertório cultural. Destaca-se o fato de que 95,9% responderam que recomendariam atividades realizadas pela Casa Guilherme de Almeida a outras pessoas, e 99,2% fariam outras atividades on-line ofertadas pela Casa Guilherme de Almeida. Estes dados nos comprovam que o trabalho de formação de público é bem-sucedido.

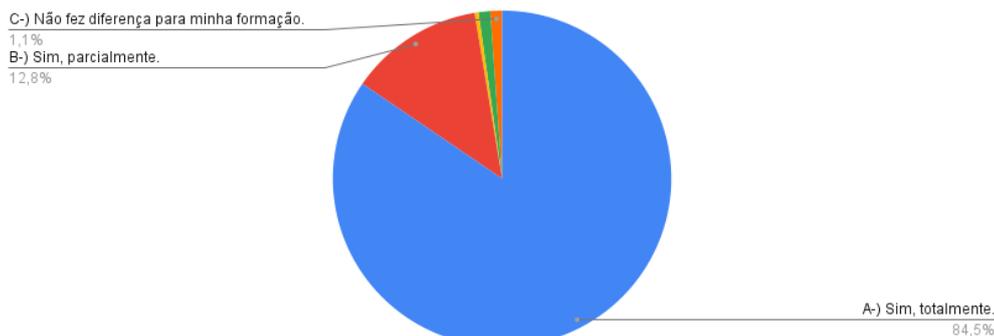
Ademais, a questão “Como você ficou sabendo da atividade?” nos orienta para a melhor adequação de divulgação da programação cultural, e a “Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?” nos direciona para o aperfeiçoamento na criação do conteúdo das ações culturais.

Desta forma, conclui-se que em 2022 a Casa Guilherme de Almeida obteve retorno positivo sobre sua programação cultural.

As respostas dissertativas podem ser analisadas no arquivo *excel* anexado.

As respostas de questões de múltipla escolha podem ser analisadas nos gráficos abaixo:

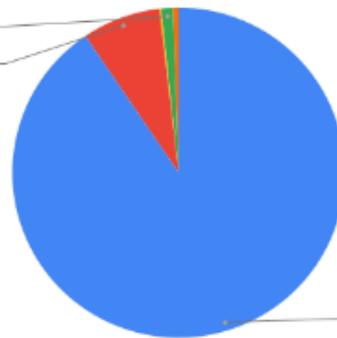
Contagem de 2 - A atividade foi relevante para sua formação profissional, acadêmica e cultural?



Contagem de 3 - A atividade foi relevante para o seu desenvolvimento de meu repertório cultural e artístico?

C-) Não fez diferença para meu repertório cultural.
1,1%

B-) Sim, parcialmente.
7,6%

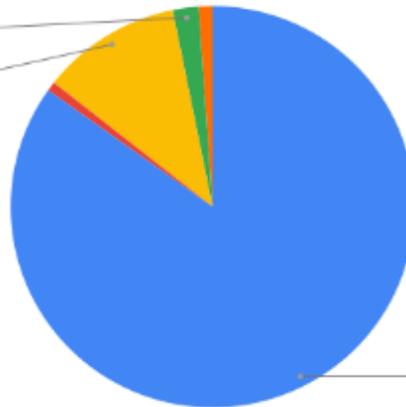


A-) Sim, totalmente.
90,5%

Contagem de 4 - Ela correspondeu às suas expectativas?

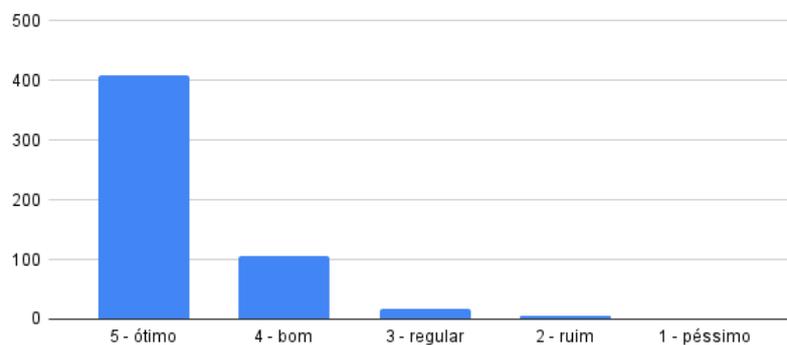
C-) Nem sim, nem não.
2,1%

B-) Sim, parcialmente.
11,2%



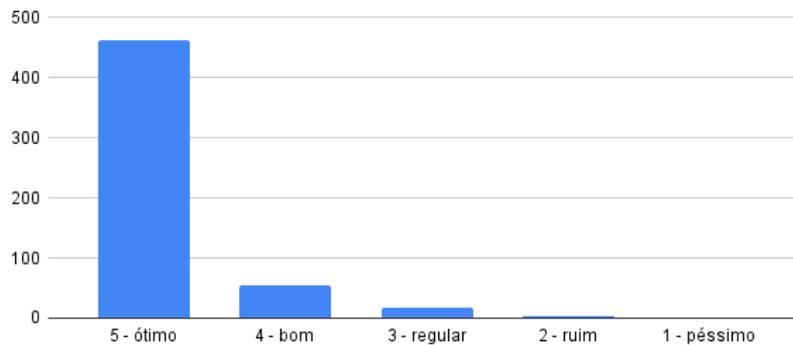
A-) Sim, totalmente.
84,9%

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Adequação dos materiais utilizados]



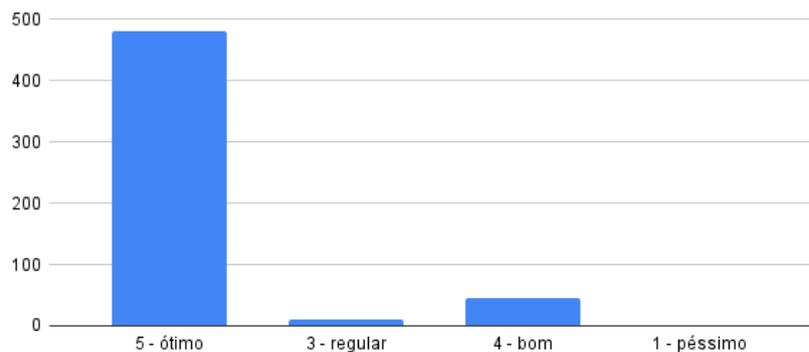
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Adequação dos materiais]

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Clareza na exposição do tema e no esclarecimento de



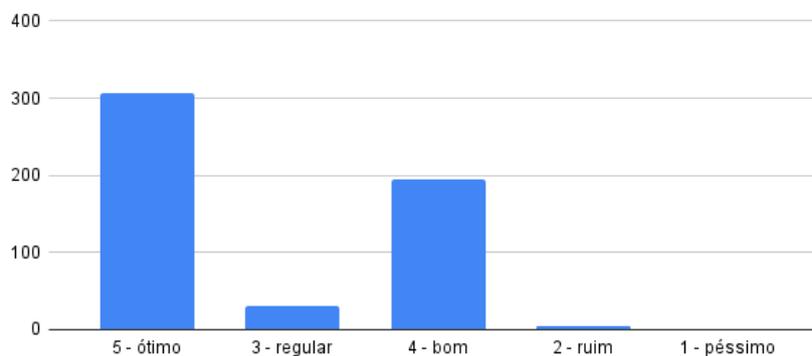
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Clareza na exposição do

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Domínio do ministrante sobre o assunto]



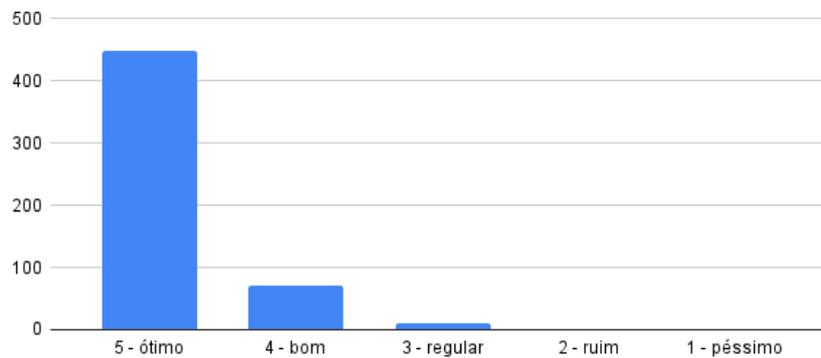
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Domínio do ministrante

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Duração da atividade]



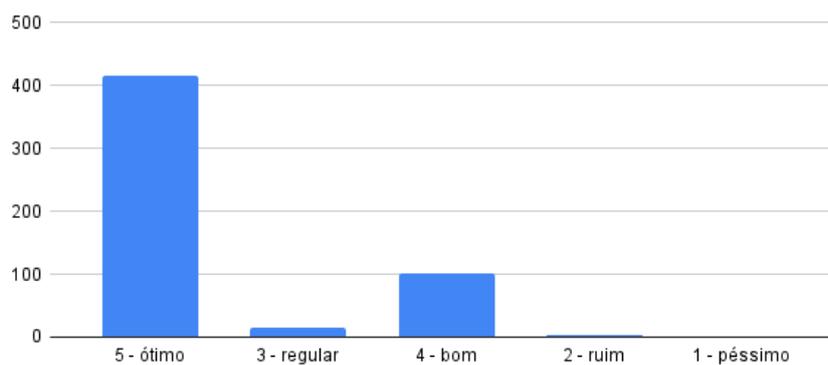
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Duração da atividade]

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Facilidade de acesso à plataforma]



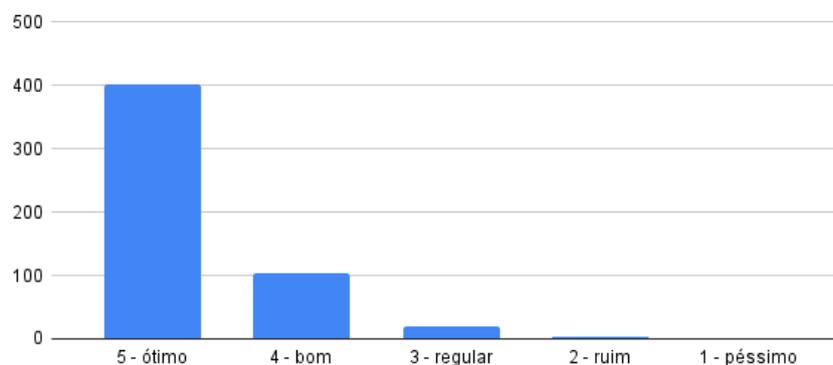
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Facilidade de acesso à

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Organização do tema]



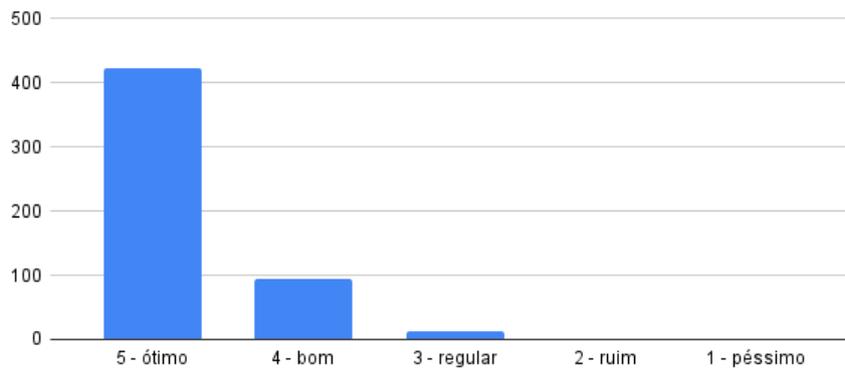
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Organização do tema]

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Recursos de interação da plataforma]



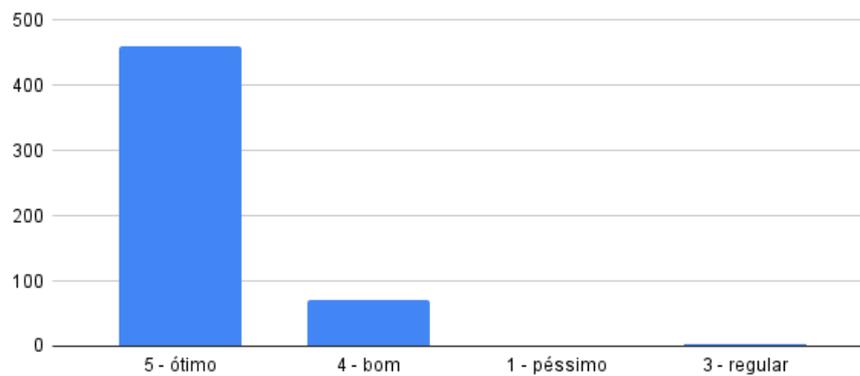
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Recursos de interação da

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso adequado da plataforma de aulas on-line]



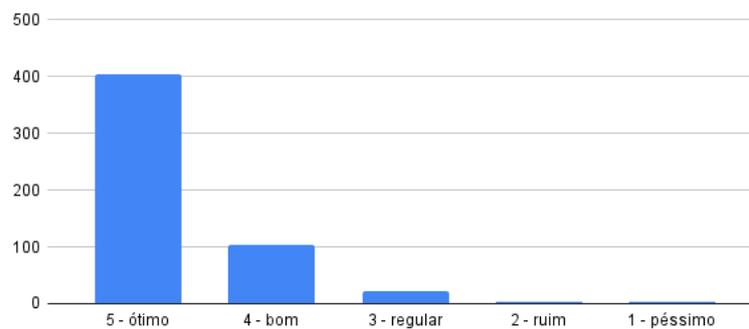
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso adequado da plataforma]

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Relevância do tema]



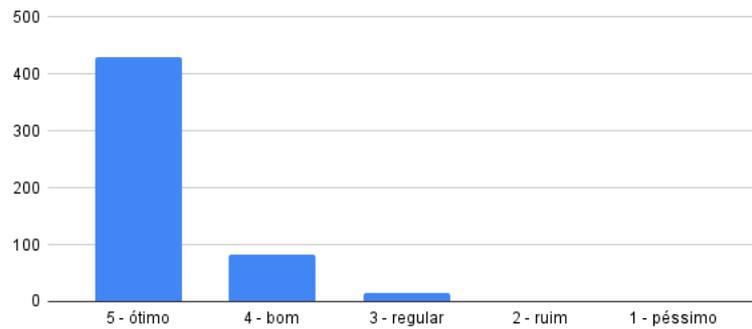
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Relevância do tema]

Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso adequado do tempo de aula]



Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso adequado do tempo de

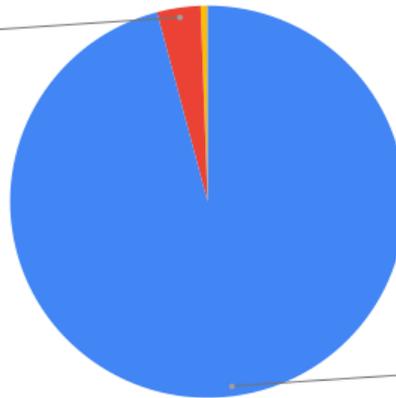
Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso da plataforma como ferramenta de apresentação]



Contagem de 5 - Dê uma nota, de 1 a 5, para os seguintes pontos: [Uso da plataforma como

Contagem de 6 - Você recomendaria a atividade a outras pessoas?

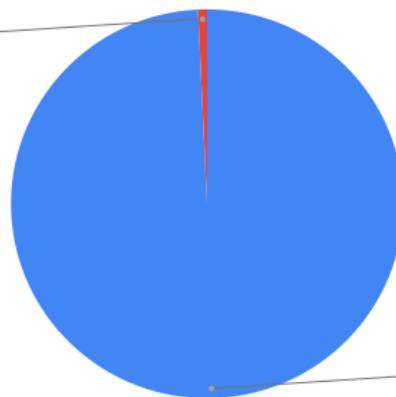
B-) Talvez.
3,6%



A-) Sim.
95,9%

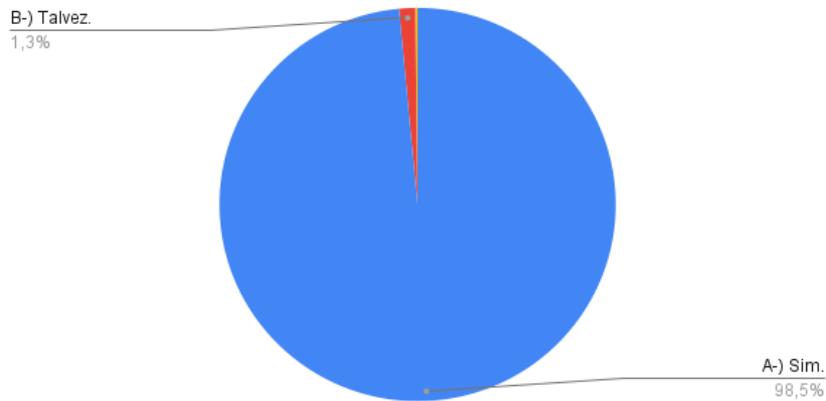
Contagem de 7 - Você recomendaria atividades realizadas pela Casa Guilherme de Almeida a outras pessoas:

B-) Talvez.
0,8%

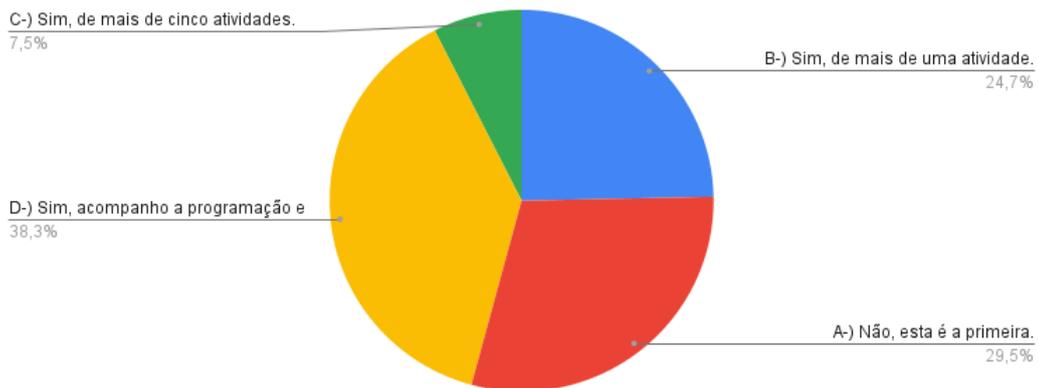


A-) Sim.
99,2%

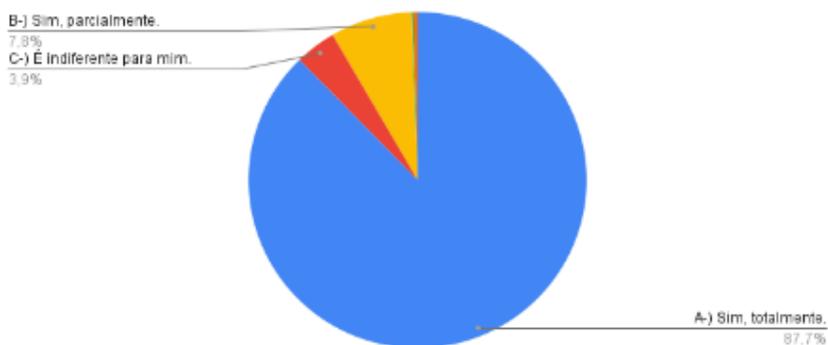
Contagem de 8 - Você faria outras atividades em formato on-line oferecidas pela Casa Guilherme de Almeida?



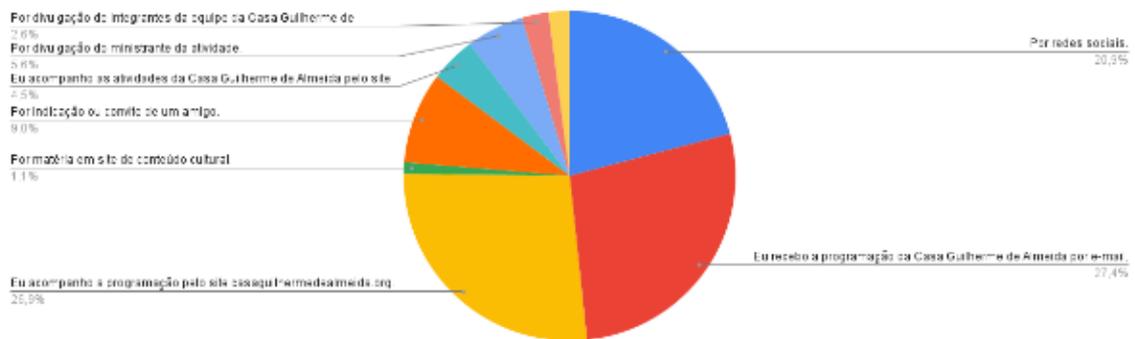
Contagem de 9 - Você já participou de outras atividades oferecidas pela Casa Guilherme de Almeida?



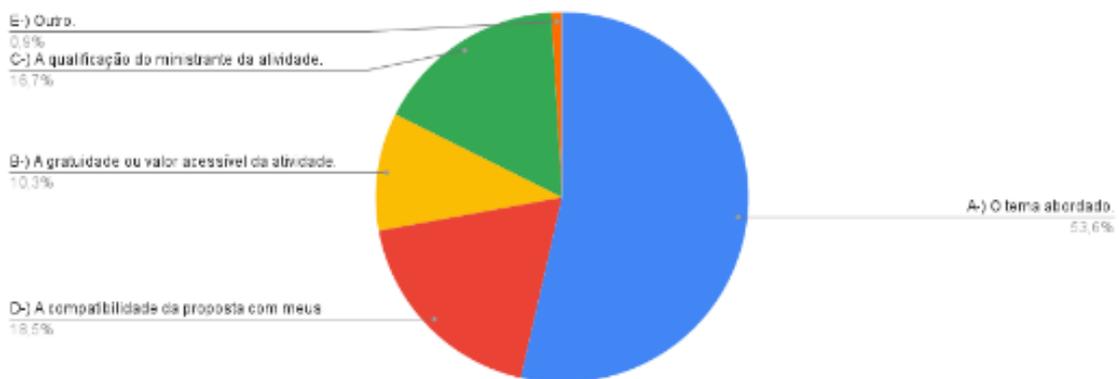
Contagem de 10- A atividade realizada despertou em você o interesse em conhecer mais sobre a Casa Guilherme de Almeida?



Contagem de 11 - Como você ficou sabendo da atividade?



Contagem de 12 - Qual aspecto da atividade lhe pareceu mais atrativo?





PESQUISA DIAGNÓSTICA **REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS DE SÃO PAULO**
DADOS E IDEIAS PARA O SEU FORTALECIMENTO

TOMARA! EDUCAÇÃO & CULTURA

SÃO PAULO, JANEIRO DE 2023



REALIZAÇÃO

Poesis

INSTITUTO DE APOIO À CULTURA, À LÍNGUA E À LITERATURA

Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo

Marcelo Tápia Fernandes
DIRETOR DA REDE DE MUSEUS-
CASAS LITERÁRIOS

Ivanei da Silva
MUSEÓLOGO

Márcio Harley Kurossu
ASSISTENTE DE MUSEOLOGIA

Fernanda Lé de Oliveira
COORDENADORA
OPERACIONAL DE MUSEUS

Daniel Goncalves Teixeira
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Alexandra Cristina Rocha
Alvarenga
COORDENADORA DO
EDUCATIVO

Ailton Bastos Pereira
OFICIAL DE MANUTENÇÃO
PREDIAL

Casa Guilherme de Almeida

Karina da Silva Borgo
SUPERVISORA ADMINISTRATIVA

Marlene Laky
TÉCNICA DE PRESERVAÇÃO E
RESTAURAÇÃO DE LIVROS

Simone Maria Lopes de
Mello
COORDENADORA DO CENTRO
ESTUDOS DE
TRADUÇÃO LITERÁRIA

Lívia Martins Nonato
COORDENADORA DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Camila Correia Guerreiro
TÉCNICA DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Juliane Alves da Silva Lima
TÉCNICA DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Ana Paula Iannone
EDUCADORA DE MUSEUS

Debora Paneque Nogueira
EDUCADORA DE MUSEUS

Rodrigo Silva Vieira
EDUCADOR DE MUSEUS

Ronei Francisco Tadeu Gulke
EDUCADOR DE MUSEUS

Casa das Rosas

Marcia Kina Cosomano
SUPERVISORA ADMINISTRATIVA

Julio Cesar Mendonça
COORDENADOR DO CENTRO DE
REFERÊNCIA
HAROLDO DE CAMPOS

Dayane dos Santos Teixeira
AUXILIAR ADMINISTRATIVA

Caio Nunes Goncalves
SUPERVISOR DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Felipe Silva Reche
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Monica Tortorette Costa
ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Reynaldo Luiz Torre
Francisco Damazio
COORDENADOR DO CENTRO DE
APOIO DO ESCRITOR

Maria José Coelho
PRODUTORA OPERACIONAL

Valdecir Araujo de Souza
ANALISTA DE PRODUÇÃO
JÚNIOR

Alexandra Batista de
Carvalho
EDUCADORA DE MUSEUS

Natalia Lopes do Nascimento
EDUCADORA DE MUSEUS

Caio Cesar Gomes de Sousa
EDUCADOR DE MUSEUS

Neide Silva de Oliveira
AUXILIAR SERVIÇOS GERAIS

Casa Mário de Andrade

Denis de Oliveira
ANALISTA ADMINISTRATIVO

Marcelo Tupinambá Leandro
COORDENADOR DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Alan Kardec Ferreira Salles
PRODUTOR OPERACIONAL

Arthur Major de Sousa
EDUCADOR E MUSEUS

Irlani Gonsalves da
Silva Carvalho
EDUCADOR DE MUSEUS

Francisco Jair
Albuquerque Silva
OFICIAL DE MANUTENÇÃO
PREDIAL



EXECUÇÃO DA PESQUISA

Tomara! Educação e cultura

Concepção e coordenação geral e técnica

Clara Azevedo

Ana Luiza Mendes Borges

Coordenação técnica e pesquisa

Fernando Camargo

Assistente geral e pesquisa

Polianna Dias Santos

Apoio tecnológico

Gabriel Gonçalves

PROGRAMAÇÃO QUESTIONÁRIO

ON-LINE

Pedro Veloso

TABULAÇÃO DE DADOS DO QUESTIONÁRIO

Facilitação rodas de conversa e consultoria

Carla Nieto Vidal

Produção rodas de conversa

Ana Vasconcelos

Revisão de texto

Lucimara Carvalho

Projeto Gráfico e diagramação

Rima Design

Rita Sepulveda de Faria

Pedro Brucz



CASA GUILHERME DE ALMEIDA

CASA GUILHERME DE ALMEIDA

POTESTAS
GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

187



CASA MÁRIO DE ANDRADE



CASA DAS ROSAS

08

Apresentação

11

1. Os museus-casa

- Museu-Casa: breve contextualização
- A formação da Rede de Museus-Casas Literários
- Casa Guilherme de Almeida
- Casa Mário de Andrade
- Casa das Rosas

20

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

- Análise documental
- Oficina interna
- Matriz sintética da pesquisa
- Questionário
- Rodas de conversa

26

3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

- Perfil dos respondentes do questionário
- Perfil dos participantes das rodas de conversa

38

4. Museus em rede: seus entornos e conexões

- Localização e acesso
- De territórios e possibilidades: proximidade física e afinidades temáticas
- Da conexão entre as Casas: tecendo sentidos para a Rede

50

5. Experiências nos museus-casa

- Uma programação diversa
- O conhecimento do público sobre os museus-casa e suas programações
- Avaliação da programação dos museus
- Avaliação dos serviços e da infraestrutura dos museus-casa
- O quanto o público recomenda os museus

73

6. Futuro das programações e exposições

- Atividades culturais e exposições: temas e aspectos prioritários
- Vida íntima, vida digital e novos públicos: dimensões fundamentais

91

7. Considerações finais

- Algumas recomendações

98

8. Referências

100

Anexos

Apresentação

Apresentação

O que o público sabe sobre a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas?

Como se relaciona com esses museus?

Que conhecimento tem sobre as atividades oferecidas e como as avalia?

Quais são as expectativas, os desejos, os interesses e as sugestões em relação a espaços, serviços e programação desses museus?

Como percebe o acesso e a acessibilidade aos espaços, serviços e conteúdo?

Essas foram algumas das perguntas que guiaram o diagnóstico aqui apresentado, realizado entre setembro e dezembro de 2022, com o objetivo de obter percepções de diferentes públicos sobre o presente e o futuro dos três museus que integram a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. Atualmente, a Rede é gerida pela Poiesis, uma organização social de cultura que atua em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. A Casa das Rosas e a Casa Mário de Andrade estão fechadas para reforma e serão reabertas em 2023.

A Rede idealizou a realização deste diagnóstico externo considerando justamente a necessidade de construir exposições de longa duração e uma programação cultural conectada à missão dos três museus e aos interesses e às expectativas da sociedade – ressalta-se que o trabalho não teve como foco a realização de um diagnóstico institucional interno e, por isso, não analisou processos ou práticas institucionais; tampouco coletou a percepção dos profissionais dos museus sobre esses aspectos.

Este relatório apresenta os resultados da pesquisa diagnóstica concebida pela Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo em parceria com a Tomara! Educação e Cultura. O esperado é que o diagnóstico forneça dados e pistas sobre potencialidades, aspectos a aprimorar, interesses

dos públicos, ideias para o futuro, barreiras de acesso, entre outros pontos que auxiliem os museus a projetar o futuro.

Para coletar motivações, anseios, percepções, visões, preferências, sugestões e desejos de frequentadores das Casas, e também dos especialistas nos temas¹, três estratégias principais foram combinadas:

- Análise documental básica e oficina interna com funcionários dos três museus-casa para desenho das perguntas da pesquisa.
- Aplicação de questionário *on-line* com público e não público dos três museus-casa.
- Realização de rodas de conversa com profissionais com atuação nas áreas de museus e de literatura.

Todo o processo de pesquisa aconteceu após um longo período de crise política, econômica e sanitária, marcado pela pandemia de covid-19, e os diversos efeitos desse cenário devem ser considerados na análise dos dados. Além disso, a coleta de dados ocorreu durante o período

¹ Inicialmente, havia o desejo de tentar atingir também o chamado não público ou os públicos não habituais desses museus. Contudo, isso acabou não acontecendo. Os motivos são explicados no capítulo que apresenta o perfil dos participantes da pesquisa.

das eleições brasileiras de 2022, que elegeu presidente, governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais, em um contexto histórico particularmente tenso de instabilidade política e ameaças à democracia. Esse cenário, de modo geral, deve ser considerado na leitura dos resultados e ajuda a compreender o contexto de realização da pesquisa.

O relatório está organizado em sete capítulos. O **primeiro capítulo** faz uma breve apresentação dos três museus-casa e de seus escritores de referência. O **segundo capítulo** apresenta as escolhas metodológicas da pesquisa, e o **terceiro capítulo**, o perfil dos respondentes do questionário e dos participantes das rodas de conversa. O **quarto capítulo** aprofunda a reflexão sobre os resultados do diagnóstico, analisando a localização dos museus, as relações com seus vários entornos (geográficos e temáticos), as visões sobre a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, a conexão entre as Casas e os

sentidos para a atuação em rede. O **quinto capítulo** aborda conhecimento, hábitos, preferências e avaliações de programações, serviços e infraestruturas dos três museus. O **sexto capítulo** traz o que os participantes da pesquisa sugerem para o futuro das exposições e das programações. Por fim, o **sétimo capítulo** apresenta considerações finais, com um conjunto de recomendações e ideias para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. De modo geral, como os resultados se conectam e iluminam diferentes aspectos do posicionamento dos três museus-casa, algumas vezes as reflexões se repetem para, em camadas, tecer análises e criar sentidos para os dados coletados.

Espera-se que o conteúdo aqui apresentado sirva para inspirar novas práticas e, também, para referendar a tomada de decisão de gestores e equipes.

Desejamos uma boa leitura!

1. Os Museus-Casa

1. Os Museus-Casa

Um gosto de amora
comida com sol.
A vida
chamava-se "Agora".

"Infância"
Guilherme de Almeida

O que é museu-casa?
O que são as casas literárias?
O que é a Rede de Museus-Casas Literários?

Antes de abordar a pesquisa propriamente dita, é importante apresentar o que é um museu-casa e descrever as características gerais dos três museus que foram foco da pesquisa.

Museu-Casa: breve contextualização

O Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas (Demhist), que integra o Conselho Internacional de Museus (Icom), é dedicado a estudos e à proposição de diretrizes e parâmetros para conservação e gestão de museus dessa tipologia. Na visão do comitê, os museus sob essa nomenclatura vão desde castelos até pequenas casas de diferentes períodos históricos, e sua interpretação deve considerar a multiplicidade de aspectos (históricos, arquitetônicos, culturais, artísticos, sociais) que envolvem a trajetória desses lugares. O Demhist define em **14** categorias o perfil dos museus-casa: casas de personalidades; casas de colecionadores; casas representativas pela estética ou relevância arquitetônica; casas de eventos históricos; casas históricas; casas da sociedade local; casas rurais; casas clericais; casas criadas por artistas; casas onde são conservadas coleções; casas de família; casas vernaculares; casas para museus.

Apesar da ampla classificação elencada pelo Demhist, que abrange diversas tipologias de museus-casa, classificando-as de acordo com suas características específicas, Micheli Martins Afonso destaca que "cada país possui museus-casa com particularidades que, por vezes, não se adequam a esta classificação" (2016, p. 45).

Uma casa pode ser reconhecida como museu-casa sempre que houver um trabalho e uma função museológica naquele espaço (Ponte, 2007).

As casas-museus (sejam elas casas das camadas populares, das classes médias ou das elites sociais e econômicas), a rigor, são casas que saíram da esfera privada e entraram na esfera pública, deixaram de abrigar pessoas, mas não deixaram necessariamente de abrigar objetos, muitos dos quais foram sensibilizados pelos antigos moradores da casa. As casas-museus e os seus objetos servem para evocar nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam (CHAGAS, 2010, p. 277).

Segundo Nelson Alexis Cayer e Teresa Cristina Scheiner (2021), a categoria de museu-casa é uma das mais importantes no mundo, devido a seu poder de estreitar relações com a sociedade por meio de narrativas que despertam a sensibilidade dos visitantes com base em três elementos centrais: o cenário (a casa), a história (vida da personagem) e a representação e teatralização (o museu-casa, com mobiliário e/ou ambientação).

Um ponto relevante quando se fala de museus-casa e que os difere de outras tipologias é, justamente, a ênfase na intimidade, no universo privado.

A dimensão do cotidiano doméstico, com seus espaços de vivência humana complementados pelos objetos de uso, tem o poder de tocar o visitante e promover a apreensão de um modo bastante especial: o afetivo. [...] A visita a um museu-casa pode sensibilizar o visitante no sentido de reconhecimento do espaço do edifício e de sua domesticidade, evocando a memória de outros espaços vividos, mesmo que aquela não seja a sua morada (CARVALHO, 2013, p. 10).

Como aponta Ana Cristina Carvalho, “o museu-casa é, assim, composto de narrativas de vida. Por essa razão, tem a possibilidade de mediar a memória através de pequenos objetos, muitas vezes esquecidos, e que podem gerar não apenas conhecimento, mas a memória das emoções” (CARVALHO, 2013, p. 11). A autora ainda lembra que os museus-casa “não são apenas repositórios de memórias, como também locais para construção de novos paradigmas culturais, de trabalhar conflitos, tensões e consensos consolidados” (p. 45-46). Segundo Antônio Ponte, nos museus-casa encontramos sempre duas dimensões: “a privada, resultante da vivência de uma pessoa num determinado espaço e que faz refletir a sua personalidade, gostos, profissão sobre a mesma e a dimensão pública que assume ao transformar-se num espaço de visitação público” (PONTE, 2019, p. 30).

É necessário compreender que, dentro da tipologia de museus-casa, a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas se inserem em uma subcategoria específica, a de **museu-casa literário**, pois suas personalidades de referência – Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Haroldo de Campos – são representantes importantes no campo da literatura brasileira. Esses museus se dedicam também, portanto, à preservação e à divulgação desses escritores. Para Teniza Spinelli (2009), os museus literários levam o nome de personalidades ligadas à literatura ou se dedicam a determinada ação literária ou propõem diálogos com determinada língua falada e escrita por uma comunidade. Segundo Ana Luiza Rocha do Valle, “uma casa de escritor pode ser lida como museu, mas, para ser considerada um museu, essa instituição precisa de um tripé composto por pesquisa, preservação e comunicação” (CAVALARI, 2020, p. s/n).

A formação da Rede de Museus-Casas Literários

A Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi criada pela Secretaria de Estado da Cultura em 2018 a fim de ampliar a perspectiva de contribuição dos museus Casa das Rosas, Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade no cenário cultural da cidade, do estado e do país. Atualmente geridas em conjunto pela Poiesis, as três Casas procuram desenvolver programas de modo colaborativo, articulando relações conceituais e temáticas, sem deixar de preservar e valorizar as

especificidades de cada uma delas.

Apesar de os três museus terem escritores como referência para suas edificações, há algumas diferenças importantes entre eles. Enquanto a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade foram residência desses escritores, o escritor Haroldo de Campos nunca residiu na Casa das Rosas, que só passou a abrigar o Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura em 2004, por ocasião da morte do poeta. Naquele momento houve um esforço da Secretaria de Cultura, sob a gestão de Cláudia Costin, para que o museu recebesse a doação do acervo completo de livros do poeta e também de alguns objetos pessoais e obras de arte de sua coleção (CICCACIO, 2013, p. 123). A Casa das Rosas, de acordo com o seu plano museológico (REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS, 2018), também deve abordar o personagem Ramos de Azevedo, arquiteto responsável por seu projeto e construção.

Outro aspecto que é preciso destacar em relação aos três museus é que enquanto a Casa Guilherme de Almeida abriga grande parte do acervo do escritor, com a conservação, inclusive, de cômodos com móveis, objetos e obras originais, boa parte do acervo de Mário de Andrade tem sua guarda no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

Atualmente, a Casa das Rosas e a Casa Mário de Andrade estão fechadas para reforma, com previsão para reabertura em 2023. A Casa das Rosas está nessa situação desde setembro de 2020, e a Casa Mário de Andrade desde setembro

de 2022. Todo o corpo de funcionários desses museus está temporariamente alocado no Anexo da Casa Guilherme de Almeida, que abriga o setor administrativo do museu e da Rede. Algumas atividades dos museus Casa das Rosas e Casa Mário de Andrade são realizadas no Anexo da Casa Guilherme de Almeida, e outras, como oficinas, cursos e palestras, são realizadas *on-line*. Além disso, a Casa das Rosas tem desenvolvido grande parte de suas atividades em seus jardins e no Orquidário (partes do museu que não estão em reforma e que permanecem abertas ao público). A Casa Guilherme de Almeida segue desenvolvendo suas atividades normalmente.

De acordo com o documento que contém os planos museológicos das três Casas:

A Rede de Museus-Casas, que envolve as Casas das Rosas, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade, tem como perspectiva maior estabelecer as relações oriundas das atividades dos personagens históricos abordados nessas unidades museológicas – Haroldo de Campos [cujo acervo foi destinado à Casa das Rosas, embora ele nunca a tenha habitado], Ramos de Azevedo [arquiteto responsável pela construção da Casa das Rosas], Mário de Andrade e Guilherme de Almeida – e os seus protagonismos nos processos de transformação social e cultural em que estiveram envolvidos (2018, p. 13).

Ainda de acordo com o documento, as ações integradas envolvem proposições de atividades, processos curatoriais e programações das três

instituições tendo em vista os seguintes eixos: protagonismos culturais; rupturas com os padrões vigentes; metodologias; transformações sociais, culturais, urbanas; mudanças de paradigmas.

A gestão administrativa dos museus é compartilhada, e a equipe técnica assume algumas funções que são divididas entre as três instituições. Do ponto de vista conceitual, os eixos curatoriais das três Casas se complementam, aprofundando não só características que distinguem cada um dos protagonistas – Mário de Andrade, Haroldo de Campos e Guilherme de Almeida – mas também aspectos que os aproximam. Algumas das questões que conduzem o perfil das atividades da Casa das Rosas referem-se aos conceitos de vanguarda e de transformação, tendo em vista a produção de Haroldo de Campos e de Ramos de Azevedo. As mesmas temáticas são abordadas na atuação de Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, protagonistas de seu tempo e frequentemente associados a reflexões e transformações paradigmáticas nos temas e atividades em que atuaram.

Poiesis Organização Social de Cultura

Criada em 1995, a Poiesis é uma organização não governamental que tem por objetivo o desenvolvimento sociocultural e educacional, com ênfase na preservação e difusão da língua portuguesa por meio do desenvolvimento de programas e pesquisas, além da gestão de espaços culturais, museológicos e educacionais. Qualificada como Organização Social (OS) desde 2008 pelo Governo do Estado de São Paulo, gerencia por meio de Contrato de Gestão com a Secretaria de Estado da Cultura as Fábricas de Cultura Brasilândia, Capão Redondo, Jaçanã, Jardim São Luís, Vila Nova Cachoeirinha, Diadema e as Oficinas Culturais Alfredo Volpi, Maestro Juan Serrano e Oswald de Andrade, além da Rede de Museus-Casas Literários: Casa das Rosas, Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade².

² Texto retirado do site <https://site.poiesis.org.br/sobre-a-poiesis/> em 18 de dezembro de 2022.

Casa Guilherme de Almeida



A Casa Guilherme de Almeida foi inaugurada em 1979 e está instalada na residência onde o poeta viveu de 1946 até a sua morte, em 1969, com a esposa Baby de Almeida. O museu está localizado no bairro residencial de Perdizes, próximo ao estádio Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu. A Casa Guilherme de Almeida foi inaugurada oficialmente em 13 de março de 1979, tornando-se o primeiro museu biográfico e literário da cidade de São Paulo. O Decreto nº 20.955, de 1º de junho de 1983, do Departamento de Museus e Arquivos, deliberou a missão e os objetivos estratégicos para o então denominado “Museu da Literatura – Casa Guilherme de Almeida”. A Poiesis passou a administrar o museu em 2008.

O museu abriga acervo composto de objetos que pertenceram ao poeta, tradutor, jornalista e advogado paulista Guilherme de Almeida (1890-1969), um dos representantes do movimento modernista brasileiro. Do acervo, destaca-se a coleção de arte do poeta com obras de nomes referenciais da história das artes plásticas no Brasil. Além disso, outro atrativo da Casa é a diversificada biblioteca do escritor, que possui edições originais de autores brasileiros e estrangeiros, além de livros raros.

A Casa Guilherme de Almeida abriga o Centro de Estudos de Tradução Literária, criado em 2009, que atua em colaboração com diversas instituições acadêmicas e não acadêmicas brasileiras e estrangeiras em atividades de ensino, pesquisa e difusão. Entre as atividades está o Programa Formativo para Tradutores Literários, que realiza a formação e o aperfeiçoamento de pessoas interessadas em se profissionalizar; e o Encontro de Tradutores TRANSFUSÃO, cujo objetivo é divulgar pesquisas da área e discutir as diversas correntes de pensamento sobre tradução. Desde 2016, o museu-casa abriga também a Sala Cinematographos em um espaço anexo. A sala é um cineclube e foi fundada para homenagear a fase de crítico de cinema de Guilherme de Almeida, quando assinou a coluna “Cinematographos” no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 1926 e 1942. Ali acontecem exibição de filmes comentados pelo poeta, mostras temáticas, cursos na área de cinema e divulgação de curtas e longas-metragens de novos diretores.

Missão Casa Guilherme de Almeida

Conservar, organizar e expor o acervo bibliográfico, histórico, artístico e documental que pertenceu ao poeta e tradutor Guilherme de Almeida, bem como estimular e realizar pesquisas e estudos críticos sobre sua obra.

Quem foi Guilherme de Almeida

Um dos nomes mais notórios da literatura brasileira do século XX, Guilherme de Andrade e Almeida nasceu em 24 de julho de 1890 na cidade de Campinas (SP), filho de Angelina de Andrade Almeida e Estevão de Araújo Almeida. O poeta transitou com competência por diferentes tendências estilísticas. Sua obra compreende mais de 70 publicações, entre poesia, prosa, ensaio, tradução, textos para teatro, letras de canções e hinos e crítica literária. Foi um dos mentores do movimento modernista que culminou na famosa Semana de 1922, da qual participou. Também teve extensa atuação como jornalista, com destaque para sua coluna de crítica cinematográfica “Cinematographos”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* entre 1920 e 1940. Guilherme de Almeida dedicou-se, ainda, à tradução literária, tendo traduzido para o português um significativo conjunto de poemas de autores internacionais,

com destaque para os franceses. O poeta casou-se em 1923 com Belkiss Barroso do Amaral, mais conhecida como Baby, e o casal viveu no Rio de Janeiro até 1925. Em 1932, Guilherme participou da Revolução Constitucionalista, alistando-se voluntariamente e indo lutar nas trincheiras da cidade de Cunha. No final do movimento, foi preso e exilado em Portugal, onde permaneceu até 1933. Faleceu em 11 de julho de 1969 em sua casa na Rua Macapá, onde residia desde 1946 com a esposa.

Casa Mário de Andrade



A Casa Mário de Andrade está localizada na casa onde Mário de Andrade e sua família moraram no bairro da Barra Funda, na Rua Lopes Chaves. Os três sobrados geminados foram projetados por Oscar Americano no início da década de 1920, em estilo eclético em alvenaria e tijolos. A primeira casa abrigava a mãe de Mário, D. Maria Luiza, sua tia e madrinha Ana Francisca (tia Nhanhã) e sua irmã Maria de Lourdes. O sobrado do meio era de seu irmão mais velho, Carlos, e o último era do próprio Mário. As casas da mãe e do irmão Carlos não tinham muro nos fundos e compartilhavam o quintal.

O imóvel é tombado em nível estadual pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) desde 1975; e em esfera municipal pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico,

Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (Conpresp) desde 1991. A casa passou por várias ocupações. Em 1974, recebeu o Centro de Estudos Macunaíma, com um projeto de formação teatral, e ações voltadas a seu potencial de centro cultural, com ensaios de shows musicais, projetos de cenografia, exercícios de sensibilização do corpo, entre outros. Na década de 1980, foi a sede do Museu de Literatura de São Paulo. Na década de 1990, com a criação do programa “Oficinas Culturais” pela Secretaria da Cultura, a Casa Mário de Andrade se tornou uma oficina cultural, a Oficina da Palavra, dedicada a ministrar atividades gratuitas de formação e difusão cultural em diferentes linguagens artísticas. Em 1995, o governo do estado recebeu em doação os bens da poeta, atriz e professora Maria José de Carvalho, e a Casa de Mário de Andrade foi o destino de parte de sua biblioteca. Por essa época, a Casa de Mário de Andrade foi anexada ao Memorial da América Latina.

Em 2005, a Oficina da Palavra buscou uma atuação que possibilitasse manter-se entre as instituições similares, apesar dos recursos modestos. Após um curto período em que esteve em reforma, a Casa Mário de Andrade foi reaberta ao público em 2015, na ocasião em que se comemorou o 70º aniversário de morte do escritor. No ano de 2018, a antiga residência tornou-se formalmente um museu da Secretaria de Estado da Cultura. Nesse mesmo ano, a Casa passou a integrar a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo.

Inspirado no mobiliário de revistas alemãs, Mário projetou sozinho os móveis de seu estúdio, que

foram executados pelo Liceu de Artes e Ofícios. Mário também desenhou as estantes de sua biblioteca, que ocupava seis salas do sobrado e era organizada por um complexo sistema de catalogação criado por ele próprio. Além da biblioteca, há também uma grande coleção de arte – composta de obras de arte popular adquiridas durante as viagens do escritor, partituras, discos, pinturas, gravuras.

Logo após a morte de Mário, em 1945, toda sua coleção pessoal (móveis, livros, gravuras, pinturas, esculturas, objetos de arte popular, partituras etc.) foi tombada pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Iphan, na expectativa da criação de um museu em memória do escritor. Por mais de vinte anos tudo foi mantido no imóvel e, em 1968, se efetivou a aquisição da coleção pelo governo do estado de São Paulo. O acervo foi transferido para o Instituto de Estudo Brasileiros da Universidade de São Paulo, impossibilitando, naquele momento, a criação do museu.

Missão Casa Mário de Andrade

Preservar o patrimônio artístico-cultural que abriga, promover o acesso a seu acervo, estimular o conhecimento da obra de Mário de Andrade e desenvolver atividades culturais e educativas relacionadas às áreas de atuação do escritor. Também integra o conjunto de propósitos do museu a investigação, a interpretação e a comunicação do patrimônio tangível e intangível da trajetória de Mário de Andrade, por meio do diálogo com a sociedade, baseado no reconhecimento do legado cultural presente na Casa Mário de Andrade.

Quem foi Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), nasceu em 9 de outubro de 1893 na cidade de São Paulo, onde morou por quase toda a vida. Filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes de Andrade, na infância, estudou piano, história, arte e poesia. Mário foi poeta, cronista, escritor, pesquisador, músico, crítico de arte, gestor cultural, fotógrafo, sendo reconhecido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX. Sua atuação plural sempre buscou evidenciar aspectos definidores da identidade nacional por meio da valorização das manifestações artísticas e culturais brasileiras. Como um dos líderes

do movimento modernista no Brasil, Mário construiu um caráter revolucionário na literatura brasileira. Fez diversas viagens pelo Brasil e estudou a cultura de cada região. Visitou o interior de São Paulo, cidades históricas de Minas Gerais, passou pelo Norte e pelo Nordeste, compilando as mais diversas manifestações da cultura regional, registrando festas populares, lendas, ritmos e canções. Essa pesquisa lhe rendeu um rico conteúdo que o auxiliou no desenvolvimento de obras como *Macunaíma*, *Clã do Jabuti* e *Ensaio sobre a música brasileira*.

Em 1922, Mário de Andrade trabalhou com Anita Malfatti e Oswald de Andrade na organização de um evento que se destinava a divulgar as criações do grupo modernista de São Paulo: a Semana de Arte Moderna, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro. Mário de Andrade também foi um dos mentores e fundadores do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) – hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – com o advogado Rodrigo de Melo Franco de Andrade. Mário de Andrade morreu em sua residência, em São Paulo, na Rua Lopes Chaves, devido a um enfarte do miocárdio, em 25 de fevereiro de 1945, quando tinha 52 anos.

Casa das Rosas



O Museu Casa das Rosas está localizado na Avenida Paulista, num edifício tombado como patrimônio histórico remanescente de uma fase do desenvolvimento de São Paulo, tornando-se referência das transformações urbanas, arquitetônicas, sociais e culturais da cidade. Desde 2004, a Casa das Rosas abriga o acervo de Haroldo de Campos, poeta, crítico, ensaísta e tradutor identificado com as vanguardas, que inovou em todos os campos nos quais atuou. A Casa das Rosas é um espaço interdisciplinar e eclético voltado à arte literária, com cursos, exposições, visitas guiadas, atividades educativas e eventos, como shows e recitais.

O projeto arquitetônico é de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que faleceu em 1928, pouco depois de concluir as plantas do projeto. A obra teve início apenas na década de 1930 e foi supervisionada por Felisberto Ranzini, arquiteto do escritório de Ramos de Azevedo. A casa foi habitada pela filha de Ramos de Azevedo e seu marido. Mais tarde, foi a residência de Ernesto Dias de Castro Filho, neto de Ramos de Azevedo, e sua segunda esposa, Anna Rosa.

Esteve sob a posse da família por 51 anos, até 1986, quando foi vendida poucos meses antes da morte de Ernesto Filho – o Neco. Em 22 de outubro de 1985 a Casa das Rosas foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) pelo processo nº 2214/1982 (Tomb. Res. 57, 22/10/1985; D.O. 23/10/1985. Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 241, p. 65, 21/01/1987).

Missão Casa das Rosas

Promover o conhecimento, a difusão e a democratização da poesia e da literatura, incentivando a leitura e a criação artística, preservando e problematizando o patrimônio histórico-cultural que abriga, tanto o arquitetônico quanto o acervo Haroldo de Campos.

Quem foi Haroldo de Campos

Haroldo Eurico Browne de Campos nasceu em São Paulo no ano de 1929 e estudou no Colégio São Bento, onde teve o primeiro contato com línguas estrangeiras. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo, mas antes mesmo de se formar já fazia traduções e lançou seu primeiro livro, *Auto do possesso*, em 1949. Com seu irmão Augusto de Campos e Décio Pignatari fundou um grupo de poesia, o Noigandres, que também dava nome à revista na qual publicava seus poemas. Na década de 1950 os três inauguraram o movimento concretista, que dava mais atenção à organização visual do poema, e não tanto à sintaxe. Nos poemas concretos de Haroldo de Campos produzidos entre 1957 e 1959, observamos o mesmo rigor estrutural e a mesma linguagem concentrada em seus mínimos elementos expressivos que encontramos nos poemas dos demais poetas concretos. Entretanto,

passada a fase ortodoxa do minimalismo concretista, no início dos anos 1960 ele começa a escrever *Galáxias*, texto no limite entre prosa e poesia no qual retoma sua inspiração barroca.

Além de grande poeta, Haroldo de Campos foi uma personalidade carismática e instigante, como poucas na cultura brasileira. Poliglota (dominava latim, grego, francês, alemão e inglês; lia hebraico, japonês e russo; e estava estudando o árabe quando faleceu), seu grande interesse por conhecer e traduzir diferentes línguas estava associado à imensa curiosidade pela literatura e cultura de todos os continentes. Para ele, o mundo da poesia não tinha fronteiras. Seu trabalho como tradutor também é de suma importância e um legado à cultura do Brasil. Traduziu a poesia de grandes nomes, desde textos hebraicos a autores contemporâneos a ele. Haroldo de Campos foi um dos poetas mais ousados e inovadores do último século, dotado de um espírito filosófico e envergadura intelectual para pensar a cultura e (em suas palavras) “traduzir a tradição, reinventando-a”. Faleceu em 16 de agosto de 2003, deixando um legado inimaginável, além de uma biblioteca que despertou interesse em instituições fora e dentro do Brasil. Mas o filho Ivan, em memória e a gosto do pai, decidiu deixá-la em terras brasileiras.

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

Vê como se atraem
nos fios os pingos frios!
E juntam-se. E caem

“Chuva de primavera”
Guilherme de Almeida

*Quais são os pressupostos e objetivos da pesquisa?
Quais foram as escolhas metodológicas para o desenho
geral da pesquisa?*

A pesquisa diagnóstica sobre os museus-casa foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2022 e teve por objetivo mapear potencialidades, coletar ideias para o futuro e identificar eventuais barreiras de acesso aos equipamentos, seus acervos e suas exposições. A ideia era reunir subsídios que ajudassem a projetar o futuro da Casa Guilherme de Almeida, da Casa Mário de Andrade e da Casa das Rosas.

A pesquisa foi dividida em três etapas (planejamento e preparação; coleta de dados; consolidação e análise), desenvolvidas de maneira conjunta para os três museus, o que constituiu um grande desafio, uma vez que foi necessário criar estratégias para conhecer as atividades e demandas das três Casas e conjugá-las em um curto período de tempo. Considerando o prazo exíguo para planejar, executar e analisar os dados, além de escrever o relatório final, foram elaborados instrumentos e desenhados processos que

permitissem a realização da pesquisa da maneira mais eficiente possível.

A primeira etapa (planejamento e preparação) envolveu a realização de leitura e análise inicial de documentos; reuniões de alinhamento; uma oficina interna com funcionários dos três museus; e a elaboração das ferramentas de coleta. O objetivo foi definir as perguntas, construir os instrumentos de coleta de dados e definir estratégias de divulgação da pesquisa.

Etapa 1 Planejamento e preparação

Levantamento de
necessidades e
áreas de interesse
de investigação

Oficina interna -
construção Matriz
Sintética

Construção
de instrumentos

Etapa 2 Coleta de dados

Aplicação de
questionário
on-line

Monitoramento
dos dados

Realização
de 3 rodas
de conversa

Etapa 3 Consolidação e análise dos dados

Sistematização dos
dados - questionário
e rodas de conversa

Relatório
diagnóstico

Apresentação

A coleta de dados (segunda etapa) foi baseada em duas abordagens. A primeira, de caráter mais quantitativo, consistiu na aplicação de um questionário *on-line* junto a públicos dos museus. É importante salientar que apesar do caráter mais quantitativo, o questionário contemplou algumas perguntas abertas. Dessa forma, as pessoas puderam também qualificar algumas de suas respostas. A segunda abordagem, de caráter qualitativo, consistiu na realização de três rodas de conversa junto a profissionais com atuação na área da literatura e/ou museal, tendo por finalidade discutir e pensar coletivamente, com a ajuda de um moderador e com base em algumas perguntas disparadoras, os desafios e as possibilidades de futuro dos três museus.

A terceira etapa (consolidação e análise) consistiu na tabulação, sistematização e análise de dados e escrita do presente relatório.

A pesquisa contou com o envolvimento da equipe das Casas nas diferentes etapas do processo. A participação ampliada de pessoas das várias áreas dos museus qualificou a pesquisa diagnóstica ao trazer diferentes olhares sobre características dos museus, comportamento dos públicos, tipos de uso e relação com os equipamentos, possíveis desafios no contato com os públicos e eventuais cuidados. A participação também é uma forma de engajar a equipe e comprometê-la com o uso dos resultados ao final do processo, estabelecendo sentidos compartilhados para a ação. Além do envolvimento das equipes dos museus, foi realizada uma reunião com representantes da Secretaria Estadual de

Cultura e Economia Criativa para apresentação dos objetivos da pesquisa, instrumentos e estratégias para a coleta de dados e alinhamento de interesses.

Análise documental

A análise documental foi realizada com base na leitura de materiais disponibilizados pela Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, como relatórios anuais, planos museológicos, publicações etc., que permitiram aprofundar o conhecimento sobre a Rede e sobre a missão, as atividades e os públicos das Casas. Todos os materiais estudados serviram de base para o desenvolvimento das atividades e etapas da pesquisa. Também foram feitas leituras pontuais identificadas como necessárias ao longo do processo. Foi realizado, ainda, um levantamento preliminar sobre os equipamentos culturais da cidade de São Paulo situados nos entornos e/ou que dialogam com a temática trabalhada nos museus-casa da Rede.

Além da leitura e análise de documentos, foram realizadas visitas presenciais aos três museus, acompanhadas por profissionais da Rede, para contato e familiarização inicial com a estrutura das edificações, seus principais aspectos e suas dinâmicas de trabalho. Na Casa das Rosas foi possível visitar a estrutura, ainda em obras e sem mobiliário. Na Casa Mário de Andrade, a visita aconteceu no dia em que estava sendo retirado o mobiliário da casa para início da reforma. Nas duas visitas, foram respeitadas as limitações de acesso aos edifícios em obras.

Oficina interna

O objetivo da oficina com representantes das equipes da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi aprofundar e qualificar as possibilidades investigativas, coletando e discutindo aspectos e questões de interesse das equipes para o diagnóstico, considerando o futuro das Casas. As perguntas estratégicas preliminarmente organizadas, com base em reuniões iniciais de alinhamento, ajudaram a dar contorno à discussão, que buscou definir as dimensões, as perguntas gerais e as perguntas específicas da pesquisa. Também foram discutidos os públicos-alvo do questionário *on-line* e das rodas de conversa. A oficina foi bem avaliada pelos participantes, que destacaram seu caráter integrativo para além do objetivo da pesquisa, sugerindo que sejam proporcionados mais momentos de encontro entre as equipes.

Matriz sintética da pesquisa

A matriz sintética apresenta a construção lógica da investigação, conectando dimensões e perguntas gerais da pesquisa a indicadores, públicos-alvo, fontes, métodos e técnicas. A partir da matriz sintética é possível ter clareza sobre os enfoques e as perguntas a serem priorizados no diagnóstico. O conteúdo da matriz serviu de base e orientação para a elaboração do questionário e do roteiro das rodas de conversa com convidados externos. Sua construção é fruto de um trabalho colaborativo entre a equipe da Tomara! e a equipe da Rede.

Questionário

O questionário, estruturado com base na matriz sintética, foi elaborado com perguntas predominantemente fechadas e para ser respondido exclusivamente *on-line*. Para a construção, foram consultadas pesquisas similares de modo a seguir, quando fizesse sentido, padrões de perguntas que permitiriam comparabilidade com outras pesquisas de público. O questionário foi dividido em quatro blocos, com um total de 79 questões (entre obrigatórias, condicionadas e opcionais). O primeiro bloco (Você e os museus) tinha o objetivo de conhecer um pouco sobre a relação dos respondentes com museus em geral e com os três museus-casa literários. O segundo bloco de questões (Experiência nos museus-casa literários) tinha como objetivo conhecer melhor a experiência do respondente com a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas e obter sua avaliação de atividades, serviços e infraestrutura dos museus. O terceiro bloco (Expectativas) foi dedicado a expectativas e desejos futuros dos respondentes em relação a programação cultural e exposições. O quarto e último bloco contemplou perguntas relacionadas ao perfil do respondente (gênero, orientação sexual, raça/cor, renda familiar, formação, escolaridade, faixa etária, entre outras)³.

É importante destacar que questionários estruturados podem fornecer dados generalizados,

³ Para acessar o questionário completo, [clique aqui](#).

já que permitem comparações e coleta de dados em maior escala; há possibilidade de tratamento estatístico das informações, a depender do tamanho da amostra.

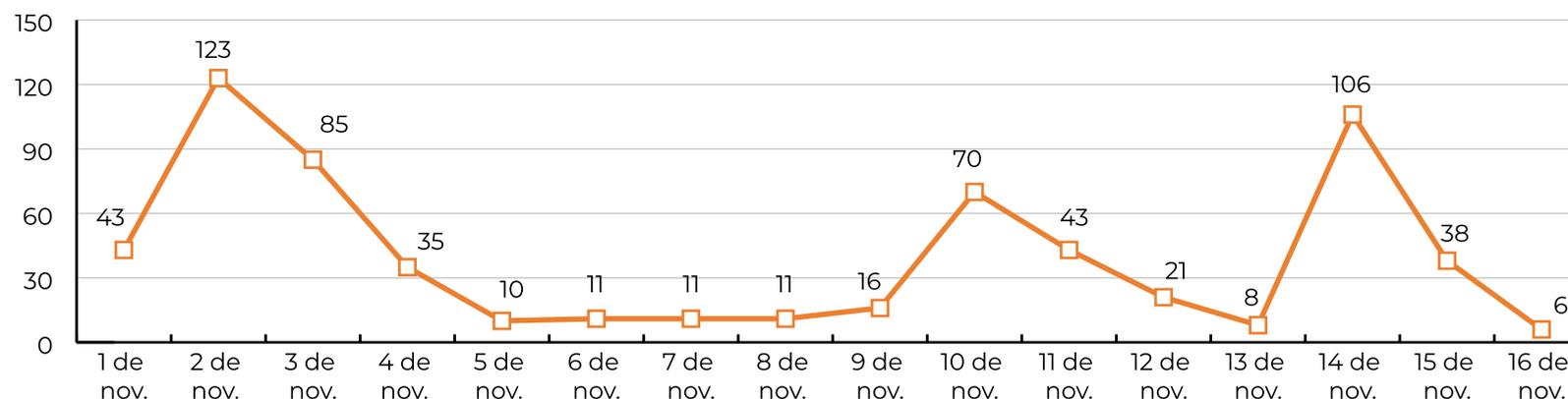
As versões iniciais do questionário foram feitas em arquivo Word e compartilhadas em pasta *on-line* para análise crítica das equipes da Rede, com ajustes e alterações feitas assincronicamente. A partir da versão validada pela equipe da Rede, o questionário foi transposto para a ferramenta digital Limesurvey, onde foi submetido a testagens e ajustes até a versão final. Ao longo de todo o questionário, foram previstas questões abertas para que o respondente tivesse espaço para expor seus comentários de maneira mais livre e qualificar suas respostas. Como o questionário era anônimo, para contextualizar as sugestões, críticas e percepções, os comentários apresentados neste relatório aparecem acompanhados de alguns dados básicos do perfil do respondente ou relativos a sua relação com as Casas. Importante ressaltar que a menção às datas

das atividades realizadas pelo respondente (por exemplo, este ano, este semestre, este mês, esta semana) são relativas ao período de coleta de dados, novembro de 2022.

Para a divulgação do questionário foi elaborado um plano de coleta com especificação de todos os instrumentos e protocolos de divulgação. Foram realizados disparos por e-mail para *mailing* da Rede e para parceiros; e lembretes foram enviados durante o período de coleta, a fim de ampliar o engajamento do público. Foi elaborado um painel de monitoramento, usando o aplicativo Google Data Studio, para acompanhar diariamente as respostas e adequar a divulgação.

A divulgação nas redes sociais foi feita diretamente pelos museus, com o apoio da Tomara!, que elaborou as artes e os textos das postagens. Além disso, cartazes com o *QR code* da pesquisa foram colocados em locais estratégicos, e cartões, também impressos com *QR code*, foram distribuídos nos

Número de respostas ao questionário por dia



locais de circulação dos museus, como o café da Casa das Rosas. A divulgação nas redes sociais também incluiu os lembretes. A equipe da Tomara! permaneceu em contato constante com a equipe da Rede para discutir ações intermediárias de divulgação para o engajamento dos públicos.

O questionário atingiu o total de **637** respondentes entre 1º e 16 de novembro de 2022, como apresentado no gráfico. Em média, o tempo de resposta do questionário foi de 30 minutos.

Após o período de 15 dias em que o questionário ficou no ar, foi realizado o trabalho de consistência e limpeza da base de dados, seguido de tabulação básica e cruzamentos. Novos cruzamentos foram realizados durante a elaboração deste relatório.

Foi grande o esforço para tornar o questionário dinâmico e fácil de responder e, de modo geral, é possível dizer que esse empenho valeu a pena: apenas três respondentes criticaram o questionário por considerá-lo muito extenso. Segundo o que escreveram nos campos abertos, em alguns casos a diversidade de alternativas causou a sensação de repetição de questões que se aplicavam separadamente a cada Casa. Trabalhar três museus em um único questionário, mesmo que programado para ter pulos a partir da relação do respondente com cada equipamento, foi uma opção que sabíamos ser desafiadora, que teria ganhos e perdas. Em próximas aplicações, será importante avaliar vantagens e desvantagens de juntar ou separar as Casas em uma pesquisa como essa.

Rodas de conversa

A utilização de rodas de conversa como metodologia é um instrumento dialógico de interlocução no campo da pesquisa acadêmica e não acadêmica. Apesar de se configurarem de diversas maneiras, as rodas de conversa oferecem possibilidades de coletar percepções, *insights*, pontos de vista, informações e geram discussões sobre diferentes temáticas.

As rodas se caracterizam como um tipo de conversa em grupos pequenos, que tem como função gerar informações sobre um tema, com base em um roteiro semiestruturado com pontos que podem ir do geral ao específico. Estimulam a geração e a troca de ideias e fazem aflorar as percepções, opiniões e atitudes dos participantes relacionadas ao assunto central, trazendo multiplicidade de pontos de vista. Funcionam como espaços de troca de saberes e ideias a partir de uma provocação temática que considera o protagonismo dos participantes. As discussões devem ser conduzidas por um moderador experiente, responsável por manter o debate organizado; e pelo menos um observador/relator para registro das principais discussões e ocorrências. O moderador deve evitar emitir opiniões e deve conhecer o tema da conversa.

Leandro Rogério Pinheiro (2019) aponta que é preciso considerar que “as pessoas convidadas para as rodas de conversa carregam consigo vivências” (p. 3), dessa forma, o que se torna mais rico é a partilha das experiências dos convidados. Entretanto, é preciso

saber que a conversa em uma roda, enquanto metodologia científica, difere radicalmente de uma conversa social, isso porque, além de os participantes serem estimulados a expressar opiniões e compartilhar vivências sobre uma temática específica, as pessoas estão de algum modo previamente preparadas para aquele momento.

Para a composição dos participantes das rodas de conversa, a equipe da Rede de Museus-Casas Literárias de São Paulo optou por escutar como público-alvo especialistas - pessoas com conhecimento sobre os temas discutidos, sobre as atividades das Casas e de museus em geral, entendendo que os públicos visitantes já estariam contemplados pelo questionário.

Inicialmente, estava prevista a realização de duas rodas de conversa com entre seis e doze participantes cada. Dentre os nomes selecionados e apresentados pela Rede estavam profissionais com atuação nas áreas de literatura e de museus, assim como os membros do Conselho de Orientação Artística da Rede de Museus-Casas Literárias (COA). A partir da análise dos nomes sugeridos, a Tomara! optou por realizar uma terceira roda dedicada especialmente à escuta do COA. A estratégia de acrescentar uma nova roda também partiu do objetivo de realizar uma das rodas remotamente, a fim de garantir a participação de profissionais que atuam fora de São Paulo. As duas rodas de conversa presenciais aconteceram no Anexo da Casa Guilherme de Almeida no bairro de Perdizes, e a roda de conversa remota foi realizada por meio da plataforma Zoom.

A lista de nomes para cada roda passou por pequenos ajustes considerando a disponibilidade dos participantes. A roda de conversa 1 contou com a participação de cinco pessoas (das sete previstas)⁴; a roda de conversa 2 com seis pessoas (das sete previstas); e a roda de conversa 3, realizada virtualmente, contou com todos os seis participantes previstos, totalizando 17 participantes.

Para a realização das rodas de conversa foi elaborado um roteiro padrão, que sofreu pequenas adaptações para atender as especificidades de cada grupo. O tempo estimado para cada roda, de duas horas, foi cumprido. As conversas foram ancoradas em três grandes dimensões.

- O **propósito** dos museus-casa como guia para as linhas de atuação, para o fortalecimento institucional de cada uma das Casas e para a consolidação da Rede.
- A **Rede** como um sistema vivo e atuante, interconectado em suas dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais e a serviço de suas comunidades, sejam elas usuárias e/ou produtoras de conhecimento e conteúdo.
- O **futuro** como exercício da prática institucional compartilhada, entendendo que os desafios do

⁴ Na roda de conversa com o COA, uma das convidadas justificou sua ausência e encaminhou um ofício com comentários e sugestões para a Rede de Museus-Casas Literários que não foram analisados neste relatório.

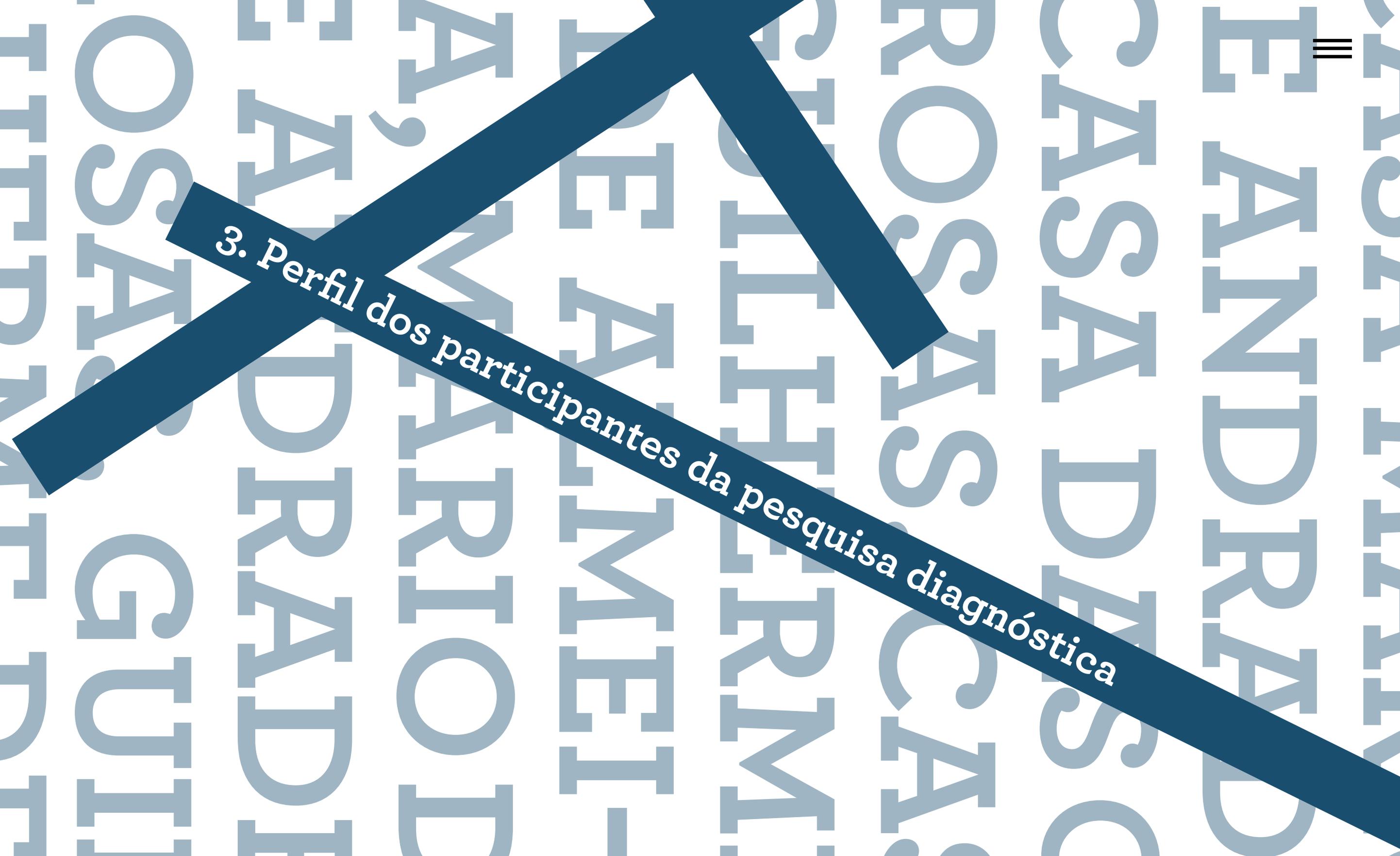
presente corroboram com a definição de ações programáticas que alcancem, emocionem e impactem o público.

Essas dimensões foram enviadas previamente por e-mail aos participantes, que no momento da roda foram convidados a manifestar sua visão sobre os três museus e as ideias e expectativas de futuro para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. À exceção da roda feita com membros do COA, foi passado um vídeo institucional com cerca de cinco minutos, no início da conversa, com o objetivo de apresentar os três museus. A fala intercalada de cada participante motivou reflexões coletivas maiores sobre o campo da cultura e sobretudo sobre os museus do estado de São Paulo. Apesar da presença de uma moderadora, a dinâmica de cada roda variou conforme a participação dos convidados. A estratégia foi introduzir questões e provocações pontuais ao longo das duas horas de duração, buscando aproveitar o tempo e permitir que todos conseguissem participar.

A gravação das rodas de conversa presenciais foi feita com três microfones de mão, sem fio, disponíveis para os participantes. Para que as falas fossem registradas, os participantes foram previamente orientados a se expressar apenas quando estivessem com o microfone em mãos, no entanto, em alguns momentos, movidos pela intensidade das discussões, as falas foram realizadas longe do microfone. O fato de terem que falar exclusivamente ao microfone, foi apontado por alguns como um dificultador, uma vez que, ao

se sentirem motivados/provocados por outras falas, os participantes deveriam esperar estar de posse de um microfone.

Apesar disso, a estratégia de utilização de microfone facilitou a organização das falas e viabilizou a transcrição. A opção pela gravação das rodas de conversa e posterior transcrição foi importante já que o registro transcrito permite àquele que analisa recordar as falas com fidedignidade, sem o risco de perder eventuais *insights* e considerações dos participantes. A transcrição, somada ao registro de anotações em caderno de campo e registros fotográficos (ver registro fotográfico no [anexo 3](#)) permitiram uma análise mais completa das rodas de conversa. Com esse conjunto de registros, foram elaborados quadros-síntese de cada roda, que permitiram classificar, separar, aproximar e enquadrar as contribuições de cada participante para analisá-las detalhadamente. É importante dizer que para a apresentação dos resultados adotamos uma abordagem que buscou dar voz aos entrevistados e que, por isso, traz diversos trechos de suas falas.



3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

A mim, logo de início, desde botei atenção naquela semântica ativa, notei que todos me tratavam num mezzoforte que ia em decrescendo, o que significava, mais ou menos, "inimigo curioso, desprezível por ser de raça inferior". Mas no fim das nossas relações já quase todos, com exceção de uns quatro ou cinco, me tratavam em pianíssimo com tendência crescente, o que não deixou de me sensibilizar.

"O turista aprendiz"
Mário de Andrade

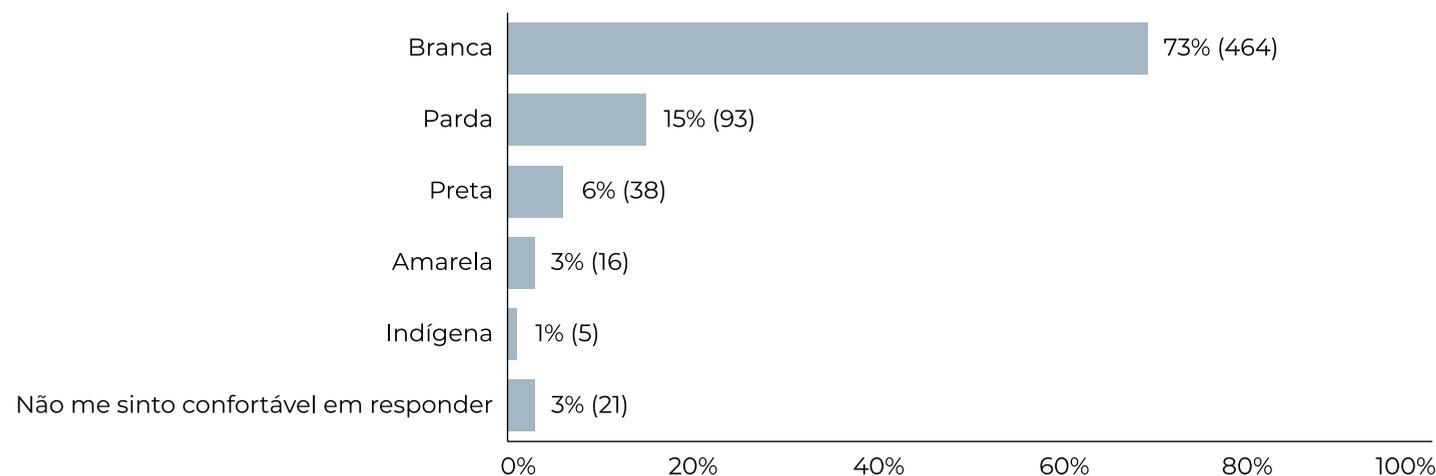
Qual é o perfil do público que respondeu ao questionário? Qual é o perfil dos participantes das rodas de conversa?

Conhecer o perfil dos participantes da pesquisa é muito importante para situar os resultados: quem fala e o que fala dá pistas sobre a razão de uma determinada visão ou percepção, pode explicar ausências temáticas ou de certas reflexões, e também diz sobre quem é o público das Casas e quem (ainda) não é.

Por esse motivo, é fundamental ter em vista os dados de perfil ao ler os resultados.

Que cor ou raça melhor identifica você?

(esta pesquisa usa as mesmas categorias do IBGE)



Universo de 637 respondentes

Perfil dos respondentes do questionário

Primeiramente, é importante considerar que a divulgação do questionário foi realizada majoritariamente pelo *mailing*, com cerca de 18 mil e-mails, e alguns posts em redes sociais de cada um dos três museus-casa. Pela forma de divulgação, é possível inferir que a maioria do público respondente é composta de pessoas que já conheciam ou acompanhavam de algum modo a atuação das Casas, mesmo que nunca as tenham

visitado. Como será visto, os dados confirmam que a maioria dos respondentes conhecia os museus-casa, mesmo que só de ouvir falar. Com isso, apesar de potencialmente o questionário *on-line* ser capaz de atingir o público habitual e o chamado não público, acabou por não alcançar este último.

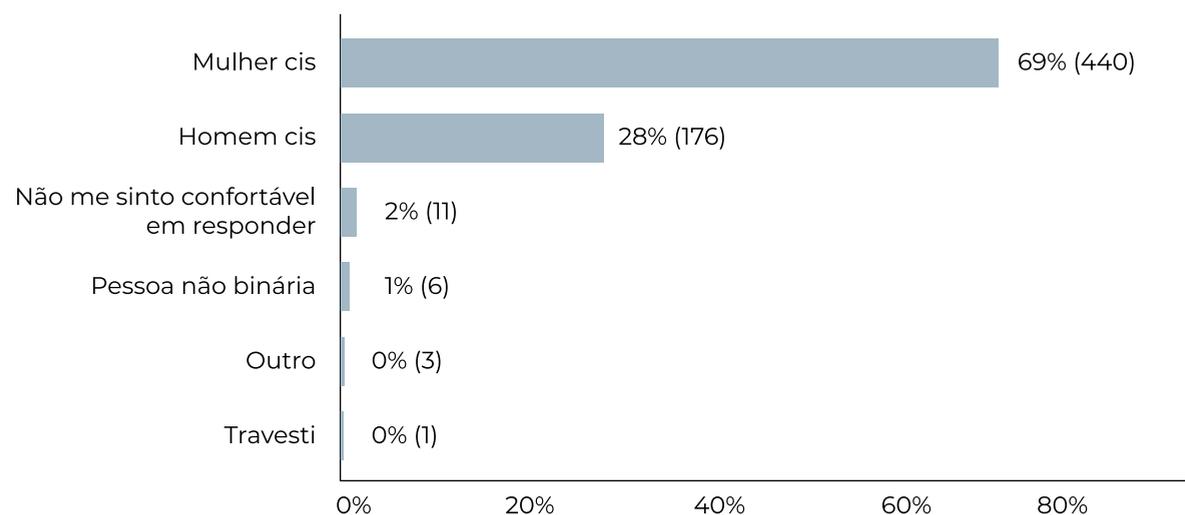
Em um universo de 637 respostas, o perfil dos respondentes é composto em sua maioria por pessoas que se autodeclaram brancas (73%) e mulheres cisgênero (69%), também de maioria branca (74%). O perfil dos respondentes difere bastante do perfil da população brasileira, que de acordo com a PNAD-C 2021 (IBGE) é de

43% brancos, 47% parda e 9,1% preto, 0,9% de amarelos e indígenas. Já na cidade de São Paulo, a autodeclaração em relação à raça e cor é de 56,4% de brancos, 32,7% de pardos, 7,9% de pretos e 3% de amarelos e indígenas. De acordo ainda com a PNAD-C 2021, na cidade de São Paulo, as mulheres representam 52,1% da população.

Em relação à faixa etária, destaca-se que apenas 1% de jovens até 19 anos e 12% de 20 a 29 anos responderam ao questionário, o que pode sinalizar a ausência de jovens no público alcançado pelas Casas em suas atividades, ao menos no meio digital, tendo em vista que a divulgação do

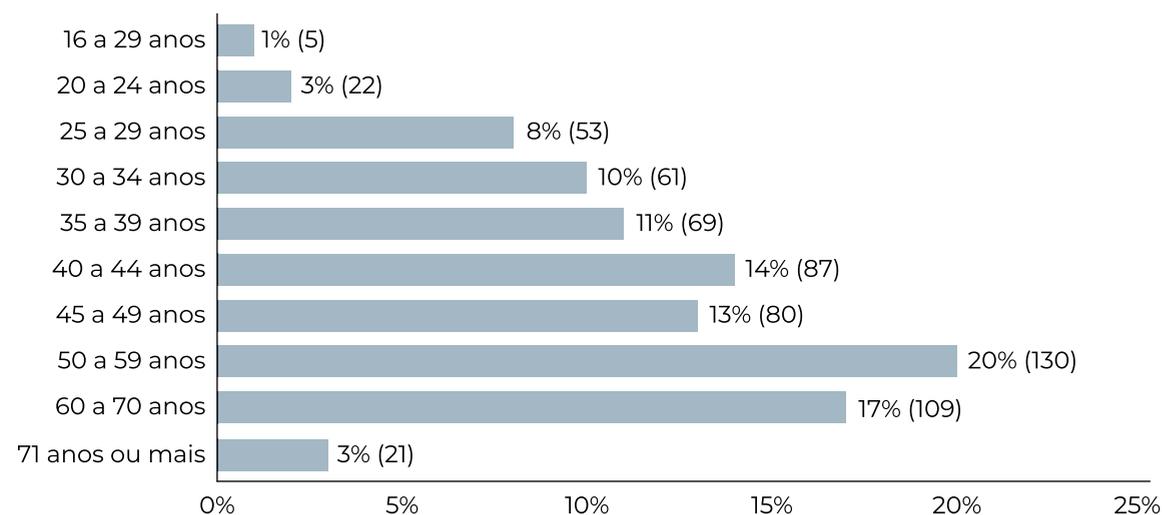
questionário foi majoritariamente realizada pelo *mailing* dos museus-casa e por suas redes sociais. No mínimo, aponta alguma falta de engajamento dos públicos dessa faixa etária. Por outro lado, é notável a representatividade do público idoso, com 20% dos respondentes acima de 60 anos – dado relevante considerando a importância de desenvolver programações para esse público. O perfil de respondentes é distinto da composição etária média da população da cidade de São Paulo, que de acordo com a PNAD-C de 2021 é de 17,2% para pessoas de 0 a 14 anos, de 22,9% de 15 a 29 anos, de 36,5% para 30 a 59 anos e de 16,9% acima de 60 anos.

Como você se identifica em relação a seu gênero?



Universo de 637 respondentes

Qual a sua faixa etária?



Universo de 637 respondentes

A maioria dos respondentes se declarou heterossexual (76%), mas foi possível alcançar certa diversidade de perfil como apresentado no gráfico. Vale destacar que essa pergunta foi inserida para tentar checar a hipótese da equipe dos museus-casa de que seus públicos seriam bastante diversos do ponto de vista da orientação sexual.

Do universo de 637 respondentes, 78% (496) são do estado de São Paulo; dentre eles, 71% (354) residem na capital e os demais 29% residem em 61 cidades do estado. Entre essas cidades, as que tiveram maior número de respostas foram Santo André com doze (12) respondentes; Osasco com dez (10); Campinas e Piracicaba com oito (8) respondentes; Guarulhos sete (7); Jundiaí e São José dos Campos com seis (6); Santos com cinco (5) e Cotia, Mogi das

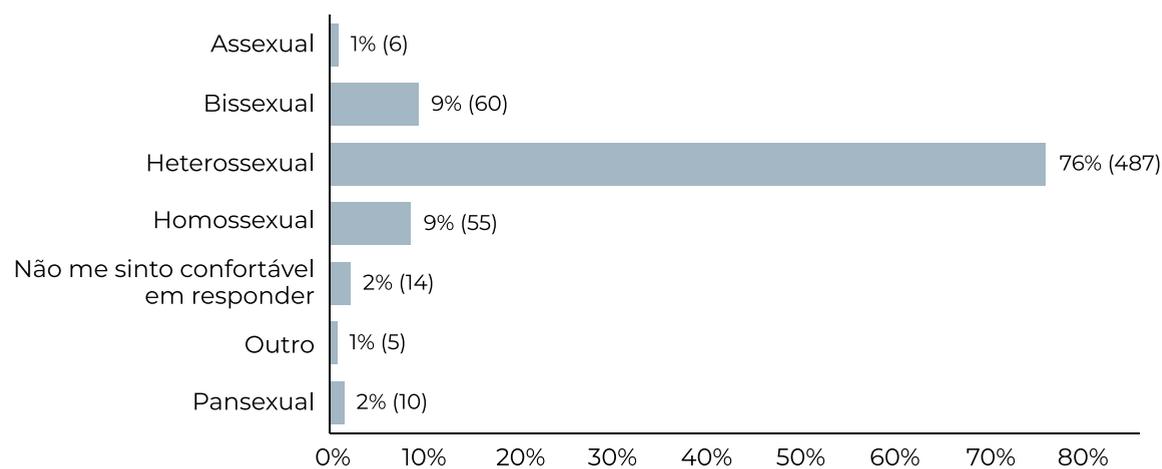
Cruzes e São Bernardo do Campo com quatro (4) respondentes.

As cidades com três (3) respondentes foram Bauru, Itaquaquecetuba, Mauá, Praia Grande e Ribeirão Preto; e com dois (2) respondentes foram Araraquara, Araras, Carapicuíba, Lorena, Presidente Prudente, Rio Claro, Santana de Parnaíba e Taboão da Serra. Já as cidades com um (1) único respondente foram Adamantina, Águas de São Pedro, Agudos, Americana, Analândia, Araçatuba, Arujá, Atibaia, Botucatu, Campos do Jordão, Canas, Capivari, Fernandópolis, Ipeúna, Itanhaém, Itapeverica da Serra, Itapevi, Jacareí, Jaguariúna, Juquitiba, Limeira, Mairinque, Mongaguá, Nazaré Paulista, Paulicéia, Pedreira, Pirassununga, Roseira, Santa Bárbara D'Oeste, Santa Cruz do Rio Pardo,

São Caetano do Sul, São Carlos, São José do Rio Preto, São Roque, Serra Negra, Sorocaba e Tatuí. Aos 22% de respondentes de fora do estado de São Paulo não foi perguntada a cidade de origem.

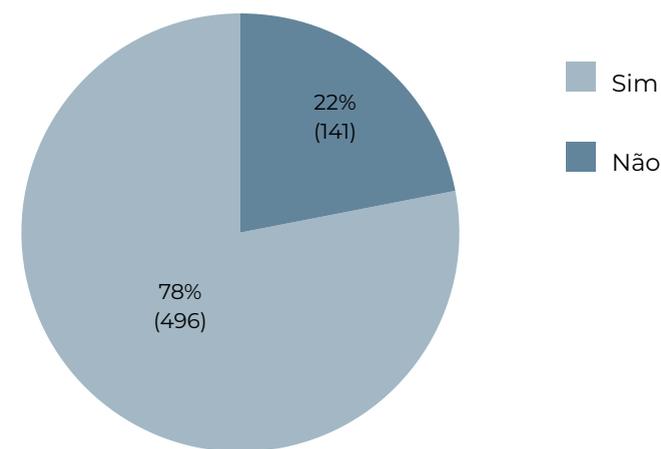
Aos respondentes paulistanos foi solicitada a indicação do bairro onde residem. Das 354 respostas vindas da cidade de São Paulo os bairros com maior recorrência foram: Perdizes (18), Vila Mariana (17), Jardim Paulista (16), Bela Vista (12), Butantã (10), Barra Funda (9), Vila Buarque (9), Pinheiros (8), Tatuapé (8), Cerqueira César (7), Consolação (7), Freguesia do Ó (7), Ipiranga (7), Paraíso (7) e Santa Cecília (7). Para saber o número de respondentes por distrito de São Paulo, ver [anexo 5](#).

Caso se sinta à vontade para declarar, qual a sua orientação sexual?



Universo de 637 respondentes

Você mora no Estado de São Paulo?



Universo de 637 respondentes

Dois dos três museus estão localizados na Zona Oeste da cidade de São Paulo, o que pode explicar, em parte, o maior número de respondentes do questionário serem de bairros da desta zona da cidade. Obviamente, questões como renda e escolaridade também são variáveis importantes para entender essas concentrações.

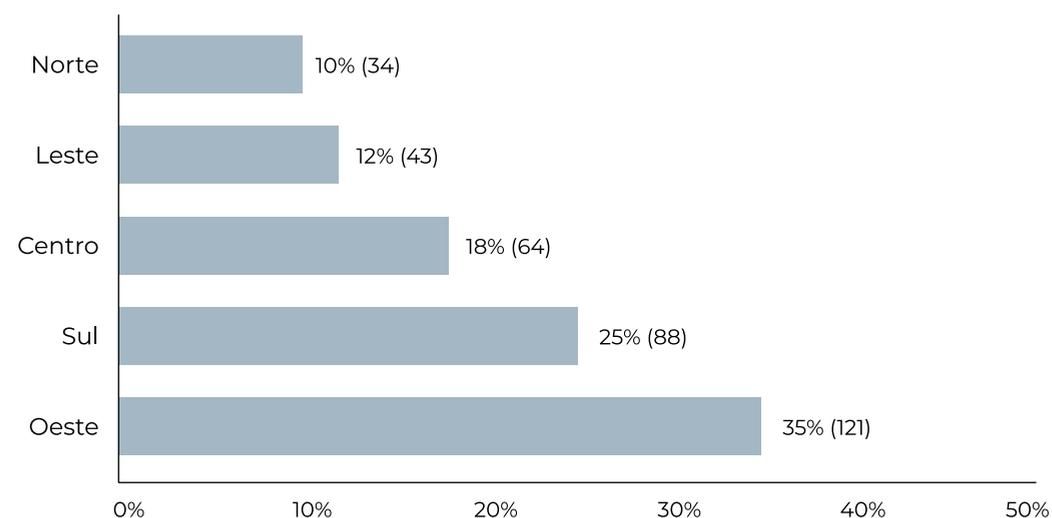
Sobre renda e escolaridade, 11% declararam ter renda familiar de até 2 salários-mínimos, 13% de 2 a 3 salários-mínimos, 28% de 3 a 5 salários-mínimos, 38% mais de 5 salários-mínimos. Para ter

uma base comparativa, de acordo com a PNAD-C 2021, a média salarial brasileira é de R\$ 2.493,70, equivalente a 2 salários-mínimos e meio; no estado de São Paulo, a média salarial é de R\$ 3.048,40, equivalente a 3 salários-mínimos. Vale ressaltar que, ainda de acordo com a PNAD-C 2021, 67,19% dos brasileiros ganham até 2 salários-mínimos.

Além disso, a maioria dos respondentes possui pós-graduação, mestrado e doutorado incompleto ou completo, representando 61% (392) dos respondentes; e 34% possuem Ensino Superior

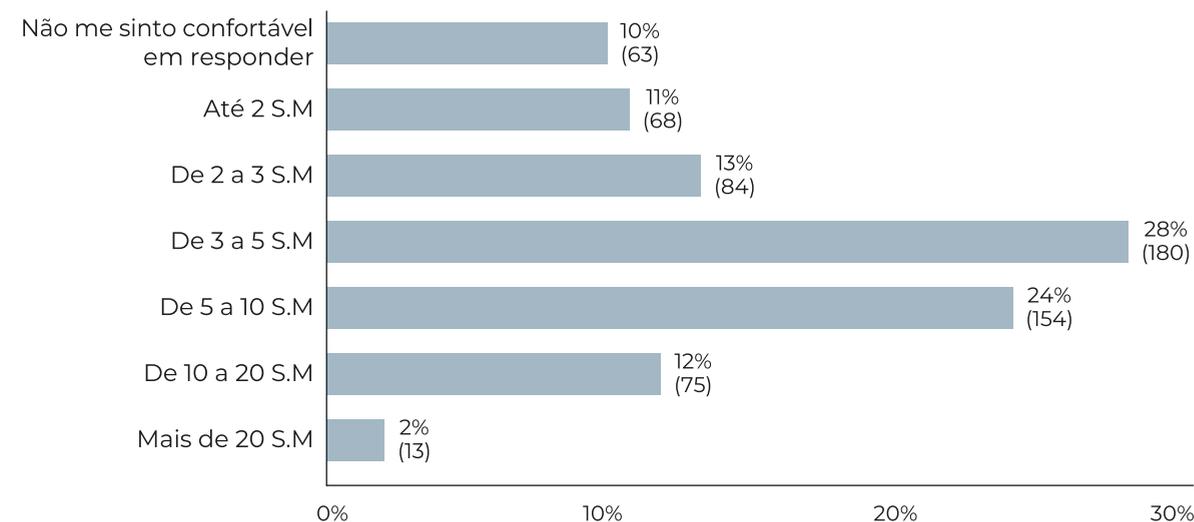
completo ou incompleto (219). Apenas cinco respondentes possuem escolaridade até o Ensino Médio completo e outros cinco respondentes possuem Ensino Técnico. De acordo com a PNAD-C 2021, para população do estado de São Paulo, 7,6% têm Ensino Fundamental completo ou equivalente, 29,5% têm Ensino Médio completo ou equivalente e 18,6% têm Ensino Superior completo.

Número de respondentes por região de São Paulo



Universo de 350 respondentes (dos 354 que afirmaram residir na capital, quatro pessoas não informaram o bairro)

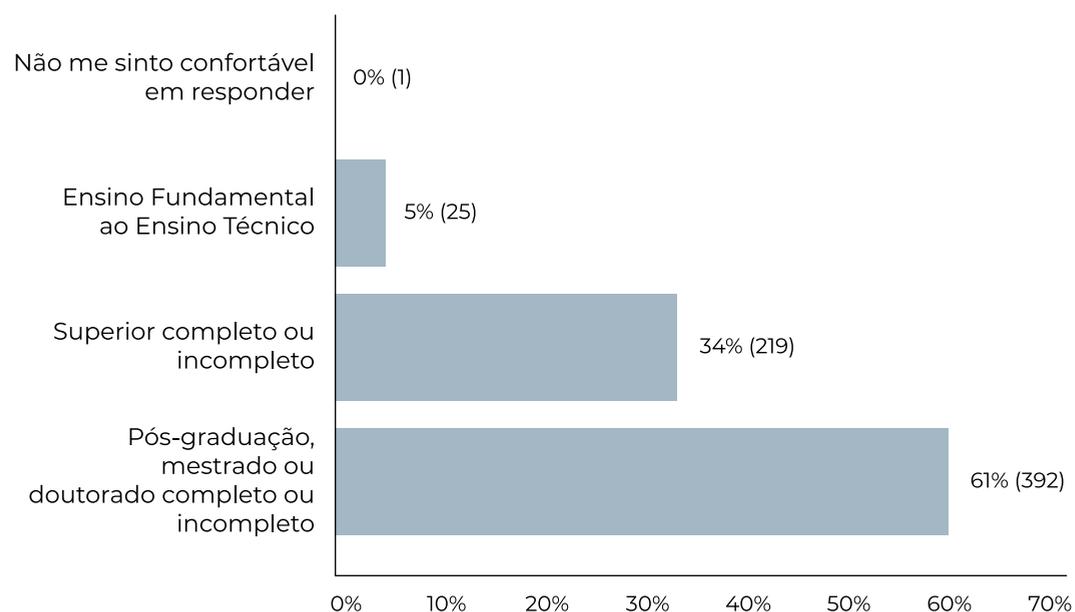
Qual a sua renda familiar?



Universo de 637 respondentes

Para os respondentes que possuem Ensino Técnico, graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado foi solicitado em campo aberto do questionário que informassem a área de formação. A grande maioria é da área das humanidades, com destaque para a formação em letras (222), comunicação social (82), história (51) e ciências sociais (41). O quadro sintetiza as formações registradas.

Qual seu nível de escolaridade?



Universo de 637 respondentes

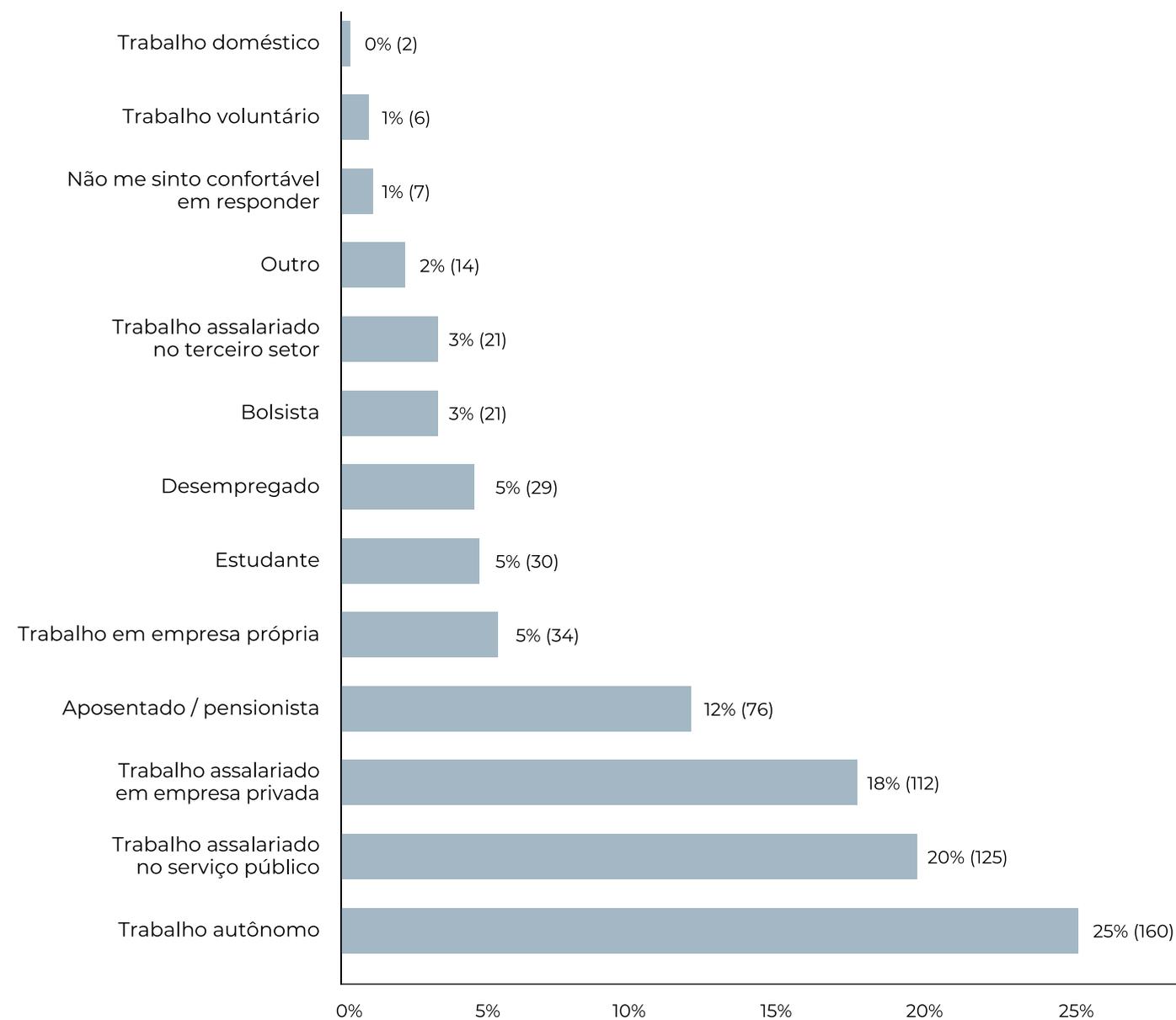
Formação dos respondentes

Letras	222	Professor(a)	5
Comunicação Social	82	Economia	4
História	51	Marketing	4
Ciências Sociais / Antropologia / Sociologia	41	Música	4
Pedagogia	35	Ciência da Computação	3
Artes / Artes Plásticas / Artes Visuais	32	Enfermagem	3
Direito	26	Medicina	3
Arquitetura e Urbanismo	25	Medicina Veterinária	3
Psicologia	20	Relações Internacionais	3
Museologia	18	Arquivologia	2
Filosofia	17	Conservação e Restauração	2
Biblioteconomia	14	Farmácia	2
Geografia	14	Química Industrial	2
Cinema e Audiovisual	13	Relações Públicas	2
Design	13	Saúde Coletiva	2
Administração	12	Tecnologia da Informação	2
Engenharia	12	Educação física	1
Biologia	10	Física	1
Turismo	9	Fisioterapia	1
Artes Cênicas	8	Logística	1
Ciências Contábeis	5	Matemática	1
Produção cultural	5		



Em relação a principal atividade exercida pelos respondentes, destaca-se que 25% declararam trabalhar de maneira autônoma. Seguido por trabalho assalariado no serviço público (20%) e trabalho assalariado em empresa privada (18%).

Qual a sua principal atividade?



Universo de 637 respondentes

No questionário também foi perguntado se o participante era uma pessoa com alguma deficiência. Dentre as 637 respostas, 36 (6%) declararam ser pessoa com deficiência e nove (1%) não se sentiram confortáveis em responder.

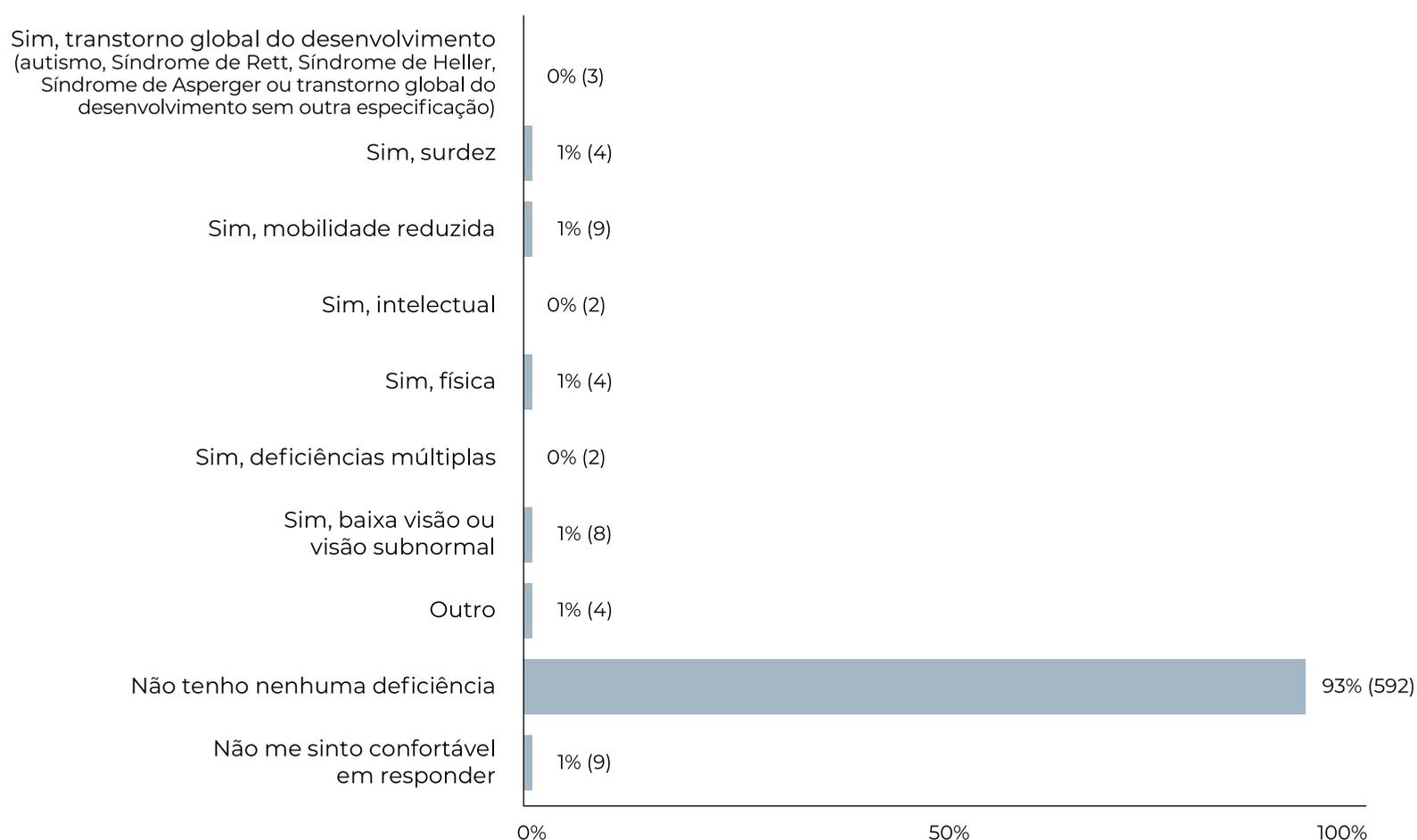
Em resumo, o perfil dos respondentes do questionário é composto majoritariamente de mulheres cis, brancas, adultas, sem deficiência, heterossexuais, com escolaridade de pós-graduação em diante, renda familiar superior a três

salários-mínimos, residentes na cidade de São Paulo em bairros não periféricos e que se interessam e frequentam museus com certa regularidade.

O perfil das pessoas que participaram do diagnóstico se aproxima bastante do perfil geral dos públicos que frequentam museus no Brasil. Outras pesquisas do setor cultural com foco na percepção de públicos de museus, como a do Icom Brasil (“Dados para navegar em meio às incertezas: resultados da pesquisa com públicos de museus”, de 2020) e a pesquisa realizada pelo Oi Futuro e Consumoteca (“Museus: narrativas para o futuro”, de 2019) apontam para a pouca diversidade dos públicos de museus, ressaltando o persistente desafio de ampliar e democratizar o acesso às instituições culturais.

Até que os museus brasileiros tenham públicos diversos, será sempre alta a probabilidade de as pesquisas com públicos serem marcadas por vieses de classe social, cor e escolaridade. Sendo assim, alertamos que o perfil do público participante da pesquisa do ICOM Brasil revela ausências que não podem ser ignoradas e, mais, que exigem ações propositivas. Por isso, é importante compreendê-lo dentro de um retrato mais amplo do setor museal, e mesmo cultural, no Brasil (Icom, 2020, p. 9).

É pessoa com deficiência, mobilidade reduzida ou transtornos globais do desenvolvimento?



Universo de 637 respondentes

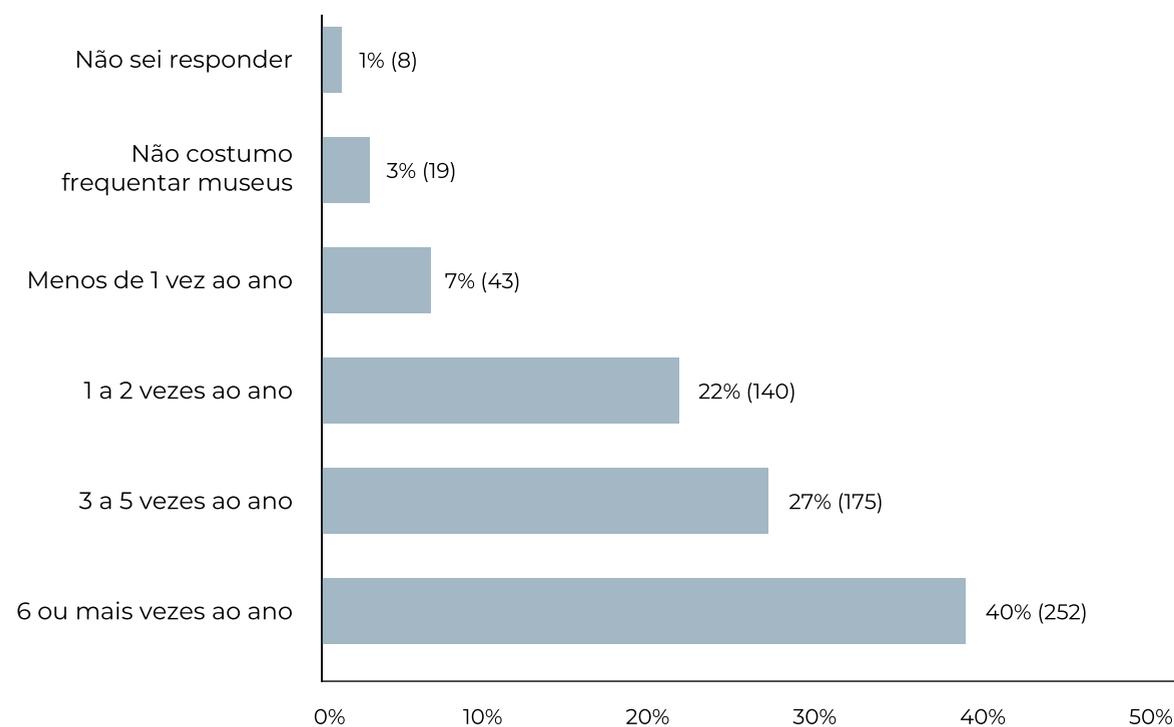


Quando perguntados sobre a categorização das casas Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Casa das Rosas como museus, **85% dos respondentes (544) afirmaram saber que são museus**. Tendo em vista que o perfil dos respondentes foi o próprio público dos museus-casa, talvez esses números percam certa potência analítica. Por outro lado, esse reconhecimento é um dado positivo, especialmente no caso da Casa Mário de Andrade, que se tornou museu recentemente, apenas em 2018.

Como complemento ao perfil dos respondentes, vale acrescentar duas questões sobre hábitos culturais. Dentre o universo de 637 pessoas, quando perguntadas sobre a regularidade com que costumam visitar museus em geral, **67% dos respondentes (427) afirmaram visitar mais de três vezes ao ano**, e dentre esses, 40% visitam mais de seis vezes ao ano (252).

Em um universo de 618 respostas daqueles que costumam visitar museus, quando solicitado que priorizassem **o que mais os motiva a realizar a visita**, a maioria afirmou ser apreciar alguma forma de arte, como poesia, literatura, música ou artes visuais (84% das respostas). Os respondentes podiam escolher até cinco alternativas e a segunda mais votada, marcada por 75% dos respondentes, foi apreciar o patrimônio histórico e conhecer mais sobre a história da cidade ou do país. Já 74% se dizem motivados também a participar da programação e das atividades oferecidas pelos museus. Dentre as cinco alternativas mais escolhidas pelos respondentes também estão

Com que regularidade você costuma visitar museus?

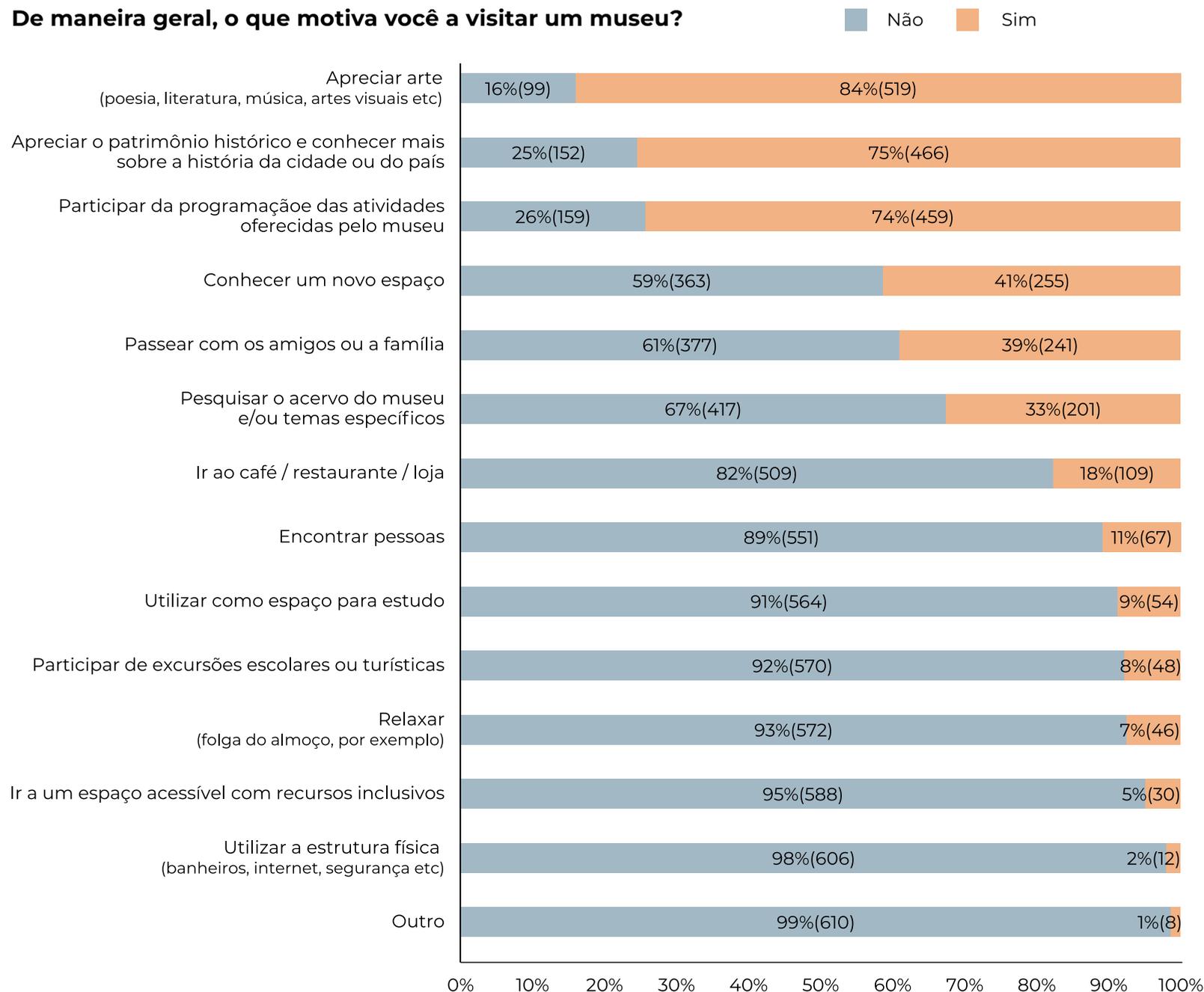


Universo de 637 respondentes

a motivação de conhecer um novo espaço na cidade (41%) e passear com os amigos ou a família (39%). Alguns usos aparecem em menor escala de prioridade para os respondentes, como utilizar a estrutura física (2%), relaxar (7%) ou utilizar o espaço para estudo (9%).

A pesquisa “Cultura nas capitais” (2014) realizada pela JLeiva com um universo de 3.295 participantes (apenas aqueles que responderam ter visitado espaços expositivos no ano antecedente à pesquisa) também buscou mapear as principais razões pelas quais as pessoas visitam espaços expositivos. Entre elas, 44% dos participantes alegaram visitar pelo conhecimento, 13% pelas exposições, 10% para se divertir e 9% para saber das novidades.

De maneira geral, o que motiva você a visitar um museu?



Universo de 618 respondentes

Perfil dos participantes das rodas de conversa

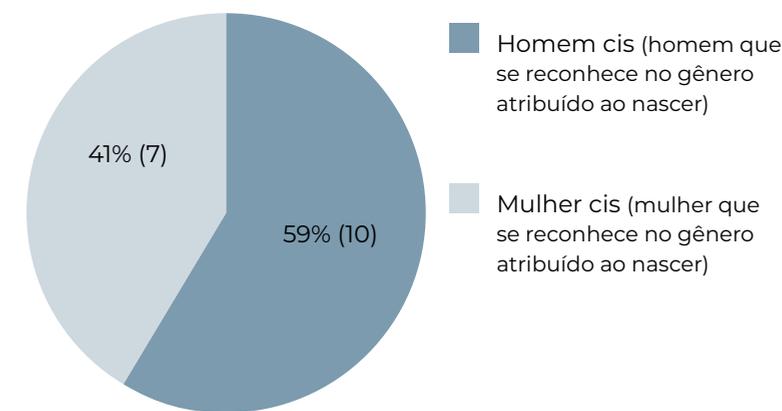
O universo de 17 participantes caracterizou-se por uma maioria autoidentificada como branca (15 pessoas) e com faixa etária acima de 40 anos (16 pessoas) – sendo 12 pessoas (71% do total) com mais de 50 anos. O perfil contemplou homens (59%) e mulheres (41%), e apenas duas pessoas afirmaram possuir algum tipo de deficiência (baixa visão e visão subnormal).

Todos os participantes possuem Ensino Superior, sendo que 16 possuem mestrado e 11 também possuem doutorado, todos com mais de 10 anos

de atuação em suas áreas. As formações dos participantes estão dentro das humanidades – antropologia, arquitetura, cinema, direito, história, letras e museologia. No anexo 2 deste relatório, é possível acessar as minibiografias dos participantes.

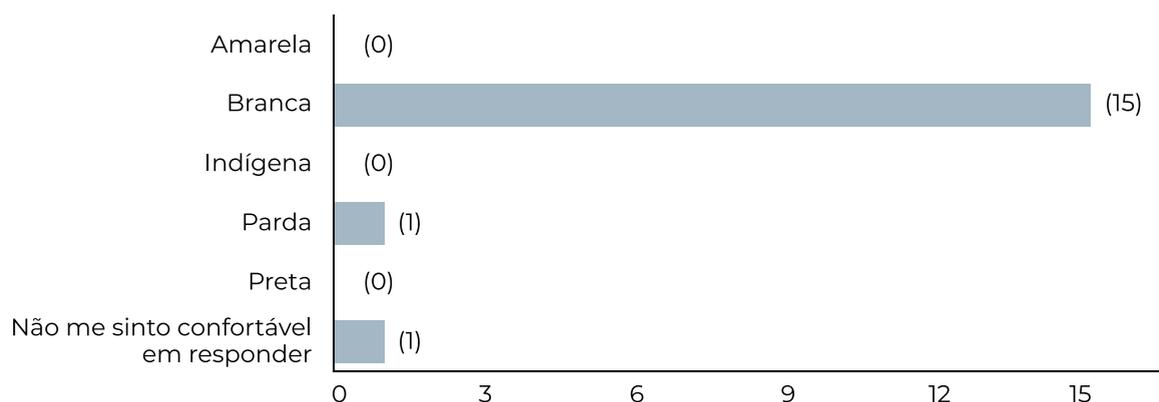
É possível dizer que a diversidade étnico-racial, etária e social acabou não sendo a marca da composição dessas rodas e isso deve ser considerado como um dado relevante na leitura dos dados. Por outro lado, são notáveis a experiência e o acúmulo de conhecimentos específicos dos participantes relacionados a museus e à literatura, principal critério estabelecido pela equipe da Rede para definir a composição das rodas de conversa.

Identificação de gênero dos participantes – Rodas de conversa



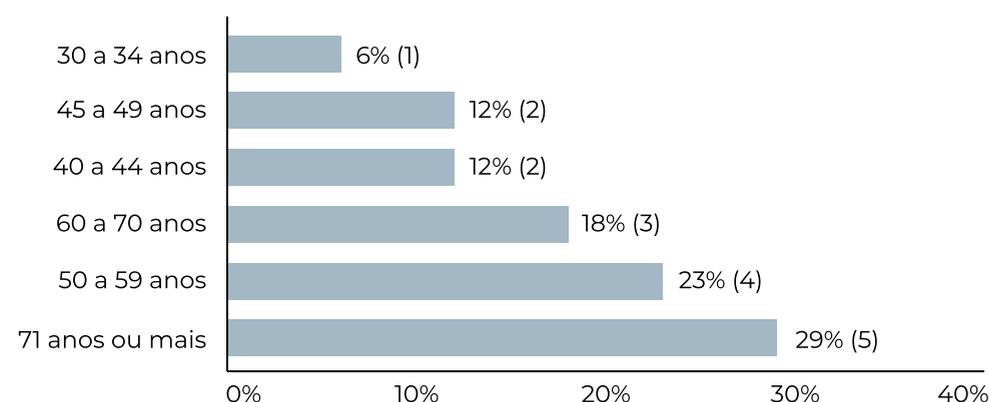
Universo de 17 respondentes

A cor ou raça, de acordo com a classificação do IBGE, que melhor identifica você é:



Universo de 17 respondentes

Faixa etária dos participantes – Rodas de conversa



Universo de 17 respondentes

Vale um comentário geral sobre a composição do Conselho de Orientação Artística (COA⁵), já que uma das rodas de conversa foi voltada para a escuta desse grupo. O COA tem como responsabilidade deliberar sobre a linha curatorial dos equipamentos, apoiando a decisão sobre aquisições, conservação, restauração, transferência, aceitação e empréstimos de obras e bens. Contribui também com diretrizes para a programação cultural das Casas. Ele é composto por membros convidados pela Rede, avalizados pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e os critérios levados em consideração são: perfil, biografia, experiência e especialização na área museal ou literária. Dentre os participantes da roda (5 de 7 membros⁶), e com base na própria declaração de cada um, todos são brancos, tem acima de 60 anos, têm formação em nível superior na área das humanidades (arquitetura, direito, história e letras) e possuem ao menos mestrado.

5 O COA da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, segue o modelo do Decreto Estadual n. 53.547, de 13 de outubro de 2008, que define as atribuições dos conselhos de orientação artística e cultural para auxiliar na tomada de decisões ligadas à política de acervo do estado, com ênfase nos casos de aquisição, conservação, restauração, transferência, aceitação e empréstimo de acervos. Constituídos por meio de resoluções do secretário publicadas no Diário Oficial do Estado, esses conselhos são compostos por especialistas e pessoas com histórico significativo nas áreas relacionadas aos acervos e temáticas dos museus da SEC-SP.

6 Duas integrantes não puderam comparecer por motivos de força maior, ambos justificados, portanto, não temos os dados de perfil delas.

Cabe destacar que as rodas de conversa, aconteceram dias depois do pleito que definiu o novo presidente da República e o governador do estado de São Paulo. Havia, portanto, um clima de muita expectativa de mudanças significativas para o setor cultural.



4. Museus em rede: seus entornos e conexões

4. Museus em rede: seus entornos e conexões

retículas
redes desredes
reticulares ares áreas
áreas
reticulares
reticulária
colares de quadrículos
contas cubículos
áreas ares
tramas retramas
desarticulária
de áreas reais
o rosto implode
camaleocaleidoscópio

Trecho de “Parafernália para Hélio Oiticica”
Haroldo de Campos

Quais são as barreiras de acesso impostas pela localização dos museus? De que forma os museus se relacionam com o entorno? Quais são as potencialidades dos territórios em que os museus estão inseridos?

Qual o propósito da atuação em rede e o que articula os três museus-casa? De que forma a rede pode contribuir com a existência, gestão, inovação dos três museus-casa?

Como a atuação em rede pode potencializar os museus-casa?

Pensar os museus e suas relações com os territórios em que estão inseridos, sejam eles geográficos ou temáticos, próximos ou mais distantes, aparece como algo fundamental. Este capítulo descreve brevemente os bairros ou as regiões em que esses museus estão inseridos, as facilidades e dificuldades de transporte para acessá-los e as possíveis relações com espaços, iniciativas, movimentos, equipamentos e instituições culturais da cidade de São Paulo. Apresenta também algumas reflexões sobre as conexões entre os museus-casa, a atuação conjunta entre eles e algumas das características e potencialidades do trabalho em rede e da própria Rede.

Localização e acesso

A Casa Guilherme de Almeida está localizada na Rua Macapá, 187, no bairro de Perdizes, próximo ao estádio Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu, Zona Oeste da cidade de São Paulo. Perdizes é um bairro de classe média alta e abriga o terceiro maior índice de desenvolvimento humano (IDH) entre os distritos paulistanos. A rua em que o museu está localizado é residencial e não possui grande movimento de veículos. Apesar disso, está a poucos metros da Rua Cardoso de Almeida, importante via do bairro, que conecta a Avenida Dr. Arnaldo à Avenida Francisco Matarazzo e ao acesso ao Elevado João Goulart (conhecido como Minhocão) e, por isso, possui fluxo constante de veículos, incluindo ônibus. A estação de metrô Sumaré (Linha Verde) é a mais próxima da Casa, a cerca de um quilômetro de distância. É importante destacar que as ruas do território de Perdizes são bastante íngremes, o que pode dificultar o deslocamento a pé ou de bicicleta.

A Casa Mário de Andrade está localizada na Rua Lopes Chaves, 546, no bairro da Barra Funda, próximo à Avenida Pacaembu, Zona Oeste da cidade de São Paulo. A Barra Funda foi por muitos anos um bairro de vocação industrial, mas atualmente é um bairro de uso misto, com residências de classe média

e de pequenos escritórios. As estações de metrô mais próximas do museu são a Marechal Deodoro e a Barra Funda, ambas localizadas na Linha Vermelha, a cerca de 600 metros e um quilômetro de distância respectivamente. É importante destacar que diversas linhas de ônibus passam perto do museu. No território da Barra Funda ainda se destaca a presença do Terminal de Ônibus Barra Funda, da Quadra da Camisa Verde de Branco, do Allianz Parque (estádio do clube de futebol Palmeiras) e dos estúdios da rede de televisão Record.

A Casa das Rosas está localizada na Avenida Paulista, 37, no bairro Bela Vista, no limite entre as zonas Centro-Sul, Central e Oeste da cidade de São Paulo. O fluxo de pedestres é intenso e abrange as mais diversas motivações, como trabalho, passeio, turismo e circulação entre destinos. Seu acesso se dá tanto pela Avenida Paulista como pela Alameda Santos. A Avenida Paulista é considerada uma das mais importantes vias e um dos principais centros financeiros da cidade, como também um dos corredores culturais e pontos turísticos mais característicos de São Paulo. A estação de metrô mais próxima é a Brigadeiro (Linha verde), a poucos metros do museu, e passam em frente ao equipamento diversas linhas de ônibus que atendem a região.

No questionário, não foram feitas perguntas específicas sobre o território em que os museus estão inseridos ou perguntas diretas sobre possíveis dificuldades de acesso em função da localização dos museus. Entretanto, nas perguntas sobre o **motivo de nunca ter visitado os museus**

presencialmente ou de nunca ter participado de atividades, havia alternativas sobre a localização para os respondentes escolherem. E, no caso dos três museus, nas duas perguntas com essas opções, **o maior impedimento** apontado foi justamente **a localização ou a distância em relação às residências e locais de trabalho** (isso será visto em detalhe no capítulo 5).

Nos campos abertos do questionário, alguns comentários sobre a localização e o acesso como fatores que podem dificultar uma visita presencial apareceram, com maior destaque para a Casa Guilherme de Almeida.

Localização. Sei que a Casa [Guilherme de Almeida] não pode ser mudada de lugar, mas parece ser um lugar pouco acessível. Não lembro de ter encontrado lojas, padarias ao redor.
[Homem cisgênero, pardo, na faixa de 30 a 34 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida uma vez há mais de dois anos.]

Eu gosto muito dos cursos da Casa Guilherme de Almeida, já fiz muitos. E, apesar de morar em SP, prefiro os cursos on-line, pois acho o transporte público na região péssimo. Já fiquei horas esperando ônibus para ir embora, e ainda teria que pegar metrô e outro ônibus. Então, quando voltarem ao presencial, seria legal ter uma forma de acompanhar os cursos, ao vivo ou gravados.
[Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas ao menos uma vez há mais de três anos.]

Apesar de os três museus serem relativamente próximos um do outro, existem diferenças significativas em relação ao entorno geográfico imediato em que estão inseridos. Enquanto, a Casa das Rosas ocupa uma posição privilegiada de grande fluxo de pessoas, a Casa Guilherme de Almeida está localizada em uma rua com menor fluxo de pessoas, em um bairro residencial da cidade; a Casa Mário de Andrade está em uma rua que possui imóveis residenciais e comerciais, porém também com fluxo menor de pessoas, quando comparada à Casa das Rosas.

O acesso ao transporte público para chegar aos museus também é bastante diferente: a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade estão um pouco mais distantes de uma estação de metrô, a Casa das Rosas possui um metrô praticamente na porta. Essas nuances que compõem os territórios em que os museus estão inseridos trazem características diversas para o perfil do público frequentador, impõem diferentes desafios às suas gestões e devem ser consideradas na leitura e interpretação dos dados apresentados neste relatório.

De territórios e possibilidades: proximidade física e afinidades temáticas

A **relação com o território** pode derivar tanto de desafios, ativos e possibilidades oferecidos por cada localidade quanto do interesse e da disponibilidade das Casas em se abrir ao diálogo para potencializar suas ações.

O território⁷, contudo, não pode ser definido apenas como geográfico: o **território temático** também é celeiro para diversificar as ações. Por isso, compreender a extensão e a efervescência de temas e ações similares e convergentes na cidade e, se possível, no estado apareceu como tarefa primordial.

Os participantes das rodas de conversa reiteraram a importância de a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, para **manter e ampliar a sua relevância**, estabelecer conexões com instituições, movimentos e espaços diversos – isto é, **inserir as Casas em diferentes redes e circuitos**.

Na visão desses interlocutores, é fundamental identificar e estabelecer contato com redes que

⁷ Para Milton Santos, o espaço geográfico é uma totalidade dinâmica, produto de processos históricos, e se constitui como uma categoria fundamental para elaborações sobre o futuro. “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (SANTOS, 2007, p. 14).

comportem tanto instituições de cultura “mais oficiais” do estado de São Paulo e do Brasil – por exemplo, o Museu da Língua Portuguesa, a Biblioteca Mário de Andrade, a Casa Rui Barbosa e a Casa Ema Klabin – quanto movimentos, iniciativas e espaços como saraus, bibliotecas locais e cenas menos institucionalizadas que estejam em plena produção e ebulição. **Conectar-se é uma palavra-chave**, inclusive com outros países e cenas.

De maneira geral, os participantes das rodas sugeriram que é preciso **tecer melhor a relação dos museus com seus entornos** (geográficos ou temáticos), favorecendo um fazer coletivo entre equipamentos e iniciativas culturais oficiais e não oficiais.

As potencialidades dessas múltiplas conexões são várias: relacionar-se com **saberes, fazeres e produções de várias origens e naturezas**, mas com pontos em comum (a serem definidos: poesia? literatura? tradução? museus-casa? história dos bairros?), enriquecendo e dinamizando os repertórios das Casas; fazer **circular ideias, pessoas, projetos**, conectando lugares e grupos sociais distintos; **atingir um público maior e mais diverso**, contribuindo para a inclusão e a democratização do acesso à cultura.

Nesse sentido, um primeiro passo importante sugerido seria **realizar um mapeamento** de equipamentos, movimentos, espaços culturais etc. que compõem o universo ao redor das Casas, seja por proximidade física, seja por proximidade temática. Um outro passo seria **identificar as**

afinidades e promover uma cooperação entre os equipamentos e iniciativas, conectando ações similares e evitando a repetição de atividades. Esse ponto sobre a otimização e complementaridade de ações foi destacado sobretudo para equipamentos vinculados à própria Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Tanto do ponto de vista geográfico como temático, não é incomum iniciativas similares estarem acontecendo ao mesmo tempo, mas não conversarem entre si e tampouco as instituições realizadoras aproveitarem a oportunidade para otimizar recursos, dinamizar espaços e compartilhar públicos, fazendo-os circular pelos museus e equipamentos. Nesse sentido, e como algo que foge ao escopo da Rede, apesar de poder ser por ela estimulado, a questão de uma **governança mais sistêmica e estratégica da Secretaria de Cultura e Economia Criativa** foi apontada como algo essencial. Como mantenedora principal e indutora de políticas, caberia à Secretaria apoiar e fornecer informações, ferramentas e recursos para essa articulação.

Eu acho que tem um trabalho que precisa ser feito, e me incluo nesse trabalho, incluo o Museu da Língua nesse trabalho, que é um mapeamento mesmo, uma compreensão do que são essas redes. E isso exatamente para a gente poder pensar cooperação e o não pleonasma das políticas públicas em relação à língua e literatura dos equipamentos do estado já. [...] Então acho que tem uma primeira coisa, que é compreender esse universo do que a gente está falando,

*institucionalizado e não institucionalizado, ligado à língua e literatura. [...] Mas ordenar e entender essa rede, em termos de cultura institucionalizada, em termos não institucionalizada, e como isso dialoga com a academia, eu acho que é um papel da política pública. [...] Assim, a gente tem os três museus-casa, o Museu da Língua Portuguesa, duas Bibliotecas – tudo isso dentro da estrutura do próprio... do estado, né? Tudo isso gerido por Organização Social. **Marília Bonas***

A necessidade de **“ancorar” esses museus em comunidades** também apareceu como algo importante, isto é, seria interessante que cada museu, ou o conjunto dos três museus, encontrasse uma comunidade com a qual estabelecesse uma relação de maior intimidade e pertencimento. Essas comunidades não precisam estar no território fisicamente imediato aos museus, mas precisam tecer laços de sentido com esses espaços. Certamente, como manifestaram alguns dos interlocutores, a proximidade física pode ser fator relevante e propiciar essa integração com mais facilidade – embora não seja limitadora, pode ser um aglutinador de causas. Por isso, se aproximar da vizinhança aparece como estratégia importante para os três museus.

Bom, a segunda coisa que eu chamaria atenção é o fato de que elas têm uma localização e essa localização nem sempre é muito feliz em termos do entorno. Porque o que eu estou querendo dizer é o seguinte: é preciso ancorar esses equipamentos no entorno, e às vezes é muito difícil estabelecer relação com o entorno. Então,

*às vezes esse entorno não é natural, não é aquele que você, passando um compasso nos 300 metros do entorno, você define o entorno. Às vezes não é. Às vezes o entorno é o que você estabelece – numa relação razoável em termos físico – que você estabelece com uma determinada comunidade. É preciso ancorar numa comunidade. **Carlos Augusto Machado Calil***

*Outra coisa que eu acho muito importante é abraçar a comunidade local. É uma coisa que a gente não tinha – esse viés. A gente não pensava sobre isso. Mas, hoje em dia, tentar abraçar a comunidade local, não de uma maneira: “estamos abraçando a comunidade local. Temos aqui um dia para os moradores virem gratuito...” Mas abraçar mesmo, colocar o bairro em diálogo com as casas-museu. Acho que isso é muito importante. Existe uma coisa... um soft power aí, uma ligação de todas aquelas pessoas que moram ali com a própria arquitetura e o tempo que eles moraram ali, o avô morou ali, o porquê que eles foram para lá. Existe uma relação entre as pessoas que moram no local, na região, com aquele local específico. Então tem que, de alguma maneira, conseguir abraçar mesmo a comunidade. **Tadeu Jungle***

O **Centro Cultural São Paulo** e a **Fundação Casa de Rui Barbosa** foram exemplos de espaços que conseguiram tornar-se “casa” para determinados grupos – lugar de identificação, pertencimento, encontro e convivência. E os museus-casa literários de São Paulo, quais são os públicos que já se conectam com seus espaços? Quais poderiam

ser? O que pode ou precisa ser diferente para que determinados grupos se sintam pertencentes às Casas? Quais são os impeditivos? Essas e outras reflexões atravessaram as discussões das três rodas de conversa realizadas.

A Casa das Rosas já faz parte de um importante corredor cultural da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista, que possui uma série de instituições, cada qual com suas peculiaridades e objetivos, o que colabora para compor uma ampla programação de atividades, oficinas, instalações e exposições culturais. Há inclusive uma iniciativa, a Paulista Cultural, “que propõe diálogo e intercâmbio de programação entre sete instituições culturais que estão localizadas na Avenida Paulista, unidas pelo território e pela vocação”⁸ da qual a Casa das Rosas faz parte junto com o Centro Cultural Fiesp, IMS Paulista, Itaú Cultural, Japan House São Paulo, Masp e Sesc Avenida Paulista. Contudo, a existência dessa iniciativa não esgota as potencialidades de novos diálogos que a própria Casa das Rosas pode fazer, ao contrário, sugere que os caminhos para criar esses circuitos e trabalhos em rede podem ser vários – nesse caso, a proximidade física e a finalidade cultural mais geral, e não específica, foram os motores.

Apesar da localização privilegiada da Casa das Rosas, os outros dois museus-casa também ocupam territórios com equipamentos culturais importantes, como é o caso da proximidade

⁸ Informações retiradas do site <https://www.paulistacultural.com.br>. Visitado em 15 de dezembro de 2022.

da Casa Guilherme de Almeida com o Museu do Futebol; e da Casa Mário de Andrade com o Memorial da América Latina.

*É muito interessante este momento da Rede, assim. [...] a gente, no Museu da Língua, reabriu no ano passado, e também estamos esculpindo conceitualmente qual é o lugar do Museu da Língua, e até o lugar em diálogo com a Rede de Museus-Casas Literários. Qual é o lugar da literatura no Museu da Língua? Como se constrói, de maneira complementar? E, por tabela, também o [lugar do] Museu do Futebol, que está aqui no entorno, falando especialmente da Casa Guilherme [de Almeida]. O que é um território? O Pacaembu é um território? A gente fala de território, mas o que é articular territórios quando a gente está em espaços como esse? E articular públicos, tudo mais. Acesso, ônibus, como se chega? Então também tem outros níveis, assim, bem pragmáticos que me instigam. **Marília Bonas***

O **estreitamento ainda maior dos laços com as universidades** também foi mencionado como um potencial a ser mais bem explorado pelas três Casas, sendo mencionadas a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) como exemplos. Manter e expandir essa relação aparece como algo frutífero por alguns motivos. Entre eles, pelo fato de os museus se configurarem como **espaços educacionais potentes e mais acessíveis do que as universidades**, e que podem funcionar como pontes entre estas e a sociedade; e por serem **capazes de identificar e**

conectar diferentes produções literárias (inclusive mais marginalizadas ou pouco estudadas) e, em parceria com a universidade, produzir registros e conhecimento sobre elas.

*Então acho que isso é fundamental, assim como também a conexão com a universidade, embora, de novo, o museu não tenha que substituir a universidade. Mas o museu sempre é, no caso dos museus-casa literários, uma vitrine para a sociedade, que na maioria das vezes a universidade não consegue perpassar, não consegue chegar nesse grande público. E o museu é uma das janelas possíveis para fazer essa ponte entre a universidade e a sociedade de um modo geral, né? **Davidson Panis Kaseker***

*Eu vejo a Casa Guilherme e a Casa das Rosas não só como museus, mas também como centros educacionais que, como disseram aqui, permitem trazer um conhecimento que está sendo feito dentro da universidade para o público geral. **Rodrigo Bravo***

Eu acho que no futuro seria muito interessante estender o olhar para essas comunidades que cultivam ainda outras práticas literárias, que não especificamente na língua portuguesa. E junto com o corpo que nós temos aqui, de professores, em parceria com a USP, com os tradutores literários da USP e da PUC também, traduzir a literatura dessas pessoas, trazer essas pessoas para falarem aqui, para apresentarem suas ideias, mostrarem seus vieses estéticos, as escolas

de literatura que estão sendo desenvolvidas.

Rodrigo Bravo

Em um **mapeamento** muito preliminar⁹, realizado no âmbito deste diagnóstico, é possível vislumbrar uma mínima parcela da diversidade de equipamentos e iniciativas culturais de São Paulo. O mapeamento destacou lugares e iniciativas mais óbvias e evidentes ou com temáticas correlatas, como *saraus* e *slams*, ou da mesma tipologia de museu-casa. Foi possível incluir ainda, também de modo preliminar, parcerias já existentes e que foram identificadas nos documentos fornecidos.

A visualização espacial das Casas em relação à distância, tipologia e mesmo às variedades de temáticas das instituições pode ser um importante ponto de partida para a construção de pontes e diálogos entre elas e grupos diversos. A ideia é que as Casas possam interagir e ampliar esse mapeamento, buscando conexões de várias ordens. Esse mapa deve ser visto como um primeiro passo para pensar novas conexões e potencializar as relações dos museus nos diferentes territórios em que atuam, físicos e temáticos. Uma futura pesquisa de cunho etnográfico¹⁰, ainda, poderia

⁹ Este mapeamento foi realizado pela Tomara! utilizando a ferramenta My Maps, do Google, e tem como intuito apresentar muito preliminarmente as potencialidades de diálogo com equipamentos da cidade. Longe de pretender esgotar ou enquadrar demais as ações e lugares, deve servir como ponto de partida e inspiração para um mapeamento ainda a ser realizado.

¹⁰ Etnografia (pesquisa etnográfica) é uma abordagem de investigação científica qualitativa das ciências sociais (antropologia) que permite analisar formas de sociabilidade, discursos, práticas, regras de convivência, significados

ajudar a conhecer mais profundamente as características dos entornos dos três museus, principalmente em relação às motivações das comunidades que circulam nesses espaços.

É fundamental mencionar que **as Casas já possuem parcerias** com outras instituições culturais e também com ações e parceiros não institucionalizados, portanto, não partem do zero na construção dessa rede de conexões. Entretanto, na visão dos participantes das rodas de conversa, é necessário **ampliar e adensar essas conexões**, isto é, estabelecer relações de maior intimidade e profundidade com os diferentes atores sociais do território, tornando os museus referências e agentes ativos de seus entornos.

Da conexão entre as Casas: tecendo sentidos para a Rede

Os museus Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas passaram a compor a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo apenas em 2018, isto é, menos de cinco anos atrás. E nesse período houve uma pandemia.

Juntos, os três museus realizam programas, ações e atividades de modo colaborativo, com relações conceituais e temáticas, mantendo, no entanto, as especificidades de cada Casa. Mas o quanto

atribuídos a coisas, lugares e condutas, relações de poder, dinâmicas e contextos sociais, entre outros aspectos, a partir do engajamento do pesquisador no território e da interlocução com pessoas.

as pessoas conhecem a Rede, o que as pessoas sabem dessas colaborações e como as pessoas enxergam essa sinergia entre as Casas é algo a ser mais bem compreendido.

*Eu não vejo muita sinergia entre as Casas. É engraçado. O Guilherme era amigo do Mário, tal, mas a Casa Guilherme não é amiga da Casa Mário de Andrade. É curioso. Não sei por quê. Eu não sei por que não é. Então a programação é um pouco alheia, enfim, não fazem nada juntos. E claro que podia ser um pouco mais próxima, a programação conjunta [...] Essa possível liga pode se dar pela curadoria conjunta ou curadoria cooperativa. Quer dizer, não pode ser cada um por si e Deus contra, como no Macunaíma, tá certo? Cada Casa tem a sua interface com as três, e, portanto, onde é que a gente caminha nessa interface? Qual é a possível? **Carlos Augusto Machado Calil***

*Então eu acho que a formação da Rede é muito importante justamente para poder nivelar de alguma forma o conhecimento em torno dessas figuras e das especificidades dos museus. Mas a acessibilidade é muito importante para fazer com que as pessoas conheçam o espaço de fato. A Casa Guilherme de Almeida, ali na Macapá, ela ainda, sim, é muito escondida em relação aos outros dois espaços, o que é uma pena. **Donny Correia da Silva***

Para alguns dos participantes das rodas, aparentemente existe uma **conexão mais evidente**

entre a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade do que em relação à Casa das Rosas. Enquanto as duas primeiras têm como referência autores representantes do modernismo e possuem uma ligação muito estreita com esses escritores por terem sido sua residência, a Casa das Rosas teria uma conexão ainda frágil com Haroldo de Campos e desconhecida por muitos. E isso, na visão das pessoas ouvidas, é um dos desafios a serem enfrentados também.

*E outra coisa que me chamou atenção é que me parece que a casa de Mário de Andrade e a de Guilherme de Almeida são muito mais parecidas entre si, do que essas duas com a Casa das Rosas. [...] Eu senti que a definição casa-museu... Você tem arquitetura de um lado, mas você também normalmente tem uma personalidade ou que morou nessa casa ou que deixou a coleção. E a Casa das Rosas eu acho que é a mais impessoal das três que foram apresentadas. Então acho que ela... Eu não sei se dá para ela ser pensada junto com as outras duas, porque as outras duas, elas têm um foco específico: elas trazem a memória, ou a coleção de arte, ou o legado artístico de uma figura. Então aquele museu-casa tem arquitetura, mas tem a personalidade e as relações com a época contemporânea. Então você tem esses três pilares. A Casa das Rosas não. Pelo que eu sei, ela não tem esses três pilares. Então é uma questão assim, que me saltou à vista vendo esse vídeo. **Ilana Seltzer Goldstein***

Então eu acho que essas duas Casas [Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade],

elas têm uma perspectiva muito estimulante de estarem ligadas a duas presenças absolutamente riquíssimas, multifacetadas; e de guardarem essa relação estreita, porque foram as casas onde os dois passaram praticamente a vida inteira. A Casa das Rosas tem um desafio grande porque o Haroldo de Campos, que também é um personagem fundamental, maravilhoso da cultura brasileira, ele, em si, nunca teve nenhuma relação com a Casa das Rosas. E aí fica um desafio que, da minha experiência, é sempre muito difícil de ser enfrentado, que quando os visitantes entram numa residência, a primeira pergunta [que fazem é] [...]: “Quem morou? Como é que a pessoa vivia? Como é que era a vida? Quem construiu? Por quê?” “Que memórias que aquela casa tem?” E as memórias da Casa das Rosas, que é uma casa fundamental, interessantíssima, é uma das únicas residências preservadas da arquitetura original da Avenida Paulista e, sem dúvida, a mais bem preservada, que também tem, obviamente, todas as suas memórias, não tem uma relação direta com a literatura e nem com o Haroldo. Então, esse é um desafio que eu acho que é muito grande e que precisa ser pensado de uma maneira muito especial. [...] Se a definição é a manutenção da Casa das Rosas como um espaço que abriga a biblioteca do Haroldo, e vai ter essa personalidade de uma atuação voltada para a área de literatura... E essa memória da Casa também terá que ser trabalhada paralelamente. Eu acho que esse é um desafio muito grande e, enfim, eu sei que os diretores, o Marcelo [Tápia], tem essa consciência,

conversamos a respeito disso muitas vezes [...] Mas eu acho que é um desafio que precisa ser pensado com muito cuidado, porque o que é para mim uma enorme potência na Mário de Andrade e na Guilherme de Almeida, é um desafio problemático para a Casa das Rosas. Não é um fator impeditivo, obviamente, mas é um fator que tem que ser levado em conta com muito cuidado. **Marcelo Mattos Araújo**

Além do desafio em relação à identidade da Casa das Rosas, sinalizaram também o desafio com o acervo de Mário de Andrade, majoritariamente sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). De modo geral, as Casas possuem diferentes desafios e potencialidades. Por isso, os interlocutores apontaram que o **que esses museus são, ou podem vir a ser, passa por escolhas e construções que devem ser cuidadosas e explicitadas ao público.**

A gente tem um museu-casa mais típico na Casa Guilherme de Almeida. É um monumento, essa casa. É um dos meus lugares favoritos no mundo! Acho que a maneira como todo o processo foi pensado, antes de virar museu, faz toda diferença, permitiu que a gente tivesse essa preciosidade, que é quase um túnel do tempo. O museu-casa Mário de Andrade tem uma parte de acervo porque houve uma retomada, um esforço de reconstituição do que teria sido a residência do Mário ali, do que qualquer outra coisa, né? Enfim, o acervo, boa parte dele foi para o IEB. Não permaneceu [na casa]. E depois houve toda uma tentativa de recuperar,

de ter uma expografia, réplicas etc. Mas ele não é um museu-casa no sentido ideal, pelo menos, do termo. E eu não acho ruim. E eu acho importante deixar claro até como é que a gente constrói e reconstrói a nossa memória o tempo todo. E essa reflexão eu acho muito importante levar para a Casa das Rosas, porque, assim, ela é um nó no estado, desde que ela virou um bem estatal. Ela é originada de um processo grande, de uma sensibilização, inclusive popular, para evitar que se perdesse aquele monumento arquitetônico, mais do que qualquer coisa, na Avenida Paulista. Ela é muito mais um museu-casa de uma rua, de um tempo histórico, de um período do desenvolvimento de São Paulo do que da família do Ramos de Azevedo, e com certeza [mais que] do acervo do Haroldo de Campos, ainda que faça todo o sentido a gente trabalhar todos esses personagens que tem a ver com a história do desenvolvimento desse equipamento cultural. Então, assim, a minha provocação é um pouco no sentido de pensar a diferença desses museus-casa, o quanto isso é simbólico da maneira como nós, no Brasil, construímos o nosso patrimônio, a nossa memória, os nossos legados. E a gente muito mais perde do que mantém, estamos correndo atrás para refazer. E tem que tomar um cuidado danado para não correr o risco de tentar reproduzir uma história que não é verdadeira. E, assim, de não contar, de fetichizar um patrimônio. **Claudinéli Moreira Ramos**

O Haroldo de Campos, ele pode estar ali dentro. O que é importante é que a pessoa seja informada.

A pessoa entra e diz assim: “É, mas quem morou aqui?” / “Ah, quem morou aqui foi fulano” – tem toda essa coisa de colocar o Ramos de Azevedo ali. E o Haroldo tem o seu espaço ali também, porque não dá pra colocar tudo dentro de uma caixinha, bonitinha! A gente tentou categorizar – eu me lembro de ter feito parte disso [risos], pra dar uma ajuda para categorizar os museus. É muito complicado a gente enfiar e arrumar essas caixinhas todas. [...] Agora, há necessidade de a gente explorar essas dimensões. [...] Então, eu entendo essa grande situação da Rede, de ter duas Casas, que tem tudo a ver o protagonista, a coleção. [...] O importante é que eu acho que as pessoas tenham informação, tenham essa informação do que está acontecendo ali, porque realmente é uma riqueza, é um tesouro!! Essas três Casas, para mim, são um tesouro de cultura, [...] de importância social fundamental. **Jurema da Costa Seckler**

Os participantes das rodas de conversa salientaram a necessidade de uma **maior articulação e publicização da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo**. Em diferentes falas, os interlocutores apontaram que a atuação dos três museus-casa na perspectiva de rede não é evidente – houve até a observação de que o vídeo institucional apresentado em duas das rodas contribuiu para uma ideia de rede que muitos não tinham, por exemplo. Ainda que haja aproximações temáticas entre as três Casas, foi quase unanimidade para os participantes das três rodas que é necessário estruturar melhor a Rede, trabalhando de modo mais integrado, da comunicação à gestão.

São duas coisas que eu pensei quando eu estava vendo esse vídeo [referindo-se ao vídeo institucional apresentado no início da roda]. Primeiro, que o vídeo dá uma ideia de rede mais clara do que a que eu acho que as pessoas têm na cabeça. Eu acho que a noção de conexão entre esses três espaços não é tão clara pros públicos em geral de São Paulo. É difícil falar de públicos “em geral”, mas acho que mesmo para mim a conexão ficou muito mais clara no vídeo. Então parece-me que isso precisaria ser mais trabalhado. É uma impressão. **Ilana Seltzer Goldstein**

Nessa perspectiva, fortalecer a identidade da Rede apareceu como algo essencial e necessário para promover maior sinergia e comunicação entre as Casas e tornar a ideia da Rede mais nítida para os diferentes públicos.

Na visão de muitos dos participantes das rodas, **individualmente os museus atuam de forma satisfatória**, porém, **em conjunto essa atuação ainda não é óbvia**. Na opinião das pessoas ouvidas, parece necessário primeiro **definir melhor o escopo e os propósitos da Rede** para depois elaborar, de modo coeso e coerente, proposições conjuntas entre os três museus-casa para a programação de atividades, oferta de serviços etc.

A **publicização e comunicação da Rede** enquanto marca apareceu como algo que pode contribuir para a **construção de uma percepção coletiva** sobre a sua existência e para sua própria constituição efetiva – apenas a título de

exemplo, em uma rápida mirada nos sites dos museus e nas redes sociais de cada um, apesar de a informação de que eles compõem um rede estar ali, ela não é imediata ou sequer facilitada. Atualmente, a comunicação principal das Casas é feita de maneira centralizada pela Poiesis e é preciso avaliar as vantagens e desvantagens dessa opção¹¹.

*Eu sinto um pouco de falta de sinergia entre as três Casas. Eu acho que, historicamente, elas foram aos poucos se modificando em torno dessa gestão da Poiesis, que tem funcionado muito bem individualmente para as Casas. Mas eu acho que não é muito perceptivo para o público, de que todas as outras Casas tem uma única gestão, né? Eu acho que... Isso acho que, em termos principalmente de divulgação, eu sinto falta. **Paulo de Freitas Costa***

A Rede está institucionalmente formada, entretanto ela **ainda “existe pouco” para os diferentes públicos**. Ela parece muito mais uma intenção do que uma realidade, e mesmo o propósito de sua existência não está claro para

¹¹ No Plano Museológico da Casa Mário de Andrade, consta essa observação “o fato de a área de Comunicação estar dentro da raiz matricial da POIESIS, que gerencia diversas tipologias institucionais (museus, oficinas culturais e fábricas de cultura), fragiliza o entendimento do público por não conceituar e dialogar com proposições museológicas e curatoriais, de acordo com a demanda de cada instituição. É recomendável que cada museu da Rede tenha sua equipe de comunicação para agilizar as ações e possa criar uma identidade própria com suas especificidades, ainda que ligada à POIESIS e à Rede de Museus-Casas, com o objetivo de fortalecer as marcas.” (2018, p. 45)

alguns públicos. E, dentro dessa perspectiva, a Casa das Rosas aparece como o espaço mais desafiador.

*Para mim é muito tranquilo essa relação das três Casas pela questão literária. Como eu sou da área de letras, então é tranquilo. Mas eu vejo que para o público em geral realmente essa conexão com a Casa das Rosas é meio perdida, porque o Mário [de Andrade] e o Guilherme [de Almeida] foram contemporâneos. Aí, para a gente, fica mais fácil, se compreende melhor que os dois estão ligados – até por uma questão de vivência mesmo, o período que eles viveram e tal. E com relação à Casa das Rosas, [...] [o visitante] quer saber qual era o quarto do escritor, que objetos que pertenciam a ele. E é uma coisa que também, aqui no Museu Alphonse, a gente tem um problema, porque a gente não tem um mobiliário da casa, a gente tem pouco mobiliário, e a gente supriu isso com a literatura, então a gente investiu mais na produção literária naquele momento. Eu não sei se seria interessante, como o Haroldo é do concretismo, pensar também a questão do concretismo na arquitetura, sabe? Pensar a questão da casa também, qual é essa arquitetura [do concretismo] – que isso esteja presente ali. **Ana Cláudia Rôla***

Eu acho que tem que ficar bem claro qual é o perfil dessa Rede, porque se é uma rede de museus ligados à literatura, entra o Museu da Língua. Se é de instituições culturais ligadas à literatura, também entram as bibliotecas que foram citadas aqui. Se é de casas-museu... Não! Se é de casas literárias só do estado de

São Paulo, é menor ainda; ou se é de casas literárias de todo país, ou mesmo as que não são da mesma gestão pública, mas que tenham alguma coisa em comum. Então eu acho que tem que ficar mais claro qual é o escopo dessa Rede. Eu acho que para mim não ficou tão claro, e não sei se para todo mundo isso está claro.

Ilana Seltzer Goldstein

Vale dizer que no questionário, diante da pergunta “Você sabia que os museus Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas fazem parte da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo?”, 70% dos respondentes (445) afirmaram saber que os museus-casa fazem parte de uma rede. Entretanto, é preciso ponderar dois pontos: primeiro que parte dos respondentes compõe o *mailing* das Casas e, possivelmente, a existência da Rede é mais nítida; em segundo, a existência da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo era anunciada no questionário, na apresentação dos objetivos da pesquisa. Por isso, torna-se mais difícil ter certeza se todos de fato já conheciam a Rede previamente ou se ficaram conhecendo ao acessar o questionário para respondê-lo.

Os participantes das rodas de conversa que atuam em outros museus, em especial aqueles que atuam em outros museus-casa, demonstraram mais naturalidade com a Rede, descrevendo as relações consolidadas das quais os museus participam e, inclusive, o papel da Rede de Museus-Casas Literários em conexões mais amplas relacionadas a essa tipologia

de museus – que vai desde encontros para discussões de temas comuns até a participação no próprio Demhist¹². Para esse grupo de participantes, a Rede parece ser vista com mais clareza e a teia de conexões da qual faz parte, sobretudo nos registros museu-casa e literatura, é robusta.

Uma coisa que eu acho importante registrar, e legal que a gente tem a presença da Ana Cláudia [Rôla] e da Jurema [da Costa Seckler] aqui conosco, é que talvez uma das Redes mais atuantes no Brasil seja dos museus-casa de escritor. Há uma prática, já há muito tempo, tanto a Fundação Casa Rui Barbosa, como a Guilherme de Almeida, como a Casa de Cora Coralina, em Goiás, têm um papel histórico aí no estabelecimento dessa rede, da atuação. E eu acho que é uma coisa interessante, precisa ser pensada, porque existe aí uma reflexão acumulada de experiências, de trocas muito grande e de muito tempo. E, como eu disse, acho que talvez, mais do que qualquer outra tipologia de casas-museu, que essa é uma muito específica, essa de casa, enfim, de escritor.

Marcelo Mattos Araújo

Existe um turismo, não é, gente? Um turismo ligado a essa gente que ama os escritores e querem visitar a casa deles. Existe um turismo no mundo sobre isso. Então, eu sou uma apaixonada! Eu sou uma apaixonada pela Jane

¹² Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas, do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Austen, aquela coisa bem de 200 anos e não sei quantos atrás! [Risos] E meu sonho era, um dia, ir lá na casa dela! Eu li um livro com 14 anos, que é Orgulho e Preconceito, e pronto, me apaixonei! E meu sonho eu só consegui [realizar] agora, há poucos anos! [Risos] Eu fui lá 10 dias, bater minhas pernas no sul daquela cidadezinha para visitar a casa, e foi uma emoção para mim! Então eu entendo o que é a emoção do fã daquele escritor. A casa literária, ela tem muitos tesouros.

Jurema da Costa Seckler

De diferentes formas, os participantes das rodas de conversa contribuíram com pistas sobre o que poderia articular melhor o trabalho em rede dos museus. Para todos eles, o **fio condutor comum da literatura** e a preservação de acervos relacionados a essa temática é inegavelmente a grande potência e fator articulador das Casas e, portanto, da Rede. Pensar a **literatura como direito** e tornar essa perspectiva um eixo de atuação, além de preocupação e bandeira comum a ser encampada pelas Casas, foi uma das sugestões feitas.

Assim, ele [museu Casa das Rosas] é problemático, em si, mas ele tem outros potenciais incríveis que eu acho que merecem ser explorados. E, nesse sentido, eu diria assim, que essa ideia do museu-casa podia ser trabalhada de forma diferente em cada museu, conectando essa discussão da museologia mais contemporânea, mas também se relacionando a um ou outro ponto que eles têm em comum, e que para mim faz toda diferença na hora de pensar em rede, e que aí, sim, é muito mais

forte do que a ideia de museu-casa, que é a ideia de museu literário. Assim, dois deles foram residência de grandes escritores, né? Tem toda uma construção de um museu que um dia abrigou uma pessoa que produziu obras incríveis e agora se dedica a pensar questões da literatura sob várias perspectivas - tradução literária, oficinas de escrita criativa. O outro não abrigou um grande escritor, não foi a residência dele. Até abrigou a família de um grande arquiteto, mas, enfim, isso é outra história. Acho que é importante estar presente, mas é outra coisa. Porém, recebeu o acervo de um grande escritor, de um grande autor brasileiro, que estudou os outros, como o Marcelo [Mattos Araújo] lembrou – se bem que isso é uma conversa antiga. Mas, enfim, eu acho que na hora que a gente pensa essa integração pela função social do museu, que nesses três casos se caracteriza muito por uma discussão literária, por uma preservação de acervos que tem a ver com a literatura, por uma construção de patrimônio em torno dessa temática, eu acho que a gente tem uma conexão mais feliz. Acho super legítimo a gente recuperar as questões arquitetônicas, nos três casos, as questões de território geográfico, especialmente na Casa das Rosas. E eu acho que a fala do Tadeu [Jungle] é muito feliz: essa recuperação do Ramos de Azevedo faz todo um sentido ali, nesse contexto mais amplo, do que é esse espaço para o coração da cidade. Mas acho que se eu fosse fazer uma aposta de integração da Rede eu insistiria muito, além disso tudo, em fortalecer essa ideia da função social desses museus

*literários como o grande motor de articulação desses três equipamentos culturais. **Claudinéli Moreira Ramos***

*O senhor está me lembrando agora, se me permite dizer, o direito à literatura, do Antonio Candido, que talvez devesse ser o eixo das Casas nessa atuação. Ele procura justamente colocar o direito à literatura como um direito inalienável decorrente da necessidade imprescindível do próprio ser humano que, pela literatura, se humanizaria. E a partir daí a questão... Até onde eu me lembro, eu li esse ensaio dele muito bacana. E há duas conclusões, me parece: todos devem ter acesso a quaisquer tipos de formas literárias, das mais simples às mais eruditas, mas também a pessoa que tem acesso à forma popular de literatura, tem que lhe ser dado o acesso à forma erudita também, né? [...] eu acredito que o eixo das Casas teria como bandeira muito esse direito à literatura, do professor Antonio Candido. Abrir para todas as vertentes e trazer esses públicos. **José D'Amico Bauab***

*Mas esse exercício de imaginação, para mim a resposta vem muito disso. Assim, um lugar em que você consiga ter um manancial que te abra, um manancial que é preservado e um manancial de estímulos. E eu vejo muito a literatura como esse lugar. Estou falando de literatura, mas a gente pode falar muito nessa perspectiva da linguagem mais ampliada também. **Marília Bonas***

Dentro da literatura, a poesia também foi destacada como assunto aglutinador não apenas das Casas, mas também de novas redes.

*Um dos temas óbvios que reúne as três Casas é a questão da poesia. A poesia é uma das mais difíceis áreas para trabalhar em termos de museologia e atividade cultural, mas ela é também das mais gratificantes. Basta vocês irem à periferia ver um desses saraus. A força que o sarau tem é impressionante [...] Eu fui a vários, todos têm muita força. Então, a primeira coisa que podia ter entre as três Casas são os saraus de poesia circulando entre eles e provocando desafios poéticos, enfim, estimulando a partir de poetas, né? Enfim, um lugar de lançamento de poetas. **Carlos Augusto Machado Calil***

A poesia, na visão de alguns participantes, não é um tema necessariamente fácil de trabalhar em termos museológicos ou de programação, por não exercer atratividade imediata nos públicos, mas é um eixo comum potente e que tem ganhado projeção em diferentes espaços. Identificar e se conectar aos já mencionados entornos temáticos, redes e saraus da periferia de São Paulo – como o movimento literário “Sarau da Cooperifa”, idealizado por Sérgio Vaz em 2001, no bairro Jardim Miriam na cidade de São Paulo – aparecem como formas de atrair novos públicos e integrar outros circuitos que vivenciam, produzem e experimentam o mesmo tema.

*Então seria mudar um pouco a bitola, para ampliá-la no sentido de fazer essa conexão e torná-la permanente, não casual. E talvez aí, vou evocar a palavra do professor [Carlos Augusto Machado] Calil, uma curadoria específica que trabalhasse a partir dessas premissas, para que não seja algo isolado. Convidamos o Sérgio Vaz para vir aqui e morreu aí a situação. Como poderíamos fomentar a permanência dele ou da Cooperifa ou de outros coletivos, ou de outros projetos de popularização aqui nas Casas? Seria realmente a implementação com permanência dessas políticas, né? **José D’Amico Bauab***

*Então, acredito eu, que, para além dos especialistas, há sim uma rede a ser desvendada aí, nessa área da criação mesmo, da valorização das subjetividades, inclusive nas comunidades indígenas, nos territórios indígenas, que a gente tem poesia nos territórios indígenas também, né? Então há mesmo uma rede de capilaridade a ser desvendada aí. Eu acho que esse é um dos grandes desafios. **Davidson Panis Kaseker***

Atuar em prol de uma programação colaborativa, mais ampla e permanente em torno da literatura e da poesia, com saraus circulando entres as Casas e em outros espaços, pode contribuir para inserir a Rede de outra forma na cidade e, com isso, torná-la mais nítida para os diferentes sujeitos. Como dito anteriormente neste capítulo, a perspectiva de maior conexão com a cidade apareceu em diferentes falas dos participantes também como

uma forma de as Casas acessarem **públicos potencialmente interessados**, mas que ainda não as enxergam ou as experimentam como **espaços que também podem ser ocupados por eles**.



5. Experiências nos museus-casa

5. Experiências nos museus-casa

O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir.

"Paulicéia desvairada"
Mário de Andrade

Qual é o conhecimento do público sobre as programações e sobre a temática dos museus-casa?

Como os respondentes do questionário e os participantes das rodas de conversa avaliam a programação dos museus?

Os museus-casa possuem um leque diverso de atividades e programações, que vão desde exposições temporárias e de longa duração a cursos, oficinas, palestras e seminários, bem como apresentações artísticas como saraus, recitais, exibição de filmes, concertos etc.

Uma programação diversa

A **Casa Guilherme de Almeida** possui o Centro de Estudos de Tradução Literária CGA, que dispõe do Programa Formativo para Tradutores Literários e oferece cursos e oficinas temáticas. A Casa conta também com o Núcleo Cinematographos, que realiza o Programa Cinematographos de Estudos de Cinema e oferece, por exemplo, ciclos de estudos do cinema brasileiro e mostras de filmes. O museu-casa possui ainda o Núcleo de Ação Educativa que desenvolve atividades educativas e realiza visitas temáticas com o público da Casa. Além da exposição de longa duração, que preserva o acervo de obras de arte, biblioteca, objetos, mobiliário etc. originais do escritor Guilherme de Almeida, acontecem na Casa cursos como “Princípios de teoria literária para tradutores”, ministrado ao longo de 2022; encontros como “Transfluências: saberes ancestrais em vozes femininas” – ciclo de conversas sobre intervenções

femininas em defesa dos direitos indígenas realizado em dezembro de 2022 –, “Notas em carrossel | 100 anos do rádio no Brasil” e “Encontros Peripatéticos”; debates e mostras como o “Ciclo de cinema brasileiro: cinema, política e ditadura no Brasil” e a “7ª Mostra Futuro do Cinema Brasileiro”. Todos apenas exemplos da farta e diversa programação ofertada pela Casa.

A **Casa Mário de Andrade** possui o Centro de Pesquisa e Referência Mário de Andrade, que promove produções teatrais baseadas em adaptações da obra do escritor e atua diretamente na estratégia de programação cultural e exposições da Casa. O Centro promove, por exemplo, o programa formativo “Patrimônio, memória e gestão cultural”, com cursos como “Gestão do patrimônio cultural” e “Patrimônio cultural: aspectos históricos e teóricos”, que são divididos em módulos ao longo do ano. A Casa conta também com um núcleo educativo que desenvolve visitas e atividades temáticas, a exemplo da visita temática “Mário & Alphonsus revisitados” realizada em parceria com o museu Casa Alphonsus de Guimaraens pela rede social Instagram dos museus. Entre maio de 2015 e setembro de 2022, a Casa Mário de Andrade apresentou a exposição de longa duração “Morada do coração perdido”, uma homenagem aos 70 anos da morte de Mário de Andrade.

A **Casa das Rosas** dispõe do Centro de Referência Haroldo de Campos, que realiza uma gama variada de programação, cursos, oficinas, apresentações, além de fomentar projetos de pesquisa e de tradução com vínculo acadêmico ou editorial. O Centro de Apoio ao Escritor (CAE), contribui para a formação de escritores oferecendo ampla programação gratuita presencial e virtual com temáticas que abrangem a escrita criativa, crítica e editorial, mediação de leitura e pesquisa. O núcleo educativo oferece visitas agendadas e espontâneas, como também atividades de formação e experimentação. Há cursos e palestras-recitais como “Sincronia e anacronismo em Haroldo de Campos” e “Poesia italiana: Haroldo tradutor de poetas e poeta traduzido”; e o “Curso Livre de Preparação de Escritores” (Clipe) – na versão para adultos, com uma programação anual dividida em módulos, e uma versão para jovens, com programação semestral e exposições temporárias no jardim. Todos apenas uma pequena amostra do que o museu faz, do que acontece mesmo com a casa fechada para reforma.

A **ampla programação das Casas evidencia a potência das temáticas** em torno da literatura e da vida e obra dos escritores de referência.

Os núcleos e centros de cada Casa servem como promotores dessas atividades e há áreas compartilhadas que atendem os três museus – a própria direção, a coordenação administrativa, a área de museologia e duas coordenações gerais: educativo e de programação cultural. Com isso, a Rede de Museus-Casas Literários busca

desenvolver os programas de modo colaborativo e trabalhar as relações conceituais e temáticas das Casas. Trata-se, contudo, de uma **programação bastante especializada**, aparentemente mais voltada a públicos interessados, ou especialistas em temáticas específicas, do que a um público geral.

O conhecimento do público sobre os museus-casa e suas programações

Para entender como o público atingido pelo questionário percebe a programação e os serviços ofertados, a experiência nos museus-casa foi um dos temas das perguntas. Primeiro

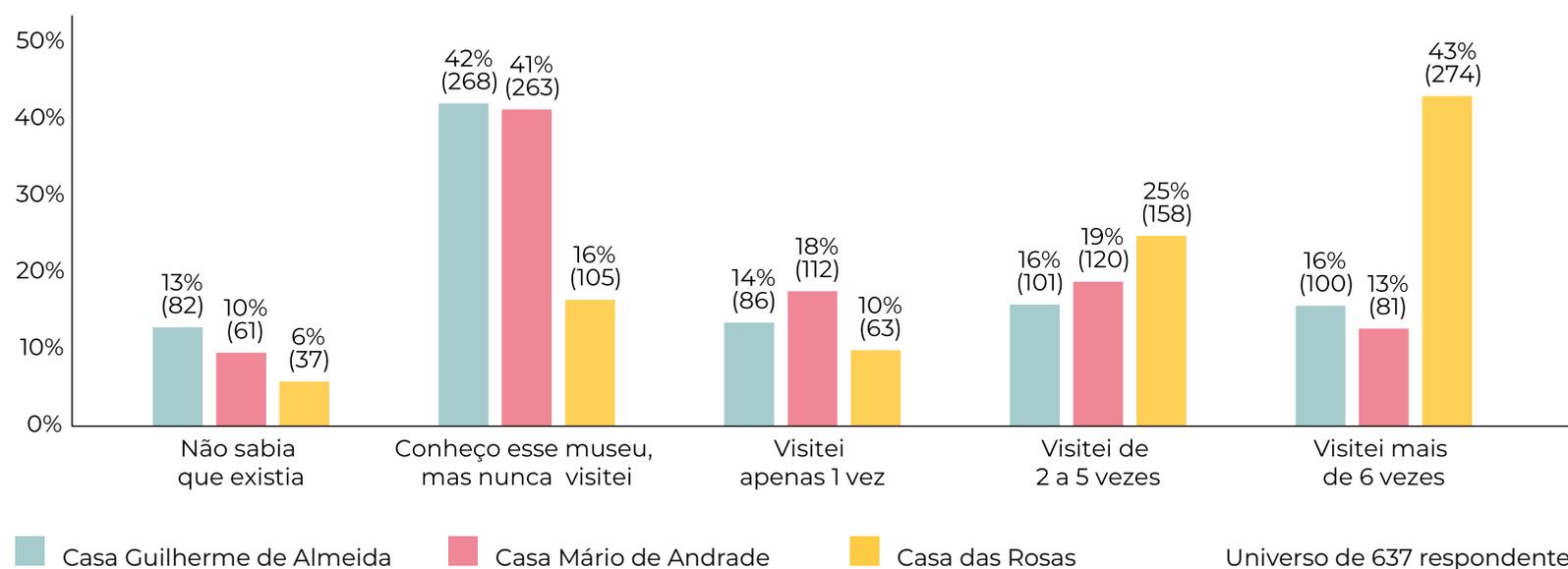
foi preciso conhecer o grau de conhecimento do público respondente sobre os museus: se sabiam que o museu existe, se nunca tinham visitado, mas conheciam o museu, e para aqueles que já conheciam, com qual frequência visitaram presencialmente os museus.

Para analisar as respostas recebidas, é preciso ter em vista que a Casa Mário de Andrade se encontra fechada desde setembro de 2022, e que a Casa das Rosas, desde setembro de 2020, funciona apenas com os jardins, orquidário e café disponíveis para atividades com o público¹³. Além disso, é preciso

¹³ Como já informado, os setores e as atividades de ambas as Casas foram deslocados temporariamente para o Anexo da Casa Guilherme de Almeida, no bairro de Perdizes.

Você já visitou PRESENCIALMENTE algum dos três Museus-Casas Literários listados abaixo?

(Exposição, atividade, evento etc)



levar em consideração a **pandemia de covid-19**, que teve impacto na programação e no fechamento ao público das três Casas nos três últimos anos. Segundo a pesquisa “Hábitos culturais III – 2022”, realizada pelo Itaú Cultural e pelo Datafolha, 62% dos 1.970 entrevistados passaram a realizar atividades culturais e de lazer com menor frequência após o período de pandemia.

Não é de estranhar, portanto, que a maioria dos respondentes confirmou que **nunca visitou presencialmente a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade, 55% e 51% respectivamente**; sendo que 13% e 10% não sabem que os museus existiam. Em relação à **Casa das Rosas**, a maioria dos respondentes já visitou mais

de duas vezes (68%), sendo que 43% destes mais de seis vezes, o que parece revelar uma estreita relação com a Casa, ainda mais considerando que 53% destes frequentadores realizaram visitas no ano de 2022. A localização privilegiada da Casa das Rosas, na Avenida Paulista, em comparação aos outros dois museus, pode ser um fator determinante para essa ocorrência.

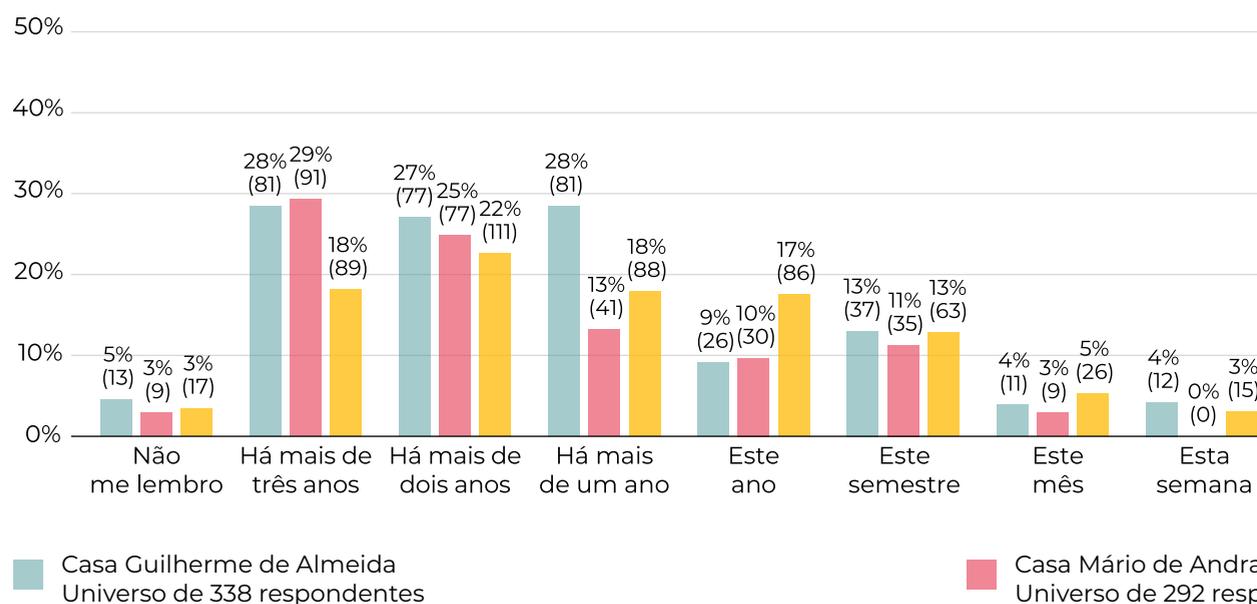
De modo geral, a maior concentração de visitas realizadas nas três Casas foi há mais de um ano, com números expressivos para a Casa Guilherme de Almeida, com 83%; e para a Casa Mário de Andrade, com 67%. Apesar de um número significativo de pessoas não ter realizado visitas presenciais, é notável que **a maior parte dos**

respondentes afirma conhecer os museus.

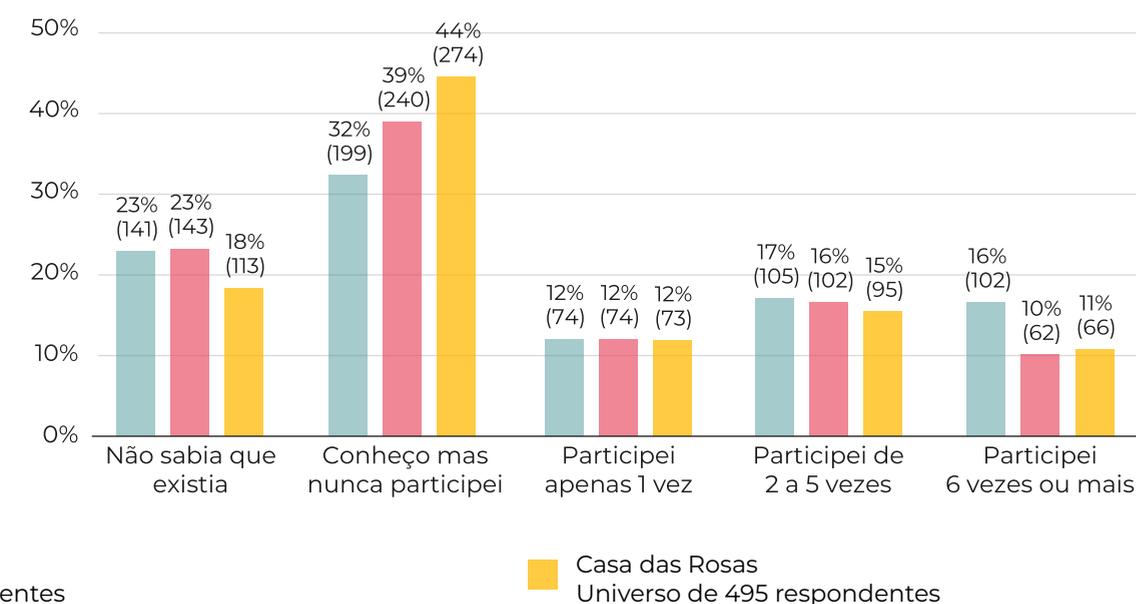
Quanto à Casa das Rosas, apesar de estar fechada para restauração há mais de dois anos, os números de visitação estão mais bem distribuídos ao longo do tempo, sendo que 38% contaram que a última visita foi em 2022.

Quando questionados sobre o motivo de ainda não terem visitado presencialmente os museus-casa, os respondentes apontaram como **maior impedimento a localização ou a distância em relação às suas residências e locais de trabalho** (55% para a Casa Guilherme de Almeida, 51% para a Casa Mário de Andrade e 79% para a Casa das Rosas), **seguido pela falta de tempo** para realizar as visitas (25% para a Casa Guilherme

Quando foi sua última visita presencial à...



Você já participou VIRTUALMENTE de alguma atividade nos Museus-Casas Literários de São Paulo?



de Almeida; e 27% para a Casa Mário de Andrade e para a Casa das Rosas). Os demais motivos elencados receberam menos de 10% das respostas.

O mesmo se aplica às ações virtuais dos museus-casa, a maioria dos respondentes nunca participou das atividades virtuais promovidas pelos museus: na Casa Guilherme de Almeida 55% afirmaram isso, sendo que 23% desses 55% não sabiam que existiam atividades virtuais no museu; na Casa Mário de Andrade 62% nunca participaram de atividades virtuais, e entre eles 23% não sabiam que elas existiam; na Casa das Rosas 62% nunca participaram das atividades, e 18% deles não sabiam que elas existiam. Ainda assim, é significativo o número de respondentes que participaram ao menos uma vez das atividades virtuais: 45% na Casa Guilherme de Almeida, 38% na Casa Mário de Andrade e 38% na Casa das Rosas.

A maioria dos respondentes que nunca visitou presencialmente os museus-casa também nunca participou virtualmente das ações promovidas pelos museus. Na Casa Guilherme de Almeida, por exemplo, **dentre o recorte de 52% (334) respondentes que ainda não visitaram presencialmente a casa**, 69% (231) também nunca participaram das atividades virtuais oferecidas, e 35% (118) nem ao menos sabiam que as atividades em meio digital existiam. Na Casa Mário de Andrade dos 48% (308) respondentes que nunca visitaram a Casa, 70% (216) também nunca participaram das ações virtuais. O mesmo ocorreu com a Casa das Rosas, em que

dos 20% (126) de respondentes que ainda não visitaram presencialmente, 74% (93) também não participaram das atividades virtuais promovidas pela Casa.

Considerando o universo total de 637 respondentes, 36% (231) nunca visitaram presencialmente a Casa Guilherme de Almeida nem participaram das atividades virtuais promovidas; 34% (216) estão na mesma situação com relação à Casa Mário de Andrade; e 20% (126) em relação à Casa das Rosas.

Apesar de uma parte significativa dos respondentes não ter participado de atividades virtuais dos museus, surgiram muitas respostas às questões abertas pedindo pela continuidade e expansão das ações virtuais. Os participantes destacaram a importância dessas ações, alguns por não residirem na cidade de São Paulo ou, entre os que residem na capital, por enfrentarem alguma dificuldade para o acesso presencial às Casas. Os depoimentos abaixo exemplificam a importância de ações virtuais para a democratização do acesso aos museus.

Gostaria que continuassem a disponibilizar cursos gratuitos na versão on-line para quem, como eu, mora fora de São Paulo. Durante a pandemia, pude finalmente cursar um deles e achei que eles fossem continuar. Por favor, pensem em quem não pode ir a São Paulo estudar! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já participou de atividade virtual da Casa Guilherme de Almeida uma vez.]

Como moro longe de São Paulo, as atividades virtuais têm me auxiliado muito para aprender e adquirir maiores conhecimentos sobre nossa história. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade de duas e cinco vezes.]

Como não sou tão jovem, e não dirijo, tenho dificuldade de frequentar cursos e palestras à noite no local. Se tivesse a opção de assistir via internet, no dia, ou se ficasse gravado no acervo digital, adoraria. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

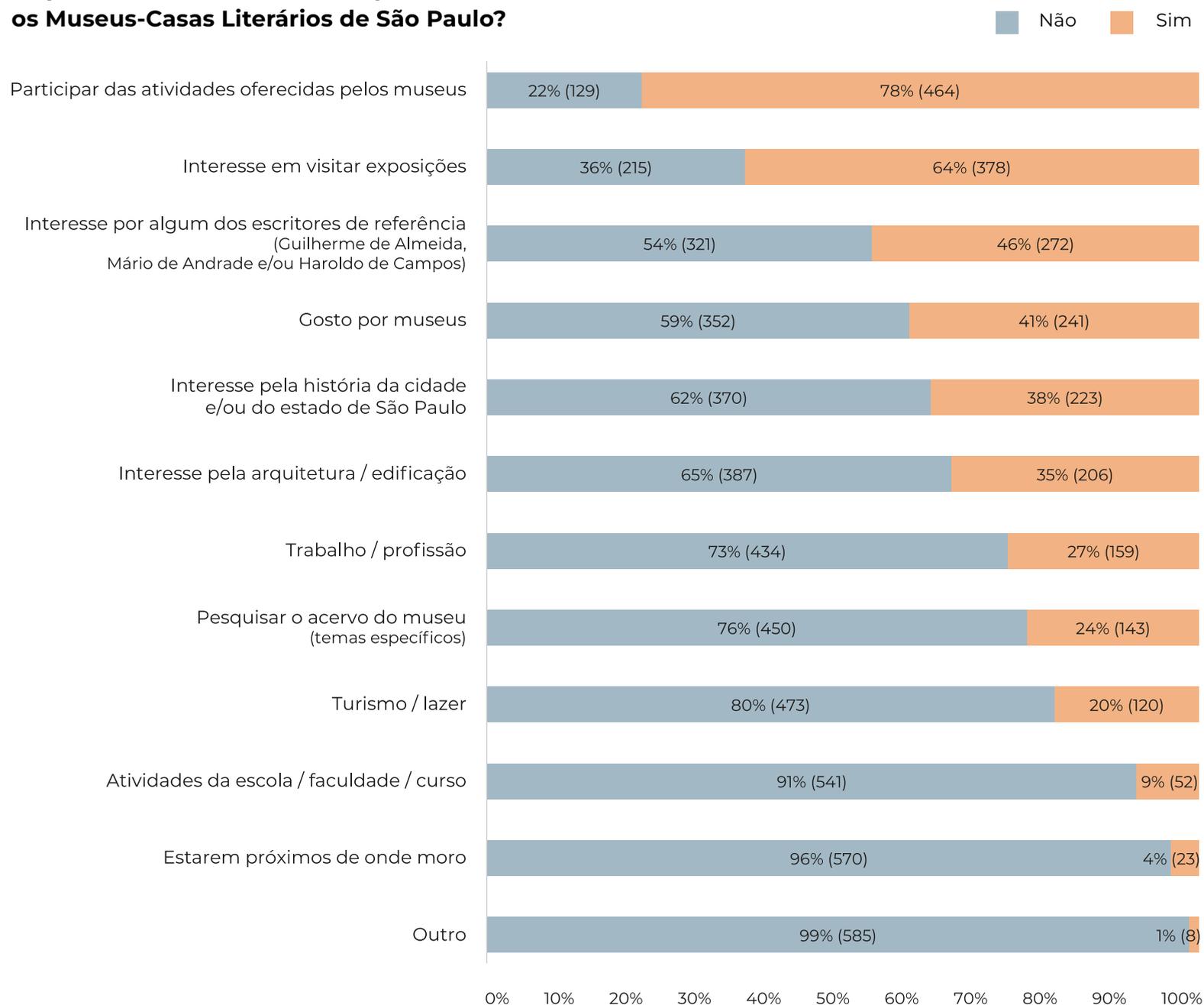
Ressalto que tudo o que pude assistir da Casa Mário de Andrade em muito enriqueceu meu intelecto. Não posso ir até a Casa, devido a distância. Mas gostaria muito que a Casa (as três) pudessem chegar até mim virtualmente. Muito obrigada por querer saber. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas e cinco vezes.]



Em relação às motivações específicas para visitar os museus-casa literários de São Paulo, a **participação em atividades** oferecidas aparece como prioridade, com 78%, seguida pelo **interesse em visitar exposições**, com 64%. Levando em consideração o fato de as exposições serem grandes atrativos que levam os públicos aos museus, esses percentuais podem talvez indicar que **um diferencial dos museus-casas literários são suas programações e atividades temáticas**.

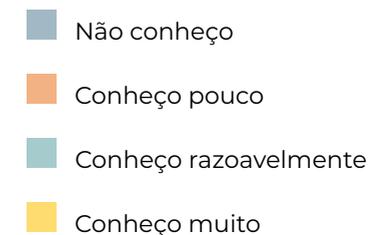
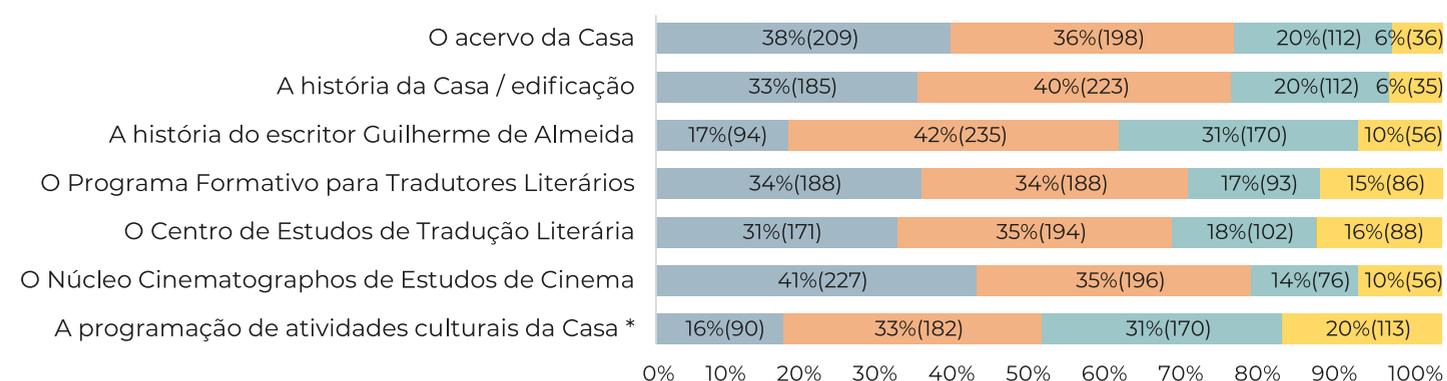
Como parte das provocações propostas pelo questionário, buscou-se mapear o **conhecimento específico do público** em relação a programações, núcleos, centros de estudo e à própria história dos museus-casa e de seus escritores de referência. Como é possível observar nos gráficos dedicados à cada Casa, na próxima página, grande parte dos respondentes diz conhecer, mesmo que pouco, os programas e a história dos escritores e das Casas.

O que mais te motiva a visitar presencialmente ou virtualmente os Museus-Casas Literários de São Paulo?



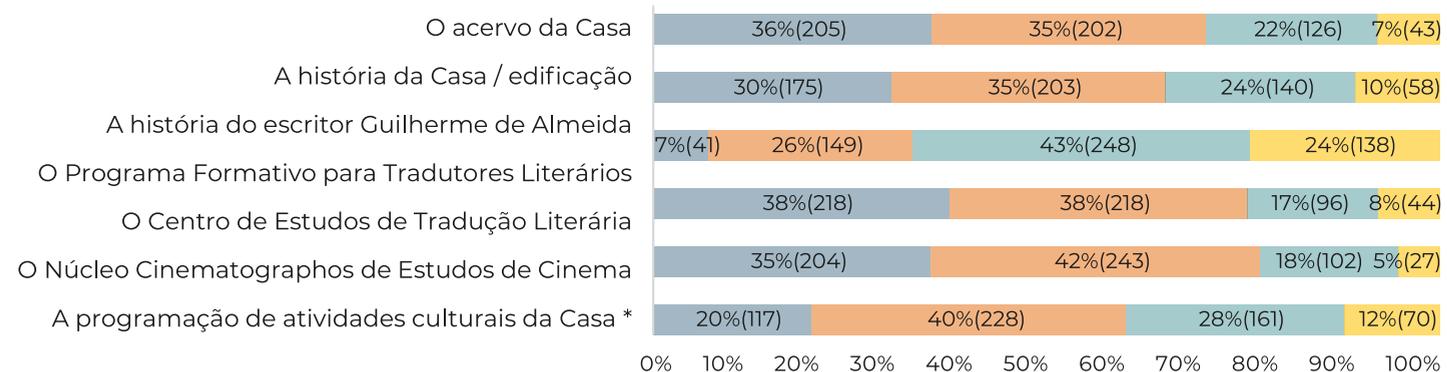
Universo de 593 respondentes

Considerando a Casa Guilherme de Almeida, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



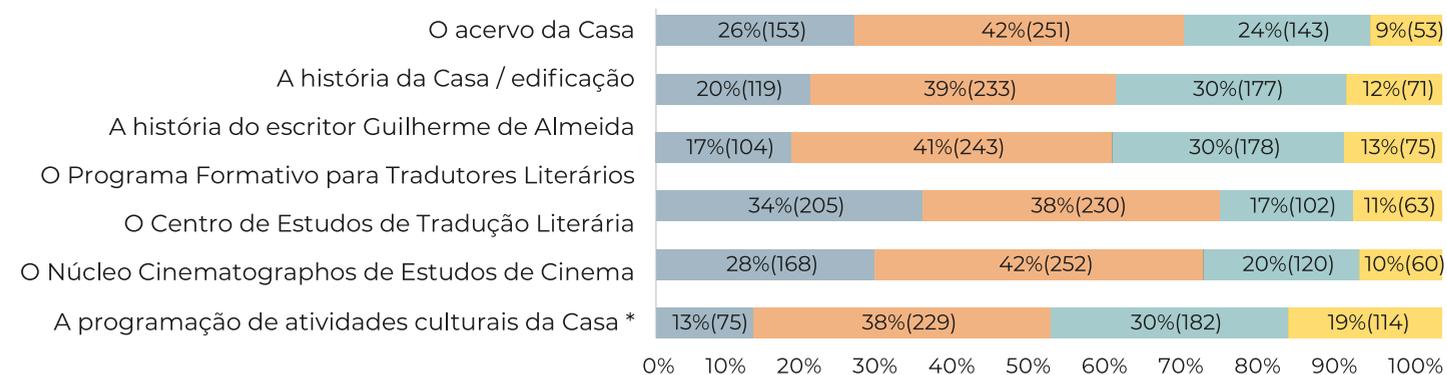
Universo de 555 respondentes
(os respondentes que não sabiam que a Casa Guilherme de Almeida existia não responderam à questão).

Considerando a Casa Mário de Andrade, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



Universo de 576 respondentes
(os respondentes que não sabiam que a Casa Guilherme de Almeida existia não responderam à questão).

Considerando a Casa das Rosas, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



Universo de 600 respondentes
(os respondentes que não sabiam que a Casa Mário de Andrade existia não responderam à questão).

* (visitação, atividades educativas, cursos, palestras, oficinas etc)

Considerando o conhecimento sobre a programação, respondentes do questionário e participantes das rodas avaliaram que a **divulgação das três Casas poderia ser melhorada** – mesmo os membros do COA manifestaram que nem sempre sabem sobre as atividades promovidas. Além disso, reforçando a análise sobre a fragilidade da Rede, apontaram a necessidade de **melhorar a divulgação conjunta, enquanto Rede** e não individualizada de cada museu, como é feito atualmente.

Nós, que somos os conselheiros, não temos essa informação e é importante que a gente tenha essa informação. Então, dentro dessa programação, deve haver divulgação. Gente, não há divulgação. Na universidade, tem que ser enviado ao diretor, por exemplo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, mas também às universidades particulares, a informação do que está ocorrendo nas Casas, para que os alunos universitários venham assistir aos eventos, porque está fazendo falta esse evento... essa participação presencial. [...] Vou dar um exemplo: o próprio Marcelo Tápia [diretor] me informou que na última reunião da qual ele participou apresentando um texto dele, havia parece que 39 inscritos on-line e não tinha ninguém presencial. Quer dizer, isso não pode acontecer. Então, que sejam selecionados eventos de interesse não apenas universitários, mas – aqui vem a novidade – dos estudantes do Ensino Médio. [...] Então devia ser feita uma divulgação junto aos diretores da rede de colégios próximos a cada Casa. Quais são os colégios próximo à [Avenida] Paulista, aqui a zona de Perdizes e à São

*João? Para [permitir] que os diretores das escolas, tanto particulares como públicas, sejam informados e informem seus alunos. **Aurora Fornoni Bernardini***

*Não sei, eu acho que em termos de divulgação, eu até vejo nas redes sociais, e tudo. Mas as divulgações sempre vêm individuais, ou é da Casa Mário, ou da Guilherme de Almeida ou da Casa das Rosas, né? Por que não divulgar como a Rede das Casas literárias? Quer dizer, divulgar isso em conjunto eu acho que poderia ter um impacto grande, e também de se promoverem atividades, enfim, relacionadas entre as várias Casas. **Paulo de Freitas Costa***

O trabalho realizado com as Casas, os cursos são excelentes. Creio que um trabalho mais abrangente no que tange à divulgação dos espaços seria importante. Muita gente nem sabe que as Casas existem, principalmente a Mário de Andrade e a Guilherme de Almeida. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Acho que destacaria a questão da divulgação e comunicação como uma das principais medidas a serem tomadas em relação às três Casas. Conheço e frequentei muito a Casa das Rosas, sobretudo antes da pandemia (faz tempo que não vou lá, e vi que está em restauro) por ela estar na Avenida Paulista, pela avenida ficar livre aos domingos para as pessoas andarem, então se torna um lugar ótimo para visitar. A Casa Guilherme de Almeida me chamou a atenção por conta da

placa na Avenida Dr. Arnaldo, tentei acho que umas duas vezes, mas já estava fechando no final do domingo. A Casa Mário de Andrade apenas ouvi falar uma vez. Acho que a divulgação desses espaços precisava ser mais incisiva, massiva, junto com as informações de horários e como chegar, destacando linhas de metrô/trem e ônibus, por exemplo. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Gostaria que as três Casas tivessem mais divulgação, repercussão na mídia e participação maior no mercado editorial e em parcerias com outros equipamentos culturais da cidade e do estado. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Saber melhor o que acontece na Casa. Não sei se não tenho acesso às mídias da Casa das Rosas, ou se as mídias mesmo que não têm muito alcance e acabam não chegando na minha bolha, mas eu nunca sei o que tá acontecendo na Casa das Rosas. Vejo a newsletter algumas vezes, mas o layout é antigo e difícil de ler/prestar atenção numa caixa de e-mail que já tem outros mil e um conteúdos. O curso que já fiz e as exposições que já visitei foram indicação de amigos bem pontualmente. De resto, não sei bem nada do que acontece. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

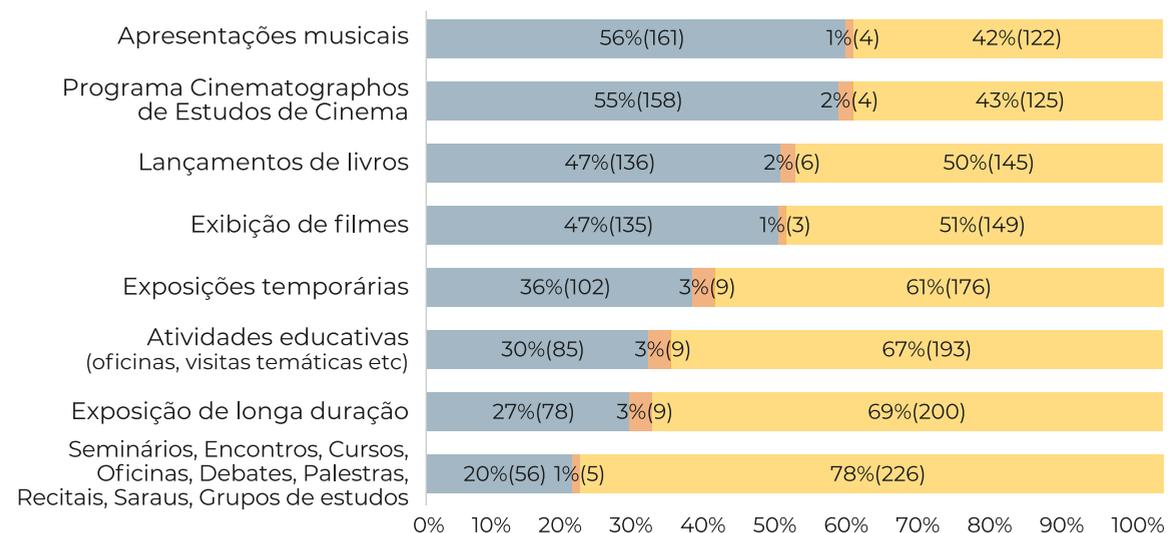
Que os espaços sejam mais multifuncionais, atraindo diversas atividades e, conseqüentemente, diversos públicos, por meio de ampla interatividade, divulgação em redes sociais e mídias convencionais e acessibilidade geral. Espero que os espaços sejam cada vez mais incorporados no cotidiano paulista, figurando como marco das possibilidades de entretenimento, cultura, lazer e até consumo, na cidade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Avaliação da programação dos museus

O questionário permitiu também que o público avaliasse a atuação das Casas. Com base em uma escala de satisfação sobre a experiência de visitação e/ou participação presencial nas atividades promovidas por cada Casa, foi possível gerar um panorama da avaliação do público. As perguntas avaliativas não foram feitas para todos os respondentes, mas apenas para aqueles que visitaram e/ou participaram pelo menos uma vez das exposições e atividades.

Em rela o   Casa Guilherme de Almeida, as atividades e os programas presenciais foram bem avaliados, com destaque para os cursos, encontros, seminários e oficinas (78%) e as exposições de longa duração e temporárias, com 69% e 61% de satisfação respectivamente. Há, contudo, atividades aparentemente mais desconhecidas, sobre as quais mais da metade dos respondentes não emitiu juízo de valor por não saber responder: apresentações musicais (56%) e Programa Cinematographos de Estudos de Cinema (55%) tiveram os percentuais mais altos de desconhecimento.

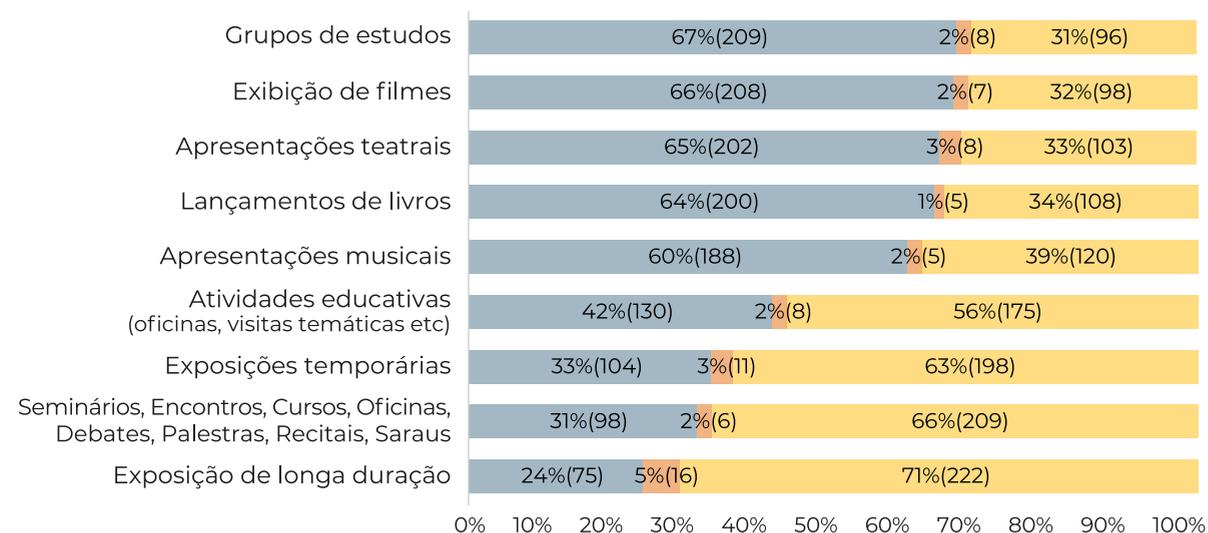
Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação PRESENCIAL na Casa Guilherme de Almeida nas atividades listadas a seguir?



Universo de 287 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação PRESENCIAL na Casa Mário de Andrade nas atividades listadas a seguir?



Universo de 313 respondentes

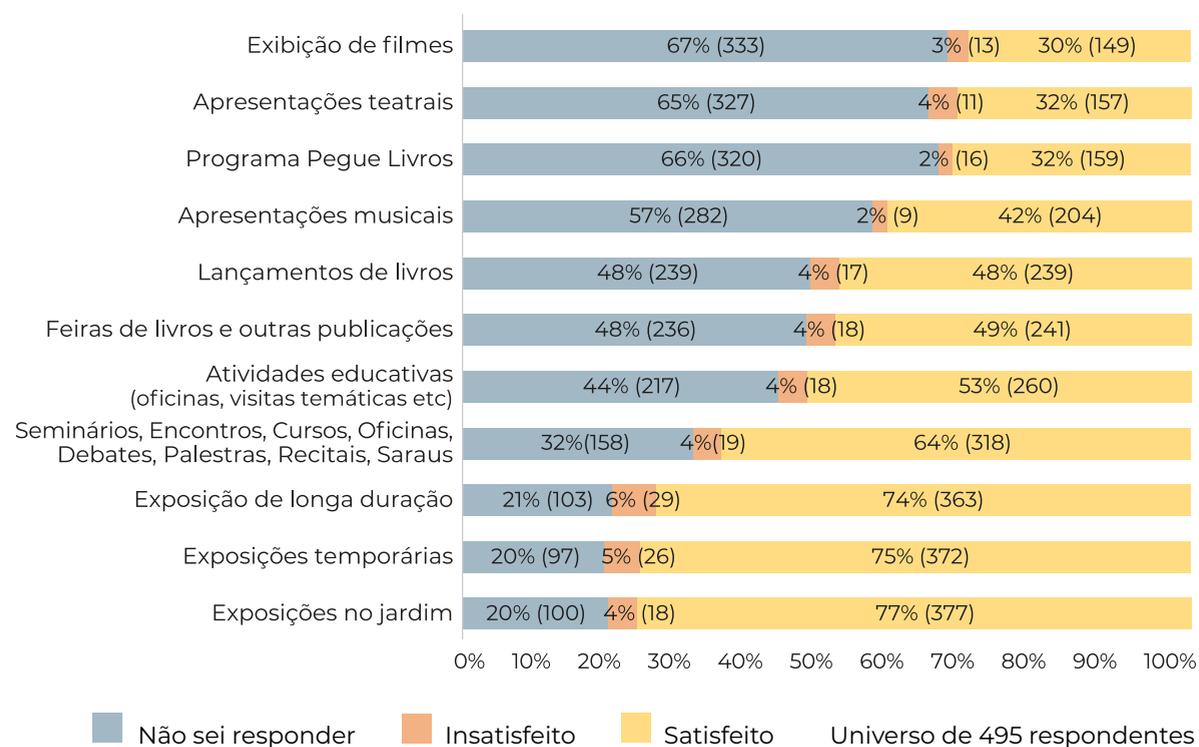
Na **Casa Mário de Andrade**, 71% dos respondentes se dizem satisfeitos quanto à exposição de longa duração, e 63% em relação às exposições temporárias. O fechamento desde setembro de 2022 não influenciou as respostas, uma vez que a maioria dos visitantes havia realizado a visita e/ou participação há mais de um ano. **A Casa também foi bem avaliada no que se refere ao desenvolvimento de atividades e programas presenciais**, tais como cursos, seminários e oficinas, tendo recebido 66% de satisfação. Algumas das atividades, contudo, também tiveram

alto percentual da alternativa “Não sei responder”: grupos de estudo (67%), exibição de filmes (66%), apresentações teatrais (65%), lançamento de livros (64%) e apresentações musicais (60%) tiveram as maiores ocorrências.

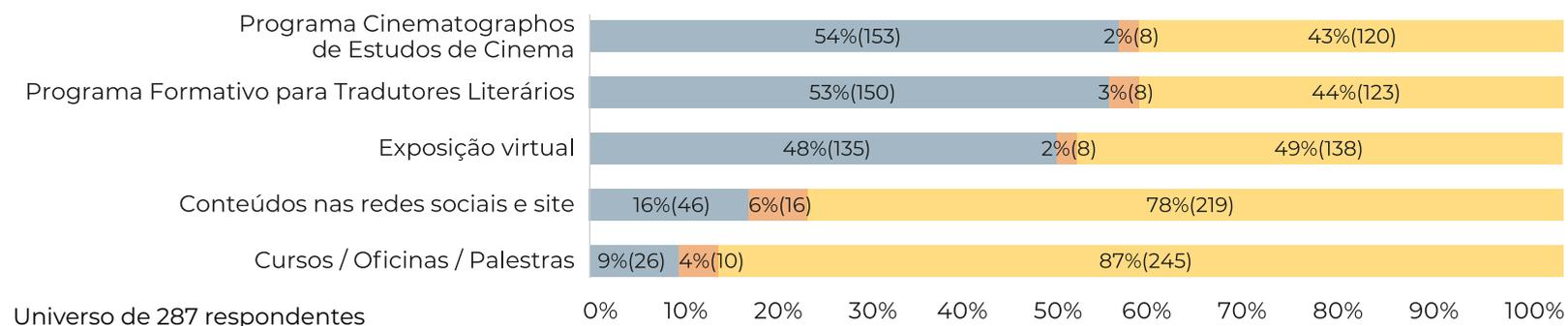
A **Casa das Rosas** está fechada para obras de restauro desde setembro de 2020, portanto, sem exposição de longa duração ou temporárias dentro da Casa há mais de dois anos. Apesar disso, os respondentes avaliaram bem as exposições de longa duração e temporárias que visitaram em

algum momento, com 75% e 74% respectivamente. O **destaque fica para 77% de satisfação em relação às exposições realizadas no jardim da Casa das Rosas**. Também foram bem avaliados atividades, cursos e ações educativas oferecidas (64%). Como nas outras duas Casas, o percentual da alternativa “Não sei responder” foi alto para algumas atividades: exibição de filmes (67%), programa Pegue Livro (65%), apresentações teatrais (66%) e apresentações musicais (57%) foram as ocorrências clicadas por mais da metade das pessoas.

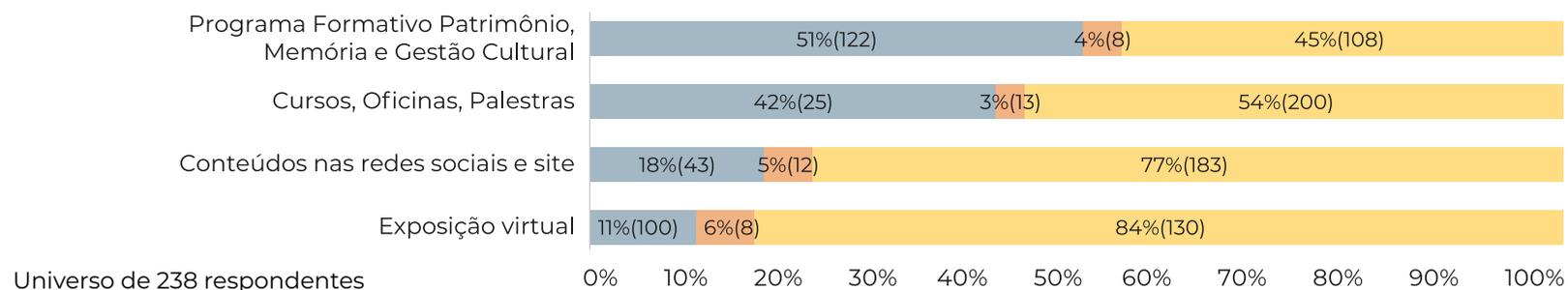
Como você avalia sua experiência de visita e/ou participação PRESENCIAL na Casa das Rosas nas atividades listadas a seguir?



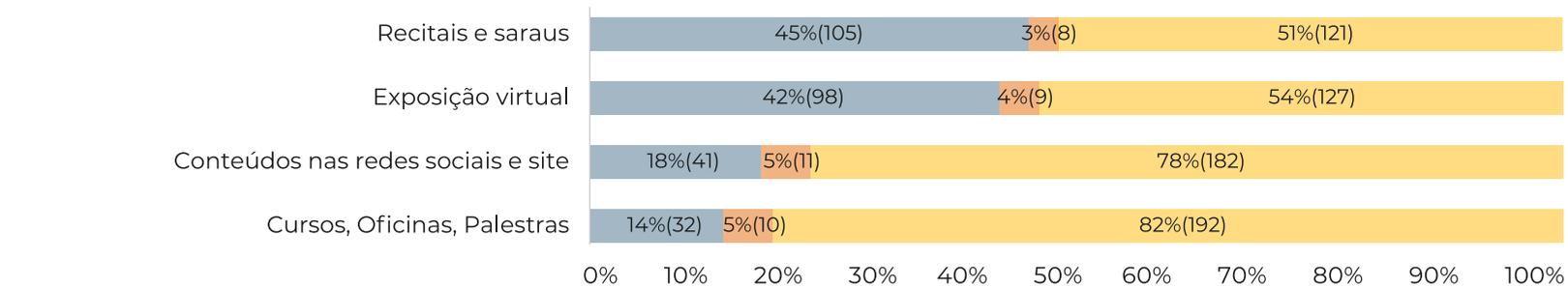
Como você avalia a sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa Guilherme de Almeida nas atividades listadas a seguir?



Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa Mário de Andrade nas atividades listadas a seguir?



Como você avalia a sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa das Rosas nas atividades listadas a seguir?



Universo de 234 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

As ações promovidas pelos museus em **meio virtual** também foram avaliadas. A satisfação dos respondentes se manifesta principalmente em relação a cursos, oficinas e palestras.

A satisfação com as atividades foi reforçada em comentários positivos sobre as ações virtuais, acompanhados dos motivos pela preferência pelo virtual (por exemplo, localização e oferta de transporte ruins; pouco acesso a atividades culturais no interior).

Agradecer as atividades on-line porque são muito importantes para nós que estamos no interior do Brasil e não temos acesso a atividades culturais e formativas com a qualidade e curadoria dos museus-casa. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa das Rosas de duas a cinco vezes.]

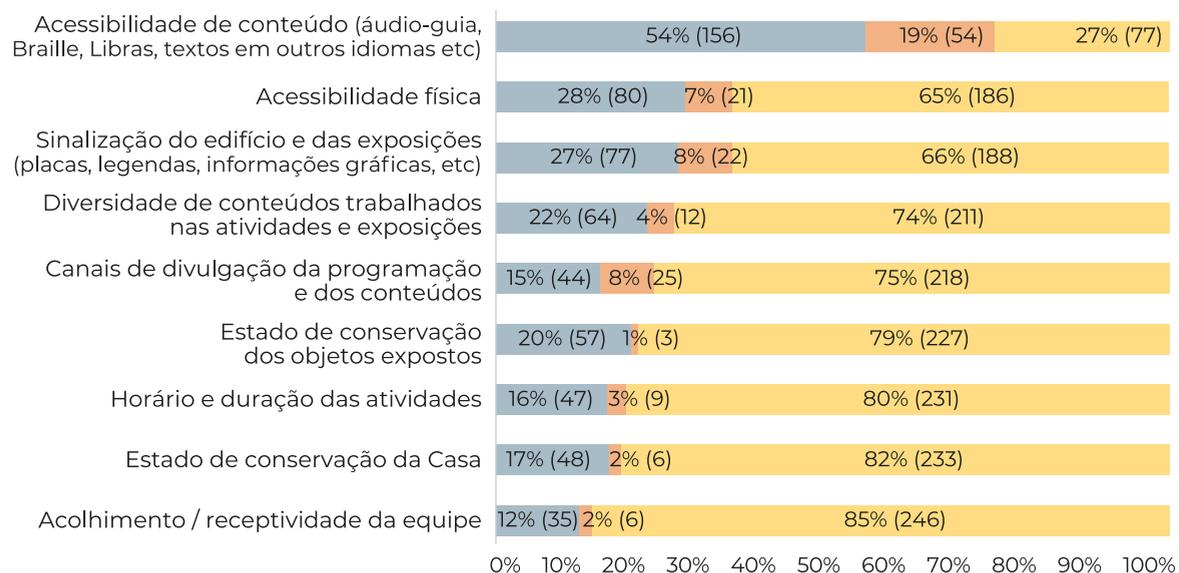
Avaliação dos serviços e da infraestrutura dos museus-casa

O nível de satisfação dos respondentes em relação aos serviços e à infraestrutura de cada museu também foi alvo do diagnóstico. Essa pergunta foi feita **somente para quem visitou ou participou presencialmente de exposições e atividades em 2022** (“este ano”). Como as condições de infraestrutura e de serviços prestados estão em constante melhoria e atualização, a data da última visita é uma variável importante para qualificar e tornar mais fidedignas as respostas.

Na **Casa Guilherme de Almeida** o nível de satisfação foi alto em praticamente todos os itens, com destaque para o acolhimento e a receptividade da equipe (85%), o estado de conservação da casa (82%) e o horário e duração das atividades (80%). No entanto, nota-se uma insatisfação dos respondentes (19%) em relação à acessibilidade de conteúdo (áudio-guia, Braille, Libras, textos em outros idiomas etc.). Os itens sobre os quais os respondentes manifestaram maior insatisfação foram: a sinalização do edifício e das exposições (8%), os canais de divulgação (8%) e a acessibilidade física (7%).

A **Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas** tiveram na maioria dos casos a avaliação dos serviços e da infraestrutura classificada como satisfatória. A maior insatisfação dos respondentes se manifestou em relação aos canais de divulgação de programação e conteúdo das casas (14% e 13% respectivamente), o que de algum modo é corroborado com o dado de o menor índice de satisfação (37%) ser acessibilidade de conteúdo em ambas as Casas.

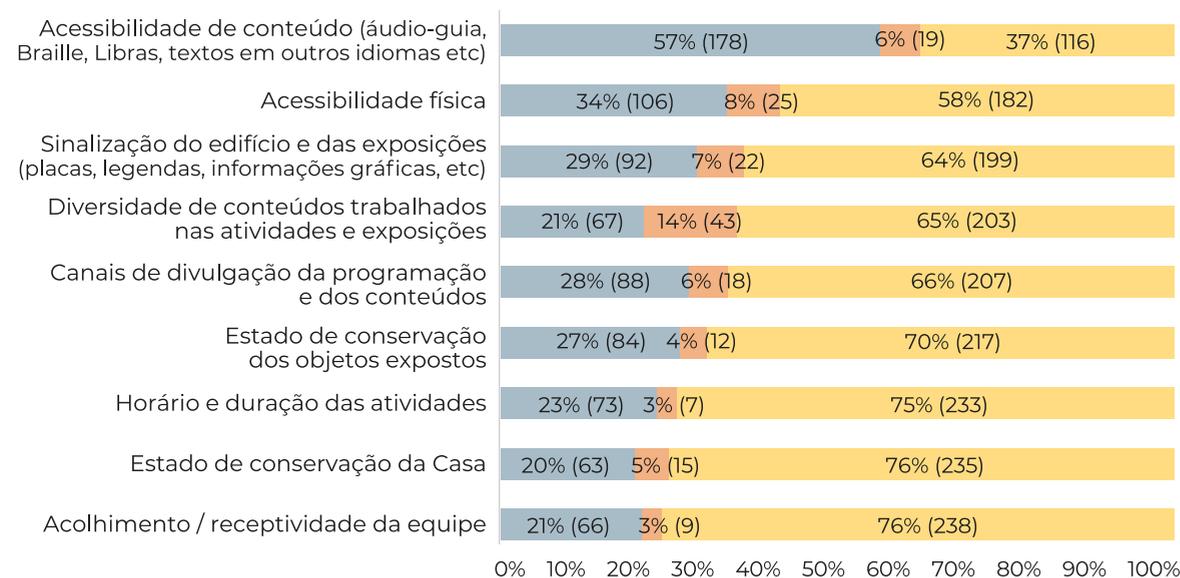
Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa Guilherme de Almeida?



Universo de 287 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa Mário de Andrade?



Universo de 313 respondentes

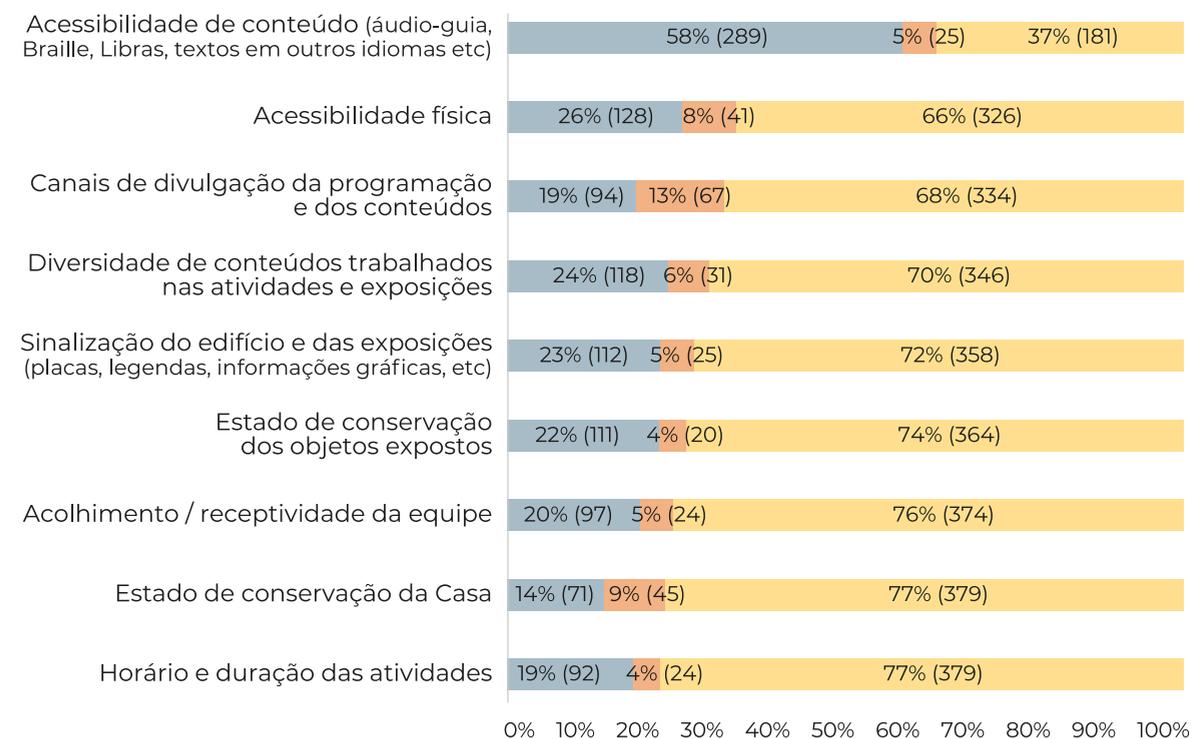
Quando perguntados sobre os possíveis **motivos para não participar das atividades** oferecidas pelas Casas, os respondentes apontaram como maior dificuldade a **falta de vagas** para as atividades com vagas limitadas (47%), a **localização** e a distância dos museus em relação a residência e ao local de trabalho (40%), a **falta de informações sobre as programações** (30%) e o **horário de funcionamento** das Casas (29%). Apesar de em menor quantidade, é importante ressaltar o

número de pessoas que apontaram as dificuldades de acesso, seja físico, digital ou de conteúdo, bem como aqueles que enfrentaram algum tipo de preconceito ou constrangimento ao frequentar os museus-casa. É possível constatar que os maiores problemas apontados pelos respondentes dizem respeito ao acesso de modo geral.

Apenas como referência vale citar que a pesquisa “Cultura nas capitais” (2014), realizada pela JLeiva

com o universo de 7.334 participantes, apontou as principais razões pelas quais os participantes não visitam espaços expositivos: 33% devido a falta de tempo, 29% por não gostar, 22% por motivos econômicos e 6% por ser longe (essa pergunta era feita apenas para aqueles que responderam não ter visitado espaços expositivos no ano que antecedeu à pesquisa).

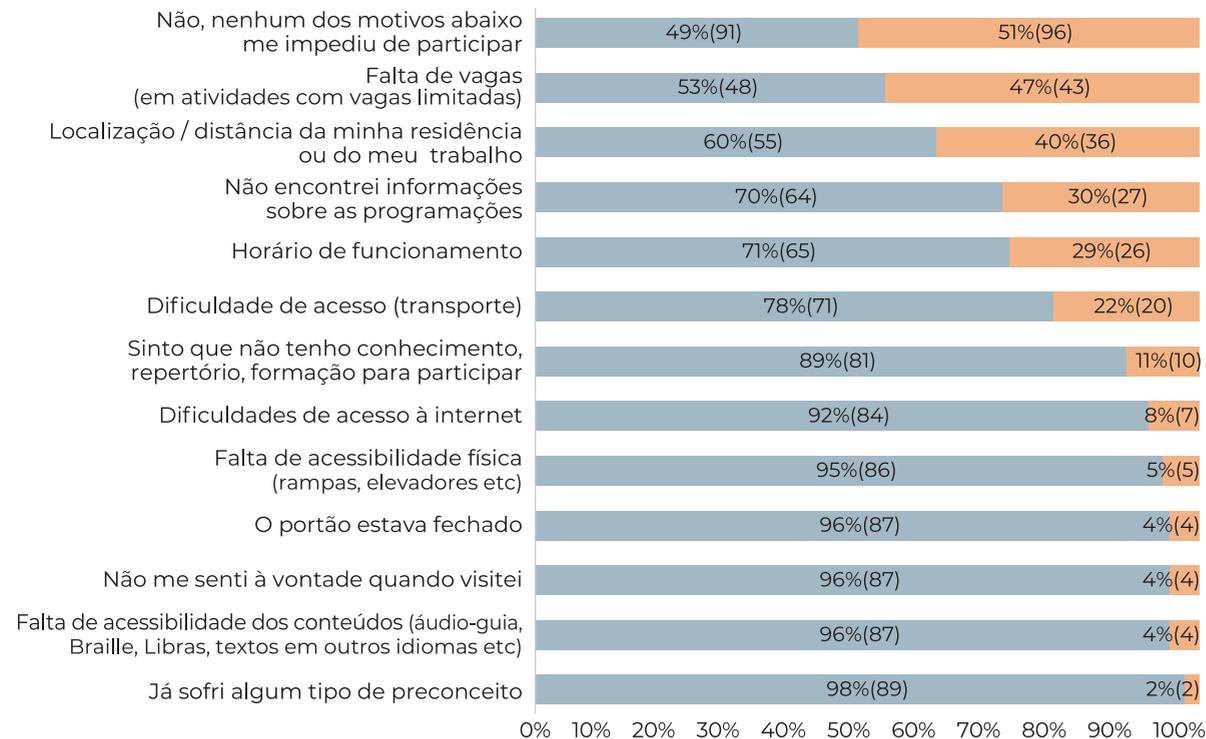
Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa das Rosas?



Universo de 495 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Você já deixou de participar de atividades em alguma das casas por algum dos motivos listados abaixo?



Universo é de 187 respondentes, sendo que dentre esses 91 já deixaram de visitar o museu por algum dos motivos listados.

■ Não ■ Sim

O quanto o público recomenda os museus e outros aspectos sobre a vocação dos museus-casa

O questionário incluiu, apenas para aqueles que indicaram ter visitado os museus-casa, a pergunta “Em uma escala de 0 a 10, o quanto você recomendaria para outras pessoas a visita aos museus-casa literários de São Paulo?”. Essa questão se baseia na metodologia Net Promoter Score (NPS), comumente usada em pesquisas

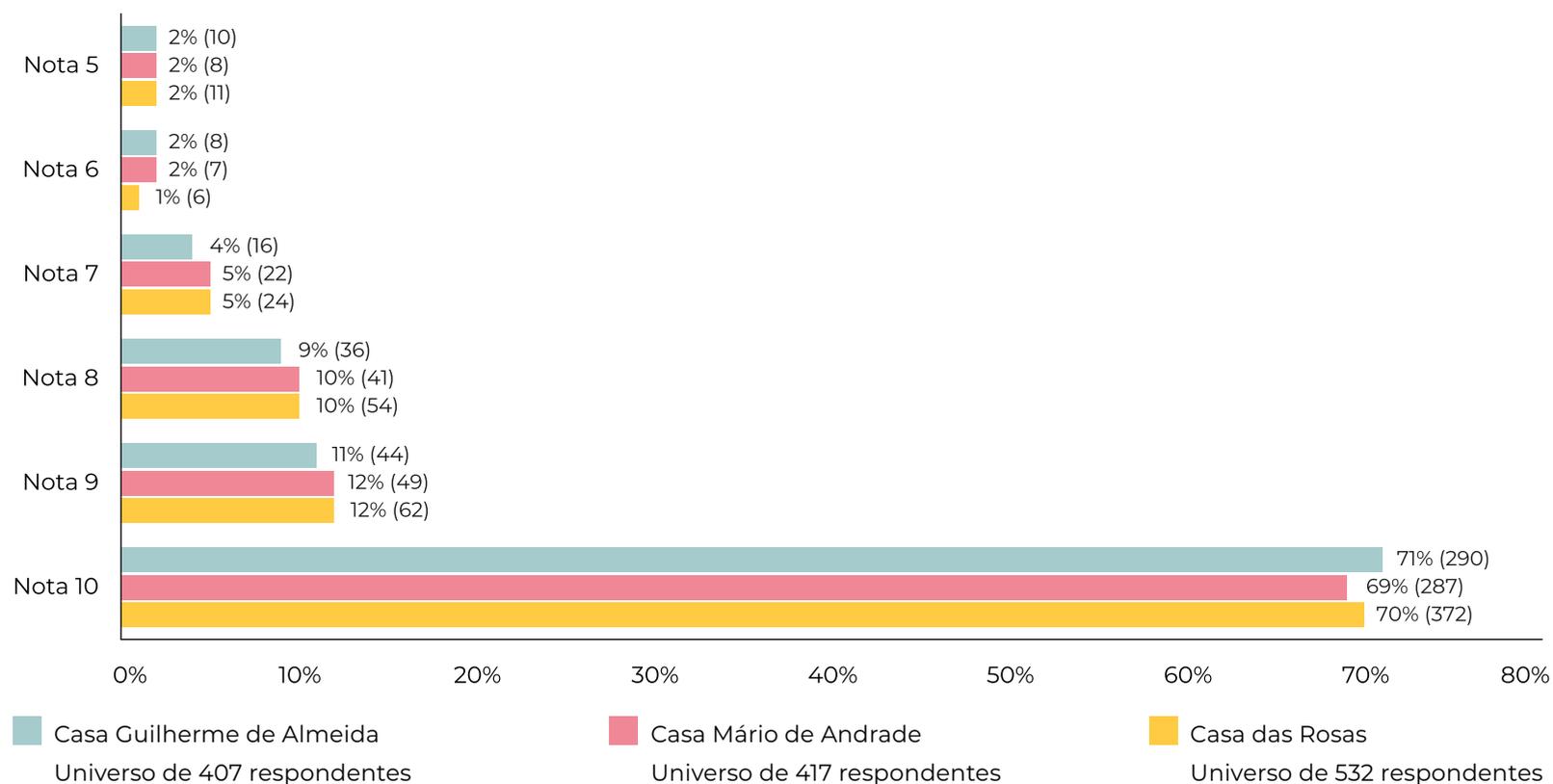
de mercado para avaliar fidelidade e satisfação, e foi transposta para a realidade dos museus-casa literários com o objetivo de medir por uma mesma régua a visão dos respondentes sobre os museus. De acordo com a métrica NPS, os respondentes são classificados entre potenciais detratores (aqueles que dão notas de 0 a 6), neutros (aqueles que dão notas entre 7 e 8) e potenciais promotores (aqueles cujas chances de recomendar a iniciativa estão entre 9 e 10). Os detratores são pessoas com algum grau de insatisfação e que, potencialmente, podem

falar mal da iniciativa, enquanto promotores são aqueles que estão satisfeitos e que, potencialmente, podem defender e falar bem da iniciativa.

Conforme os resultados da pesquisa, a maioria dos participantes pode ser classificada como promotores, tendo **as respostas com notas 10 chegado a aproximadamente 70% nas três Casas**. Como possíveis detratores estão apenas 4% dos respondentes e como neutros aproximadamente 15% dos respondentes para os três museus. Por essas notas, o índice geral de NPS dos museus-casa literários é 66, considerado muito bom e dentro da zona de qualidade¹⁴.

Quem atribuiu notas de zero a seis era convidado a comentar o motivo de não recomendar a visita aos museus. Os comentários referem-se às atribuições de notas zero (0) a seis (6), ressaltando que cada museu recebeu apenas 3 respostas para as notas de zero (0) a quatro (4). As pessoas que deram essas notas relataram diversos pontos de atenção, de questões conceituais à infraestrutura, conteúdo, comunicação e atividades. As críticas apontaram a necessidade de uma maior e mais ampla **divulgação e comunicação** dos museus e da Rede, bem como pontuaram a respeito dos **conteúdos e temáticas** trabalhadas nos museus.

Em uma escala de 0 a 10, o quanto você recomendaria para outras pessoas a visita aos Museus-Casas Literários de São Paulo?



¹⁴ Para chegar ao índice NPS é necessário subtrair a porcentagem de promotores da porcentagem de detratores, o que permite estabelecer uma escala de classificação, em geral dividida nas seguintes faixas: entre 75 e 100 – excelente, ou que se encontra em zona de excelência; entre 50 e 74 – muito bom, também chamado de zona de qualidade; e de 0 a 49, razoável ou em zona de aperfeiçoamento.

A comunicação e divulgação precisam ser melhoradas. Diversidade de atividades também. [Nota 5 para a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as duas casas uma vez há mais de dois anos.]

Falta acolhimento no atendimento ao público, faltam atividades mais diversificadas e melhor apresentação dos conteúdos. [Nota 5 para as três Casas.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas entre uma a mais de seis vezes inclusive este ano.]

Falta uma exposição mais interativa e também maior divulgação da programação da Casa. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida uma vez este semestre.]

Poderia ter mais informações sobre a Casa (estilo arquitetônico), mais informações sobre o contexto histórico da época, do bairro. Isso sem depender que alguém do museu explique oralmente. [Nota 6 para a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez este ano.]

Programação pouco variada, grade programática reduzida, poucas opções de cursos/palestras/oficinas associadas à literatura, falta de bússola para nortear atividades. [Nota 6 para a Casa Mário

de Andrade.) [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Eu participei de um evento e estava vazio, foi pouco divulgado e o tema ficou confuso. [Nota 3 para a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez há mais de três anos.]

Fraca comunicação da programação. [Nota 6 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas entre duas e cinco vezes inclusive este ano.]

As atividades são, para mim, promovidas para e por escritores, ou para formação de escritores. O acervo de Haroldo não é visível, por motivos técnicos, não há exposições sobre o acervo. [Nota 2 para a Casa das Rosas] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Apesar do alto grau de satisfação observado na avaliação dos serviços e infraestrutura das Casas, alguns dos respondentes apontaram problemas de **infraestrutura, acesso e atendimento**, como evidenciado nos depoimentos a seguir.

Acredito que a falta de sinalização e a insegurança que o local transmite (muito ermo) acabaram me desmotivando a outras visitas. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes.]

Pela localização de difícil acesso e por não conhecer muito as atividades desenvolvidas na casa Guilherme de Almeida. Seria interessante investir mais na divulgação do que é realizado lá. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de dois anos.]

Pós-pandemia, a Casa externamente parece degradada, carecendo melhorar infraestrutura, acessibilidade, sinalização interna e externa e divulgar melhor programação. [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Na última vez em que estive na Casa das Rosas, há muito tempo, fui muito mal atendida. Tanto que não voltei mais. [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de três anos.]

Questões conceituais sobre a **própria vocação dos museus e a elitização de suas programações** e, portanto, de seus frequentadores, também foram apontadas pelos respondentes como justificativas para as notas de recomendação dos museus. Esses depoimentos dialogam com uma hipótese levantada ainda na oficina realizada com as equipes da Rede para construção da pesquisa: de que alguns visitantes poderiam deixar de participar de determinadas atividades por acharem que seria necessária formação e repertório específicos para tal.

O curso oferecido aos escritores é um clube fechado, cuja seleção é esquisita e sujeita a questionamentos. Na última edição vi centenas de nomes selecionados. Nunca estive entre eles (mesmo tentando e insistindo). Então parti pra uma escola paga, onde também há senso crítico, avaliação etc. Percebi que não ter sido selecionado para a Casa das Rosas me ajudou a entender que eu não estava na categoria “não qualificado”, mas sim na categoria “não conhecemos essa pessoa”. E dobro a aposta se todos os “selecionados” terminaram o curso. Afinal, eram centenas! O curso de escritores da Casa das Rosas precisa ser totalmente reformulado. Tornou-se um clube de grife, disputado, cuja entrada não é amplamente democrática. Todos os anos é a mesma coisa: mandar textos para uma suposta avaliação seguida de resposta negativa e uma lista de “dezenas de selecionados”. Fui ver um a um e me surpreendi que em muitos casos a pessoa sequer escreve algo razoável, minimamente

compreensível. Mas ganhou a vaga :). É isso! [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

A Casa, em todas as minhas visitas, sendo eu escritor do interior acompanhado de amigos ou família, sempre teve ares elitizados e os membros da curadoria da Casa agem como tal na internet. [Nota 6 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 20 a 24 anos, graduando e que já visitou a Casa das Rosas entre duas e cinco vezes inclusive este ano.]

É opressora, há muito afastamento da instituição pro público. Frequentei muito a programação mas há uns 8 ... 9 anos e está bem ruim. [Nota 3 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

A Casa das Rosas é um museu, porém não é visto pelo público como espaço museológico de fato, e sim como um centro cultural, as atividades culturais e de formação se sobressaem. [Nota 6 para a Casa das Rosas] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes.]

O acervo e sua exposição não me agradavam, muito oficialismo, sentia o cheiro da sudestinação tóxica da elite de São Paulo por conta do excesso de referência à Revolução de 32. Assim como o Museu do Ipiranga, creio que

a casa precisa ter algum espaço ali dentro que questione a própria narrativa da casa. [Nota 3 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades da Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de três anos.]

Percepções sobre um certo **oficialismo e elitização** dos museus-casa literários também surgiu nas falas dos participantes das rodas de conversa. Esses participantes salientaram que o oficialismo pode afastar diferentes públicos dos museus, sobretudo, as gerações mais novas.

*Existe o perigo do oficialismo. Esse perigo é enorme, sobretudo em relação ao Guilherme de Almeida. Guilherme [de Almeida] é o poeta oficial, é literatura oficial. O Paulo Bomfim, que eu conheci muito, de quem eu gostava muito, que era muito amigo do meu pai, também é um poeta oficial. Esse mundo acabou um pouco, entendeu? A sociedade brasileira se tornou muito complexa, muito transversal. Esse oficialismo não tem mais futuro. Então o Colar Guilherme de Almeida, isso não vai pra lugar nenhum. O que está palpitando é que o Sérgio [Vaz] vá lá na Cooperifa, botando os meninos e meninas pra declamar poesia própria, enfim. Tem uma vitalidade que vem de longe, e de baixo, né? Então o cuidado que eu teria particular: o cuidado com o oficialismo nessas instituições, porque vai afastar esse público mais jovem e mais dinâmico da própria atividade. **Carlos Augusto Machado Calil***

A nova definição incita os museus a terem uma participação mais ativa na sociedade, nos problemas contemporâneos, nas melhorias que podem ser promovidas naquela sociedade, de não ser mais aquele espaço neutro, só aquele espaço neutro educacional, vamos dizer assim, que era uma característica que os museus tinham muito desde os anos 70, e tudo. Enfim, esse papel educacional dos museus. Mas também como um palco mesmo pro debate, pra sociedade pensar sobre si mesma, pensar também em como lidar com o outro, né? Lidar com essas questões todas, além das questões que estão aí urgentes de sustentabilidade, enfim, de uma série de outras coisas. Mas eu acho que é principalmente isso: dos museus serem mais propositivos dentro da vida cultural e da sociedade. **Paulo de Freitas Costa**

Mas por que não esse diálogo democrático? Eu acho que nós temos que tirar as barreiras, na medida do possível, e fazer realmente esse monitoramento, esse mapeamento desses coletivos, para tentar trazê-los. E quebrar justamente esse oficialismo das Casas. **José Antônio Alves Torrano**

A pedido da equipe da Rede, foram introduzidas três questões que traziam afirmações sobre dimensões relevantes para os três museus: os respondentes tinham que se manifestar sobre o quanto concordavam ou não e, ainda, tinham disponível um campo para tecer comentários livremente, se quisessem.

Assim, quando perguntados se concordavam ou discordavam da afirmação “Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que dialogam com as questões contemporâneas da realidade social”, a maioria concordou totalmente ou parcialmente com a frase, 87% do total de 522 respondentes.

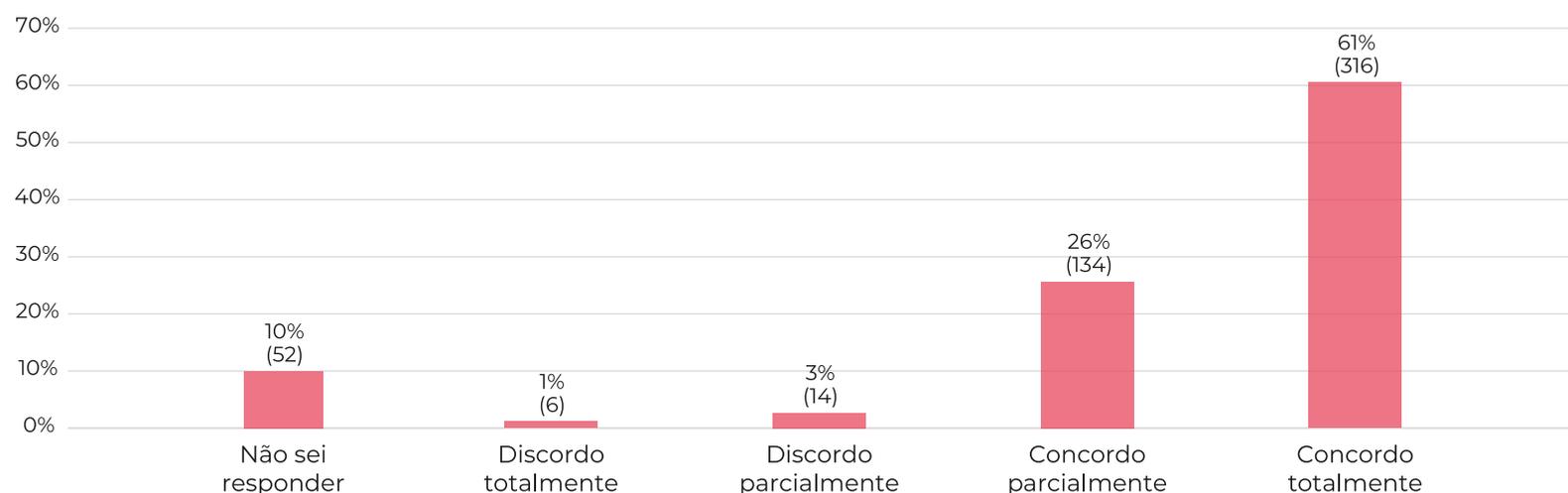
Muitos dos comentários feitos em relação a essa questão, contudo, salientaram **a necessidade de as Casas dialogarem melhor com outros públicos**, aumentando, por exemplo, a frequência e a participação de jovens. Entre as recomendações, sugeriram que os museus busquem compreender melhor a realidade social adequando seu conteúdo de acordo com a diversidade de seus públicos. Além da adequação

do conteúdo das Casas para o público jovem, alguns comentários também discorreram sobre a necessidade de trabalhar o **acesso das Casas ao público periférico** e de **incorporar conteúdos produzidos por populações indígenas e africanidades nas programações**.

Acredito que falta mediação cultural a fim de tecer o diálogo com as juventudes, com os coletivos de artes e de cultura. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

É necessário ampliar a frequência e a participação de jovens. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 71 anos ou mais, pós-graduada e que já

Você concorda com a afirmação: "Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que dialogam com as questões contemporâneas da realidade social"?



Universo de 522 respondentes

visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Acredito que sim, mas infelizmente o interesse por esses espaços ainda são na maioria de pessoas com Ensino Superior ou que estejam cursando uma graduação. Então, seria interessante abrir o espaço para pessoas (muitas das vezes sem nenhum tipo de estudo) ou para os jovens. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais das três Casas.]

Infelizmente esses espaços se localizam em regiões que impossibilitam o público periférico de usufruir de seus espaços, precisamos democratizar os espaços de acesso à arte e cultura na cidade. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas inclusive este semestre.]

Precisamos de uma casa literária mais periférica, talvez sobre Carolina [de Jesus], em um bairro mais afastado. Algo do tipo. [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades da Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de três anos.]

As discussões são muito interessantes, mas é necessário ter um pré-conhecimento sobre o assunto para entender e discutir. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-

graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de dois anos.]

Os museu-casa literários realizam um trabalho incrível e muito importante, no entanto, no que diz respeito a programação (cursos, oficinas, encontros, temas de exposições etc.) ainda deixam muito a desejar. Isso porque a maior parte das atividades oferecidas não contempla, por exemplo, temáticas sobre povos originários, África, Africanidades e afins. O que vem sendo oferecido é muito pouco. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Os museus-casa têm oferecido slams, encontros com autores etc, mas ficam a desejar, por exemplo, em realizar palestras com escritores e escritoras indígenas, escritores e escritoras africanas, escritores e escritoras da diáspora e afins. As poucas atividades que tratavam desses temas, foram oferecidas pontualmente de modo irregular. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Gostaria de um espaço para escritores independentes, onde eles pudessem apresentar seu trabalho, sem precisar ter títulos, fama, mas ser escutado. [Pessoa na faixa de 45 a 49 anos, com Ensino Fundamental e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Acho que os museus-casa giram muito mais em torno dos seus homenageados, homens brancos prestigiados em seus círculos. Em datas muito específicas como novembro há atividades relacionadas à consciência negra ou em março atividades relacionadas à mulher. Não é suficiente, é o que o mundo faz pró-forma. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

É preciso se abrir para as múltiplas linguagens artísticas, fugir da escola clássica das coisas, entender o novo, a diversidade. Fiz uma oficina virtual da Casa das Rosas para escritores (quando abrem a opção aos não selecionados do curso para participar) e notei que o palestrante falava de algo desconexo, totalmente distante do mundo real. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Dialogam sim com as questões contemporâneas da realidade social, porém sempre pelo viés da arte, da linguagem artística, não pela filosofia, ou sociologia, ou historiografia, ou crítica social direta. O que é compreensível, cabível, adequado. Mas às vezes sinto falta de mais contemporaneidade, muitas atividades são voltadas para a história da literatura, para a tradição, mas, do pouco que vi, creio que poderia haver mais espaço (ainda) para escritores e obras contemporâneas. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já

visitou a Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Importante notar que, apesar dos comentários, **a programação das três Casas é bastante diversa.** Ao observar os temas da programação recente dos três museus, é possível identificar que diferentes assuntos foram abordados, tais como patrimônio, conservação, escrita criativa, tradução, cinema, teatro, mercado de trabalho para escritores, pensamento crítico, política, africanidades e questões indígenas, para citar alguns. As falas, contudo, talvez sinalizem a necessidade de aprofundamento e de uma divulgação mais ampla dessa grade. A participação dos públicos na definição dos temas também pode ser importante para que a democratização do acesso à programação seja de fato efetiva.

Muitos foram também os comentários positivos sobre a atuação das Casas no que diz respeito a questões contemporâneas, destacando a relevância dos cursos oferecidos pelos museus.

Há boa disseminação de informação sobre temas contemporâneos e relevantes, especialmente por meio dos cursos e palestras, sobretudo na Casa Mário de Andrade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Os museus que foram casas reais relacionados à vida de seus moradores devem, no meu entender, ter como pressuposto apresentar a forma da percepção da alma do seu “morador” e sim todas

as correlações da sua época vivida, e daí sim, conexão com os aspectos do contemporâneo. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou as três Casas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Que a diversidade étnica da cidade continue dando o tom cultural nas Casas. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de uma vez há mais de dois anos.]

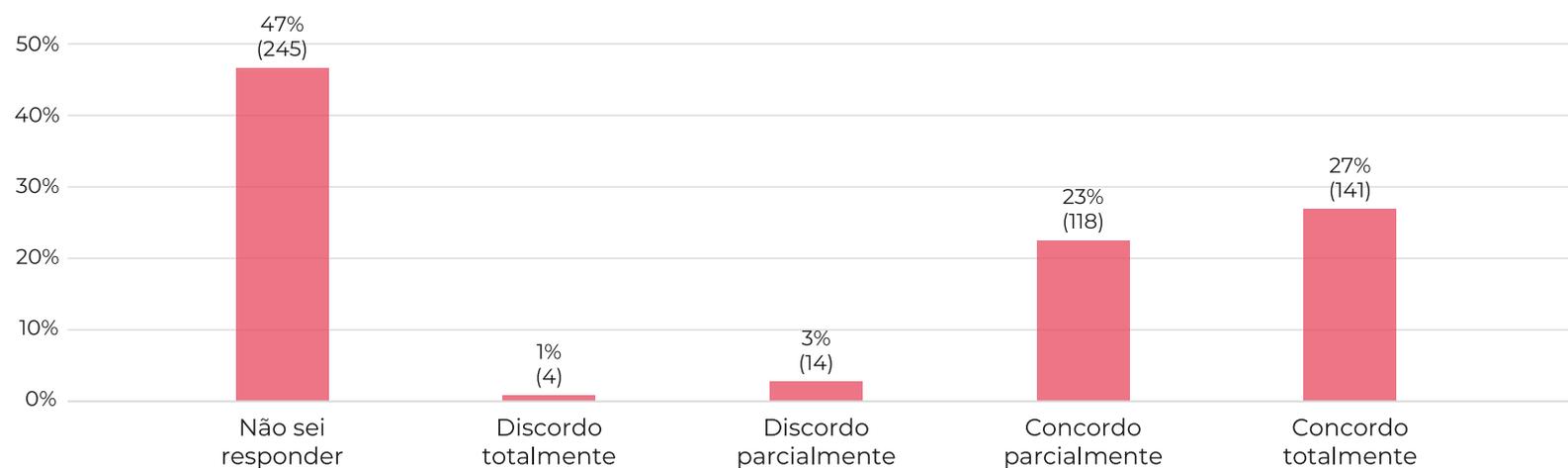
Todas as atividades ofertadas pelos museus-casa se preocupam em propiciar aos seus participantes a oportunidade de fazer o enlace entre o que está sendo exposto e a contemporaneidade. [Homem cisgênero, branco,

na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Na minha última visita a Casa Mário de Andrade fui muito bem-recebida pelo núcleo educativo, podendo dialogar sobre os meus diferentes interesses de pesquisa e recebendo total apoio e suporte. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Na mesma linha da pergunta anterior, os respondentes foram apresentados à seguinte afirmação e convocados a discordar ou concordar: “Os museus-casa literários de São

Você concorda com a seguinte afirmação: “Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem pessoas com deficiência”?



Universo de 522 respondentes

Paulo são espaços que respeitam e acolhem pessoas com deficiência”. Destaca-se o número de respondentes que apontaram não saber responder (47%), porém, de modo geral, as pessoas concordaram parcialmente e totalmente com a afirmação (23% e 27%).

Os depoimentos indicam que os espaços são acolhedores e promovem, na medida do possível, a acessibilidade física e de conteúdo. Porém, algumas demandas são apontadas, como **atividades para crianças**, destacando o potencial das temáticas literárias dos museus; e **atividades destinadas à rede pública de ensino**, ao menos uma vez por semana, de forma a criar um programa regular de visita para crianças e jovens. Além disso, os comentários apontam as **dificuldades de acesso para pessoas com deficiência**, seja de carro ou de transporte público, bem como de acesso aos conteúdos devido à **falta de intérpretes de Libras** nas aulas *on-line*. Também apontam a necessidade de uma **maior acessibilidade para surdos e cegos**, o que poderia ser feito com peças de comunicação que alcançassem cegos e pessoas com baixa visão e, inclusive, informassem sobre os recursos e a infraestrutura disponíveis. No que tange à acessibilidade física também foi destacada a necessidade de “plataformas elevatórias / acessibilidade NBR 9050, cadeiras para obesos e lugar para cães-guia”.

Sou deficiente físico e desconheço as facilidades para os deficientes, como estacionamento, rampas etc. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de

71 anos ou mais, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de uma vez e a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Faltam recursos, em especial tecnológicos, para que a experiência de visita aos museus seja equânime entre os públicos com e sem deficiência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Maior divulgação das facilidades para cadeirantes. Existem? Quais são? [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 71 anos ou mais, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de uma vez e a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Alguns comentários foram tecidos especificamente sobre cada museu-casa, apontando, principalmente, problemas de acessibilidade física dos espaços.

Sobre a Casa Guilherme de Almeida

A Casa Guilherme Almeida para pessoas com alguma dificuldade para andar tem dificuldade para transitar pela casa. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas pelo menos uma vez inclusive este ano.]

A Sala Cinematographos não tem acesso bom para pessoas com deficiência. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e

que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes há mais de um ano.]

O acesso de cadeirantes à sala Cinematographos é relativamente complexo. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Acho que deveria ter mais divulgação e ser mais receptivo. Quando fui na casa Guilherme de Almeida, faz mais de 5 anos, tive que bater na porta, parecia que ela estava toda fechada... sei que segurança é importante, mas se tivesse pelo menos uma placa com as informações na frente... eu entrei porque pesquisei muito mas mesmo assim quase fui embora. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas pelo menos uma vez há mais de dois anos.]

Deixei de participar dos cursos da Casa Guilherme de Almeida, porque os cursos, na maioria, são de tradução literária e atingem um público específico. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

A Casa Guilherme de Almeida é um pouco longe da estação, o que dificulta um pouco o acesso à Casa. E na primeira vez que fui, me perdi, pois a sinalização do Anexo não foi bem-feita, acabei perdendo o evento. [Mulher cisgênero, parda,

na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes há mais de um ano.]

O museu-casa Guilherme de Almeida possui mais recursos de acessibilidade que os outros. Mesmo assim são poucos e parcos. É necessário que haja pessoas com deficiência dentre os funcionários do museu. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Sobre a Casa Mário de Andrade

Na época em que fiz um curso na Casa Mário de Andrade, além da escada, a sala era bem apertada e não funcional. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes há mais de três anos.]

A Casa Mário de Andrade apresenta escadas e dificulta a acessibilidade. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez este ano.]

A falta de acessibilidade em que a Casa Mário se encontra é preocupante e precisa ser enfrentada com coragem e seriedade. É necessário que haja pessoas com deficiência dentre os funcionários do museu. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa

Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Tenho deficiência intelectual e fiz oficinas de música na Mário de Andrade, tanto presencial quanto on-line. Canto e toco piano. Não tive nenhuma questão de falta de acolhimento.

[Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, com Ensino Médio e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Sobre a Casa das Rosas

Meu sogro tem 84 anos e tem Alzheimer. Pintor, grafiteiro, poeta e artista plástico, esteve há dois ou três meses na Casa das Rosas, quando faziam algumas filmagens e fotos suas para um documentário independente. Seu filho pediu a um atendente que o deixasse sentar e desenhar, livremente, e foi negativa a resposta. O espaço que antes era de trânsito de pessoas e simplesmente para se sentar, descansar, olhar a paisagem da cidade e a própria Casa das Rosas, fora desativado. Isso é um verdadeiro desafio, numa cidade como São Paulo, um museu-casa em plena Paulista, deixar de convidar a que simplesmente se pouse o olhar, ou o corpo, por alguns momentos, e se desfrute. Sendo um idoso e um artista, complica ainda mais a situação de descrédito quanto aos rumos da instituição, ou aqueles que quem a administra escolha para ela. Ficou feio. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Em visita à Casa das Rosas, tive, com necessidades especiais, dificuldades para usar o banheiro. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Estive na Casa das Rosas em maio e o banheiro estava muito sujo! Necessita de reparos, conservação e limpeza permanente! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes inclusive este ano.]

Além dos comentários mais críticos, também foram feitos **elogios ao acolhimento e respeito às pessoas com deficiência**, com destaque à Casa das Rosas.

A Casa das Rosas me parece que sim, acolhe e respeita as pessoas com deficiência. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Só posso responder a partir das visitas que fiz ao museu Casa das Rosas. Creio que ele atende muito bem a todos os públicos, inclusive as pessoas portadoras de deficiência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Finalmente, os respondentes foram convidados a concordar ou discordar da seguinte afirmação: “Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem a comunidade LGBTQIA +”, e, mais uma vez, grande parte apontou não saber responder (40%), assim como a maioria também permaneceu concordando com a afirmação apresentada (60%).

Muitos comentários abertos trouxeram reflexões e críticas pertinentes à questão apresentada, discorrendo sobre a diversidade, o respeito e o acolhimento ao público LGBTQIA + nos museus-casa.

Foi o que eu percebi nos cursos que eu pude participar on-line. Muito respeito e acolhimento por todos os tipos de ideias, pessoas e interação entre vários grupos diversificados. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais das três Casas.]

Recentemente houve uma mostra dos filmes de Pasolini, onde pessoas assumidamente homossexuais fizeram suas análises trazendo seus pontos de vista sobre a abordagem homossexual do diretor em suas obras da Trilogia da Vida. Considero como um acolhimento. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou as três Casas

ao menos uma vez este semestre e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes.]

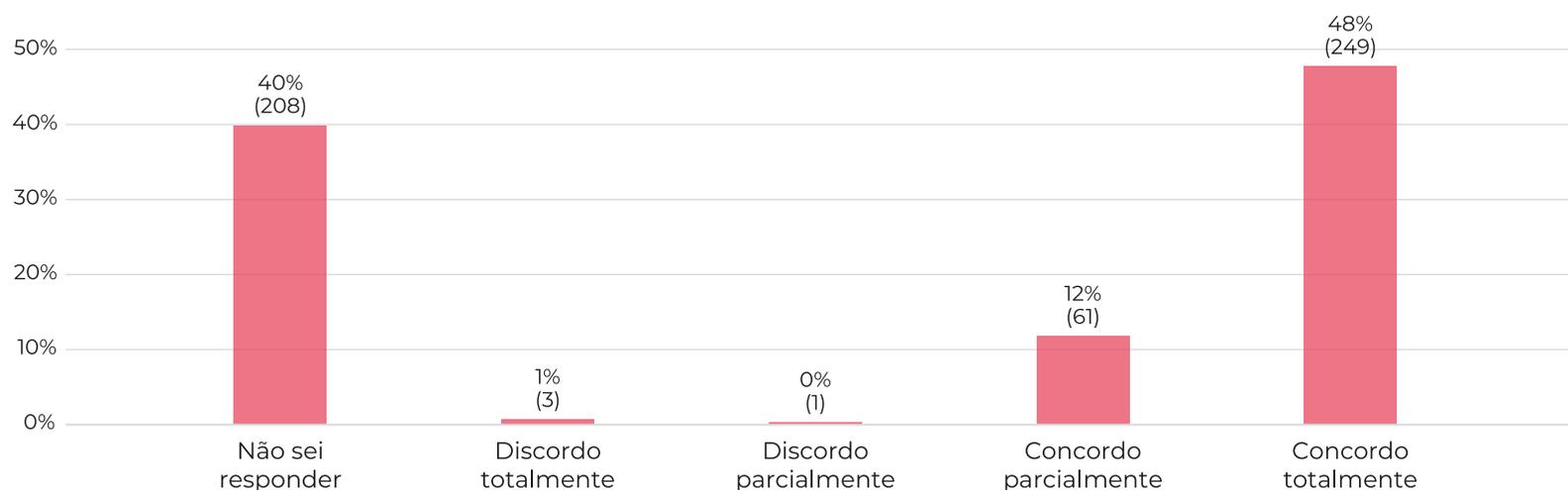
O tratamento respeitoso que os museus-casa dão aos LGBTQIA+ é exemplar. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

São lugares inclusivos e acolhedores. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, graduanda e que participou das atividades virtuais das três Casas mais de uma vez.]

Esses espaços têm-se mostrado como importantes aliados na luta por espaços para pessoas LGBTQIA+, assim como poderia também colaborar em outras lutas como antirracista e anticapacitista. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de uma vez inclusive este ano.]

Neste caso falo apenas da Casa das Rosas pois é a que mais conheço: já fiz vários cursos, já assisti palestras, saraus e percebo um público bem plural em todas essas atividades. Mas não sei se é suficiente, se isso dá conta de questões mais amplas relacionadas à comunidade LGBTQIA+. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Você concorda com a seguinte afirmação: "Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem a comunidade LGBTQIA +"?



Universo de 522 respondentes

Acolher não é só receber e aceitar no espaço, acolher é conhecer para incluir e incluir para pertencer. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Como integrante da comunidade LGBTQIAPN+ não reconheço ações efetivas neste sentido. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de uma vez há mais de três anos.]

Não percebi ainda entre a equipe de funcionários esta diversidade, apenas nos visitantes. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Sou LGBT e não me senti “bem-vinda” na Casa das Rosas, onde a “segurança” é hostil. [Mulher cisgênero, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Não vejo nas programações abordagens ligadas a esta temática. Além disso, acredito que estes espaços deveriam também contratar pessoas deste e de outros grupos minorizados, a fim de fazer valer a pluralidade nestas instituições. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive esta semana.]

A pesquisa realizada demonstrou, de maneira geral, que o público tem interesse pelas atividades realizadas nos três museus-casa, mas apontam falta de divulgação e comunicação da programação; dificuldades de acesso, principalmente aos museus-casa Guilherme de Almeida e Mário de Andrade; pouca informação sobre características arquitetônicas das três Casas; e uma possível elitização da programação.

6. Futuro das programações e exposições

6. Futuro das programações e exposições

Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana, que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade...

Só há que caminhar perto de coisas e pessoas de verdade.

O essencial faz a vida valer a pena.

E para mim, basta o essencial.

Trecho de “O Valioso tempo dos maduros”
Mário de Andrade

Este capítulo apresenta dados sobre o desejo dos participantes da pesquisa em relação às programações culturais e ações educativas, às exposições de longa duração e temporárias, aos acervos e temas.

É importante dizer que um dos aspectos apontados pela maioria dos participantes das rodas de conversa ao serem provocados a refletir sobre as suas expectativas de futuro para os três museus e para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi **o desejo de garantir, pelo menos, a existência das Casas**. Esse desejo do “mínimo”, da garantia de continuidade, reflete, sobretudo, o momento de instabilidade política, econômica e social vivenciado no Brasil nos últimos anos, com grande impacto para os diferentes setores, inclusive o cultural¹⁵. Apesar do tom de esperança e do clima ameno das conversas, grande parte dos participantes se mostraram apreensivos ao refletir sobre o futuro dos museus.

¹⁵ Para além da pandemia de covid-19, que teve efeitos de grandes proporções, muitas ações (e a falta delas também) impactaram fortemente o setor da cultura no país recentemente: o Ministério da Cultura deixou de existir; a secretaria que passou a cumprir as funções do antigo ministério passou por sucessivas mudanças de gestão; as políticas de isenção fiscal foram alteradas e permanecem instáveis; para citar alguns exemplos.

A gente está num tempo difícil. Acho que o essencial aqui é a sobrevivência. E isso ainda vai levar um tempo pra gente ter tranquilidade. Acho que há esperança atualmente, mas pra ter alguma tranquilidade vai demorar. **Paulo de Freitas Costa**

A barbárie nunca bateu tão perto. E essa barbárie, eu não preciso me estender, acho que todo mundo sabe do que eu estou falando, ela não foi criada nos últimos quatro anos. Ela não é um fenômeno recente, ela estava oculta, enfim, ela estava se gestando. Ela se apresentou agora, mas ela está aí. Portanto, é uma questão estrutural da sociedade brasileira, [...]. Nós estamos por um triz no campo da civilização. Por um triz! Lembrem-se do número de votos que separou uma candidatura da outra. Portanto, os bárbaros estão batendo à porta de Roma e nós sabemos aonde isso pode dar. O problema então, na minha opinião, é: nós temos que resistir. Resistiremos até o fim. Deveremos resistir até o fim, até o último de nós, ao avanço da barbárie. **Carlos Augusto Machado Calil**

Então é difícil até pra gente que produz arte, além também dessa questão do trabalho na cultura, é muito difícil produzir arte agora, ultimamente. É muito difícil poder estar nesses

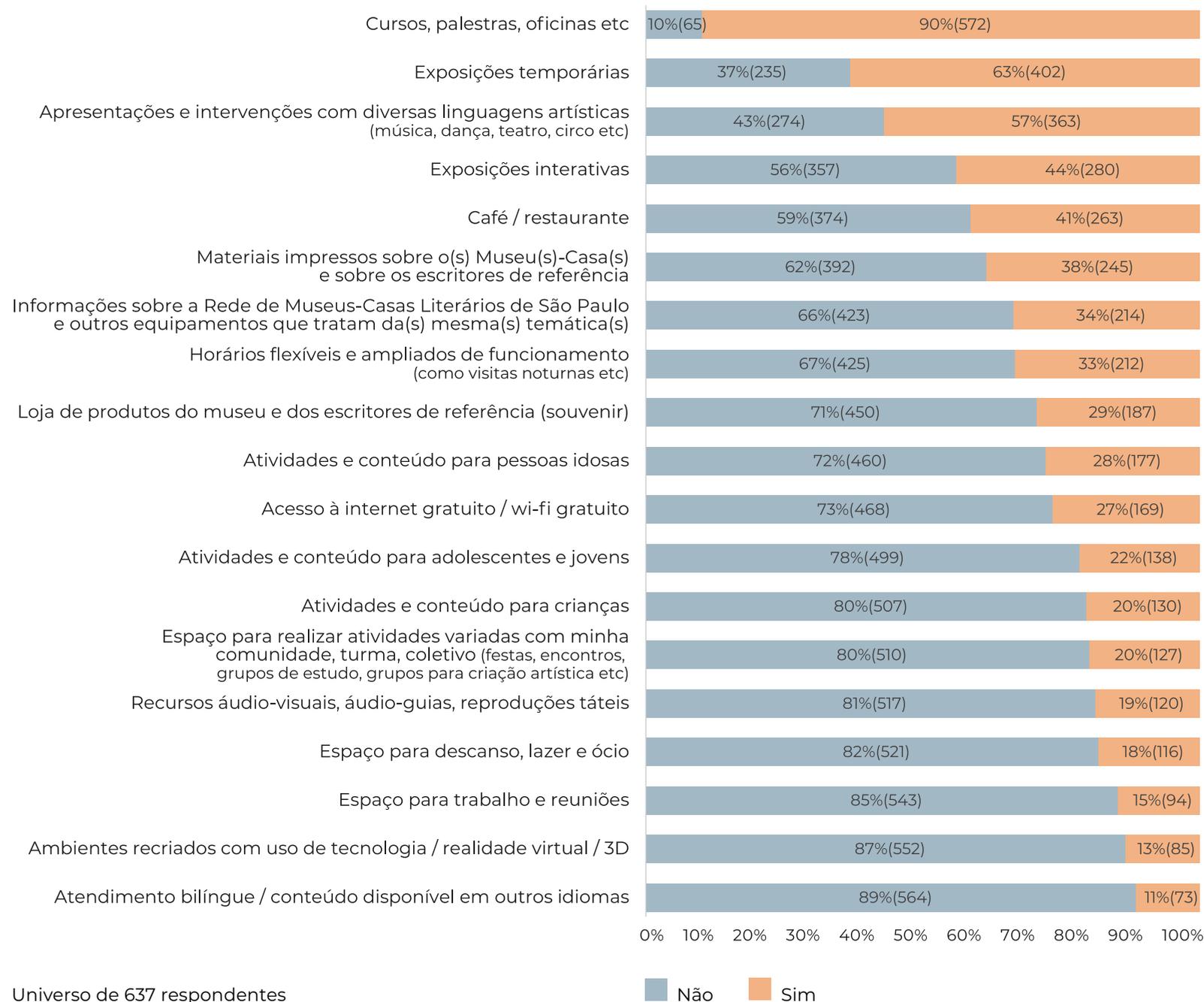
espaços, porque os espaços vão deixando de existir. Mas há uma pontinha de esperança. A gente ainda sente, pelo menos agora, um despontar de uma esperança, ainda que pequena. **Rodrigo Bravo**

[...] eu acho que estamos vivendo um momento importantíssimo de transição, seja politicamente, seja culturalmente. Eu acho que é preciso reviver, que revivamos, que recriamos uma... eu diria assim, uma visão de mundo. Eu acho que isso é uma coisa que precisa ser considerada. Acho que a nossa sociedade está bastante desestruturada. Muita coisa precisa ser feita para as crianças, para os adolescentes, para os adultos, para os velhos, para as minorias. Eu acho que o mundo está fora do prumo, na minha opinião. O mundo está muito fora do prumo. **Alzira Leite Vieira Allegro**

Atividades culturais e exposições: temas e aspectos prioritários

Nas respostas ao questionário, e em conformidade com os resultados apresentados anteriormente, o que o público mais gostaria de encontrar nos museus são **cursos, palestras e oficinas**. Tais atividades foram apontadas como **prioritárias para 90% dos respondentes**, seguidas pelas exposições temporárias (63%), apresentações e intervenções artísticas (57%). Também apareceu de maneira expressiva o desejo por exposições interativas (44%), pela existência de café/restaurante nas Casas (41%), por materiais impressos para divulgação dos

O que você gostaria de encontrar prioritariamente nos Museus-Casas Literários de São Paulo?

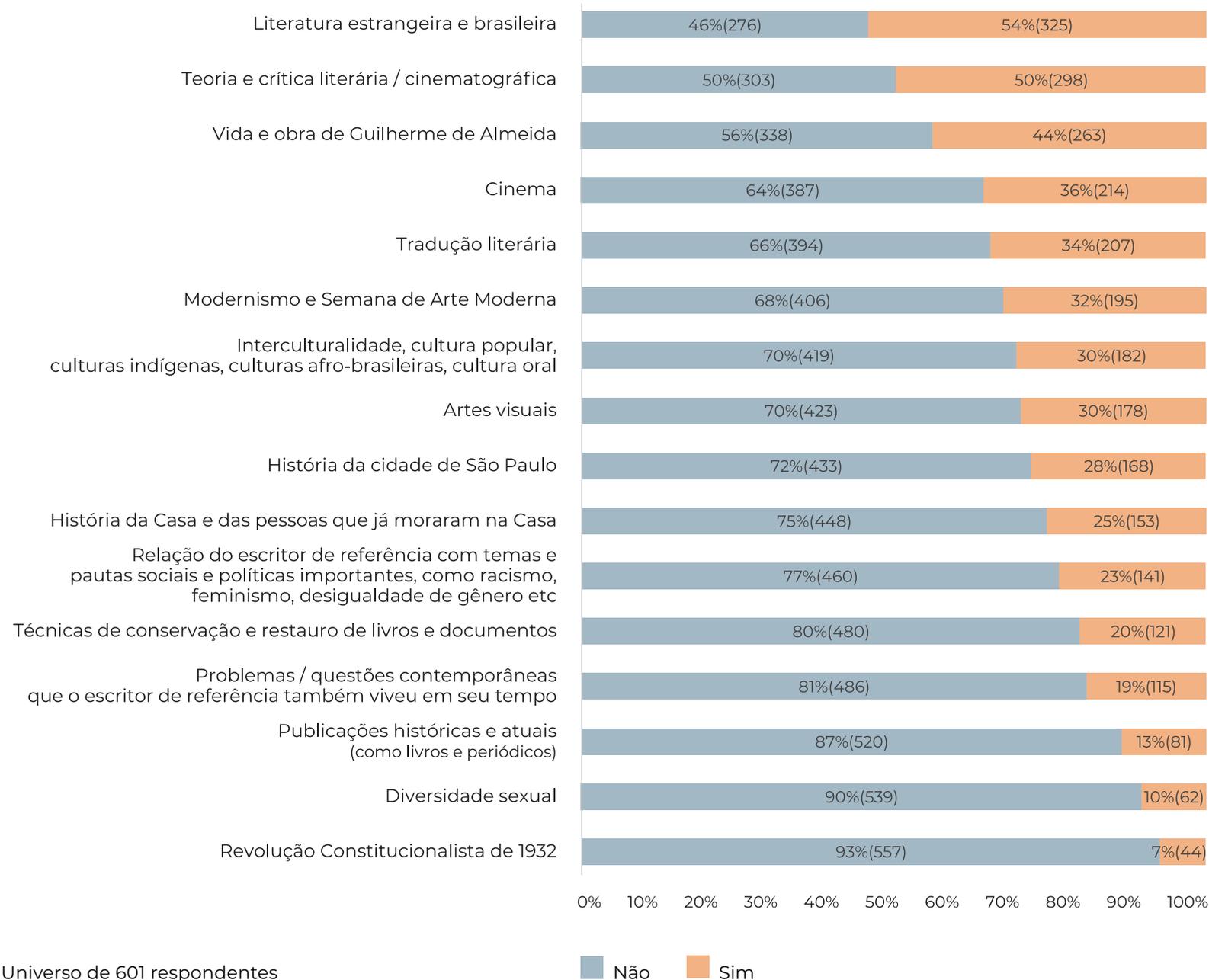


museus e seus escritores (38%), por informações sobre a Rede (34%) e por horários flexíveis e ampliados de funcionamento (33%).

Os respondentes do questionário também foram convidados a priorizar até cinco temas mais desejados para as atividades culturais de cada museu-casa. Os assuntos propostos foram definidos pela equipe da Rede, com ligeiras diferenças para cada Casa.

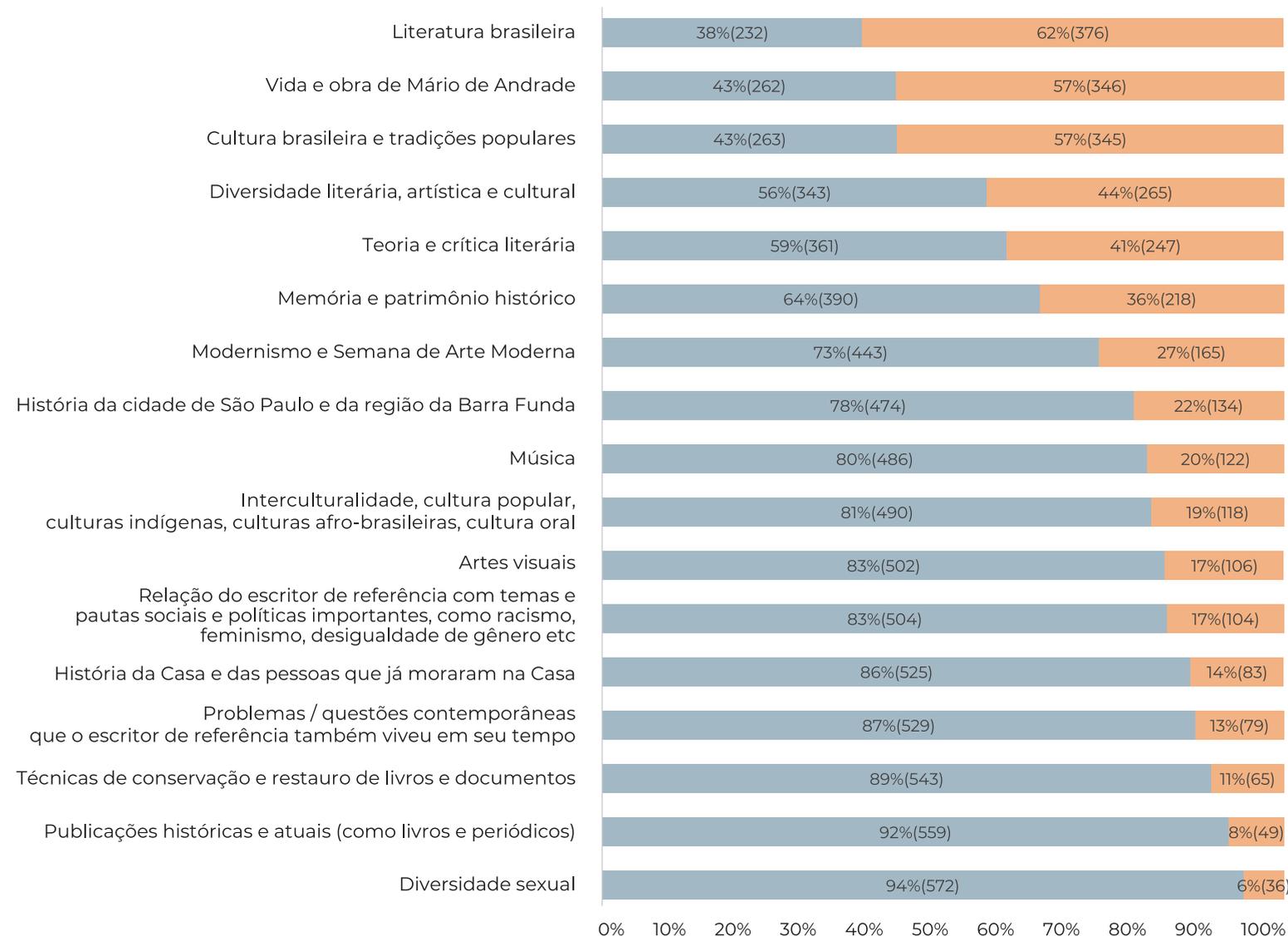
Para a **Casa Guilherme de Almeida**, literatura estrangeira e brasileira (54%), teoria e crítica literária e cinematográfica (50%) foram temas escolhido por pelo menos metade dos respondentes, seguidos de vida e obra do escritor (44%), cinema (36%) e tradução literária (34%), que foram os outros três temas mais votados.

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na Casa Guilherme de Almeida (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Já a **Casa Mário de Andrade** teve três temas votados por mais da metade dos respondentes para as atividades culturais: literatura brasileira (62%), vida e obra do escritor (57%), cultura brasileira e tradições populares (57%), estes dois últimos empatados. Os outros dois temas mais escolhidos foram diversidade literária, artística e cultural (44%) e teoria e crítica literária (42%).

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na Casa Mário de Andrade (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



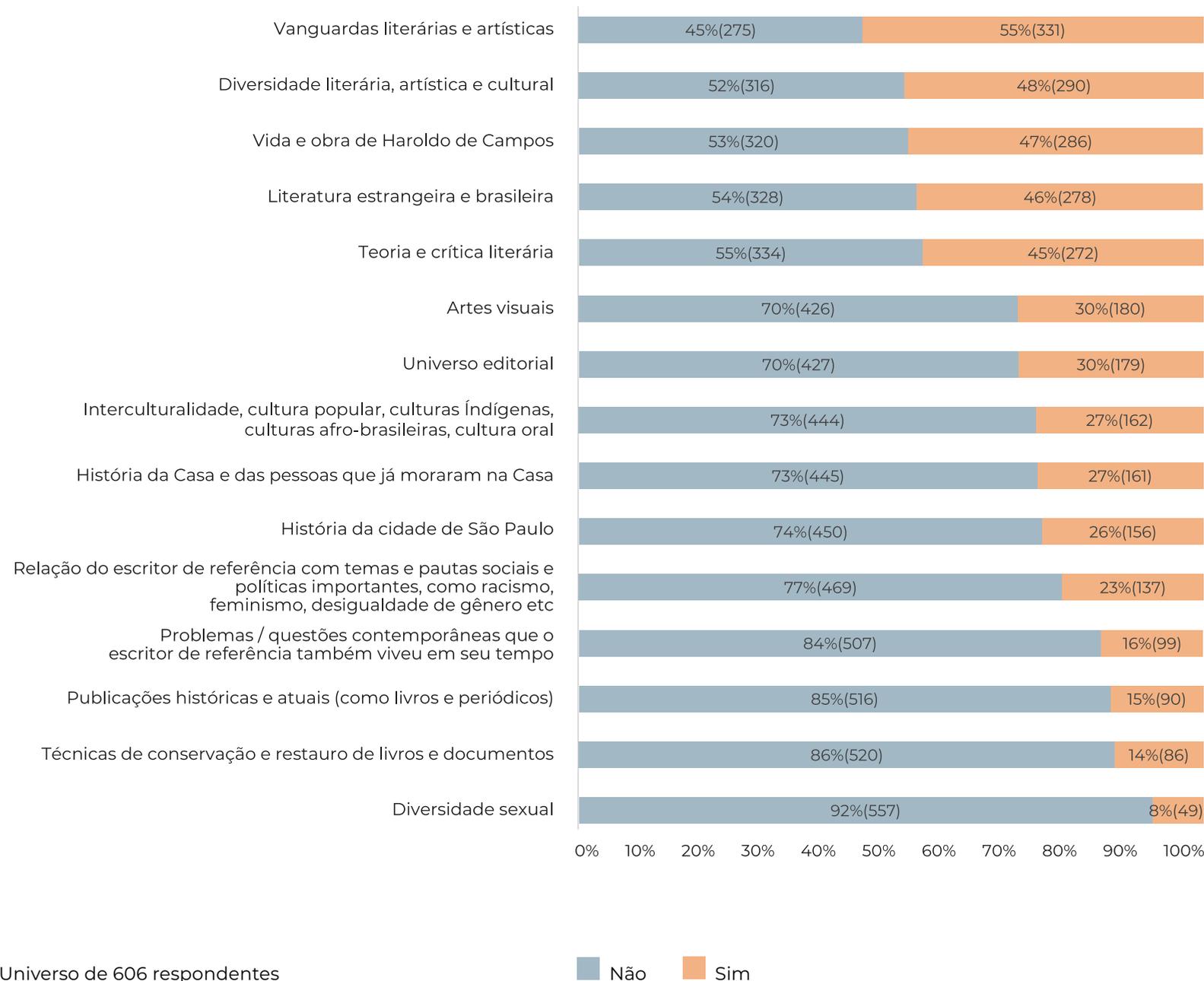
Universo de 608 respondentes.

■ Não ■ Sim

O único tema votado por mais da metade dos respondentes como prioritário para as atividades culturais da **Casa das Rosas** foi vanguardas literárias e artísticas (55%). Os outros quatro mais votados, com percentual muito parecido, foram: diversidade literária, artística e cultural (48%), vida e obra de Haroldo de Campos (47%), literatura estrangeira e brasileira (46%), teoria e crítica literária (45%).

Interessante notar que **literatura brasileira e teoria e crítica literária** são os temas que se repetem e aparecem como prioritários para as três Casas, além de **vida e obra dos autores relacionados a cada Casa**, o que é revelador sobre o desejo dos respondentes de saber mais sobre os escritores referência. Como já mencionado no início do relatório, o interesse pela vida e obra de quem viveu nas casas ou está sendo homenageado é uma característica e uma das expectativas que os públicos têm ao visitar essa tipologia de museu.

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na **Casa das Rosas** (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



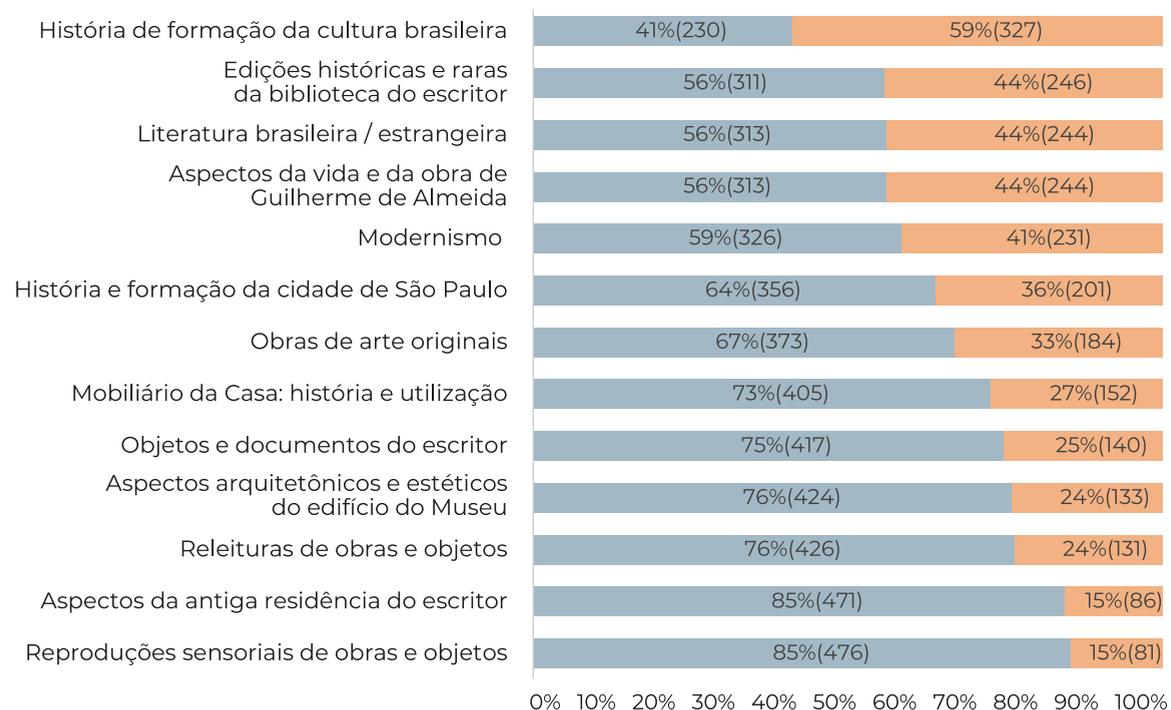
Além das atividades culturais, as exposições também foram alvo de perguntas no questionário. Na **Casa Guilherme de Almeida**, mais da metade dos respondentes espera ver, prioritariamente, exposições sobre a **história da formação da cultura brasileira** (59%). Empatados com 44%, os outros temas sugeridos para as exposições foram: edições históricas e raras da biblioteca do

escritor, aspectos da vida e da obra de Guilherme de Almeida e literatura brasileira e estrangeira. Por fim, ainda entre os cinco temas mais votados, aparece o modernismo, com 41%.

As temáticas priorizadas para as exposições temporárias na **Casa Mário de Andrade** foram similares às da Casa Guilherme de Almeida, com

a diferença de que três temas foram escolhidos por mais da metade das pessoas: **história da formação da cultura brasileira** (62%), **aspectos da vida e da obra de Mário de Andrade** e **modernismo e vanguardas** (poesia concreta, experimental, visual) aparecem empatados, com 59%. Por fim, ainda entre os cinco temas mais votados, estão literatura brasileira e estrangeira

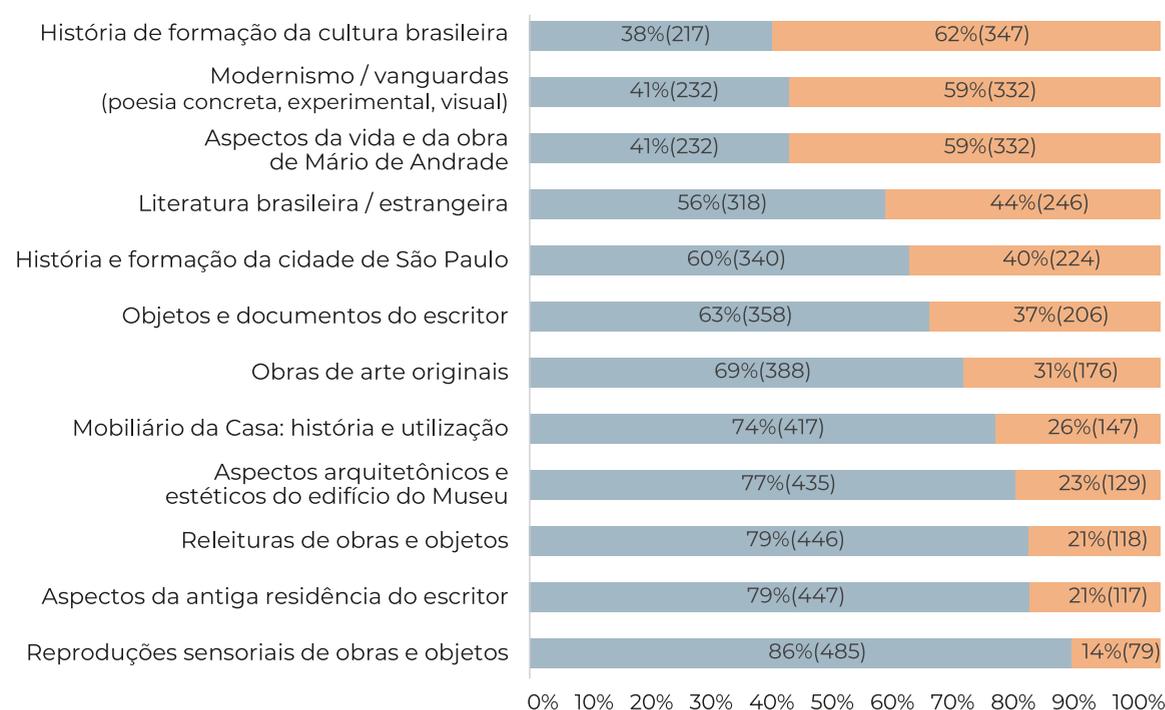
Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa Guilherme de Almeida, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Universo de 557 respondentes

■ Não ■ Sim

Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa Mário de Andrade, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Universo de 564 respondentes

(44%) e história e formação da cidade de São Paulo (40%). Os respondentes poderiam também sugerir outros temas, e houve alguns comentários específicos direcionados à Casa:

A casa abrigou, nos anos de 1970, a Escola Macunaíma de teatro. Seria interessante pesquisar como foi a experiência da escola na casa de Mário, fazer um debate ou exposição sobre o que, como e com quem a experiência ocorreu. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Mário de Andrade mais de seis vezes inclusive este semestre.]

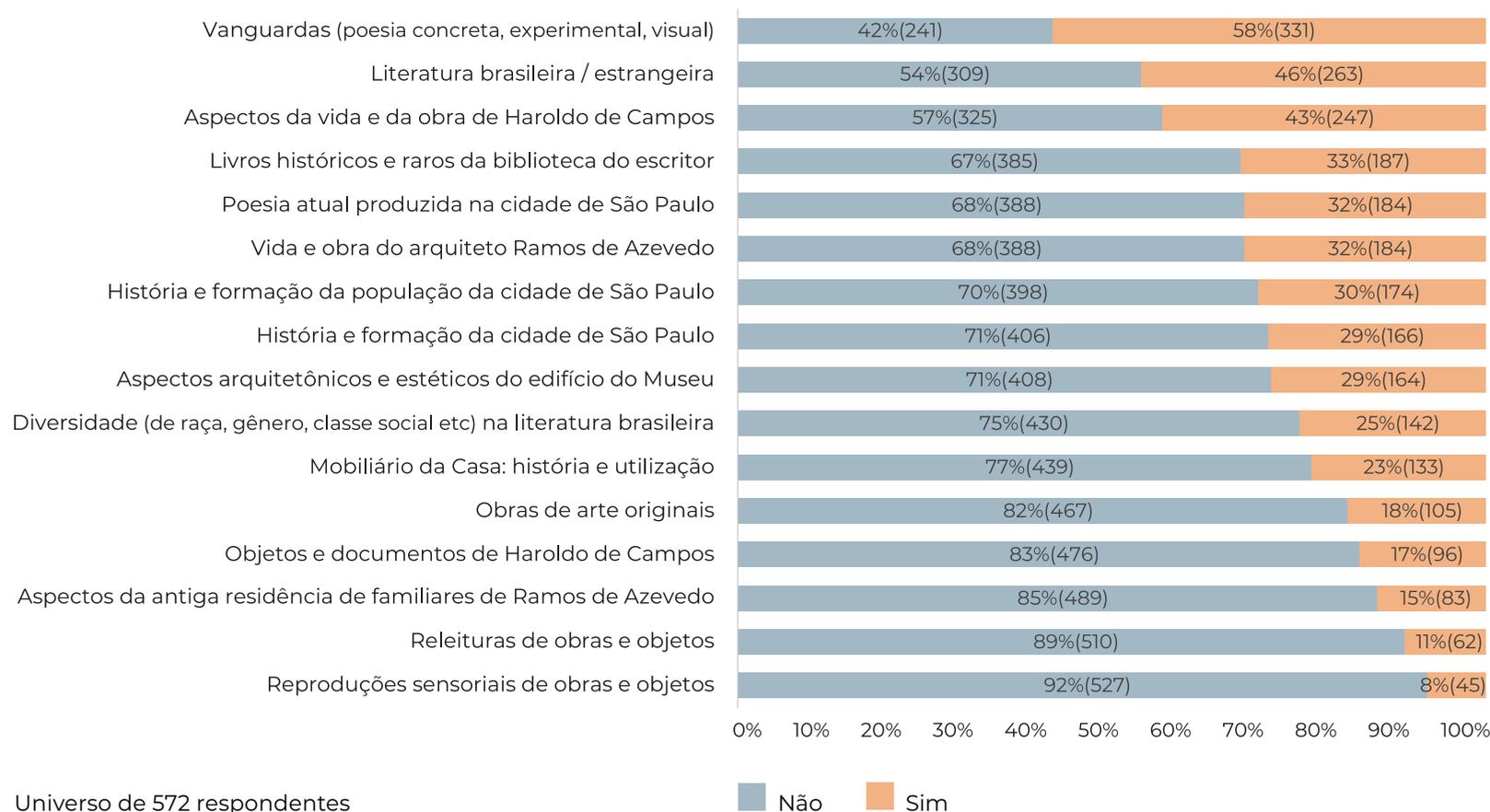
Importante: registro das exposições retrospectivas já ocorridas nas Casas que foram espetaculares e, muitas delas, sem nenhuma publicação ao menos. É necessário um resgate desse trabalho já feito nas Casas, principalmente na Casa das Rosas. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este mês.]

Na **Casa das Rosas** o único tema escolhido por mais de metade das pessoas foi **vanguardas (poesia concreta, experimental, visual)**, considerado prioritário por 58% dos respondentes. Os outros quatro mais escolhidos foram: literatura brasileira e estrangeira (46%), aspectos da vida e da obra de Haroldo de Campos (43%), livros históricos e raros da biblioteca do escritor (33%) e vida e obra

do arquiteto Ramos de Azevedo, que projetou a edificação (32%). **As duas personagens associadas de alguma forma à Casa**, como é possível notar, **são alvo de interesse** do público respondente.

Essa mesma questão, apresentada com pequenas diferenças para as três Casas, tinha como desdobramento a possibilidade de o respondente

Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa das Rosas, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



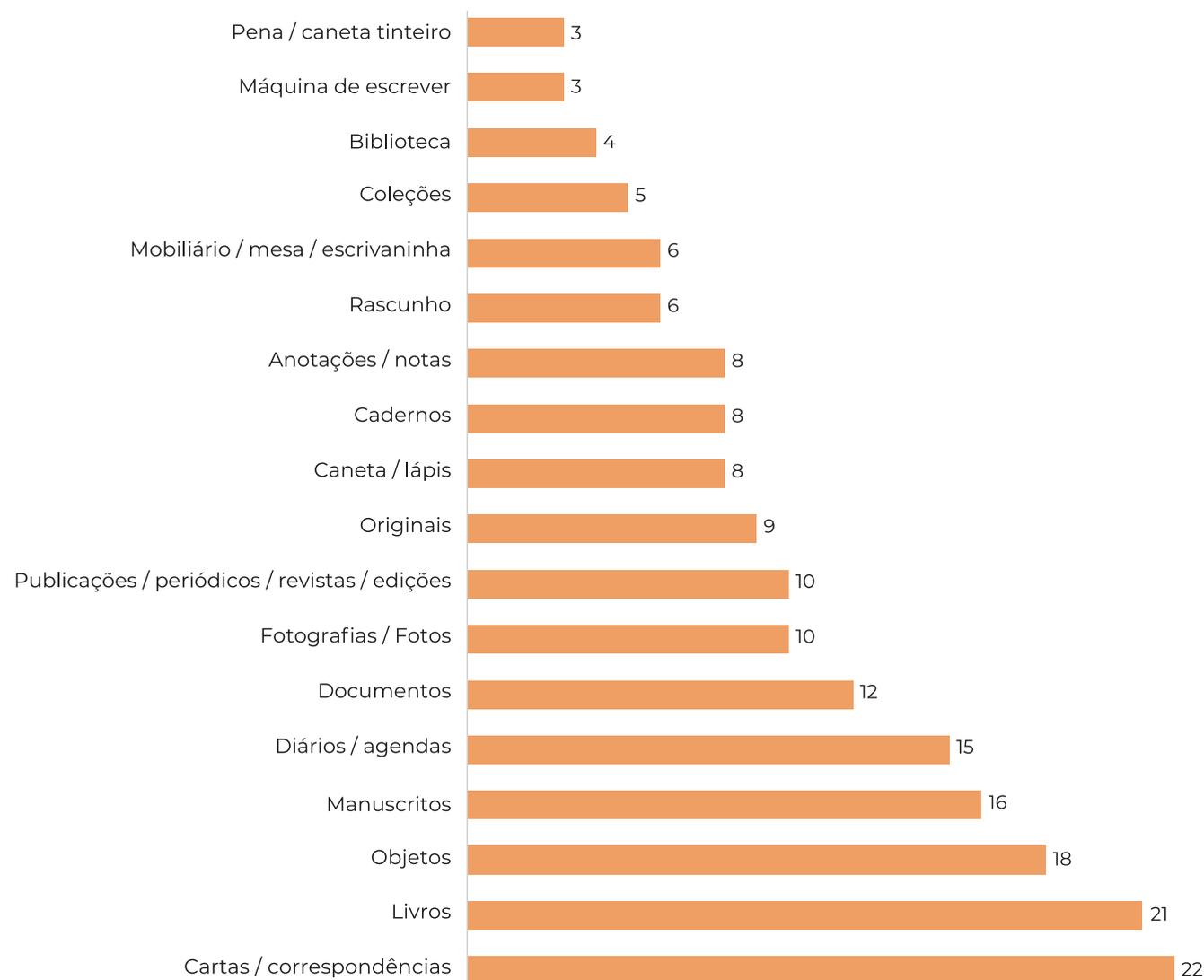
detalhar os objetos e documentos dos escritores de referência de cada Casa que gostaria de ver – a opção aparecia somente para quem marcasse essa alternativa. Apesar de nas três Casas a alternativa não ter ficado entre as cinco mais votadas, em todas obteve algum grau de interesse, com destaque para a Casa Mário de Andrade (37%), seguida da Casa Guilherme de Almeida (25%) e Casa das Rosas (17%). As sugestões de itens específicos que esses respondentes gostariam de encontrar em uma visita foram sistematizadas, por tipo. Destacase o grande interesse por cartas/correspondências, mas também por acesso a livros, objetos diversos, manuscritos e diários dos escritores. No total, foram **184 menções diretas a tipos de objetos**, que foram interpretados por aproximação e agrupados no gráfico apresentado ao lado.

Algumas pessoas mencionaram diretamente que objetos, aspectos ou temas gostariam de encontrar em visitas às Casas e que podem ser destacados dos mais genéricos e recorrentes sistematizados no gráfico por serem **itens específicos do cotidiano de cada escritor** ou do que se espera de um museu-casa. Acessar elementos que se relacionam à criação das obras, ter acesso a esboços e também a documentos pessoais estão entre os desejos. Uma amostra desses comentários é apresentada a seguir.

Sugestões gerais para as três Casas

Tudo relacionado ao cotidiano culinário da casa, festas, recepções. Hábitos alimentares. [Homem cispênero, pardo, na faixa de 60 a 70 anos, pós-

Destaque itens específicos que os respondentes gostariam de encontrar em uma visita



graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Gostaria de encontrar os livros que “formaram” culturalmente os escritores, que lhes deram inspiração. [Mulher cisgênero, amarela, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Interessante o público ter acesso aos esboços dos escritores. A partir destes arquivos poderia contribuir no entendimento do processo criativo destes intelectuais. [Homem cisgênero, preto, na faixa de 40 a 44 anos, graduado e que nunca visitou os museus presencialmente por morar fora de São Paulo, mas já participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida uma vez.]

Os livros que ele gostava de ler, as músicas que gostava de ouvir, as cartas que ele trocava com os amigos, os objetos pessoais, os presentes que ele guardou de recordação. [Homem cisgênero, preto, na faixa de 40 a 44 anos, graduado e que nunca visitou os museus presencialmente, mas já participou das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes.]

Como arquiteta gosto de conhecer os espaços dos museus-casa e conhecer sua relação com a cidade, além da relação da vida do autor com seu tempo e com o tempo presente. O que de suas preocupações ou influências chegaram até

nós como estímulo a novas produções. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Itens específicos sobre Guilherme de Almeida

Manuscritos, livros com marginalia, cartas, roupas, as bandeiras que pertenceram ao escritor Guilherme de Almeida. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Na verdade, tenho interesse em documentos, gostaria de conhecer mais a respeito da participação do Guilherme de Almeida na exposição que ele organizou para a festa do quarto centenário. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Itens citados específicos sobre Mário de Andrade

A coleção de arte popular de Mário de Andrade. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduação e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez há mais de um ano.]

Cartas, notadamente aquelas com interesses polêmicos / políticos, como a carta à Manuel Bandeira, onde Mário admite que é homossexual. Enfrentar os tabus!!!! [Homem cisgênero,

indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades das três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Mário de Andrade: documentos pessoais (do tipo: certidão nascimento, fotos da sua infância, dos pais, histórico escolar, cadernos etc.). [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Rascunhos de Macunaíma. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Sinto falta na Casa Mário de Andrade algumas obras que foram tão importantes em sua vida, como o Cristo de Trancinhas de Brecheret, o qual só me lembro de ver uma foto da obra, e obras de Anita Malfatti. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou ou participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Tudo sobre as viagens de Mário de Andrade pelo Brasil. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de um ano.]

Utensílios de cozinha da família do Mário de Andrade. Cadernos e livros com anotações do Mário de Andrade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já

visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Itens citados específicos sobre Haroldo de Campos

As obras de Haroldo de Campos e livros raros e/ou que o escritor usava como referência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduado e que já visitou as três Casas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Coisas do relacionamento de Haroldo com Octavio Paz. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive esta semana.]

Livros raros ou de referência utilizados pelo Haroldo de Campos com suas anotações. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas uma vez inclusive este semestre.]

Manuscritos / rascunhos de Haroldo de Campos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de três anos.]

Além dos assuntos assinalados como os mais prioritários, os respondentes também trouxeram espontaneamente sugestões de temas em outros campos abertos do questionário. A seleção de comentários abaixo ilustra algumas das expectativas do público ouvido. Entre elas, destacam-se a importância de refletir sobre o

papel das casas na construção de narrativas sobre a cidade de São Paulo e sobre o país (que história se quer contar?); e o desejo de maior **protagonismo do público na própria concepção das atividades.**

Temáticas gerais para as três Casas

Gostaria que as Casas trabalhassem mais conteúdos relacionadas aos povos indígenas, África, estudos africanos e literatura negro-brasileira, como cursos, encontros, simpósios, palestras, oficinas, lives etc. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Acho que as temáticas “Haroldo de Campos”, “Modernismo” e “Poesia” são muito repetitivas na Casa das Rosas. Por que não explorar mais a prosa, a literatura e a escrita criativa? [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Maior conteúdo sobre teoria da tradução e sobre autores brasileiros. Sei que a Casa Guilherme de Almeida tem apresentado programação sobre esses temas, mas ao menos as palestras e cursos que acompanhei este ano me pareceram fracos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme De Almeida mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Que incluam na difusão da obra dos autores atividades audiovisuais, tais como: cinema, teatro, música e poesia. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Acredito que as Casas devam ajudar a construir uma nova imaginação política sobre a cidade e o país, no caso de São Paulo pensar a volta de suas florestas, a afirmação da cultura de suas periferias, a reabertura de seus rios, a afirmação dos valores republicanos, democráticos, latino-americanos e de pluralidade na diferença. [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades das três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Exemplos de atividades

Antes de mais nada, registro aqui a expressão do meu eterno agradecimento pela formação que recebi das três Casas em literatura e cinema. Mas gostaria de propor constantes atividades no apoio ao desenvolvimento de obras artísticas literárias (apoio a escritores, mesmo fora dos cursos de formação da Casa) e maior abertura para proposição de cursos planejados com enfoque diferente dos paradigmas adotados pela casa: em arte não há regras e os pontos de vista para formação do artista são quase que “ilimitados”. Assim, gostaria de conhecer como as equipes de formação dos saraus da periferia trabalham (eles têm um método próprio para formar seus

juvens escritores) e eu mesmo gostaria de propor cursos para escrita criativa e outros cursos propondo uma maior amplitude na bagagem para reconhecimento artístico como semiótica e estilística. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Com relação às três Casas: que permaneçam os saraus literários na Casa das Rosas e sejam também estendidos para as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este mês.]

Programação musical em todas! Relacionar a história do local, das pessoas que ali habitavam com a cidade. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Participar de uma formação que trate da mediação entre literatura, museologia e cidade de São Paulo. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Cursos de higienização, manuseio de papel (diferentes papéis) e restauro de obras museais! [Homem cisgênero, branco, na faixa de 20 a 24 anos, graduando e que conhece, mas nunca visitou as três Casas.]

Gostaria de ter acesso a novos documentos e a espaços com atividades interativas que nos aproximasse dos escritores. Sugiro também que criação de um passeio aos túmulos dos escritores nos cemitérios mais importantes de São Paulo, pois é uma oportunidade de conhecer aspectos pouco explorados da cultura. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Participantes das rodas de conversa destacaram o potencial da Casa Guilherme de Almeida como um lugar de **valorização da cultura e da literatura de imigrantes, em língua portuguesa e estrangeira;** e o da Casa Mário de Andrade para **discussões sobre questões étnico-raciais.**

Eu vejo a Casa Guilherme de Almeida, mais especificamente, como um lugar em que essas culturas diferentes que existem e que coabitam conosco podem convergir, porque nós não temos só literatura escrita em língua portuguesa. A gente tem o exemplo aí da literatura árabe brasileira, escrita pelos poetas egípcios e libaneses que chegaram aqui no começo do século XX. A poesia escrita em português. Tem uma escola de haikai japonesa aqui, em São Paulo, que se desenvolveu em paralelo com as escolas japonesas. [...] São coletivos artísticos que já existem há muito tempo, são estabelecidos aqui há muito tempo. E claro, agora também, com a chegada de mais imigrantes da China, imigrantes do Haiti. Nós temos outras tradições,

outras culturas e outras literaturas circulando aqui, no Brasil, que não são especificamente em língua portuguesa. Então, conhecendo o espírito do Guilherme, que era um diplomata, uma pessoa sempre envolvida com a comunicação entre as culturas, ele era cidadão honorário do Japão, ele trouxe, ele foi a ponte entre a imigração japonesa e os brasileiros. Então, partindo desse espírito do Guilherme, pensando em como a Casa pode contribuir com essa integração, eu acho que no futuro seria muito interessante estender o olhar para essas comunidades que cultivam ainda outras práticas literárias, que não especificamente na língua portuguesa. **Rodrigo Bravo**

Eu gostei da ideia de acolher essas minorias, os indígenas... a literatura, a cultura dos estrangeiros que viveram no Brasil. Acho que hoje a gente precisa estimular isso. Não sei, acho que seria maravilhoso ter um haitiano contando da literatura dele, um afegão, que veio para o Brasil, um iraniano, ucraniano, seja de onde for. Literatura não tem fronteiras! **Alzira Leite Vieira Allegro**

A partir do Mário de Andrade a gente pode discutir também o recorte étnico-racial, porque a gente passa ao largo dessa discussão, muitas vezes, e na ótica das ações decoloniais, que cada vez mais são necessárias – o Marcelo [Mattos Araújo] lembrou muito bem. Essa é outra urgência e talvez possa atrair o público mais jovem, o público mais periférico desses temas que às vezes parecem tão elitistas, né? **Claudinéli Moreira Ramos**

Vida íntima, vida digital e novos públicos: dimensões fundamentais

Nas rodas de conversa, foi consenso entre os participantes que para o visitante de um museu-casa é fundamental que o espaço seja uma **janela para a intimidade** de seus antigos moradores, para a vida dos escritores de referência de cada Casa. Todos concordam que os visitantes anseiam encontrar bastidores da vida cotidiana e do ambiente doméstico.

Uma das participantes destacou como as experiências com o ambiente doméstico podem ser surpreendentes: contou sobre uma pesquisa etnográfica realizada no museu Casa Ema Klabin em que a pesquisadora constatou que o banheiro da casa é o principal lugar de fotos (*selfies*) e onde os visitantes mais permanecem. Relatos da equipe da Rede sobre a Casa das Rosas também dão conta de que o banheiro é um dos principais lugares de visita da casa. Esses dois exemplos reforçam a ideia de que entrar na intimidade das casas é uma expectativa e um desejo compartilhado pelos visitantes.

Uma aluna minha fez uma pesquisa na Fundação Ema Klabin e ela queria entender por que as pessoas passavam tão rápido pelo quarto da Ema, em que tem arte africana, pré-colombiana e ninguém ficava sequer um segundo! São peças raríssimas pré-colombianas. E ela começou a conversar com o público – ela é mediadora lá – e as pessoas diziam: “A coleção é bacana. Mas eu venho aqui porque eu fico

imaginando a Ema nessa casa”, então... Parece que o lugar que as pessoas fazem mais self é o banheiro. [...] Ela mediu o tempo, [...] levou um cronômetro, e o lugar em que as pessoas ficam mais tempo é o banheiro. Eu acho que elas ficam imaginando a intimidade daquela mulher, que é de outra época, outro estrato social, origem europeia, ali naquele banheiro [...]. Então, a sala de jantar, a biblioteca e o banheiro chamam muito mais atenção do público do que a coleção [de arte], que é também espetacular – que tem um [Marc] Chagall, por exemplo.

Ilana Seltzer Goldstein

*Porque nos museus, nesses museus – os museus literários, principalmente, a gente tem aquele público que entra por curiosidade. Tem aquele público que gosta, que é admirador daquele escritor, daquele poeta. Agora, tem uma legião também de fãs completamente apaixonados, que também a gente tem que dar conta, né? E a gente vê muito isso. Eu vi, eu assisti. Não agora, mas há alguns anos, na Casa Rui (há bastante tempo! [Risos]), as pessoas chegavam e choravam: “Meu Deus! Ele dormiu nessa cama! Ele tocou, assim, ele tocou, ele escreveu com essa pena?” Existe esse encantamento, esse fascínio do protagonista também, da conexão. **Jurema da Costa Seckler***

Na perspectiva de muitos participantes das rodas de conversa é fundamental recompor a história dos escritores de referência de cada uma das Casas, mas também de outros antigos moradores dessas residências, da própria edificação, dos objetos e até mesmo do entorno (bairro, cidade) ao longo

do tempo. Isso não significaria “remontar um cenário” fixo de como era a casa antigamente, mas sobretudo **abordar as transformações e múltiplas relações estabelecidas nas e com as casas em seus diferentes momentos de vida**: a relação entre pessoas (dentro e fora), objetos e edificação, registrando os seus movimentos ao longo do tempo.

E também tenho uma preocupação em ter a memória do espaço em si, da própria edificação dos estilos arquitetônicos, enfim, de como que se chegou ali. É óbvio que o maior destaque é a Casa das Rosas, que é do [obra do] Ramos de Azevedo, mas as outras Casas também têm eu acho que uma história pra contar, né? A [Casa] Guilherme de Almeida, aqui, ainda tem os ambientes preservados, mas as outras Casas não, então isso coloca uma dificuldade adicional de trazer essa memória daquele espaço, enquanto casa, enquanto era habitado, né?

Paulo Freitas da Costa

Acho que o papel – algo muito importante que tem que estar em vista das instituições culturais públicas, dos museus, dos museus que trabalham com bem material e imaterial, né? – é pensar que a gente tem que salvaguardar aquilo que já foi produzido em todos os campos desse conhecimento vasto que começa com a língua e vai se expandindo para outras técnicas do domínio humano ao longo da história. Eu acho que esse é o papel da preservação, esse é o papel da redescoberta da difusão da memória: é exatamente guardar aquilo que já foi construído até aqui e cuidar

para que isso seja fomentado e mostrado às outras gerações. **Donny da Silva Correia**

Para além dos objetos, uma das maneiras de abordar essas múltiplas narrativas também é por meio da **história oral**. No caso da **Casa Mário de Andrade**, o fato de o acervo estar no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) **impõe um desafio para uma eventual reprodução de ambientes**, mas essa memória pode ser abordada de outros modos, sem o suporte dos objetos. O registro oral de pessoas é parte fundamental desse processo, sobretudo considerando que a edificação continua estabelecendo novas memórias durante o percurso de vida – o fato de a casa estar em reforma agora redobra a exigência desses registros.

Na Casa Mário de Andrade foi feita uma restauração, que eu acho maravilhosa, a gente tem a sala do piano, da aula funcionando. Só que tudo que compunha aquilo – e a gente tem esse acesso por causa do vídeo que foi feito, post mortem, está no IEB ou está com familiares. Então eu acho que tem uma questão de acesso, em primeiro lugar, que é: a gente tem que remontar, e eu acho que não é “cenarizando” aquilo, mas tem que remontar por onde aquelas peças foram[...]. Primeira coisa que eu quero falar sobre publicização: a gente tem que entrevistar pessoas que passaram por esses lugares e essas entrevistas têm que ser disponibilizadas. Nós temos canais digitais para isso, porque isso é uma superfície de estímulo, até mesmo para a literatura que está sendo ensinada no ambiente escolar, né? Hoje não adianta mais pensar em

*enciclopédia... Não é esse o mecanismo. Mas existem trabalhos de acessibilidade e inclusão que podem ser feitos a partir dessa coleta de memórias – quase rodas de conversa. A Casa Mário de Andrade precisa disso urgentemente, ainda mais porque, com essa linda intervenção que ela vai sofrer, ela vai se desmontar ao mesmo tempo, né? **Fernando Atique***

A Casa das Rosas tem seus desafios próprios, como já mencionado anteriormente. A construção da relação da casa com **Haroldo de Campos** começou com a chegada de seu acervo e vem se fortalecendo ao longo dos últimos anos, mas, por ser menos “natural” do que a relação dos outros autores com as outras casas, exige atenção redobrada.

*[...] Eu também vejo como um grande desafio a Casa das Rosas, porque o visitante fica fascinado com essa viagem no tempo ou com você conhecer a intimidade de um personagem histórico. E aí, como é que fica se isso não é colocado em destaque, numa casa tão linda, né? **Ilana Seltzer Goldstein***

Além de Haroldo de Campos, na visão de vários dos participantes das rodas de conversa, a Casa das Rosas também precisa **trabalhar melhor a relação com Ramos de Azevedo**, assim como com a Avenida Paulista, desde a sua construção até os dias atuais.

Acho que valeria lembrar que a Casa das Rosas foi construída pelo Ramos de Azevedo e tem toda

*uma história ligada à Avenida Paulista. Eu acho que isso era bom de ser recuperado, né? De ter essa consciência que ali foi feito pelo Ramos de Azevedo, que ele habitou ali. Contar a história desse personagem. Abraçar o Ramos de Azevedo assim como se abraçou o Haroldo [de Campos]. Eu acho que essa dupla faz bem à Casa, mas tem um protagonismo maior na questão do Ramos de Azevedo, com filmes, vídeos. Enfim, contar a história, que é isso que a gente estava falando. Então, “De quem era essa casa?”/ “Do Ramos de Azevedo, quem foi esse fulano. Aconteceu isso...” Fotos da época [...] E aí abraça a coleção do Haroldo também. O próprio jardim, ali da Casa das Rosas, é muito propício para que se façam exposições do lado de fora, porque as pessoas ali transitam, né? O público espontâneo que passa pela frente da casa, se interessa muito pela casa e pelo jardim. A gente tem uma semelhança com isso com relação ao Museu Paulista. [...] Assim, muitas pessoas vão lá para ver o palácio. Elas estão indo para conhecer aquele palácio. Era um monumento que virou um museu – o Museu do Ipiranga. As pessoas vão ver aquela coisa do palácio, aquela grandiosidade. Eu acho que isso acontece também na Casa das Rosas. É um dos museus mais visitados que a gente tem aqui. Então essa luz no Ramos acho que seria interessante para a Casa – ganhar essa vida dele, né? Passar isso para dentro e ser isso mais evidente. **Tadeu Jungle***

E eu acho importante deixar claro até como é que a gente constrói e reconstrói a nossa memória o tempo todo. E essa reflexão eu acho

*muito importante levar para a Casa das Rosas, porque, assim, ela é um nó, no estado, desde que ela virou um bem estatal. Ela é originada de um processo grande, de uma sensibilização, inclusive popular, para evitar que se perdesse aquele monumento arquitetônico, mais do que qualquer coisa, na Avenida Paulista. Ela é muito mais um museu-casa de uma rua, de um tempo histórico, de um período do desenvolvimento de São Paulo do que da família do Ramos de Azevedo, e, com certeza do acervo do Haroldo de Campos, ainda que faça todo o sentido a gente trabalhar todos esses personagens que tem a ver com a história do desenvolvimento desse equipamento cultural [...] Acho super legítimo a gente recuperar as questões arquitetônicas, nos três casos, as questões de território geográfico, especialmente na Casa das Rosas. E eu acho que a fala do Tadeu é muito feliz: essa recuperação do Ramos de Azevedo faz todo um sentido ali, nesse contexto mais amplo, do que é esse espaço para o coração da cidade. **Claudinéli Moreira Ramos***

A constituição de **bancos de dados** sobre os escritores de referência e sobre o acervo dos museus-casa, com pleno acesso a referências e a publicações sobre os autores, apareceu como um ponto importante compartilhado por mais de um participante das rodas. Nesse sentido, o **uso das tecnologias digitais** apareceu como um grande aliado, pois permite que todo o material seja disponibilizado para consulta nos sites dos museus.

Essas pessoas, elas foram importantes para os seus lugares – e acho que nada supera a

*experiência de ocupar esses lugares. Então a Casa Guilherme, ela é um desbunde! Ela está íntegra, com todo acervo. Só que, ao mesmo tempo, você chega lá para visitar e acontece algo, que é muito recorrente no sistema cultural do Brasil inteiro – alguém quer... “Tem publicação sobre isso, para eu poder levar e reproduzir?” Não tem publicada no offset e não tem na internet. E a gente sabe que a gente tem uma produção no sistema universitário enorme sobre isso! Eu, pelo menos, conheço duas pessoas que fizeram trabalho sobre a Casa Guilherme. Sobre a Casa Mário então, tem várias! Sobre a Casa das Rosas é gigantesco! [...] Eu tive um orientando que o ano passado defendeu a biografia do Ernesto Dias de Castro. [...] A gente descobriu várias coisas! Onde é que esse material está depositado? Não está! Como é que o sistema de cultura do estado tem que atuar? Ele tem uma imprensa oficial! Ele tem que apoiar a publicação que diz respeito aos equipamentos dele e ele não faz isso! **Fernando Atique***

Para além de um banco de dados capaz de contemplar múltiplas referências, usar **recursos que consigam ampliar as possibilidades de fruição** dos conteúdos no espaço expositivo também apareceu como sugestão.

Eu brinco com o pessoal da Casa Mário que seria super bonito a gente, um dia, conseguir fazer uma exposição holográfica das peças que estão disponíveis no acervo do IEB, por exemplo, colocando ali um simples leitor de QR-Code. Isso é algo que também dá para ser feito. Isso dá para ser feito via concurso.

*A gente tem um monte de produtor digital, que aparentemente não tem nada a ver com literatura, mas tem tudo a ver com o espaço dos museus. E eu, como estou na universidade, e a gente está sendo impelido a pensar isso, eu quero fazer um pouco essa provocação. A gente não tem mais que pensar o que foi até agora, na sobrevivência. Ele [o museu] tem que ser pensado a partir das contemporaneidades das novas linguagens e do dinheiro que o estado tem, porque tem. Então eu acho que a gente tem que convergir para as novas possibilidades aí de atuação. **Fernando Atique***

Eu sempre senti falta de uma visita guiada nos museus com QR-Code, audioguia nos celulares.

Davidson Panis Kaseker

O uso de tecnologias digitais como estratégia para tornar os museus-casa mais atrativos para novos públicos também foi destacado como recurso para favorecer a comunicação com novos públicos, sobretudo os jovens.

Como seduzir essas pessoas? Como tornar o museu sexy? Como as casas-museu ficam sexy? Como que a gente consegue entrar definitivamente nesse século XXI tão conectado, tão polemizado pelas coisas digitais, pelas redes etc.? Hoje em dia a gente tem personagens que a gente nem sonhava há, sei lá, cinco, seis anos atrás – os influencers! Quem são essas pessoas? O cara tem lá 100 mil seguidores! A Casa tem 30 mil, 20 mil. [Risos] O cara, qualquer coisa, ele vai ter 100 mil, 200 mil, 500 mil, 1 milhão

de seguidores! Esse mundo que a gente está vivendo... A gente precisa dialogar com esse mundo. Quer dizer, não precisa gostar desse mundo, mas precisa dialogar com esse mundo. Então eu acho que, de alguma maneira, tem que haver consciência disso dentro das diretorias das casas-museu, dos conselhos, para que eles se tornem mais pop [...]. Que a difusão consiga ser traduzida. Que se pegue uma determinada informação e ela seja traduzida de uma maneira mais pop, para tentar pegar também a molecada que está chegando, que tem um outro tipo de pensamento. Vivemos aí durante décadas, ou século, com determinado tipo de olhar para museus etc. etc. E hoje em dia isso é completamente diferente. As pessoas têm um interesse muito grande pelas informações curtas, sucintas etc. **Tadeu Jungle**

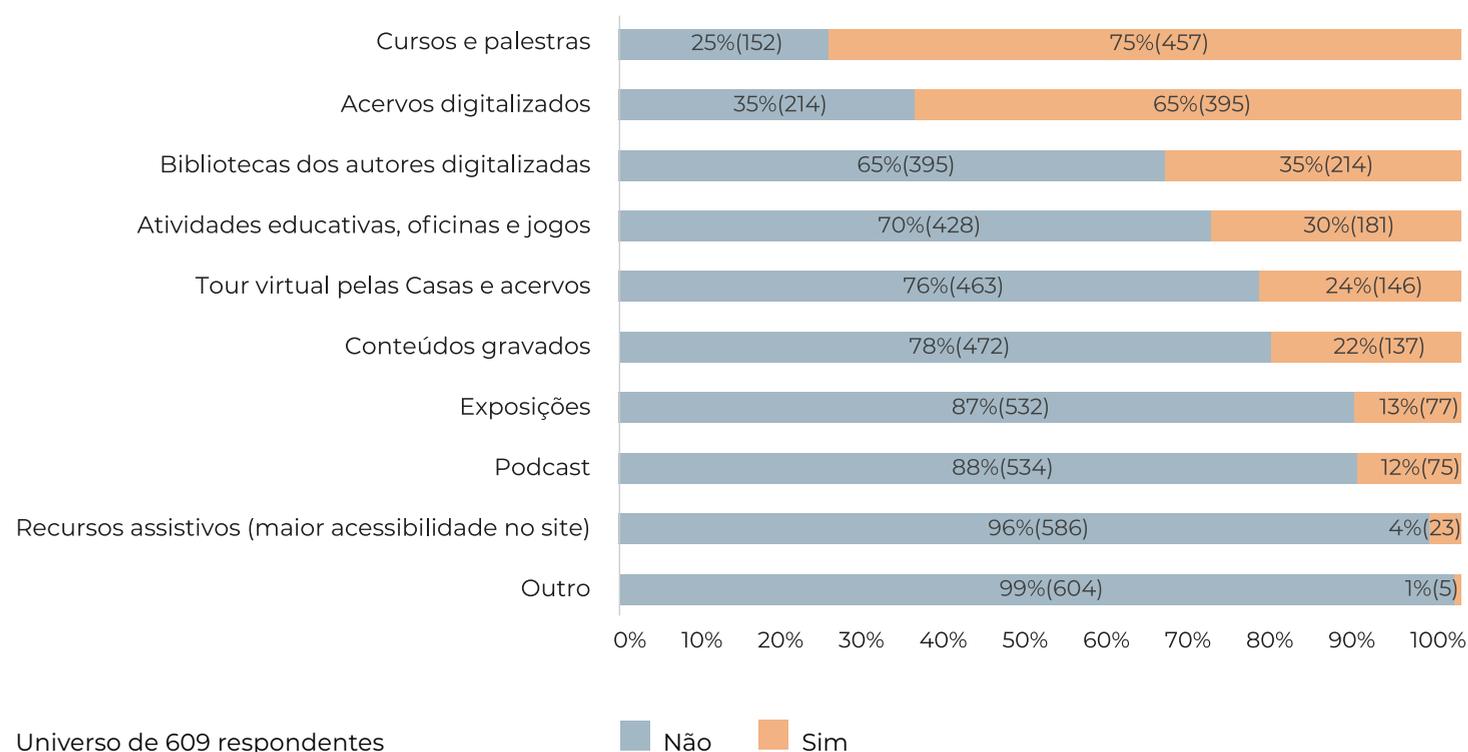
Nesse contexto de possibilidades para ações virtuais e de uso de recursos de tecnologia digital, os respondentes do questionário tiveram que priorizar até três atividades ou itens que gostariam que os museus-casa oferecessem em ambiente virtual. O item mais escolhido foi **cursos e palestras** (75%), o que dialoga diretamente com comentários abertos do questionário (apresentados a seguir) que reforçaram a importância de versões virtuais dos cursos oferecidos pelas Casas. Além disso, a **disponibilização digitalizada dos acervos** (65%) e das bibliotecas dos autores de referência (35%), em proporção um pouco menor, foram os dois outros itens mais votados, reforçando a sugestão também apontada pelos participantes das rodas de conversa.

Interessante notar que comentários relacionados a ações virtuais apareceram ao longo de todas as perguntas abertas do questionário. A manifestação espontânea sobre o tema demonstra a **relevância de considerar e incrementar a programação digital** como algo constitutivo das instituições museais – inclusive, aproveitando os aprendizados obtidos durante a pandemia de covid-19, que exigiu rever a atuação nesse meio e criar novos modos de se relacionar que vieram para ficar.

Acho que faltam cursos de formação em literatura e escrita. Os Clipes têm poucas vagas e são presenciais. Seria interessante ter mais cursos síncronos ou on-line. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Eu gostaria que as Casas oferecessem todas as alternativas sugeridas no ambiente virtual, mas

O que você gostaria que os museus-casas literários oferecessem em ambiente virtual?



só podia marcar três! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Por favor, fortaleçam a possibilidade de oferecer cursos de formação, como o programa para tradutores literários, com turmas on-line. Resido no MS e não tenho condições de participar presencialmente das atividades. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já participou das atividades virtuais das três Casas mais de duas vezes e visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Gostaria de ter acesso ao acervo virtualmente e ter acesso às gravações de palestras e cursos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Gostaria que as atividades virtuais noturnas (cursos e oficinas) iniciassem às 20h, pelo menos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

O que mais me interessa são palestras e cursos on-line, sobre literatura, poesia e tradução. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este mês.]

Por outro lado, houve quem manifestasse desejo e saudade das atividades presenciais, reforçando que os museus são também percebidos como **espaços de encontro e convivência**.

Gostaria que os cursos presenciais voltassem. Realizei vários cursos nas três Casas antes da pandemia e agora só vejo cursos on-line. Os cursos presenciais são uma ótima forma de conhecer pessoas e andar pela cidade. Obrigada. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

A necessidade de **expandir as atividades dos três museus-casa para novos públicos, principalmente para o público jovem**, também foi um dos temas trazidos pelos participantes tanto das rodas quanto do questionário. A **utilização de outras ferramentas de diálogo** foi descrita como forma de acessar esses novos públicos. De diferentes linguagens artísticas, como a performance, ao uso de novas tecnologias e recursos digitais, com *podcasts*, realidade virtual etc., todos são dispositivos vistos como aliados estratégicos na relação com novos públicos. **Atingir públicos mais periféricos** também foi uma expectativa apontada pelos participantes das rodas de conversa, que ressaltaram o desafio dessa ampliação de público. As alianças com os saraus e movimentos sociais, já mencionados, aparecem como possibilidades de contribuição para a popularização e a democratização dos conteúdos trabalhados nos museus.

As Casas têm se preservado e têm crescido em termos de consideração, conhecimento e reputação. Então, eu vou abordar um aspecto que eu acho fundamental. A questão de interessar, particularmente agora, não apenas o público cativo, o público que as próprias Casas têm, em função dessa disposição, disponibilidade e atuação do diretor, mas o público jovem. Então eu acho que existem várias possibilidades. Em primeiro lugar, a divulgação das agendas que possam interessar aos jovens. [...] é preciso se abrir acho que pra juventude, como que os jovens podem ser atraídos pela programação da Casa. Convidar esse público jovem para fazer performances aqui. Eles adoram isso! Eles adoram, eles mesmos serem os autores, eventualmente, de projetos ligados a Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Haroldo de Campos, não é? Quer dizer, poetas. Eles gostam de fazer performance de poesia. Eu assisti pessoalmente a performance de poemas do Affonso Ávila, que eu havia lido, assim, sem me emocionar tanto. Era um poema chamado "Pedra". E ele conseguiu criar uma atmosfera de atenção e de entusiasmo na plateia, devido a essa performance. [...] Eu acho que a performance é muito importante para esse público jovem, que venha ele mesmo participar.
Aurora Fornoni Bernardini

Trazer os alunos até aqui também, mas principalmente divulgando a mensagem das escolas. A aproximação com esses coletivos de literatura espalhados pela periferia. Esse diálogo não é feito. **Paulo de Freitas Costa**

Então eu acho que esse aspecto de preservar a memória e o conhecimento é um aspecto fundamental. E isso tem a ver com a nossa identidade cultural. Agora, é preciso se abrir, acho que pra juventude, ver como que os jovens podem ser atraídos para a programação da Casa. **José Antônio Alves Torrano**

Eu fico pensando na possibilidade até de concursos de poesias nas escolas, evidentemente capitaneado pelas Casas, nessa sinergia criada pelas três, levando a proposta, um eixo temático, enfim, a possibilidade até para escolas mais distantes que não tenham acesso, não, professor? Porque a ideia de trazer a escola para as Casas é muito significativa. Porém, eu fico pensando naquela escola mais distante, na periferia, que teria uma dificuldade. É claro, a prioridade, com o tempo, seria fazer um programa de aproximação desses alunos e transporte. **José D'Amico Bauab**

Por fim, mas não menos importante, **abrir o espaço das Casas, incorporar novos agentes, abrigar múltiplas vozes e trabalhar para garantir a projeção de perspectivas decoloniais** são movimentos essenciais e sem volta, que têm entre seus efeitos criar novos sentidos e narrativas para os espaços.

Acho que agora, particularmente, [e isso] é reforçado a partir do meu trabalho em museus, que sempre foi a minha área de atuação, pensando e repensando e reforçando a crença na possibilidade do trabalho em rede, que eu

acho que é o caminho absolutamente necessário e fundamental para o desenvolvimento do trabalho museológico, para os desafios, chamados de decolonização. Eu acho que a perspectiva museológica se traduz justamente pela necessidade de abertura de espaços e de incorporação de novos agentes e novas vozes no processo museológico como um todo, e não apenas de uma maneira... como objetos das nossas ações, mas agentes atuantes em todos os momentos, seja de coleta, de conservação, de definição de procedimentos de catalogação e, obviamente, nas atividades de mediação e, portanto, de exposição, como de educação.

Marcelo Mattos Araújo

7. Considerações finais

7. Considerações finais

E cruzam-se as linhas
no fino tear do destino.
Tuas mãos nas minhas.

“Romance”
Guilherme de Almeida

Existe um caráter pessoal, afetuoso e convidativo em visitar um museu-casa. As trajetórias precursoras dos escritores Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Haroldo de Campos, evidenciadas por recortes que os homenageiam e os celebram, criam espaços ímpares nos três museus, Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas. Há algo de incrível nesses três personagens que por si só é inspirador. Por sua vez, o cotidiano da vida das casas – como as pessoas se relacionavam ali, como executavam suas tarefas domésticas, como viviam – despertam o interesse do público que visita os museus.

É essa curiosidade de espreitar o ambiente doméstico, pessoal, familiar, privado e descobrir, na dimensão do cotidiano alheio, os pequenos segredos da vida, que torna a experiência de visita ao museu-casa diferente da visita ao museu clássico. No ambiente do museu-casa a memória não é, não está, ela percorre, engaja, religa lembranças e criativamente se reinventa.

A inserção dos museus-casa a seu entorno amplifica o território simbólico e salvaguarda a memória local e suas conexões com a cidade. A perspectiva da imaterialidade é intensificada pelo fato de os museus-casa refletirem a vivência de pessoas e de suas relações, em tempo e

espaço (lugares ocupados, utilizados, vividos, sentidos). Há, portanto, múltiplas camadas de tempo no mesmo espaço, com alto potencial de alcançar os afetos dos visitantes, que, ao terem contato com espaços íntimos, mobilizam memórias pessoais e coletivas.

Conhecer a vida íntima de quem morou em cada casa – o dia a dia, as relações, as trocas de cartas, o dormitório, o banheiro, as refeições, os segredos, os frequentadores da casa – e coisas simples do cotidiano estão entre os grandes atrativos de um museu-casa. Os museus-casa têm ainda o potencial de promover reflexões e levantar controvérsias a respeito de como vivemos e despertar questionamentos de várias ordens, da vivência pessoal à vivência coletiva.

As casas só existem no tempo. E o tempo não para. Cada casa pode ser muitas a depender de quem e de quando se observa – e é fundamental declarar essa perspectiva ao visitante. Abordar as casas em toda sua complexidade é também abordar as ausências, os apagamentos, as contradições históricas e estabelecer novas narrativas, complementares e disruptivas.

Com base em um farto volume de dados qualitativos e quantitativos, este diagnóstico permitiu identificar aspectos importantes para que os três

museus possam avaliar seu trabalho e projetar o futuro. Trouxe também respostas para muitas das inquietações da própria equipe, em especial, sobre aspectos relacionados à oferta de atividades.

De modo geral, a avaliação das atividades foi positiva. Analisando a oferta presente na programação, é possível afirmar que ela é bastante variada, dinâmica e volumosa. Contudo, nas três Casas, **as atividades ainda parecem majoritariamente voltadas para grupos e nichos muito específicos**, e não conseguem acessar ou atrair públicos mais gerais e diversos – a programação, assim, fala mais com os mesmos e para os mesmos.

O diagnóstico mostra que **os museus precisam expandir e adensar as relações com novas redes** e estabelecer conexões mais próximas e íntimas com os entornos físico e temático.

Para construir programações mais diversas, é preciso também ser diverso – do conselho às equipes. Esse parece um ponto de atenção importante: uma programação que de fato seja capaz de atingir novos públicos precisa partir de bases mais diversas.

Colocar-se no **lugar de aprendiz** pode ser um movimento importante: o que outras pessoas, grupos, lugares, movimentos e modos de fazer podem ensinar às Casas e a suas equipes?

É fundamental, ainda, criar **estratégias para melhorar a comunicação e a divulgação das atividades**. A Rede precisa se assumir como rede, apresentar com nitidez seu propósito, definir e adensar a relação entre os museus. É preciso que a sinergia e a colaboração entre os museus fiquem mais evidentes e sejam mais efetivas na prática.

Algumas diferenças significativas entre os três museus, como o fato de Haroldo de Campos nunca ter residido na Casa das Rosas, aparecem como desafios que, se enfrentados com estratégia, podem se transformar em oportunidades para contribuir com a própria **capacidade da Rede em se fazer presente e visível** entre os mais diversos públicos.

A ampliação da **extroversão on-line** é desejada. Compreender a interação virtual não apenas como complementar, mas como constitutiva da era pós-digital é um passo que pode ser importante para garantir a qualidade da interface digital dos museus. Também é preciso criar elementos para que as exposições presenciais sejam mais atrativas (com uso de tecnologia e dispositivos expográficos mais interativos).

Os museus são espaços de encontro e convivência, presencial ou virtual, e devem buscar a democratização do acesso e da produção. **Parte do público ouvido tem desejo de participar de forma mais ativa na própria concepção da programação.** Há também pessoas que não entendem os critérios utilizados para definições e

escolhas feitas pelas Casas em suas programações. **Ser transparente, rever métodos, explicitar e ampliar o rol de critérios, abrir-se para outros grupos e abordagens** aparece como um ponto fundamental.

Estabelecer estratégias para garantir que a governança das três Casas seja cada vez mais integrada e, ainda, apostar em um **programa de hospitalidade**, transversal a todas as áreas, e que conceba questões relacionadas ao acesso, à acessibilidade, ao bem receber e à inclusão dos públicos de modo articulado talvez sejam caminhos importantes para o próximo ciclo de vida das Casas.

Por fim, vale dizer que todos os dados aqui apresentados devem ser analisados com atenção e revisitados diversas vezes pela Rede – **o conhecimento da equipe é precioso para promover outros insights** ou mesmo provocar novas chaves para a interpretação dos resultados.

Com base nesses resultados, é possível pensar em algumas recomendações gerais que podem guiar os próximos passos da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo – apresentadas a seguir.

Algumas recomendações

■ Consolidar a Rede de Museus-Casas Literários junto à sociedade

- **Fortalecer a identidade da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo.**
 - Definir e disseminar o propósito institucional da Rede (por exemplo, o direito à literatura, à poesia).
 - Atuar para desenvolver o gosto pela literatura e pela poesia nos mais diferentes grupos, agindo na relação e no acesso por meio de ações de comunicação e formação que permitam uma relação mais estreita da população com o tema e com as Casas.
 - Fazer uso de experiências poéticas pela cidade como forma de firmar o propósito e a relevância das Casas (poetizar a cidade como um valor inegociável da rede?).
 - Revisar o conceito e as diretrizes da marca, integrando toda a comunicação (promover um estudo de *rebrand* geral das marcas).
 - Criar uma programação com curadorias compartilhadas e colaborativas entre as equipes das Casas, sempre pensando na ocupação de seus espaços.
- **Realizar um planejamento estratégico para a Rede.**
 - Estabelecer estratégias de governança que garantam efetivamente a integração entre as Casas – das equipes à programação ofertada ao público.
- **Criar um sítio único de acesso às Casas – um portal que abrigue e articule os sites de cada Casa.**
 - Garantir informações integradas e facilitadas sobre a Rede.
 - Ampliar a divulgação das atividades.
 - Manter conteúdos atraentes e navegação facilitada para pesquisa e consulta com vistas a um futuro centro de referência virtual.
 - Criar programa de história oral.
- **Estabelecer novos círculos de aconselhamento, orientação e proteção da Rede – conselhos precisam de inovação, diversidade étnico-racial, juventude, diversidade social e urge atuar nessa frente.**
- **Criar um comitê de referência teórica e estética para as Casas, com nomes de profissionais e projetos inspiracionais.**
- **Avaliar a diversidade atual da equipe, em termos étnico-raciais, de gênero, etário, entre outros marcadores, e estabelecer estratégias concretas com base nos resultados dessa avaliação.**

■ Conexão entre as Casas

- Definir especificidades e valores de cada Casa, assumindo aqueles compartilhados (a literatura, a poesia) e evidenciando os que são de cada um dos espaços (a atuação de cada escritor, seus tempos históricos, suas conexões).
- Reorganizar os espaços a partir de suas forças – as casas habitadas pelos escritores precisam ser tratadas de forma diferente da Casa das Rosas.
 - Pensar os espaços expositivos a partir de novos recursos interativos.
 - Trazer para o contexto das casas o conceito de digital.
- Definir melhor a identidade da Casa das Rosas.
 - Atribuir à Casa das Rosas o papel de centro da Rede, que reúne as equipes e fomenta o pensamento; pensar em um anexo nas redondezas, sem abrir mão de atividade nas Casas.
- Trabalhar os diversos momentos históricos das Casas.

■ Novas redes e parcerias

- Ampliar as conexões com instituições, grupos, espaços, iniciativas.
 - Fortalecer a conexão das Casas com saraus, bibliotecas comunitárias, movimentos sociais da cidade e do estado, ampliando sempre que possível para outras regiões do país e da América Latina.
 - Liderar mapeamento de lugares e iniciativas de leitura e literatura na cidade e depois no estado; criar um mapa entre essas experiências que releve também os percursos dos escritores.
 - Identificar os diferentes entornos (locais, temáticos, digitais), seus recursos e conexões com as Casas e com a Rede.
 - Realizar incursões etnográficas pelo entorno das Casas.
 - Identificar potencialidades de internacionalização de programas para itinerar fora do país e/ou iniciativas internacionais para apresentar nas Casas; trazer o legado de autores que transitaram pelo circuito dos escritores de referência das Casas para essas conexões.
- Avaliar as parcerias existentes e pensar em critérios e diretrizes para renová-las e ampliá-las.
- Articular-se com as instituições culturais também vinculadas a Secretaria de Cultura e Economia Criativa; estabelecer estratégias conjuntas para otimizar recursos, evitar sobreposições, aproveitar melhor programações similares e estimular os públicos a circular.

■ Programação das Casas

- **Desenvolver estratégias para fomentar e propiciar maior participação e protagonismo do público, inclusive na concepção da programação.**
- **Considerar outras e novas produções literárias, que circulam em meios menos hegemônicos (periféricos, negros, indígenas etc.).**
- **Criar mais espaços para as escolas, com programas voltados para o Ensino Médio e para a carga da reforma curricular que prevê aulas optativas no contraturno; oferecer cardápio de programas especiais para as escolas próximas.**
- **Diversificar as formas de acesso do público aos conteúdos dos museus (podcasts, exposições mais interativas etc.).**
- **Manter e incrementar a programação digital, é preciso criar uma programação específica para o meio virtual.**

■ Públicos

- **Ancorar os museus em comunidades, criando ou fortalecendo sentimentos de pertencimento em relação aos museus.**
 - Envolver as comunidades, nomeá-las e apresentá-las para a sociedade a partir das suas próprias vivências (por exemplo, contar as histórias dessas pessoas como se fossem experiências literárias).
- **Estabelecer estratégias para alcançar diferentes públicos.**
 - Públicos jovens.
 - População negra.
 - Público mais geral e menos especialista, que pode se interessar e se conectar de diferentes formas às Casas.

■ Palavras-chave – rodas de conversa

Ao final de cada roda de conversa, os participantes foram convidados a expressar desejos e intenções para os museus-casa, o que não poderia faltar ou de que não se poderia abrir mão no futuro – ver na próxima página¹⁶.

Esse exercício permitiu elencar ideias-chave, princípios e valores a serem perseguidos **para inspirar a gestão e as equipes** ao planejar os próximos passos para as Casas.

Que seja leve, proveitosa e instigante essa nova fase.

¹⁶ Reflexões propostas pela facilitação em cada roda de conversa: Roda 1: “Vamos pensar assim, qual seria um sonho? Um exercício de imaginação aqui entre nós.” Roda 2: “Como vocês veriam esses três equipamentos daqui a uns cinco anos?” Roda 3: “De que palavra, gesto, atitude, desejo, valor a gente não pode abrir mão? Eu queria, assim, que cada um falasse uma coisa, o inegociável pra gente chegar nesse futuro, pra olhar de lá para essas Casas, essa rede, esse lugar que está sendo formado. Do que não se pode abrir mão?”

ACOLHIMENTO CIDADANIA EMANCIPADOR
DIREITO À LITERATURA BUSCA ATIVA DE
VISITANTES REPENSAR A LINGUAGEM LUGAR
DE DEBATE ESTÍMULO IMAGINAÇÃO BEM
RECEBER MUSEUS PROPOSITIVOS CULTURAL
E SOCIALMENTE EXPERIÊNCIA INTIMIDADE
TER ESCUTA QUEBRA DO OFICIALISMO FAZER
SENTIDO CIVILIZAÇÃO EMANCIPAÇÃO DOS
JOVENS SENSIBILIDADE COM O OUTRO MARCA
REDE SEDIMENTADA DEMOCRATIZAÇÃO
VÍNCULO PORTAS ABERTAS MÚLTIPLAS VOZES
PARTICIPAÇÃO PERTENCIMENTO DIÁLOGO



RODA 01



RODA 02



RODA 03

8. Referências

8. Referências

AFONSO, M. M. Casa-museu, museu-casa, casa histórica: um lugar de memórias. **Revista Semestral**, Ano 1, jan.-jun., 2016.

CARVALHO, Ana Cristina (org.) **Museus casas históricas no Brasil**. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.

CAVALARI, V. **Casas-museu**: o encontro da arquitetura, literatura e memória. 2020. ECA-USP. Jornalismo Júnior. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/casas-museu-o-encontro-da-arquitetura-literatura-e-memoria/> Acesso em: 18 dez. 2022.

CAYER, N. A.; SCHEINER, T. C. Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cienc. Hum.** Belém, v. 16, n. 2, e20200108, 2021.

CHAGAS, M. A poética das casas museus dos heróis populares. **Unirio Mosaico**, v. 2, n. 4, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v2n4.2010.62790>.

CICCACIO, A. **O jardim das resistências**: uma história da Casa das Rosas. São Paulo: Risco Editorial, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

PONTE, A. **Casas-Museu em Portugal**: teoria e prática. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2007.

PONTE, A. Casas-Museu: entre o conceito e o modelo de ação, da constituição ao modelo de investigação. In: **10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal** (Coleção Patrimônio a Norte, n. 1, p. 45-50). Comitê Internacional do ICOM, 2019.

REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS. **Desenvolvimento de Plano Museológico**: Casa Guilherme de Almeida; Casa das Rosas; Casa Mário de Andrade. São Paulo, 2018.

SPINELLI, T. **Museus literários no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2009.

Pesquisas de público consultadas

HÁBITOS CULTURAIS DOS PAULISTAS. Pesquisa SP. JLeiva, 2014. Disponível em: <http://www.pesquisasp.com.br/>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

DADOS PARA NAVEGAR EM MEIO ÀS INCERTEZAS. Parte II: Resultados da pesquisa com públicos de museus. Realização ICOM BRASIL e TOMARA! EDUCAÇÃO E CULTURA, 2020.

PESQUISA HÁBITOS CULTURAIS: expectativa de reabertura e comportamento digital. Realização Itaú Cultural e DataFolha, setembro, 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/datafolha-lancam-pesquisa-sobre-habitos-culturais>.

PESQUISA MUSEUS: narrativas para o futuro. Realização Oi Futuro e Consumoteca, 2019. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/pesquisa-museus-2019/>.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO VERSÃO FINAL EM PDF

[Acesse aqui](#)




Realizado por


Pesquisa Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo

Olá! Agradecemos sua disponibilidade para participar desta pesquisa. Queremos muito saber o que você pensa sobre a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas. Sua visão e suas percepções são importantes para nos ajudar a pensar sobre o futuro dos Museus-Casas Literários. O tempo estimado para preenchimento deste questionário é aproximadamente de 20 minutos. Pode ser um pouco mais ou um pouco menos. Vamos lá?

Importante: o questionário pode ser respondido tanto pelo celular quanto pelo computador, mas a navegação é melhor pelo computador. Em alguns aparelhos de celular, pode ser necessário clicar mais de uma vez para avançar para a próxima página e dar início ao questionário. Em caso de dúvidas, sugestões ou dificuldade para responder às perguntas, você pode nos contatar no e-mail pesquisas@tomaraeducacaoocultura.com.br (<http://pesquisas@tomaraeducacaoocultura.com.br>). Esta pesquisa está em conformidade com a Lei nº 13.709 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) do Brasil e com a Política de Privacidade da Tomara! Educação e Cultura. (<https://www.tomaraeducacaoocultura.com.br/pol%C3%ADtica-de-privacidade>)

ANEXO 2

MINIBIO DOS PARTICIPANTES DAS RODAS DE CONVERSA

Roda de conversa 1 – 09/11

Membros do Conselho de Orientação Artística Presencial

Todos os participantes são graduados, sendo que 16 possuem mestrado e 11 também possuem doutorado, todos com mais de 10 anos de atuação em suas áreas. As formações dos participantes estão dentro das humanidades, tais como antropologia, arquitetura, cinema, direito, história, letras e museologia.

Aurora Fornoni Bernardini

Graduada e mestre em Letras, com doutorado em Literatura Brasileira e livre-docência em Literatura Russa. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária.

Carlos Augusto Machado Calil

Cineasta, ensaísta, professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP. Dirigiu instituições culturais como a Embrafilme, Cinemateca Brasileira e Centro Cultural de São Paulo. Foi secretário municipal de Cultura de São Paulo entre 2005 e 2012.

José Antônio Alves Torrano

Graduado, mestre, doutor em Letras e livre-docência em Literatura Grega. Atualmente é professor titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo. Trabalha com os seguintes temas: tragédia grega, pensamento mítico e filosofia grega.

José D'Amico Bauab

Bacharel em Direito, mestre em Direito Civil, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro do Conselho de Orientação Artística da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, gestor responsável pelo Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Paulo de Freitas Costa

Arquiteto e mestre em Artes pela USP. Curador da Fundação Ema Klabin desde 2001. Participa, anualmente, da organização do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, promovido pelo Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

Roda de conversa 2 – 10/11 - Presencial

Alzira Leite Vieira Allegro

Graduada em Letras, mestre em Língua e Literatura Norte-Americana e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Atualmente é professora de Literaturas de Língua Inglesa e Tradução na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de coordenar a Oficina de Tradução Literária/Prosa na Casa Guilherme de Almeida.

Davidson Panis Kaseker

Mestre em Museologia. Graduado em Letras Clássicas e Vernáculas. Tem especialização em Administração de Empresas e em Gestão e Política Cultural. Foi secretário municipal da Cultura e Turismo da prefeitura municipal de Itapeva no período de 2007-2012 e, desde junho de 2013, é diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM SP).

Donny Correia da Silva

Poeta e cineasta, mestre e doutor em Estética e História da Arte e bacharel em Letras. Realizou os curtas experimentais *Anatomy of decay* e *Brainteaser*, co-organizou o volume *Cinematographos*, antologia da crítica cinematográfica (2016), com textos críticos escolhidos do poeta Guilherme de Almeida. É membro da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) e da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte).

Fernando Atique

Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo. É arquiteto e urbanista, mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e doutor em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. É pós-doutor em História. É membro fundador da Associação Ibero-Americana de História Urbana - AIHU. É, também, membro do ICOMOS-Brasil.

Marília Bonas

Historiadora, especialista em museologia e mestre em museologia social. Foi curadora de diversas exposições, dirigiu o Museu do Café, o Museu da Imigração e coordenou o Memorial da Resistência de São Paulo. Atualmente é diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa e do Museu do Futebol. Também é membro da diretoria do Conselho Internacional de Museus no Brasil (ICOM Brasil).

Rodrigo Bravo

Rodrigo Bravo é tradutor, dramaturgo e diretor de teatro. Bacharel em Letras Clássicas e mestre em Linguística pela USP, onde realiza pesquisa de doutorado em Estudos da Tradução. Professor de escrita criativa do curso de pós-graduação em Música Popular – Rock, nas Faculdades Santa Marcelina. Coordenador do selo de tradução literária Pythia, da Mocho Edições. Autor de livros, ensaios e artigos sobre tradução e crítica literária, tendo traduzido as tragédias *Hamlet* (2021) e *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Membro fundador da Cia. Vento Áureo de Teatro, pela qual dirigiu os espetáculos *Hino a Dioniso* (2019), *Hinos Homéricos: a tradução do pensamento mítico* (2019), *Louvor às Deusas* (2020) e *Ecos de Andrômaca* (2021). Autor dos livros de poesia *Poligonia do Haikai* (2017), *Teso* (2018) e *Mavórcio Libreto* (2018).

Roda de conversa – 11/11 - Remota

Ana Cláudia Rôla

Licenciada, especialista e mestre em Letras. Foi professora da rede pública e privada de Mariana-MG e região, integrou a equipe da Ufop no programa Alfabetização Solidária, no interior do estado da Paraíba. Coordena o Museu Casa Alphousus de Guimaraens. Acompanhou todo o processo de revitalização do Museu Casa Alphousus de Guimaraens sendo responsável pela curadoria da exposição de longa duração.

Claudinéli Moreira Ramos

Historiadora, mestre em Filosofia da Educação e doutoranda em Cultura e Informação. Especialista em Gestão e Políticas Culturais. Professora do curso de especialização em Museologia, Cultura e Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do MBA em Gestão de Museus da Universidade Cândido Mendes. Desde 2019, atua como consultora para instituições como a Unesco, FGV, Itaú Cultural e JLeiva Cultura & Esporte.

Ilana Seltzer Goldstein

Mestre em Antropologia Social e em Mediação Cultural e doutora em Antropologia Social. Docente no Departamento de História da Arte da Unifesp. Foi coordenadora do MBA Gestão de Bens Culturais da FGV, e docente na pós-graduação em Gestão Cultural do Senac. Participou das curadorias das exposições “Terra paulista: história, arte e costumes” (Sesc Pompeia); “Jorge, amado, universal” (Museu da Língua Portuguesa); “Tempo dos sonhos: a arte aborígene contemporânea da Austrália” (Caixa Cultural).

Jurema da Costa Seckler

Museóloga, com especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais. Ingressou como museóloga no Museu Casa de Rui Barbosa em 1975, onde desempenhou diversas atividades técnicas e administrativas. Aposentou-se em 1994, retornando a chefia do museu em 1997, permanecendo até 2000. Em 2003 retornou para a chefia do museu, permanecendo até agosto de 2020. Atua também ministrando aulas no mestrado profissional da Fundação Casa de Rui Barbosa e no MBA da Universidade Cândido Mendes. É membro do Demhist e do Comitê Internacional das Casas Históricas do ICOM.

Marcelo Mattos Araújo

É bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, especialista em Museologia e doutor em Arquitetura e Urbanismo. Assumiu, entre 2002 e 2012, a direção da Associação Pinacoteca Arte e Cultura (APAC). Em 2008, assumiu também a administração do Memorial da Resistência de São Paulo. Foi secretário estadual da Cultura, presidente do Ibram entre 2016 e 2018, presidente da Japan House São Paulo de 2018 a 2020, e desde abril de 2020 é diretor-geral do Instituto Moreira Salles.

Tadeu Jungle

Graduado em Rádio e TV, é um artista multimídia brasileiro com atuação nas áreas de fotografia, vídeo, instalações, poesia visual e realidade virtual. É sócio-fundador da produtora de cinema Academia de Filmes. Dirigiu o longa-metragem de ficção *Amanhã nunca mais*. Dirigiu o documentário *Evoé*. Dirigiu o documentário brasileiro em realidade virtual intitulado *Rio de Lama*, sobre a tragédia de Mariana-MG e o filme em realidade virtual feito com os índios do Xingu, *Fogo na floresta*.

ANEXO 3 - FOTOGRAFIAS

OFICINA



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)

RODAS DE CONVERSA



Roda de conversa 1 - presencial (10/11/2022)



Roda de conversa 2 - presencial (11/11/2022)

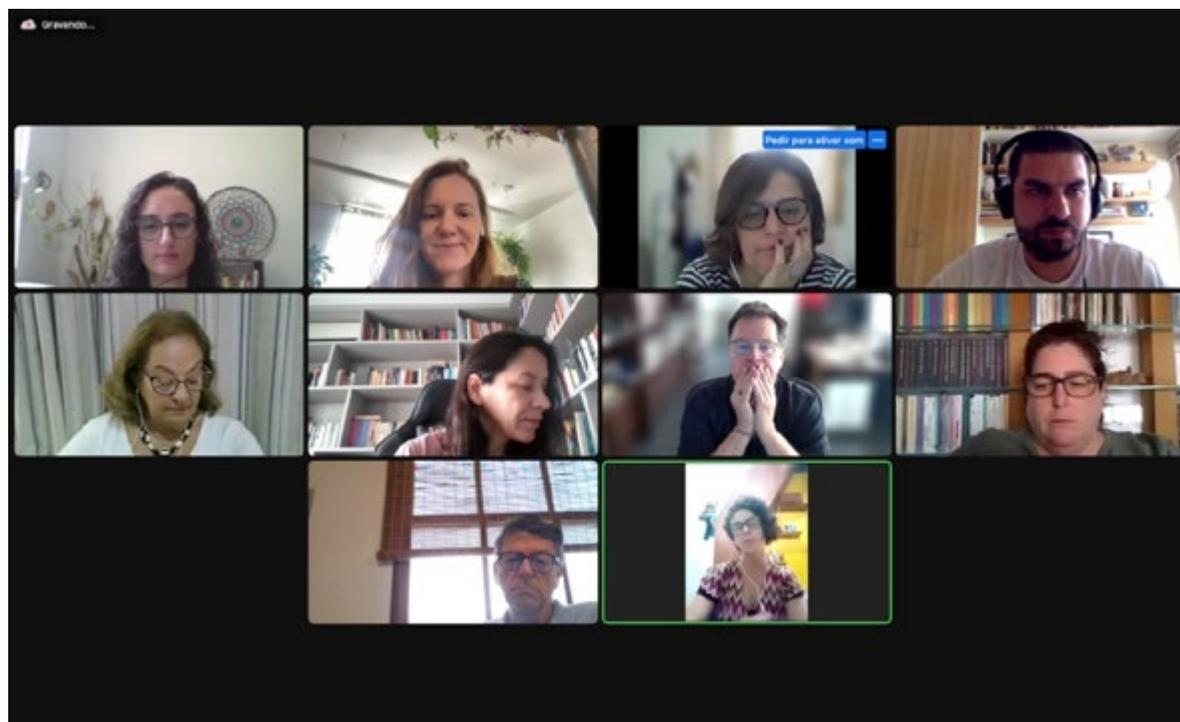


Roda de conversa 1 - presencial (10/11/2022)

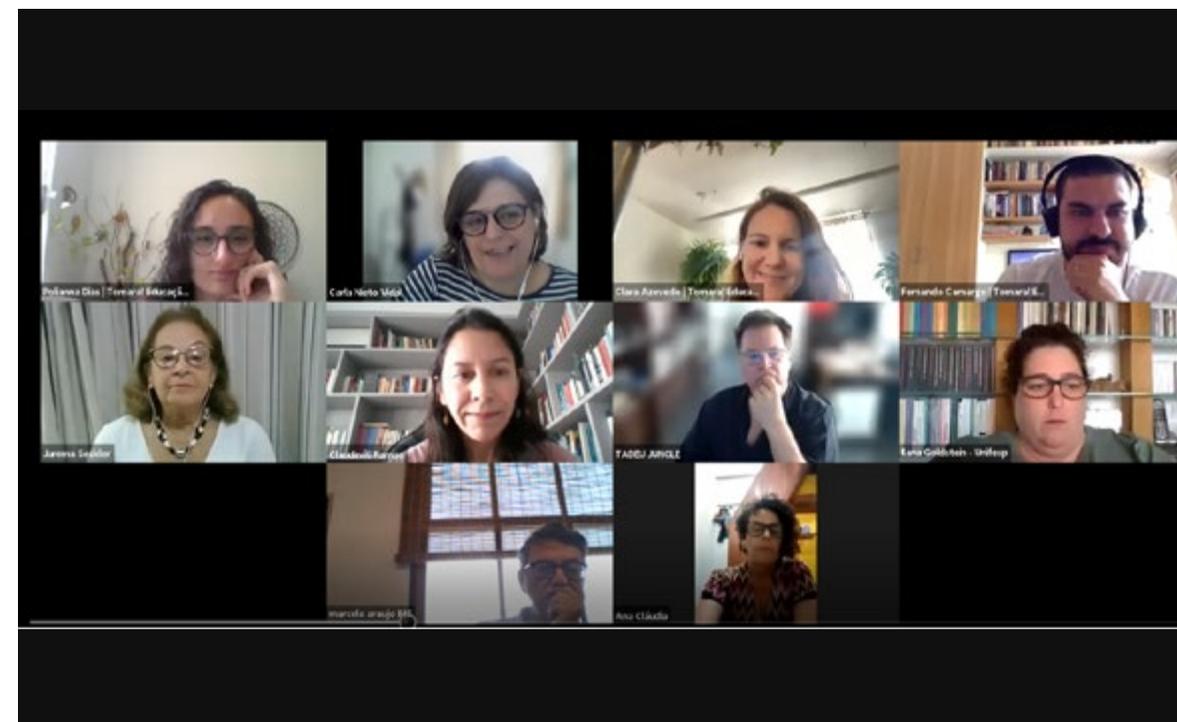


Roda de conversa 2 - presencial (11/11/2022)

RODAS DE CONVERSA



Roda de conversa 3 - remota (12/11/2022)



Roda de conversa 3 - remota (12/11/2022)

ANEXO 4

Lista de comentários direcionados aos Museus-casas e à Rede coletados nas questões abertas do questionário

Gostaria que conhecessem uma incipiente casa-museu no interior paulista, na cidade de Capivari: Ponto de Cultura Casa Rosa - Memorial de Virginia e Carlos Mattos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade apenas uma vez há mais de dois anos.]

Casa Mário de Andrade: desejo enviar uma proposta para realizar uma oficina de danças afro-brasileiras nesse espaço. [rodepaula@hotmail.com] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Prezada, sou formada na área técnica em conservação e restauro de livros e documentos, pela UNB-DF, pela APAE-DF. Que trabalhei a 5 anos, como instrutora de conservação e higienização de bens culturais, nos órgãos públicos do DF pela APAE-DF. Gostaria de conhecer os acervos históricos de museus e gostaria de saber se aqui na cidade de São Paulo existe oportunidade para pessoas formadas somente na área técnica em conservação, higienização e restauro de livros e documentos? Agradeço desde já. Atenciosamente, Dalva

Rodrigues da Silva. [dalva03.rs@gmail.com] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, com Ensino Técnico e que já participou mais de seis vezes das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade.]

Reitero que desejamos mais exposições pras crianças, atividades lúdico educativas, pode do ou não envolver os pais, oficinas que trabalhem a escrita, o fazer artístico, criança de um livro, ilustração... Pra dar o gosto da literatura para as crianças. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduanda e que já visitou as três Casas mais de 6 vezes inclusive no ultimo semestre.]

Sobre a questão da diversidade: é muito bom ter chamado a escritora Amara Moira para compor o quadro docente do clipe. Porém, ter Evandro Affonso no mesmo curso é para se repensar. Ele era claramente preconceituoso, chamando-a pelo pronome masculino o tempo todo, mesmo todas as vezes quando corrigido. O exemplo é prático para ilustrar que a preocupação precisa ir além quando falamos em diversidade, inclusão etc. Obrigada pela oportunidade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Sou professora de Arte da prefeitura na Zona Norte de São Paulo e gostaria muito que tivesse um material educativo e parceria com ônibus para levar os estudantes para conhecer pessoalmente os museus. [mayara.faraco@hotmail.com] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-

graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Visitar as Casas. Faz tempo que não as visito, pois sou deficiente físico, cadeirante e desconheço se teria facilidades para estacionar e me locomover no espaço! Meu telefone para contato é 3887-8927. Sou cadeirante! Tenho 81 anos. [marciacjardins@terra.com.br, marciacjardins@gmail.com] [Mulher cisgênero, branca, 81 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Eu já enviei propostas de oficinas das quais nunca tive retorno, só a comunicação do recebimento e de que analisariam para entrar na agenda da casa. [daniel.tapia@uol.com.br] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Fiz os cursos Formativo e de Aprimoramento para tradutores da Casa Guilherme de Almeida, com os quais fiquei muito satisfeita. No entanto, senti a falta de informações e apoio ao estudante na inserção no mercado de trabalho editorial. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Gostaria de agradecer o processo de revitalização do museu-casa Mário de Andrade que tem afetado, contagiado o entorno. Obrigada pelo

grande exercício de cidadania e pedagógico através da cultura popular. A Barra Funda está cada vez mais cultural, histórica e culta, sem dúvidas o museu-casa Mário de Andrade é um desses atores que mobiliza toda uma comunidade, cidade. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 35 a 39 anos, graduanda e que já visitou a Casa Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de três anos.]

Já participei de diversos cursos nas três casas e assinei lista de presença. Até então, só recebi dois certificados. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 39 anos, graduado e que já visitou e participou de atividades nas três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Minha experiência com a Casa das Rosas e Mário de Andrade é virtual. Moro em São José, Santa Catarina; fiz alguns cursos no período da pandemia e pós-pandemia. Cursos de excelente qualidade. Meu desejo de futuro com relação a casa das Rosas e a casa Mário de Andrade é que continue sendo assim: Propositiva, eficiente e atenta às necessidades das pessoas que gostam e privam da cultura do Brasil. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes.]

Parabenizo a Poiesis pela gestão das casas, agradeço a dedicação e disponibilidade de Alexandra Rocha e Ivanei Silva, por todas as vezes que me receberam com meus alunos. Parabenizo a dedicação e o dinamismo de Marcelo Tupinambá

Leandro por cursos, palestras e exposições tão importantes para conhecermos quem somos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Mário de Andrade mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Quero parabenizar todas as pessoas envolvidas nas atividades dos Museus-Casas. Dos responsáveis pela programação ao pessoal do apoio, todos exercem suas atividades com muita competência e dedicação. Desejo que esses espaços se fortaleçam e que possam continuar cumprindo suas missões civilizatórias, o que já fazem com maestria. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Desejo que sejam abertas 24h. Incluam língua russa, ótima oportunidade para barrar a russofobia. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de um ano.]

Gostaria de levar meus alunos, para conhecer as casas, aprender sobre seus patronos, em excursões divertidas e didáticas. Obrigada. [divinagalvao3@gmail.com] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

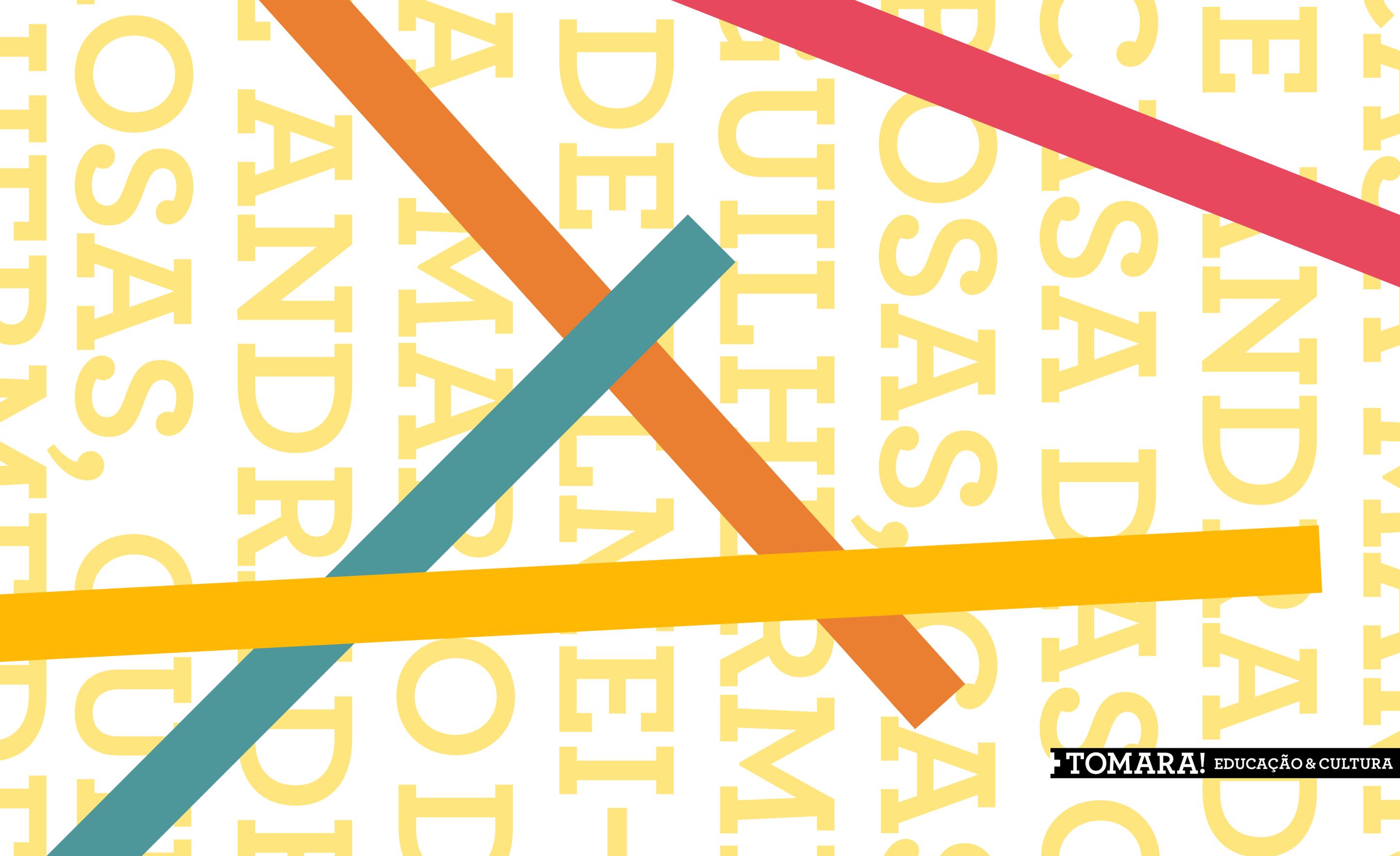
Sou escritora e artista plástica independente, tenho 03 livros publicados. Sou de São Paulo

mas atualmente moro em Morro de São Paulo na Bahia. Amo museus e gostaria de uma oportunidade para mostrar meu trabalho. Recolho redes no mar, lixo e faço obras de arte para conscientização sobre nossos Mares. Estamos na década do Oceano, Ods 14 da ONU e é muito importante falarmos sobre a preservação e cuidado de nossas águas! Espaços maravilhosos em São Paulo e muitas vezes ociosos e o pior herméticos. Precisamos abrir as casas de cultura para todos e a questão ambiental se faz urgente. Deixo aqui meu contato no insta Sandra_Catrouxo e meu email sandracatrouxo@gmail.com e aproveito para agradecer esta oportunidade. Um detalhe: tenho 50 dias para desocupar um espaço em São Paulo onde guardo em média 80 peças sobre violência sexual contra mulher. Um trabalho lindo que realizei falando de um estupro que sofri na adolescência. Esses trabalhos me gritam pedindo para serem mostrados e sei que seria uma exposição emocionante. Falta apenas aquela oportunidade que nunca chega! Grata! [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas uma vez há mais de três anos.]

ANEXO 5

Número de respondentes por Distrito de São Paulo

Lapa	52	Cidade Ademar	2
Vila Mariana	39	Mandaqui	2
Pinheiros	36	Rio Pequeno	2
Sé	33	São Mateus	2
Butantã	17	São Miguel	2
Consolação	12	Tucuruvi	2
Mooca	12	Vila Formosa	2
Santana	12	Vila Guilherme	2
Santo Amaro	12	Vila Maria	2
Ipiranga	11	Vila Matilde	2
Freguesia do Ó	9	Água Rasa	1
República	9	Barra Funda	1
Pirituba	8	Belém	1
Liberdade	6	Brasilândia	1
Penha	6	Capão Redondo	1
Campo Limpo	4	Ermelino Matarazzo	1
Itaim Bibi	4	Jaçanã	1
Jabaquara	4	Jardim Helena	1
Santa Cecília	4	Morumbi	1
Saúde	4	Perdizes	1
Casa Verde	3	Ponte Rasa	1
Cursino	3	São Domingos	1
Itaim Paulista	3	Socorro	1
Itaquera	3	Tatuapé	1
M'Boi Mirim	3	Tremembé	1
Vila Prudente	3	Vila Sônia	1
Aricanduva	2		





PESQUISA DIAGNÓSTICA **REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS DE SÃO PAULO**
DADOS E IDEIAS PARA O SEU FORTALECIMENTO

TOMARA! EDUCAÇÃO & CULTURA

SÃO PAULO, JANEIRO DE 2023



REALIZAÇÃO

Poesis

INSTITUTO DE APOIO À CULTURA, À LÍNGUA E À LITERATURA

Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo

Marcelo Tápia Fernandes
DIRETOR DA REDE DE MUSEUS-
CASAS LITERÁRIOS

Ivanei da Silva
MUSEÓLOGO

Márcio Harley Kurossu
ASSISTENTE DE MUSEOLOGIA

Fernanda Lé de Oliveira
COORDENADORA
OPERACIONAL DE MUSEUS

Daniel Goncalves Teixeira
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Alexandra Cristina Rocha
Alvarenga
COORDENADORA DO
EDUCATIVO

Ailton Bastos Pereira
OFICIAL DE MANUTENÇÃO
PREDIAL

Casa Guilherme de Almeida

Karina da Silva Borgo
SUPERVISORA ADMINISTRATIVA

Marlene Laky
TÉCNICA DE PRESERVAÇÃO E
RESTAURAÇÃO DE LIVROS

Simone Maria Lopes de
Mello
COORDENADORA DO CENTRO
ESTUDOS DE
TRADUÇÃO LITERÁRIA

Lívia Martins Nonato
COORDENADORA DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Camila Correia Guerreiro
TÉCNICA DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Juliane Alves da Silva Lima
TÉCNICA DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Ana Paula Iannone
EDUCADORA DE MUSEUS

Debora Paneque Nogueira
EDUCADORA DE MUSEUS

Rodrigo Silva Vieira
EDUCADOR DE MUSEUS

Ronei Francisco Tadeu Gulke
EDUCADOR DE MUSEUS

Casa das Rosas

Marcia Kina Cosomano
SUPERVISORA ADMINISTRATIVA

Julio Cesar Mendonça
COORDENADOR DO CENTRO DE
REFERÊNCIA
HAROLDO DE CAMPOS

Dayane dos Santos Teixeira
AUXILIAR ADMINISTRATIVA

Caio Nunes Goncalves
SUPERVISOR DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Felipe Silva Reche
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Monica Tortorette Costa
ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO
CULTURAL

Reynaldo Luiz Torre
Francisco Damazio
COORDENADOR DO CENTRO DE
APOIO DO ESCRITOR

Maria José Coelho
PRODUTORA OPERACIONAL

Valdecir Araujo de Souza
ANALISTA DE PRODUÇÃO
JÚNIOR

Alexandra Batista de
Carvalho
EDUCADORA DE MUSEUS

Natalia Lopes do Nascimento
EDUCADORA DE MUSEUS

Caio Cesar Gomes de Sousa
EDUCADOR DE MUSEUS

Neide Silva de Oliveira
AUXILIAR SERVIÇOS GERAIS

Casa Mário de Andrade

Denis de Oliveira
ANALISTA ADMINISTRATIVO

Marcelo Tupinambá Leandro
COORDENADOR DE
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Alan Kardec Ferreira Salles
PRODUTOR OPERACIONAL

Arthur Major de Sousa
EDUCADOR E MUSEUS

Irlani Gonsalves da
Silva Carvalho
EDUCADOR DE MUSEUS

Francisco Jair
Albuquerque Silva
OFICIAL DE MANUTENÇÃO
PREDIAL



EXECUÇÃO DA PESQUISA

Tomara! Educação e cultura

Concepção e coordenação geral e técnica

Clara Azevedo

Ana Luiza Mendes Borges

Coordenação técnica e pesquisa

Fernando Camargo

Assistente geral e pesquisa

Polianna Dias Santos

Apoio tecnológico

Gabriel Gonçalves

PROGRAMAÇÃO QUESTIONÁRIO

ON-LINE

Pedro Veloso

TABULAÇÃO DE DADOS DO

QUESTIONÁRIO

Facilitação rodas de conversa e consultoria

Carla Nieto Vidal

Produção rodas de conversa

Ana Vasconcelos

Revisão de texto

Lucimara Carvalho

Projeto Gráfico e diagramação

Rima Design

Rita Sepulveda de Faria

Pedro Brucz



CASA GUILHERME DE ALMEIDA

CASA GUILHERME DE ALMEIDA

POTESTAS
GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

187



CASA MÁRIO DE ANDRADE



CASA DAS ROSAS

08

Apresentação

11

1. Os museus-casa

- Museu-Casa: breve contextualização
- A formação da Rede de Museus-Casas Literários
- Casa Guilherme de Almeida
- Casa Mário de Andrade
- Casa das Rosas

20

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

- Análise documental
- Oficina interna
- Matriz sintética da pesquisa
- Questionário
- Rodas de conversa

26

3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

- Perfil dos respondentes do questionário
- Perfil dos participantes das rodas de conversa

38

4. Museus em rede: seus entornos e conexões

- Localização e acesso
- De territórios e possibilidades: proximidade física e afinidades temáticas
- Da conexão entre as Casas: tecendo sentidos para a Rede

50

5. Experiências nos museus-casa

- Uma programação diversa
- O conhecimento do público sobre os museus-casa e suas programações
- Avaliação da programação dos museus
- Avaliação dos serviços e da infraestrutura dos museus-casa
- O quanto o público recomenda os museus

73

6. Futuro das programações e exposições

- Atividades culturais e exposições: temas e aspectos prioritários
- Vida íntima, vida digital e novos públicos: dimensões fundamentais

91

7. Considerações finais

- Algumas recomendações

98

8. Referências

100

Anexos

Apresentação

Apresentação

O que o público sabe sobre a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas?

Como se relaciona com esses museus?

Que conhecimento tem sobre as atividades oferecidas e como as avalia?

Quais são as expectativas, os desejos, os interesses e as sugestões em relação a espaços, serviços e programação desses museus?

Como percebe o acesso e a acessibilidade aos espaços, serviços e conteúdo?

Essas foram algumas das perguntas que guiaram o diagnóstico aqui apresentado, realizado entre setembro e dezembro de 2022, com o objetivo de obter percepções de diferentes públicos sobre o presente e o futuro dos três museus que integram a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. Atualmente, a Rede é gerida pela Poiesis, uma organização social de cultura que atua em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. A Casa das Rosas e a Casa Mário de Andrade estão fechadas para reforma e serão reabertas em 2023.

A Rede idealizou a realização deste diagnóstico externo considerando justamente a necessidade de construir exposições de longa duração e uma programação cultural conectada à missão dos três museus e aos interesses e às expectativas da sociedade – ressalta-se que o trabalho não teve como foco a realização de um diagnóstico institucional interno e, por isso, não analisou processos ou práticas institucionais; tampouco coletou a percepção dos profissionais dos museus sobre esses aspectos.

Este relatório apresenta os resultados da pesquisa diagnóstica concebida pela Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo em parceria com a Tomara! Educação e Cultura. O esperado é que o diagnóstico forneça dados e pistas sobre potencialidades, aspectos a aprimorar, interesses

dos públicos, ideias para o futuro, barreiras de acesso, entre outros pontos que auxiliem os museus a projetar o futuro.

Para coletar motivações, anseios, percepções, visões, preferências, sugestões e desejos de frequentadores das Casas, e também dos especialistas nos temas¹, três estratégias principais foram combinadas:

- Análise documental básica e oficina interna com funcionários dos três museus-casa para desenho das perguntas da pesquisa.
- Aplicação de questionário *on-line* com público e não público dos três museus-casa.
- Realização de rodas de conversa com profissionais com atuação nas áreas de museus e de literatura.

Todo o processo de pesquisa aconteceu após um longo período de crise política, econômica e sanitária, marcado pela pandemia de covid-19, e os diversos efeitos desse cenário devem ser considerados na análise dos dados. Além disso, a coleta de dados ocorreu durante o período

¹ Inicialmente, havia o desejo de tentar atingir também o chamado não público ou os públicos não habituais desses museus. Contudo, isso acabou não acontecendo. Os motivos são explicados no capítulo que apresenta o perfil dos participantes da pesquisa.

das eleições brasileiras de 2022, que elegeu presidente, governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais, em um contexto histórico particularmente tenso de instabilidade política e ameaças à democracia. Esse cenário, de modo geral, deve ser considerado na leitura dos resultados e ajuda a compreender o contexto de realização da pesquisa.

O relatório está organizado em sete capítulos. O **primeiro capítulo** faz uma breve apresentação dos três museus-casa e de seus escritores de referência. O **segundo capítulo** apresenta as escolhas metodológicas da pesquisa, e o **terceiro capítulo**, o perfil dos respondentes do questionário e dos participantes das rodas de conversa. O **quarto capítulo** aprofunda a reflexão sobre os resultados do diagnóstico, analisando a localização dos museus, as relações com seus vários entornos (geográficos e temáticos), as visões sobre a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, a conexão entre as Casas e os

sentidos para a atuação em rede. O **quinto capítulo** aborda conhecimento, hábitos, preferências e avaliações de programações, serviços e infraestruturas dos três museus. O **sexto capítulo** traz o que os participantes da pesquisa sugerem para o futuro das exposições e das programações. Por fim, o **sétimo capítulo** apresenta considerações finais, com um conjunto de recomendações e ideias para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. De modo geral, como os resultados se conectam e iluminam diferentes aspectos do posicionamento dos três museus-casa, algumas vezes as reflexões se repetem para, em camadas, tecer análises e criar sentidos para os dados coletados.

Espera-se que o conteúdo aqui apresentado sirva para inspirar novas práticas e, também, para referendar a tomada de decisão de gestores e equipes.

Desejamos uma boa leitura!

1. Os Museus-Casa

1. Os Museus-Casa

Um gosto de amora
comida com sol.
A vida
chamava-se "Agora".

"Infância"
Guilherme de Almeida

O que é museu-casa?
O que são as casas literárias?
O que é a Rede de Museus-Casas Literários?

Antes de abordar a pesquisa propriamente dita, é importante apresentar o que é um museu-casa e descrever as características gerais dos três museus que foram foco da pesquisa.

Museu-Casa: breve contextualização

O Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas (Demhist), que integra o Conselho Internacional de Museus (Icom), é dedicado a estudos e à proposição de diretrizes e parâmetros para conservação e gestão de museus dessa tipologia. Na visão do comitê, os museus sob essa nomenclatura vão desde castelos até pequenas casas de diferentes períodos históricos, e sua interpretação deve considerar a multiplicidade de aspectos (históricos, arquitetônicos, culturais, artísticos, sociais) que envolvem a trajetória desses lugares. O Demhist define em **14** categorias o perfil dos museus-casa: casas de personalidades; casas de colecionadores; casas representativas pela estética ou relevância arquitetônica; casas de eventos históricos; casas históricas; casas da sociedade local; casas rurais; casas clericais; casas criadas por artistas; casas onde são conservadas coleções; casas de família; casas vernaculares; casas para museus.

Apesar da ampla classificação elencada pelo Demhist, que abrange diversas tipologias de museus-casa, classificando-as de acordo com suas características específicas, Micheli Martins Afonso destaca que "cada país possui museus-casa com particularidades que, por vezes, não se adequam a esta classificação" (2016, p. 45).

Uma casa pode ser reconhecida como museu-casa sempre que houver um trabalho e uma função museológica naquele espaço (Ponte, 2007).

As casas-museus (sejam elas casas das camadas populares, das classes médias ou das elites sociais e econômicas), a rigor, são casas que saíram da esfera privada e entraram na esfera pública, deixaram de abrigar pessoas, mas não deixaram necessariamente de abrigar objetos, muitos dos quais foram sensibilizados pelos antigos moradores da casa. As casas-museus e os seus objetos servem para evocar nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam (CHAGAS, 2010, p. 277).

Segundo Nelson Alexis Cayer e Teresa Cristina Scheiner (2021), a categoria de museu-casa é uma das mais importantes no mundo, devido a seu poder de estreitar relações com a sociedade por meio de narrativas que despertam a sensibilidade dos visitantes com base em três elementos centrais: o cenário (a casa), a história (vida da personagem) e a representação e teatralização (o museu-casa, com mobiliário e/ou ambientação).

Um ponto relevante quando se fala de museus-casa e que os difere de outras tipologias é, justamente, a ênfase na intimidade, no universo privado.

A dimensão do cotidiano doméstico, com seus espaços de vivência humana complementados pelos objetos de uso, tem o poder de tocar o visitante e promover a apreensão de um modo bastante especial: o afetivo. [...] A visita a um museu-casa pode sensibilizar o visitante no sentido de reconhecimento do espaço do edifício e de sua domesticidade, evocando a memória de outros espaços vividos, mesmo que aquela não seja a sua morada (CARVALHO, 2013, p. 10).

Como aponta Ana Cristina Carvalho, “o museu-casa é, assim, composto de narrativas de vida. Por essa razão, tem a possibilidade de mediar a memória através de pequenos objetos, muitas vezes esquecidos, e que podem gerar não apenas conhecimento, mas a memória das emoções” (CARVALHO, 2013, p. 11). A autora ainda lembra que os museus-casa “não são apenas repositórios de memórias, como também locais para construção de novos paradigmas culturais, de trabalhar conflitos, tensões e consensos consolidados” (p. 45-46). Segundo Antônio Ponte, nos museus-casa encontramos sempre duas dimensões: “a privada, resultante da vivência de uma pessoa num determinado espaço e que faz refletir a sua personalidade, gostos, profissão sobre a mesma e a dimensão pública que assume ao transformar-se num espaço de visitação público” (PONTE, 2019, p. 30).

É necessário compreender que, dentro da tipologia de museus-casa, a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas se inserem em uma subcategoria específica, a de **museu-casa literário**, pois suas personalidades de referência – Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Haroldo de Campos – são representantes importantes no campo da literatura brasileira. Esses museus se dedicam também, portanto, à preservação e à divulgação desses escritores. Para Teniza Spinelli (2009), os museus literários levam o nome de personalidades ligadas à literatura ou se dedicam a determinada ação literária ou propõem diálogos com determinada língua falada e escrita por uma comunidade. Segundo Ana Luiza Rocha do Valle, “uma casa de escritor pode ser lida como museu, mas, para ser considerada um museu, essa instituição precisa de um tripé composto por pesquisa, preservação e comunicação” (CAVALARI, 2020, p. s/n).

A formação da Rede de Museus-Casas Literários

A Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi criada pela Secretaria de Estado da Cultura em 2018 a fim de ampliar a perspectiva de contribuição dos museus Casa das Rosas, Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade no cenário cultural da cidade, do estado e do país. Atualmente geridas em conjunto pela Poiesis, as três Casas procuram desenvolver programas de modo colaborativo, articulando relações conceituais e temáticas, sem deixar de preservar e valorizar as

especificidades de cada uma delas.

Apesar de os três museus terem escritores como referência para suas edificações, há algumas diferenças importantes entre eles. Enquanto a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade foram residência desses escritores, o escritor Haroldo de Campos nunca residiu na Casa das Rosas, que só passou a abrigar o Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura em 2004, por ocasião da morte do poeta. Naquele momento houve um esforço da Secretaria de Cultura, sob a gestão de Cláudia Costin, para que o museu recebesse a doação do acervo completo de livros do poeta e também de alguns objetos pessoais e obras de arte de sua coleção (CICCACIO, 2013, p. 123). A Casa das Rosas, de acordo com o seu plano museológico (REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS, 2018), também deve abordar o personagem Ramos de Azevedo, arquiteto responsável por seu projeto e construção.

Outro aspecto que é preciso destacar em relação aos três museus é que enquanto a Casa Guilherme de Almeida abriga grande parte do acervo do escritor, com a conservação, inclusive, de cômodos com móveis, objetos e obras originais, boa parte do acervo de Mário de Andrade tem sua guarda no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

Atualmente, a Casa das Rosas e a Casa Mário de Andrade estão fechadas para reforma, com previsão para reabertura em 2023. A Casa das Rosas está nessa situação desde setembro de 2020, e a Casa Mário de Andrade desde setembro

de 2022. Todo o corpo de funcionários desses museus está temporariamente alocado no Anexo da Casa Guilherme de Almeida, que abriga o setor administrativo do museu e da Rede. Algumas atividades dos museus Casa das Rosas e Casa Mário de Andrade são realizadas no Anexo da Casa Guilherme de Almeida, e outras, como oficinas, cursos e palestras, são realizadas *on-line*. Além disso, a Casa das Rosas tem desenvolvido grande parte de suas atividades em seus jardins e no Orquidário (partes do museu que não estão em reforma e que permanecem abertas ao público). A Casa Guilherme de Almeida segue desenvolvendo suas atividades normalmente.

De acordo com o documento que contém os planos museológicos das três Casas:

A Rede de Museus-Casas, que envolve as Casas das Rosas, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade, tem como perspectiva maior estabelecer as relações oriundas das atividades dos personagens históricos abordados nessas unidades museológicas – Haroldo de Campos [cujo acervo foi destinado à Casa das Rosas, embora ele nunca a tenha habitado], Ramos de Azevedo [arquiteto responsável pela construção da Casa das Rosas], Mário de Andrade e Guilherme de Almeida – e os seus protagonismos nos processos de transformação social e cultural em que estiveram envolvidos (2018, p. 13).

Ainda de acordo com o documento, as ações integradas envolvem proposições de atividades, processos curatoriais e programações das três

instituições tendo em vista os seguintes eixos: protagonismos culturais; rupturas com os padrões vigentes; metodologias; transformações sociais, culturais, urbanas; mudanças de paradigmas.

A gestão administrativa dos museus é compartilhada, e a equipe técnica assume algumas funções que são divididas entre as três instituições. Do ponto de vista conceitual, os eixos curatoriais das três Casas se complementam, aprofundando não só características que distinguem cada um dos protagonistas – Mário de Andrade, Haroldo de Campos e Guilherme de Almeida – mas também aspectos que os aproximam. Algumas das questões que conduzem o perfil das atividades da Casa das Rosas referem-se aos conceitos de vanguarda e de transformação, tendo em vista a produção de Haroldo de Campos e de Ramos de Azevedo. As mesmas temáticas são abordadas na atuação de Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, protagonistas de seu tempo e frequentemente associados a reflexões e transformações paradigmáticas nos temas e atividades em que atuaram.

Poiesis Organização Social de Cultura

Criada em 1995, a Poiesis é uma organização não governamental que tem por objetivo o desenvolvimento sociocultural e educacional, com ênfase na preservação e difusão da língua portuguesa por meio do desenvolvimento de programas e pesquisas, além da gestão de espaços culturais, museológicos e educacionais. Qualificada como Organização Social (OS) desde 2008 pelo Governo do Estado de São Paulo, gerencia por meio de Contrato de Gestão com a Secretaria de Estado da Cultura as Fábricas de Cultura Brasilândia, Capão Redondo, Jaçanã, Jardim São Luís, Vila Nova Cachoeirinha, Diadema e as Oficinas Culturais Alfredo Volpi, Maestro Juan Serrano e Oswald de Andrade, além da Rede de Museus-Casas Literários: Casa das Rosas, Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade².

² Texto retirado do site <https://site.poiesis.org.br/sobre-a-poiesis/> em 18 de dezembro de 2022.

Casa Guilherme de Almeida



A Casa Guilherme de Almeida foi inaugurada em 1979 e está instalada na residência onde o poeta viveu de 1946 até a sua morte, em 1969, com a esposa Baby de Almeida. O museu está localizado no bairro residencial de Perdizes, próximo ao estádio Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu. A Casa Guilherme de Almeida foi inaugurada oficialmente em 13 de março de 1979, tornando-se o primeiro museu biográfico e literário da cidade de São Paulo. O Decreto nº 20.955, de 1º de junho de 1983, do Departamento de Museus e Arquivos, deliberou a missão e os objetivos estratégicos para o então denominado “Museu da Literatura – Casa Guilherme de Almeida”. A Poiesis passou a administrar o museu em 2008.

O museu abriga acervo composto de objetos que pertenceram ao poeta, tradutor, jornalista e advogado paulista Guilherme de Almeida (1890-1969), um dos representantes do movimento modernista brasileiro. Do acervo, destaca-se a coleção de arte do poeta com obras de nomes referenciais da história das artes plásticas no Brasil. Além disso, outro atrativo da Casa é a diversificada biblioteca do escritor, que possui edições originais de autores brasileiros e estrangeiros, além de livros raros.

A Casa Guilherme de Almeida abriga o Centro de Estudos de Tradução Literária, criado em 2009, que atua em colaboração com diversas instituições acadêmicas e não acadêmicas brasileiras e estrangeiras em atividades de ensino, pesquisa e difusão. Entre as atividades está o Programa Formativo para Tradutores Literários, que realiza a formação e o aperfeiçoamento de pessoas interessadas em se profissionalizar; e o Encontro de Tradutores TRANSFUSÃO, cujo objetivo é divulgar pesquisas da área e discutir as diversas correntes de pensamento sobre tradução. Desde 2016, o museu-casa abriga também a Sala Cinematographos em um espaço anexo. A sala é um cineclube e foi fundada para homenagear a fase de crítico de cinema de Guilherme de Almeida, quando assinou a coluna “Cinematographos” no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 1926 e 1942. Ali acontecem exibição de filmes comentados pelo poeta, mostras temáticas, cursos na área de cinema e divulgação de curtas e longas-metragens de novos diretores.

Missão Casa Guilherme de Almeida

Conservar, organizar e expor o acervo bibliográfico, histórico, artístico e documental que pertenceu ao poeta e tradutor Guilherme de Almeida, bem como estimular e realizar pesquisas e estudos críticos sobre sua obra.

Quem foi Guilherme de Almeida

Um dos nomes mais notórios da literatura brasileira do século XX, Guilherme de Andrade e Almeida nasceu em 24 de julho de 1890 na cidade de Campinas (SP), filho de Angelina de Andrade Almeida e Estevão de Araújo Almeida. O poeta transitou com competência por diferentes tendências estilísticas. Sua obra compreende mais de 70 publicações, entre poesia, prosa, ensaio, tradução, textos para teatro, letras de canções e hinos e crítica literária. Foi um dos mentores do movimento modernista que culminou na famosa Semana de 1922, da qual participou. Também teve extensa atuação como jornalista, com destaque para sua coluna de crítica cinematográfica “Cinematographos”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* entre 1920 e 1940. Guilherme de Almeida dedicou-se, ainda, à tradução literária, tendo traduzido para o português um significativo conjunto de poemas de autores internacionais,

com destaque para os franceses. O poeta casou-se em 1923 com Belkiss Barroso do Amaral, mais conhecida como Baby, e o casal viveu no Rio de Janeiro até 1925. Em 1932, Guilherme participou da Revolução Constitucionalista, alistando-se voluntariamente e indo lutar nas trincheiras da cidade de Cunha. No final do movimento, foi preso e exilado em Portugal, onde permaneceu até 1933. Faleceu em 11 de julho de 1969 em sua casa na Rua Macapá, onde residia desde 1946 com a esposa.

Casa Mário de Andrade



A Casa Mário de Andrade está localizada na casa onde Mário de Andrade e sua família moraram no bairro da Barra Funda, na Rua Lopes Chaves. Os três sobrados geminados foram projetados por Oscar Americano no início da década de 1920, em estilo eclético em alvenaria e tijolos. A primeira casa abrigava a mãe de Mário, D. Maria Luiza, sua tia e madrinha Ana Francisca (tia Nhanhã) e sua irmã Maria de Lourdes. O sobrado do meio era de seu irmão mais velho, Carlos, e o último era do próprio Mário. As casas da mãe e do irmão Carlos não tinham muro nos fundos e compartilhavam o quintal.

O imóvel é tombado em nível estadual pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) desde 1975; e em esfera municipal pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico,

Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (Conpresp) desde 1991. A casa passou por várias ocupações. Em 1974, recebeu o Centro de Estudos Macunaíma, com um projeto de formação teatral, e ações voltadas a seu potencial de centro cultural, com ensaios de shows musicais, projetos de cenografia, exercícios de sensibilização do corpo, entre outros. Na década de 1980, foi a sede do Museu de Literatura de São Paulo. Na década de 1990, com a criação do programa “Oficinas Culturais” pela Secretaria da Cultura, a Casa Mário de Andrade se tornou uma oficina cultural, a Oficina da Palavra, dedicada a ministrar atividades gratuitas de formação e difusão cultural em diferentes linguagens artísticas. Em 1995, o governo do estado recebeu em doação os bens da poeta, atriz e professora Maria José de Carvalho, e a Casa de Mário de Andrade foi o destino de parte de sua biblioteca. Por essa época, a Casa de Mário de Andrade foi anexada ao Memorial da América Latina.

Em 2005, a Oficina da Palavra buscou uma atuação que possibilitasse manter-se entre as instituições similares, apesar dos recursos modestos. Após um curto período em que esteve em reforma, a Casa Mário de Andrade foi reaberta ao público em 2015, na ocasião em que se comemorou o 70º aniversário de morte do escritor. No ano de 2018, a antiga residência tornou-se formalmente um museu da Secretaria de Estado da Cultura. Nesse mesmo ano, a Casa passou a integrar a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo.

Inspirado no mobiliário de revistas alemãs, Mário projetou sozinho os móveis de seu estúdio, que

foram executados pelo Liceu de Artes e Ofícios. Mário também desenhou as estantes de sua biblioteca, que ocupava seis salas do sobrado e era organizada por um complexo sistema de catalogação criado por ele próprio. Além da biblioteca, há também uma grande coleção de arte – composta de obras de arte popular adquiridas durante as viagens do escritor, partituras, discos, pinturas, gravuras.

Logo após a morte de Mário, em 1945, toda sua coleção pessoal (móveis, livros, gravuras, pinturas, esculturas, objetos de arte popular, partituras etc.) foi tombada pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Iphan, na expectativa da criação de um museu em memória do escritor. Por mais de vinte anos tudo foi mantido no imóvel e, em 1968, se efetivou a aquisição da coleção pelo governo do estado de São Paulo. O acervo foi transferido para o Instituto de Estudo Brasileiros da Universidade de São Paulo, impossibilitando, naquele momento, a criação do museu.

Missão Casa Mário de Andrade

Preservar o patrimônio artístico-cultural que abriga, promover o acesso a seu acervo, estimular o conhecimento da obra de Mário de Andrade e desenvolver atividades culturais e educativas relacionadas às áreas de atuação do escritor. Também integra o conjunto de propósitos do museu a investigação, a interpretação e a comunicação do patrimônio tangível e intangível da trajetória de Mário de Andrade, por meio do diálogo com a sociedade, baseado no reconhecimento do legado cultural presente na Casa Mário de Andrade.

Quem foi Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), nasceu em 9 de outubro de 1893 na cidade de São Paulo, onde morou por quase toda a vida. Filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes de Andrade, na infância, estudou piano, história, arte e poesia. Mário foi poeta, cronista, escritor, pesquisador, músico, crítico de arte, gestor cultural, fotógrafo, sendo reconhecido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX. Sua atuação plural sempre buscou evidenciar aspectos definidores da identidade nacional por meio da valorização das manifestações artísticas e culturais brasileiras. Como um dos líderes

do movimento modernista no Brasil, Mário construiu um caráter revolucionário na literatura brasileira. Fez diversas viagens pelo Brasil e estudou a cultura de cada região. Visitou o interior de São Paulo, cidades históricas de Minas Gerais, passou pelo Norte e pelo Nordeste, compilando as mais diversas manifestações da cultura regional, registrando festas populares, lendas, ritmos e canções. Essa pesquisa lhe rendeu um rico conteúdo que o auxiliou no desenvolvimento de obras como *Macunaíma*, *Clã do Jabuti* e *Ensaio sobre a música brasileira*.

Em 1922, Mário de Andrade trabalhou com Anita Malfatti e Oswald de Andrade na organização de um evento que se destinava a divulgar as criações do grupo modernista de São Paulo: a Semana de Arte Moderna, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro. Mário de Andrade também foi um dos mentores e fundadores do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) – hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – com o advogado Rodrigo de Melo Franco de Andrade. Mário de Andrade morreu em sua residência, em São Paulo, na Rua Lopes Chaves, devido a um enfarte do miocárdio, em 25 de fevereiro de 1945, quando tinha 52 anos.

Casa das Rosas



O Museu Casa das Rosas está localizado na Avenida Paulista, num edifício tombado como patrimônio histórico remanescente de uma fase do desenvolvimento de São Paulo, tornando-se referência das transformações urbanas, arquitetônicas, sociais e culturais da cidade. Desde 2004, a Casa das Rosas abriga o acervo de Haroldo de Campos, poeta, crítico, ensaísta e tradutor identificado com as vanguardas, que inovou em todos os campos nos quais atuou. A Casa das Rosas é um espaço interdisciplinar e eclético voltado à arte literária, com cursos, exposições, visitas guiadas, atividades educativas e eventos, como shows e recitais.

O projeto arquitetônico é de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que faleceu em 1928, pouco depois de concluir as plantas do projeto. A obra teve início apenas na década de 1930 e foi supervisionada por Felisberto Ranzini, arquiteto do escritório de Ramos de Azevedo. A casa foi habitada pela filha de Ramos de Azevedo e seu marido. Mais tarde, foi a residência de Ernesto Dias de Castro Filho, neto de Ramos de Azevedo, e sua segunda esposa, Anna Rosa.

Esteve sob a posse da família por 51 anos, até 1986, quando foi vendida poucos meses antes da morte de Ernesto Filho – o Neco. Em 22 de outubro de 1985 a Casa das Rosas foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) pelo processo nº 2214/1982 (Tomb. Res. 57, 22/10/1985; D.O. 23/10/1985. Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 241, p. 65, 21/01/1987).

Missão Casa das Rosas

Promover o conhecimento, a difusão e a democratização da poesia e da literatura, incentivando a leitura e a criação artística, preservando e problematizando o patrimônio histórico-cultural que abriga, tanto o arquitetônico quanto o acervo Haroldo de Campos.

Quem foi Haroldo de Campos

Haroldo Eurico Browne de Campos nasceu em São Paulo no ano de 1929 e estudou no Colégio São Bento, onde teve o primeiro contato com línguas estrangeiras. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo, mas antes mesmo de se formar já fazia traduções e lançou seu primeiro livro, *Auto do possesso*, em 1949. Com seu irmão Augusto de Campos e Décio Pignatari fundou um grupo de poesia, o Noigandres, que também dava nome à revista na qual publicava seus poemas. Na década de 1950 os três inauguraram o movimento concretista, que dava mais atenção à organização visual do poema, e não tanto à sintaxe. Nos poemas concretos de Haroldo de Campos produzidos entre 1957 e 1959, observamos o mesmo rigor estrutural e a mesma linguagem concentrada em seus mínimos elementos expressivos que encontramos nos poemas dos demais poetas concretos. Entretanto,

passada a fase ortodoxa do minimalismo concretista, no início dos anos 1960 ele começa a escrever *Galáxias*, texto no limite entre prosa e poesia no qual retoma sua inspiração barroca.

Além de grande poeta, Haroldo de Campos foi uma personalidade carismática e instigante, como poucas na cultura brasileira. Poliglota (dominava latim, grego, francês, alemão e inglês; lia hebraico, japonês e russo; e estava estudando o árabe quando faleceu), seu grande interesse por conhecer e traduzir diferentes línguas estava associado à imensa curiosidade pela literatura e cultura de todos os continentes. Para ele, o mundo da poesia não tinha fronteiras. Seu trabalho como tradutor também é de suma importância e um legado à cultura do Brasil. Traduziu a poesia de grandes nomes, desde textos hebraicos a autores contemporâneos a ele. Haroldo de Campos foi um dos poetas mais ousados e inovadores do último século, dotado de um espírito filosófico e envergadura intelectual para pensar a cultura e (em suas palavras) “traduzir a tradição, reinventando-a”. Faleceu em 16 de agosto de 2003, deixando um legado inimaginável, além de uma biblioteca que despertou interesse em instituições fora e dentro do Brasil. Mas o filho Ivan, em memória e a gosto do pai, decidiu deixá-la em terras brasileiras.

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

Vê como se atraem
nos fios os pingos frios!
E juntam-se. E caem

“Chuva de primavera”
Guilherme de Almeida

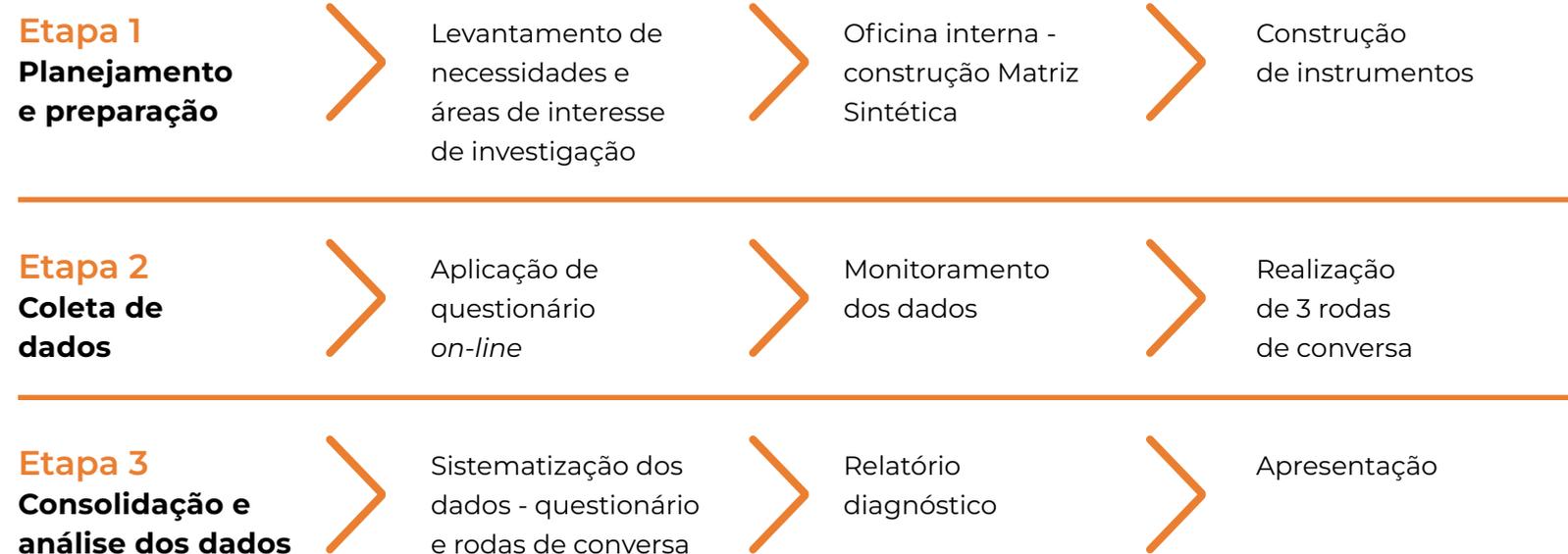
*Quais são os pressupostos e objetivos da pesquisa?
Quais foram as escolhas metodológicas para o desenho
geral da pesquisa?*

A pesquisa diagnóstica sobre os museus-casa foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2022 e teve por objetivo mapear potencialidades, coletar ideias para o futuro e identificar eventuais barreiras de acesso aos equipamentos, seus acervos e suas exposições. A ideia era reunir subsídios que ajudassem a projetar o futuro da Casa Guilherme de Almeida, da Casa Mário de Andrade e da Casa das Rosas.

A pesquisa foi dividida em três etapas (planejamento e preparação; coleta de dados; consolidação e análise), desenvolvidas de maneira conjunta para os três museus, o que constituiu um grande desafio, uma vez que foi necessário criar estratégias para conhecer as atividades e demandas das três Casas e conjugá-las em um curto período de tempo. Considerando o prazo exíguo para planejar, executar e analisar os dados, além de escrever o relatório final, foram elaborados instrumentos e desenhados processos que

permitissem a realização da pesquisa da maneira mais eficiente possível.

A primeira etapa (planejamento e preparação) envolveu a realização de leitura e análise inicial de documentos; reuniões de alinhamento; uma oficina interna com funcionários dos três museus; e a elaboração das ferramentas de coleta. O objetivo foi definir as perguntas, construir os instrumentos de coleta de dados e definir estratégias de divulgação da pesquisa.



A coleta de dados (segunda etapa) foi baseada em duas abordagens. A primeira, de caráter mais quantitativo, consistiu na aplicação de um questionário *on-line* junto a públicos dos museus. É importante salientar que apesar do caráter mais quantitativo, o questionário contemplou algumas perguntas abertas. Dessa forma, as pessoas puderam também qualificar algumas de suas respostas. A segunda abordagem, de caráter qualitativo, consistiu na realização de três rodas de conversa junto a profissionais com atuação na área da literatura e/ou museal, tendo por finalidade discutir e pensar coletivamente, com a ajuda de um moderador e com base em algumas perguntas disparadoras, os desafios e as possibilidades de futuro dos três museus.

A terceira etapa (consolidação e análise) consistiu na tabulação, sistematização e análise de dados e escrita do presente relatório.

A pesquisa contou com o envolvimento da equipe das Casas nas diferentes etapas do processo. A participação ampliada de pessoas das várias áreas dos museus qualificou a pesquisa diagnóstica ao trazer diferentes olhares sobre características dos museus, comportamento dos públicos, tipos de uso e relação com os equipamentos, possíveis desafios no contato com os públicos e eventuais cuidados. A participação também é uma forma de engajar a equipe e comprometê-la com o uso dos resultados ao final do processo, estabelecendo sentidos compartilhados para a ação. Além do envolvimento das equipes dos museus, foi realizada uma reunião com representantes da Secretaria Estadual de

Cultura e Economia Criativa para apresentação dos objetivos da pesquisa, instrumentos e estratégias para a coleta de dados e alinhamento de interesses.

Análise documental

A análise documental foi realizada com base na leitura de materiais disponibilizados pela Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, como relatórios anuais, planos museológicos, publicações etc., que permitiram aprofundar o conhecimento sobre a Rede e sobre a missão, as atividades e os públicos das Casas. Todos os materiais estudados serviram de base para o desenvolvimento das atividades e etapas da pesquisa. Também foram feitas leituras pontuais identificadas como necessárias ao longo do processo. Foi realizado, ainda, um levantamento preliminar sobre os equipamentos culturais da cidade de São Paulo situados nos entornos e/ou que dialogam com a temática trabalhada nos museus-casa da Rede.

Além da leitura e análise de documentos, foram realizadas visitas presenciais aos três museus, acompanhadas por profissionais da Rede, para contato e familiarização inicial com a estrutura das edificações, seus principais aspectos e suas dinâmicas de trabalho. Na Casa das Rosas foi possível visitar a estrutura, ainda em obras e sem mobiliário. Na Casa Mário de Andrade, a visita aconteceu no dia em que estava sendo retirado o mobiliário da casa para início da reforma. Nas duas visitas, foram respeitadas as limitações de acesso aos edifícios em obras.

Oficina interna

O objetivo da oficina com representantes das equipes da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi aprofundar e qualificar as possibilidades investigativas, coletando e discutindo aspectos e questões de interesse das equipes para o diagnóstico, considerando o futuro das Casas. As perguntas estratégicas preliminarmente organizadas, com base em reuniões iniciais de alinhamento, ajudaram a dar contorno à discussão, que buscou definir as dimensões, as perguntas gerais e as perguntas específicas da pesquisa. Também foram discutidos os públicos-alvo do questionário *on-line* e das rodas de conversa. A oficina foi bem avaliada pelos participantes, que destacaram seu caráter integrativo para além do objetivo da pesquisa, sugerindo que sejam proporcionados mais momentos de encontro entre as equipes.

Matriz sintética da pesquisa

A matriz sintética apresenta a construção lógica da investigação, conectando dimensões e perguntas gerais da pesquisa a indicadores, públicos-alvo, fontes, métodos e técnicas. A partir da matriz sintética é possível ter clareza sobre os enfoques e as perguntas a serem priorizados no diagnóstico. O conteúdo da matriz serviu de base e orientação para a elaboração do questionário e do roteiro das rodas de conversa com convidados externos. Sua construção é fruto de um trabalho colaborativo entre a equipe da Tomara! e a equipe da Rede.

Questionário

O questionário, estruturado com base na matriz sintética, foi elaborado com perguntas predominantemente fechadas e para ser respondido exclusivamente *on-line*. Para a construção, foram consultadas pesquisas similares de modo a seguir, quando fizesse sentido, padrões de perguntas que permitiriam comparabilidade com outras pesquisas de público. O questionário foi dividido em quatro blocos, com um total de 79 questões (entre obrigatórias, condicionadas e opcionais). O primeiro bloco (Você e os museus) tinha o objetivo de conhecer um pouco sobre a relação dos respondentes com museus em geral e com os três museus-casa literários. O segundo bloco de questões (Experiência nos museus-casa literários) tinha como objetivo conhecer melhor a experiência do respondente com a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas e obter sua avaliação de atividades, serviços e infraestrutura dos museus. O terceiro bloco (Expectativas) foi dedicado a expectativas e desejos futuros dos respondentes em relação a programação cultural e exposições. O quarto e último bloco contemplou perguntas relacionadas ao perfil do respondente (gênero, orientação sexual, raça/cor, renda familiar, formação, escolaridade, faixa etária, entre outras)³.

É importante destacar que questionários estruturados podem fornecer dados generalizados,

³ Para acessar o questionário completo, [clique aqui](#).

já que permitem comparações e coleta de dados em maior escala; há possibilidade de tratamento estatístico das informações, a depender do tamanho da amostra.

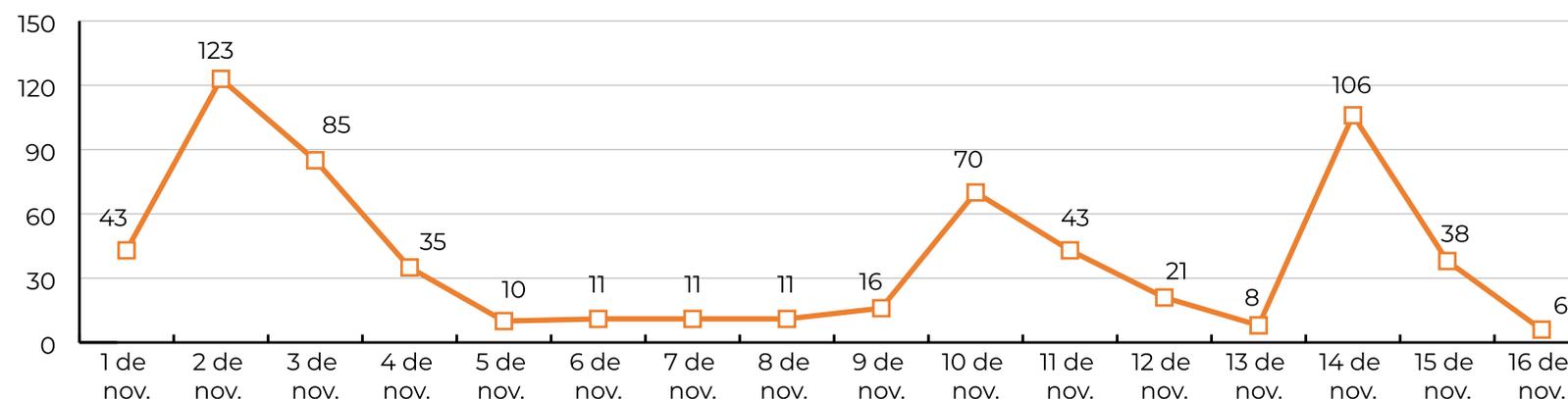
As versões iniciais do questionário foram feitas em arquivo Word e compartilhadas em pasta *on-line* para análise crítica das equipes da Rede, com ajustes e alterações feitas assincronicamente. A partir da versão validada pela equipe da Rede, o questionário foi transposto para a ferramenta digital Limesurvey, onde foi submetido a testagens e ajustes até a versão final. Ao longo de todo o questionário, foram previstas questões abertas para que o respondente tivesse espaço para expor seus comentários de maneira mais livre e qualificar suas respostas. Como o questionário era anônimo, para contextualizar as sugestões, críticas e percepções, os comentários apresentados neste relatório aparecem acompanhados de alguns dados básicos do perfil do respondente ou relativos a sua relação com as Casas. Importante ressaltar que a menção às datas

das atividades realizadas pelo respondente (por exemplo, este ano, este semestre, este mês, esta semana) são relativas ao período de coleta de dados, novembro de 2022.

Para a divulgação do questionário foi elaborado um plano de coleta com especificação de todos os instrumentos e protocolos de divulgação. Foram realizados disparos por e-mail para *mailing* da Rede e para parceiros; e lembretes foram enviados durante o período de coleta, a fim de ampliar o engajamento do público. Foi elaborado um painel de monitoramento, usando o aplicativo Google Data Studio, para acompanhar diariamente as respostas e adequar a divulgação.

A divulgação nas redes sociais foi feita diretamente pelos museus, com o apoio da Tomara!, que elaborou as artes e os textos das postagens. Além disso, cartazes com o *QR code* da pesquisa foram colocados em locais estratégicos, e cartões, também impressos com *QR code*, foram distribuídos nos

Número de respostas ao questionário por dia



locais de circulação dos museus, como o café da Casa das Rosas. A divulgação nas redes sociais também incluiu os lembretes. A equipe da Tomara! permaneceu em contato constante com a equipe da Rede para discutir ações intermediárias de divulgação para o engajamento dos públicos.

O questionário atingiu o total de **637** respondentes entre 1º e 16 de novembro de 2022, como apresentado no gráfico. Em média, o tempo de resposta do questionário foi de 30 minutos.

Após o período de 15 dias em que o questionário ficou no ar, foi realizado o trabalho de consistência e limpeza da base de dados, seguido de tabulação básica e cruzamentos. Novos cruzamentos foram realizados durante a elaboração deste relatório.

Foi grande o esforço para tornar o questionário dinâmico e fácil de responder e, de modo geral, é possível dizer que esse empenho valeu a pena: apenas três respondentes criticaram o questionário por considerá-lo muito extenso. Segundo o que escreveram nos campos abertos, em alguns casos a diversidade de alternativas causou a sensação de repetição de questões que se aplicavam separadamente a cada Casa. Trabalhar três museus em um único questionário, mesmo que programado para ter pulos a partir da relação do respondente com cada equipamento, foi uma opção que sabíamos ser desafiadora, que teria ganhos e perdas. Em próximas aplicações, será importante avaliar vantagens e desvantagens de juntar ou separar as Casas em uma pesquisa como essa.

Rodas de conversa

A utilização de rodas de conversa como metodologia é um instrumento dialógico de interlocução no campo da pesquisa acadêmica e não acadêmica. Apesar de se configurarem de diversas maneiras, as rodas de conversa oferecem possibilidades de coletar percepções, *insights*, pontos de vista, informações e geram discussões sobre diferentes temáticas.

As rodas se caracterizam como um tipo de conversa em grupos pequenos, que tem como função gerar informações sobre um tema, com base em um roteiro semiestruturado com pontos que podem ir do geral ao específico. Estimulam a geração e a troca de ideias e fazem aflorar as percepções, opiniões e atitudes dos participantes relacionadas ao assunto central, trazendo multiplicidade de pontos de vista. Funcionam como espaços de troca de saberes e ideias a partir de uma provocação temática que considera o protagonismo dos participantes. As discussões devem ser conduzidas por um moderador experiente, responsável por manter o debate organizado; e pelo menos um observador/relator para registro das principais discussões e ocorrências. O moderador deve evitar emitir opiniões e deve conhecer o tema da conversa.

Leandro Rogério Pinheiro (2019) aponta que é preciso considerar que “as pessoas convidadas para as rodas de conversa carregam consigo vivências” (p. 3), dessa forma, o que se torna mais rico é a partilha das experiências dos convidados. Entretanto, é preciso

saber que a conversa em uma roda, enquanto metodologia científica, difere radicalmente de uma conversa social, isso porque, além de os participantes serem estimulados a expressar opiniões e compartilhar vivências sobre uma temática específica, as pessoas estão de algum modo previamente preparadas para aquele momento.

Para a composição dos participantes das rodas de conversa, a equipe da Rede de Museus-Casas Literárias de São Paulo optou por escutar como público-alvo especialistas - pessoas com conhecimento sobre os temas discutidos, sobre as atividades das Casas e de museus em geral, entendendo que os públicos visitantes já estariam contemplados pelo questionário.

Inicialmente, estava prevista a realização de duas rodas de conversa com entre seis e doze participantes cada. Dentre os nomes selecionados e apresentados pela Rede estavam profissionais com atuação nas áreas de literatura e de museus, assim como os membros do Conselho de Orientação Artística da Rede de Museus-Casas Literárias (COA). A partir da análise dos nomes sugeridos, a Tomara! optou por realizar uma terceira roda dedicada especialmente à escuta do COA. A estratégia de acrescentar uma nova roda também partiu do objetivo de realizar uma das rodas remotamente, a fim de garantir a participação de profissionais que atuam fora de São Paulo. As duas rodas de conversa presenciais aconteceram no Anexo da Casa Guilherme de Almeida no bairro de Perdizes, e a roda de conversa remota foi realizada por meio da plataforma Zoom.

A lista de nomes para cada roda passou por pequenos ajustes considerando a disponibilidade dos participantes. A roda de conversa 1 contou com a participação de cinco pessoas (das sete previstas)⁴; a roda de conversa 2 com seis pessoas (das sete previstas); e a roda de conversa 3, realizada virtualmente, contou com todos os seis participantes previstos, totalizando 17 participantes.

Para a realização das rodas de conversa foi elaborado um roteiro padrão, que sofreu pequenas adaptações para atender as especificidades de cada grupo. O tempo estimado para cada roda, de duas horas, foi cumprido. As conversas foram ancoradas em três grandes dimensões.

- O **propósito** dos museus-casa como guia para as linhas de atuação, para o fortalecimento institucional de cada uma das Casas e para a consolidação da Rede.
- A **Rede** como um sistema vivo e atuante, interconectado em suas dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais e a serviço de suas comunidades, sejam elas usuárias e/ou produtoras de conhecimento e conteúdo.
- O **futuro** como exercício da prática institucional compartilhada, entendendo que os desafios do

⁴ Na roda de conversa com o COA, uma das convidadas justificou sua ausência e encaminhou um ofício com comentários e sugestões para a Rede de Museus-Casas Literários que não foram analisados neste relatório.

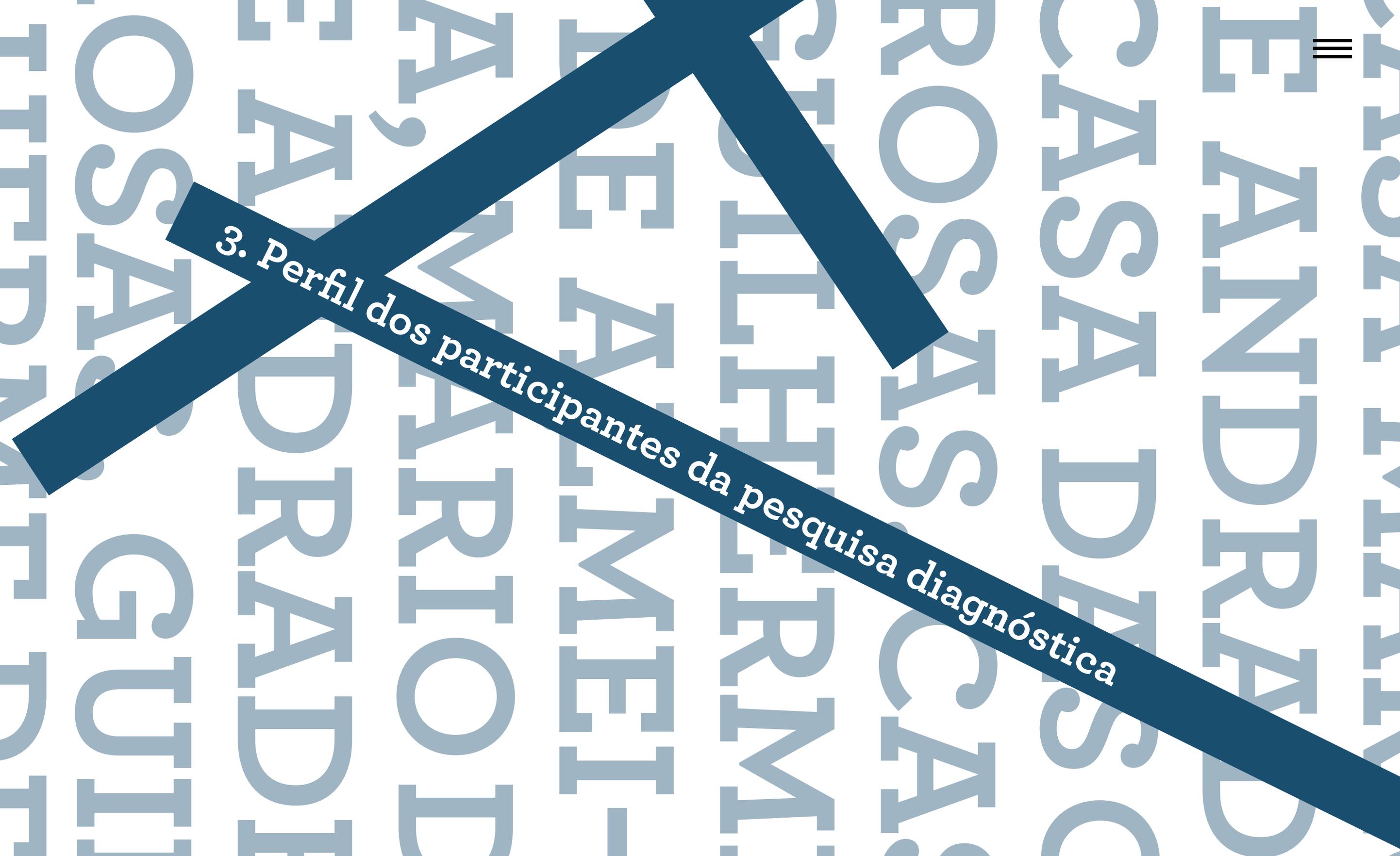
presente corroboram com a definição de ações programáticas que alcancem, emocionem e impactem o público.

Essas dimensões foram enviadas previamente por e-mail aos participantes, que no momento da roda foram convidados a manifestar sua visão sobre os três museus e as ideias e expectativas de futuro para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. À exceção da roda feita com membros do COA, foi passado um vídeo institucional com cerca de cinco minutos, no início da conversa, com o objetivo de apresentar os três museus. A fala intercalada de cada participante motivou reflexões coletivas maiores sobre o campo da cultura e sobretudo sobre os museus do estado de São Paulo. Apesar da presença de uma moderadora, a dinâmica de cada roda variou conforme a participação dos convidados. A estratégia foi introduzir questões e provocações pontuais ao longo das duas horas de duração, buscando aproveitar o tempo e permitir que todos conseguissem participar.

A gravação das rodas de conversa presenciais foi feita com três microfones de mão, sem fio, disponíveis para os participantes. Para que as falas fossem registradas, os participantes foram previamente orientados a se expressar apenas quando estivessem com o microfone em mãos, no entanto, em alguns momentos, movidos pela intensidade das discussões, as falas foram realizadas longe do microfone. O fato de terem que falar exclusivamente ao microfone, foi apontado por alguns como um dificultador, uma vez que, ao

se sentirem motivados/provocados por outras falas, os participantes deveriam esperar estar de posse de um microfone.

Apesar disso, a estratégia de utilização de microfone facilitou a organização das falas e viabilizou a transcrição. A opção pela gravação das rodas de conversa e posterior transcrição foi importante já que o registro transcrito permite àquele que analisa recordar as falas com fidedignidade, sem o risco de perder eventuais *insights* e considerações dos participantes. A transcrição, somada ao registro de anotações em caderno de campo e registros fotográficos (ver registro fotográfico no [anexo 3](#)) permitiram uma análise mais completa das rodas de conversa. Com esse conjunto de registros, foram elaborados quadros-síntese de cada roda, que permitiram classificar, separar, aproximar e enquadrar as contribuições de cada participante para analisá-las detalhadamente. É importante dizer que para a apresentação dos resultados adotamos uma abordagem que buscou dar voz aos entrevistados e que, por isso, traz diversos trechos de suas falas.



3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

3. Perfil dos participantes da pesquisa diagnóstica

A mim, logo de início, desde botei atenção naquela semântica ativa, notei que todos me tratavam num mezzoforte que ia em decrescendo, o que significava, mais ou menos, "inimigo curioso, desprezível por ser de raça inferior". Mas no fim das nossas relações já quase todos, com exceção de uns quatro ou cinco, me tratavam em pianíssimo com tendência crescente, o que não deixou de me sensibilizar.

"O turista aprendiz"
Mário de Andrade

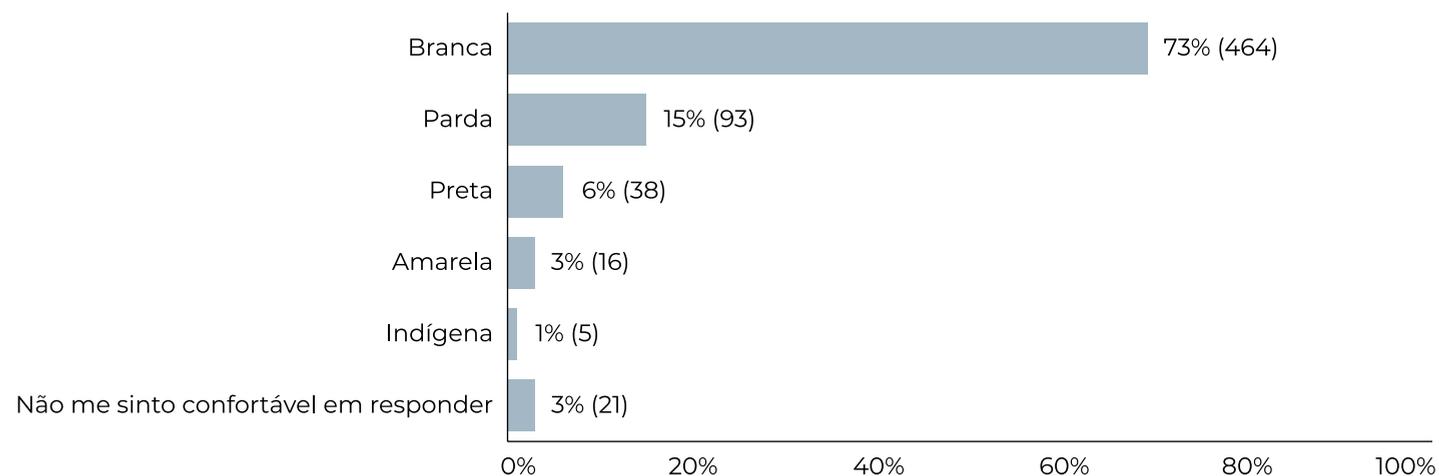
Qual é o perfil do público que respondeu ao questionário? Qual é o perfil dos participantes das rodas de conversa?

Conhecer o perfil dos participantes da pesquisa é muito importante para situar os resultados: quem fala e o que fala dá pistas sobre a razão de uma determinada visão ou percepção, pode explicar ausências temáticas ou de certas reflexões, e também diz sobre quem é o público das Casas e quem (ainda) não é.

Por esse motivo, é fundamental ter em vista os dados de perfil ao ler os resultados.

Que cor ou raça melhor identifica você?

(esta pesquisa usa as mesmas categorias do IBGE)



Universo de 637 respondentes

Perfil dos respondentes do questionário

Primeiramente, é importante considerar que a divulgação do questionário foi realizada majoritariamente pelo *mailing*, com cerca de 18 mil e-mails, e alguns posts em redes sociais de cada um dos três museus-casa. Pela forma de divulgação, é possível inferir que a maioria do público respondente é composta de pessoas que já conheciam ou acompanhavam de algum modo a atuação das Casas, mesmo que nunca as tenham

visitado. Como será visto, os dados confirmam que a maioria dos respondentes conhecia os museus-casa, mesmo que só de ouvir falar. Com isso, apesar de potencialmente o questionário *on-line* ser capaz de atingir o público habitual e o chamado não público, acabou por não alcançar este último.

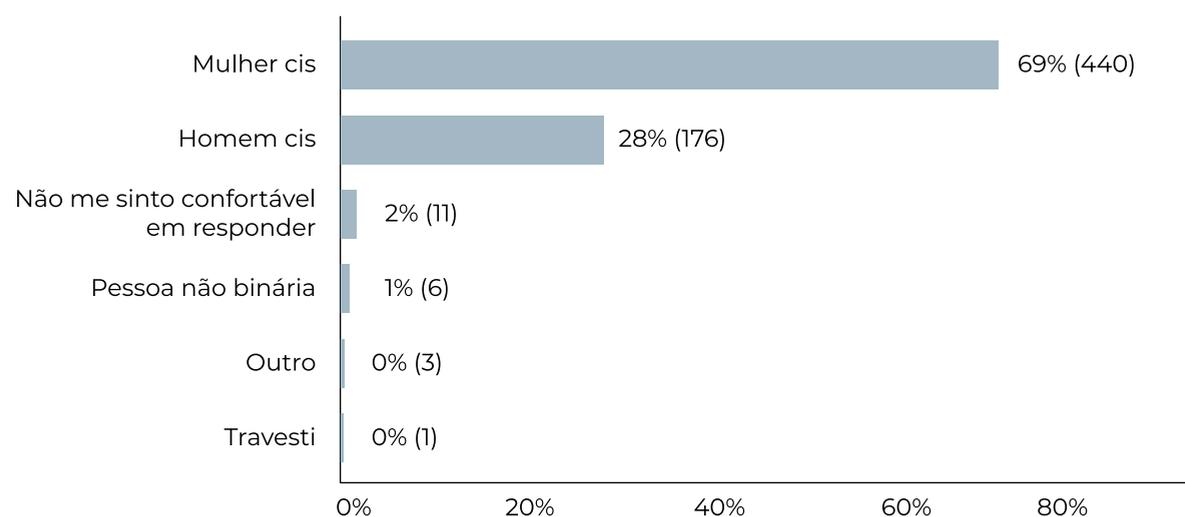
Em um universo de 637 respostas, o perfil dos respondentes é composto em sua maioria por pessoas que se autodeclaram brancas (73%) e mulheres cisgênero (69%), também de maioria branca (74%). O perfil dos respondentes difere bastante do perfil da população brasileira, que de acordo com a PNAD-C 2021 (IBGE) é de

43% brancos, 47% parda e 9,1% preto, 0,9% de amarelos e indígenas. Já na cidade de São Paulo, a autodeclaração em relação à raça e cor é de 56,4% de brancos, 32,7% de pardos, 7,9% de pretos e 3% de amarelos e indígenas. De acordo ainda com a PNAD-C 2021, na cidade de São Paulo, as mulheres representam 52,1% da população.

Em relação à faixa etária, destaca-se que apenas 1% de jovens até 19 anos e 12% de 20 a 29 anos responderam ao questionário, o que pode sinalizar a ausência de jovens no público alcançado pelas Casas em suas atividades, ao menos no meio digital, tendo em vista que a divulgação do

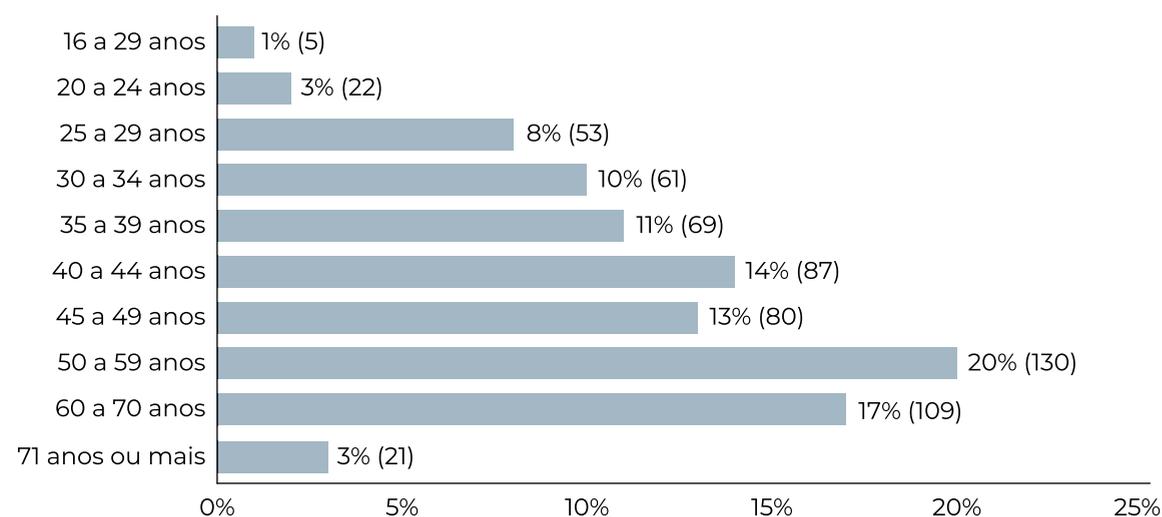
questionário foi majoritariamente realizada pelo *mailing* dos museus-casa e por suas redes sociais. No mínimo, aponta alguma falta de engajamento dos públicos dessa faixa etária. Por outro lado, é notável a representatividade do público idoso, com 20% dos respondentes acima de 60 anos – dado relevante considerando a importância de desenvolver programações para esse público. O perfil de respondentes é distinto da composição etária média da população da cidade de São Paulo, que de acordo com a PNAD-C de 2021 é de 17,2% para pessoas de 0 a 14 anos, de 22,9% de 15 a 29 anos, de 36,5% para 30 a 59 anos e de 16,9% acima de 60 anos.

Como você se identifica em relação a seu gênero?



Universo de 637 respondentes

Qual a sua faixa etária?



Universo de 637 respondentes

A maioria dos respondentes se declarou heterossexual (76%), mas foi possível alcançar certa diversidade de perfil como apresentado no gráfico. Vale destacar que essa pergunta foi inserida para tentar checar a hipótese da equipe dos museus-casa de que seus públicos seriam bastante diversos do ponto de vista da orientação sexual.

Do universo de 637 respondentes, 78% (496) são do estado de São Paulo; dentre eles, 71% (354) residem na capital e os demais 29% residem em 61 cidades do estado. Entre essas cidades, as que tiveram maior número de respostas foram Santo André com doze (12) respondentes; Osasco com dez (10); Campinas e Piracicaba com oito (8) respondentes; Guarulhos sete (7); Jundiaí e São José dos Campos com seis (6); Santos com cinco (5) e Cotia, Mogi das

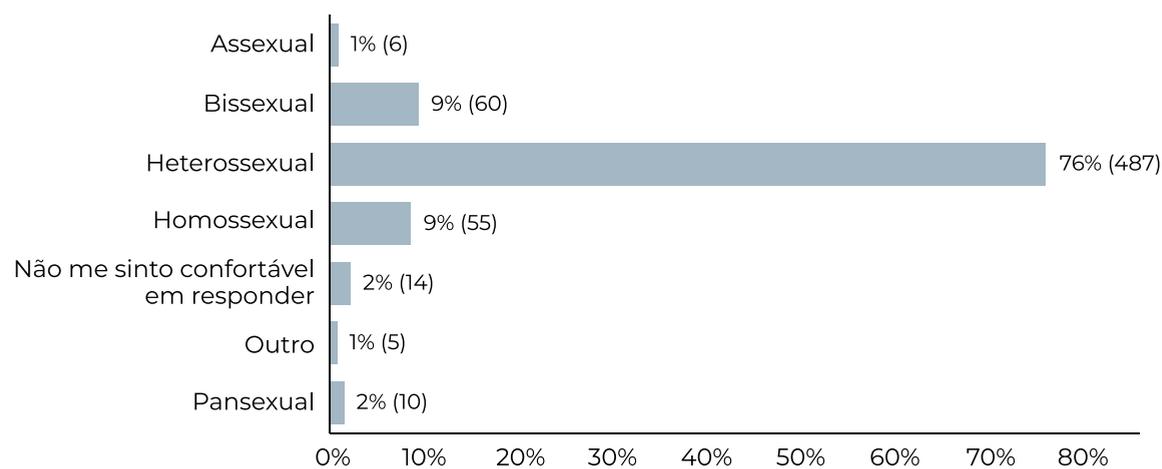
Cruzes e São Bernardo do Campo com quatro (4) respondentes.

As cidades com três (3) respondentes foram Bauru, Itaquaquecetuba, Mauá, Praia Grande e Ribeirão Preto; e com dois (2) respondentes foram Araraquara, Araras, Carapicuíba, Lorena, Presidente Prudente, Rio Claro, Santana de Parnaíba e Taboão da Serra. Já as cidades com um (1) único respondente foram Adamantina, Águas de São Pedro, Agudos, Americana, Analândia, Araçatuba, Arujá, Atibaia, Botucatu, Campos do Jordão, Canas, Capivari, Fernandópolis, Ipeúna, Itanhaém, Itapeverica da Serra, Itapevi, Jacareí, Jaguariúna, Juquitiba, Limeira, Mairinque, Mongaguá, Nazaré Paulista, Paulicéia, Pedreira, Pirassununga, Roseira, Santa Bárbara D'Oeste, Santa Cruz do Rio Pardo,

São Caetano do Sul, São Carlos, São José do Rio Preto, São Roque, Serra Negra, Sorocaba e Tatuí. Aos 22% de respondentes de fora do estado de São Paulo não foi perguntada a cidade de origem.

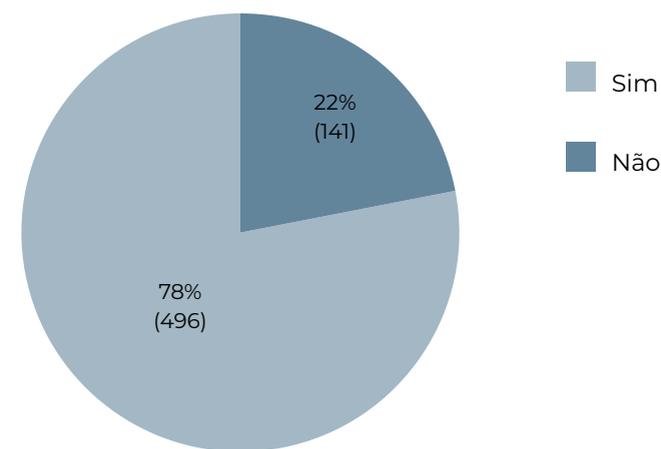
Aos respondentes paulistanos foi solicitada a indicação do bairro onde residem. Das 354 respostas vindas da cidade de São Paulo os bairros com maior recorrência foram: Perdizes (18), Vila Mariana (17), Jardim Paulista (16), Bela Vista (12), Butantã (10), Barra Funda (9), Vila Buarque (9), Pinheiros (8), Tatuapé (8), Cerqueira César (7), Consolação (7), Freguesia do Ó (7), Ipiranga (7), Paraíso (7) e Santa Cecília (7). Para saber o número de respondentes por distrito de São Paulo, ver [anexo 5](#).

Caso se sinta à vontade para declarar, qual a sua orientação sexual?



Universo de 637 respondentes

Você mora no Estado de São Paulo?



Universo de 637 respondentes

Dois dos três museus estão localizados na Zona Oeste da cidade de São Paulo, o que pode explicar, em parte, o maior número de respondentes do questionário serem de bairros da desta zona da cidade. Obviamente, questões como renda e escolaridade também são variáveis importantes para entender essas concentrações.

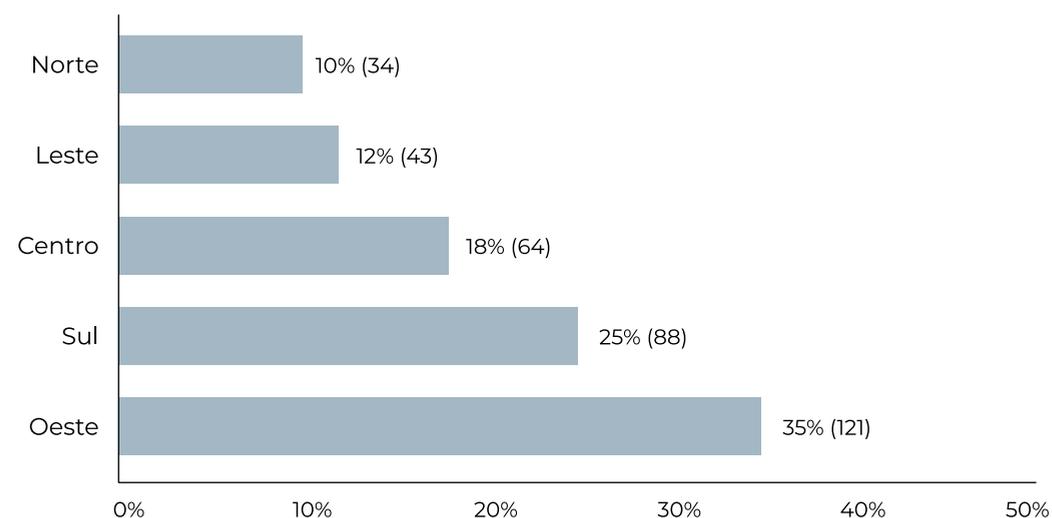
Sobre renda e escolaridade, 11% declararam ter renda familiar de até 2 salários-mínimos, 13% de 2 a 3 salários-mínimos, 28% de 3 a 5 salários-mínimos, 38% mais de 5 salários-mínimos. Para ter

uma base comparativa, de acordo com a PNAD-C 2021, a média salarial brasileira é de R\$ 2.493,70, equivalente a 2 salários-mínimos e meio; no estado de São Paulo, a média salarial é de R\$ 3.048,40, equivalente a 3 salários-mínimos. Vale ressaltar que, ainda de acordo com a PNAD-C 2021, 67,19% dos brasileiros ganham até 2 salários-mínimos.

Além disso, a maioria dos respondentes possui pós-graduação, mestrado e doutorado incompleto ou completo, representando 61% (392) dos respondentes; e 34% possuem Ensino Superior

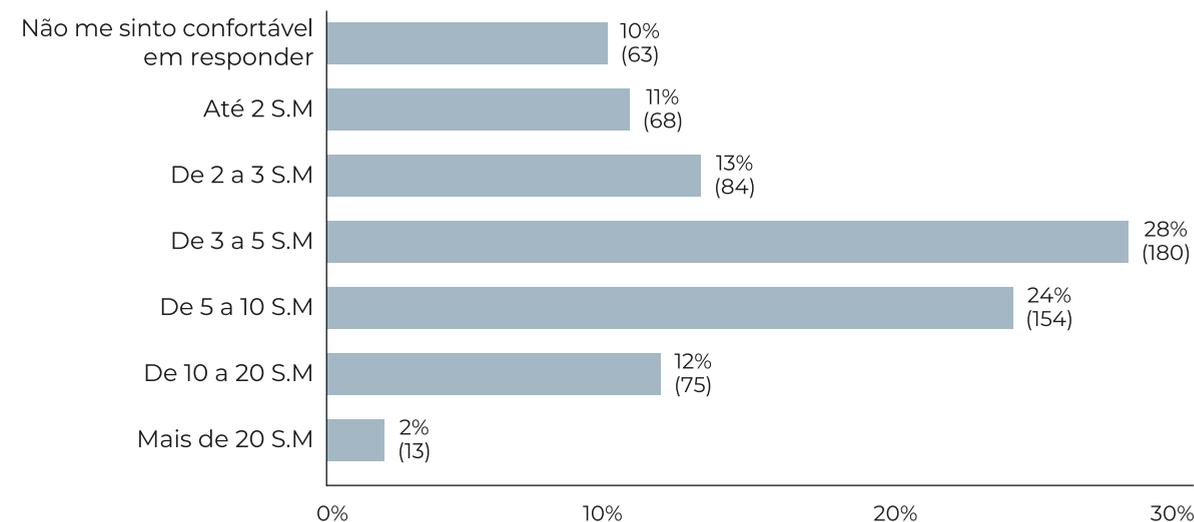
completo ou incompleto (219). Apenas cinco respondentes possuem escolaridade até o Ensino Médio completo e outros cinco respondentes possuem Ensino Técnico. De acordo com a PNAD-C 2021, para população do estado de São Paulo, 7,6% têm Ensino Fundamental completo ou equivalente, 29,5% têm Ensino Médio completo ou equivalente e 18,6% têm Ensino Superior completo.

Número de respondentes por região de São Paulo



Universo de 350 respondentes (dos 354 que afirmaram residir na capital, quatro pessoas não informaram o bairro)

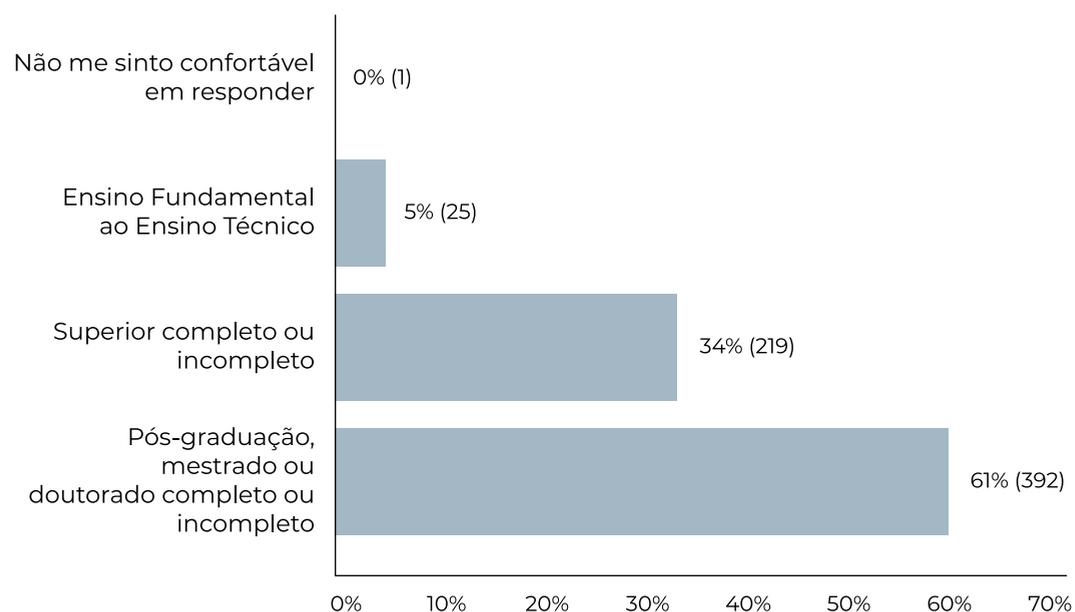
Qual a sua renda familiar?



Universo de 637 respondentes

Para os respondentes que possuem Ensino Técnico, graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado foi solicitado em campo aberto do questionário que informassem a área de formação. A grande maioria é da área das humanidades, com destaque para a formação em letras (222), comunicação social (82), história (51) e ciências sociais (41). O quadro sintetiza as formações registradas.

Qual seu nível de escolaridade?



Universo de 637 respondentes

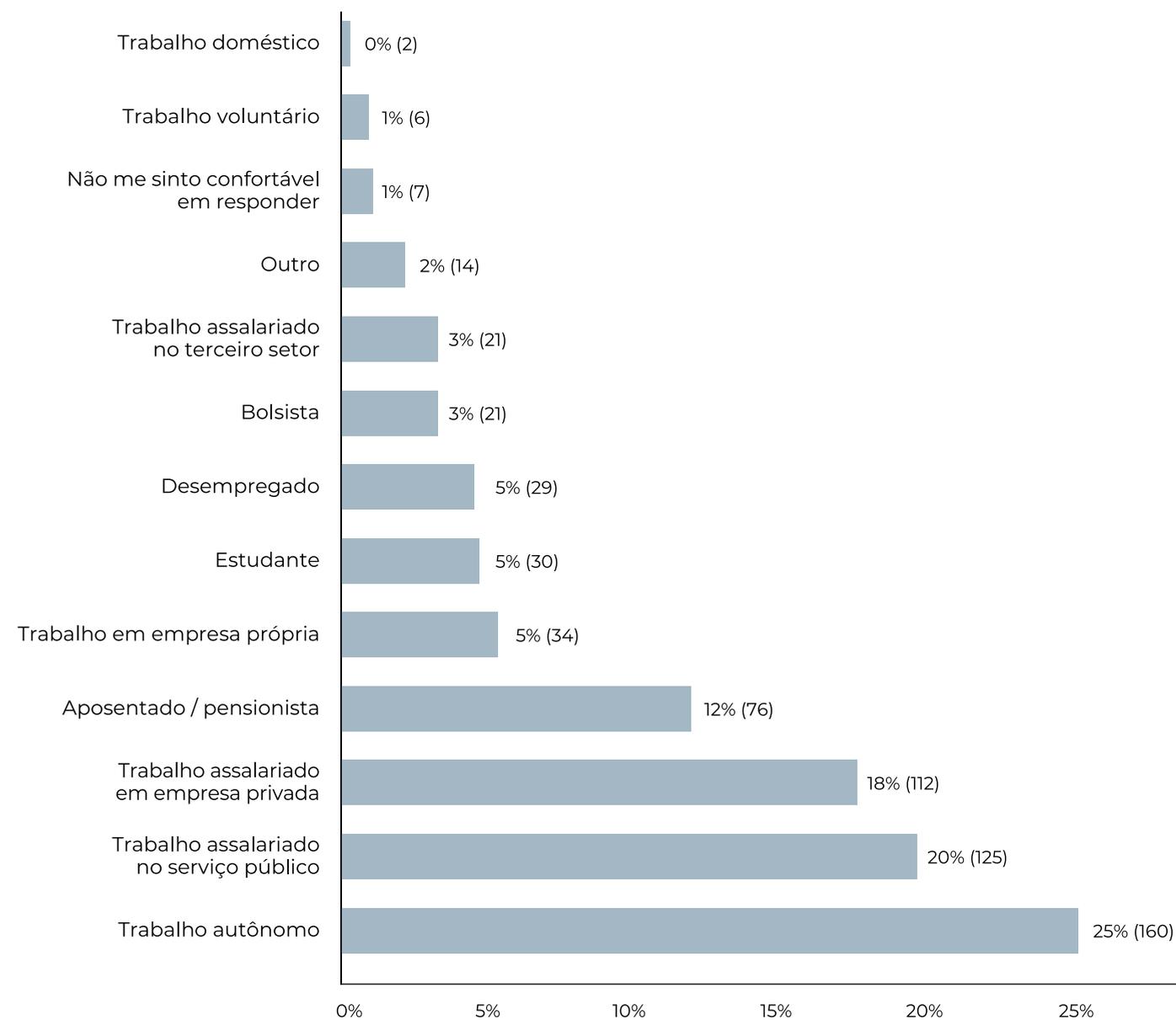
Formação dos respondentes

Letras	222	Professor(a)	5
Comunicação Social	82	Economia	4
História	51	Marketing	4
Ciências Sociais / Antropologia / Sociologia	41	Música	4
Pedagogia	35	Ciência da Computação	3
Artes / Artes Plásticas / Artes Visuais	32	Enfermagem	3
Direito	26	Medicina	3
Arquitetura e Urbanismo	25	Medicina Veterinária	3
Psicologia	20	Relações Internacionais	3
Museologia	18	Arquivologia	2
Filosofia	17	Conservação e Restauração	2
Biblioteconomia	14	Farmácia	2
Geografia	14	Química Industrial	2
Cinema e Audiovisual	13	Relações Públicas	2
Design	13	Saúde Coletiva	2
Administração	12	Tecnologia da Informação	2
Engenharia	12	Educação física	1
Biologia	10	Física	1
Turismo	9	Fisioterapia	1
Artes Cênicas	8	Logística	1
Ciências Contábeis	5	Matemática	1
Produção cultural	5		



Em relação a principal atividade exercida pelos respondentes, destaca-se que 25% declararam trabalhar de maneira autônoma. Seguido por trabalho assalariado no serviço público (20%) e trabalho assalariado em empresa privada (18%).

Qual a sua principal atividade?



Universo de 637 respondentes

No questionário também foi perguntado se o participante era uma pessoa com alguma deficiência. Dentre as 637 respostas, 36 (6%) declararam ser pessoa com deficiência e nove (1%) não se sentiram confortáveis em responder.

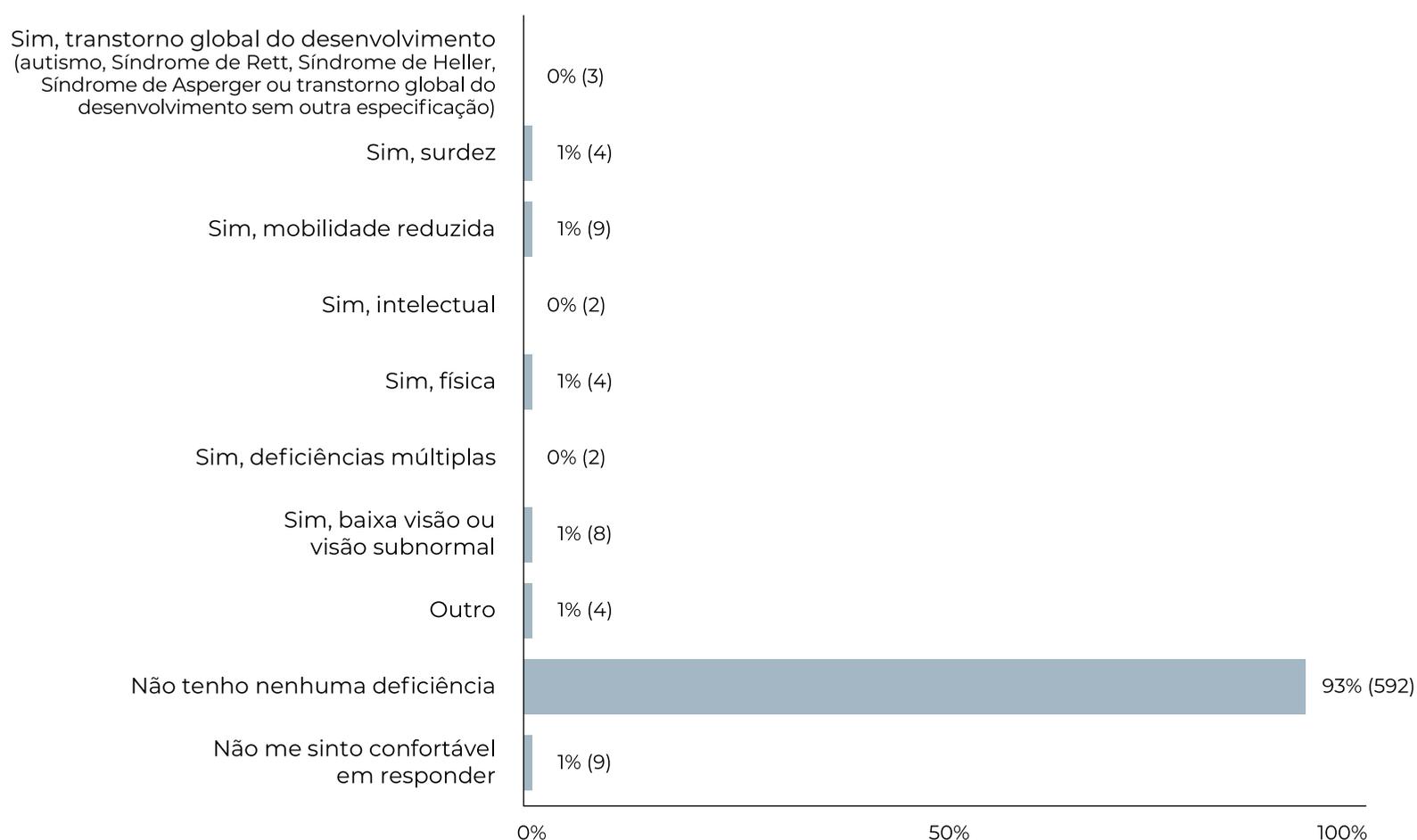
Em resumo, o perfil dos respondentes do questionário é composto majoritariamente de mulheres cis, brancas, adultas, sem deficiência, heterossexuais, com escolaridade de pós-graduação em diante, renda familiar superior a três

salários-mínimos, residentes na cidade de São Paulo em bairros não periféricos e que se interessam e frequentam museus com certa regularidade.

O perfil das pessoas que participaram do diagnóstico se aproxima bastante do perfil geral dos públicos que frequentam museus no Brasil. Outras pesquisas do setor cultural com foco na percepção de públicos de museus, como a do Icom Brasil (“Dados para navegar em meio às incertezas: resultados da pesquisa com públicos de museus”, de 2020) e a pesquisa realizada pelo Oi Futuro e Consumoteca (“Museus: narrativas para o futuro”, de 2019) apontam para a pouca diversidade dos públicos de museus, ressaltando o persistente desafio de ampliar e democratizar o acesso às instituições culturais.

Até que os museus brasileiros tenham públicos diversos, será sempre alta a probabilidade de as pesquisas com públicos serem marcadas por vieses de classe social, cor e escolaridade. Sendo assim, alertamos que o perfil do público participante da pesquisa do ICOM Brasil revela ausências que não podem ser ignoradas e, mais, que exigem ações propositivas. Por isso, é importante compreendê-lo dentro de um retrato mais amplo do setor museal, e mesmo cultural, no Brasil (Icom, 2020, p. 9).

É pessoa com deficiência, mobilidade reduzida ou transtornos globais do desenvolvimento?



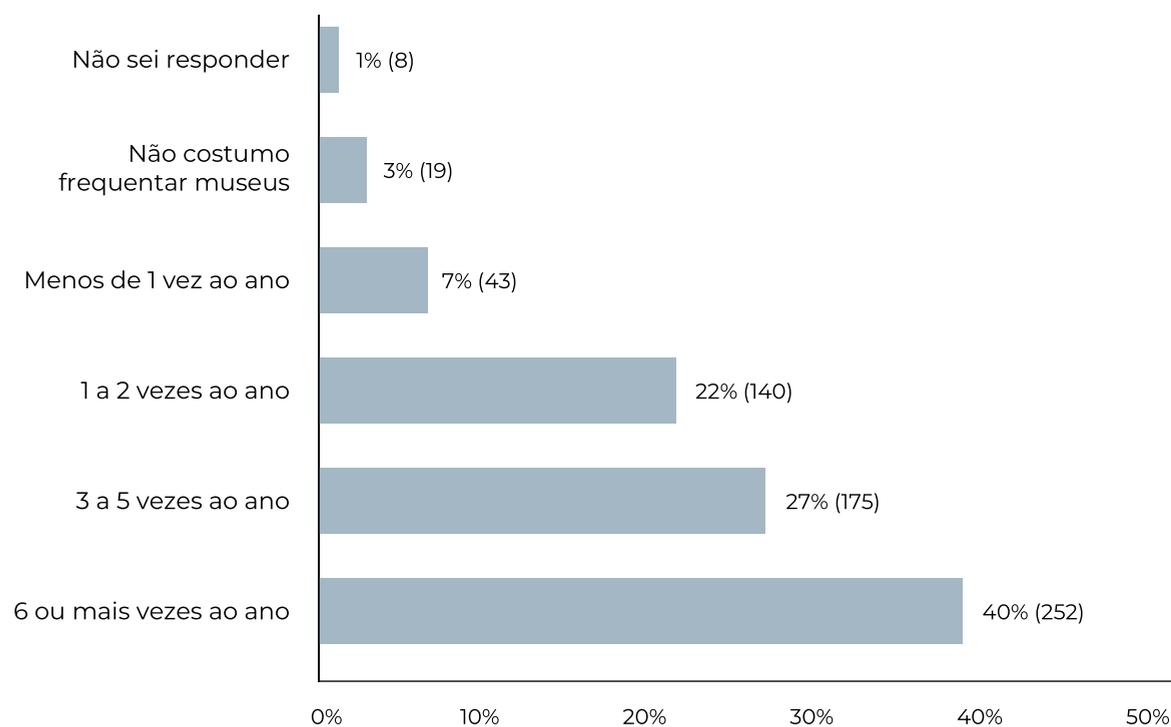
Universo de 637 respondentes

Quando perguntados sobre a categorização das casas Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Casa das Rosas como museus, **85% dos respondentes (544) afirmaram saber que são museus**. Tendo em vista que o perfil dos respondentes foi o próprio público dos museus-casa, talvez esses números percam certa potência analítica. Por outro lado, esse reconhecimento é um dado positivo, especialmente no caso da Casa Mário de Andrade, que se tornou museu recentemente, apenas em 2018.

Como complemento ao perfil dos respondentes, vale acrescentar duas questões sobre hábitos culturais. Dentre o universo de 637 pessoas, quando perguntadas sobre a regularidade com que costumam visitar museus em geral, **67% dos respondentes (427) afirmaram visitar mais de três vezes ao ano**, e dentre esses, 40% visitam mais de seis vezes ao ano (252).

Em um universo de 618 respostas daqueles que costumam visitar museus, quando solicitado que priorizassem **o que mais os motiva a realizar a visita**, a maioria afirmou ser apreciar alguma forma de arte, como poesia, literatura, música ou artes visuais (84% das respostas). Os respondentes podiam escolher até cinco alternativas e a segunda mais votada, marcada por 75% dos respondentes, foi apreciar o patrimônio histórico e conhecer mais sobre a história da cidade ou do país. Já 74% se dizem motivados também a participar da programação e das atividades oferecidas pelos museus. Dentre as cinco alternativas mais escolhidas pelos respondentes também estão

Com que regularidade você costuma visitar museus?

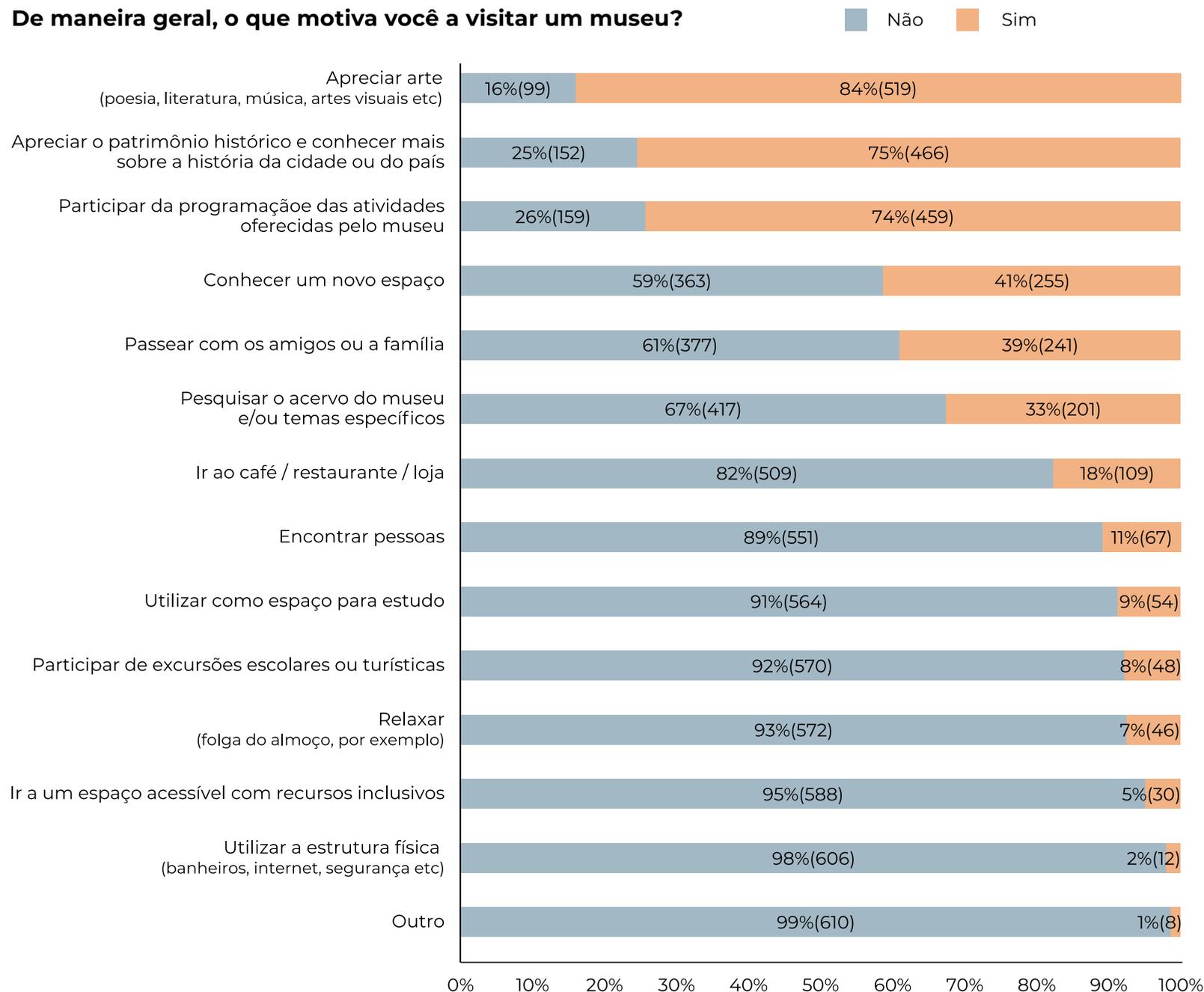


Universo de 637 respondentes

a motivação de conhecer um novo espaço na cidade (41%) e passear com os amigos ou a família (39%). Alguns usos aparecem em menor escala de prioridade para os respondentes, como utilizar a estrutura física (2%), relaxar (7%) ou utilizar o espaço para estudo (9%).

A pesquisa “Cultura nas capitais” (2014) realizada pela JLeiva com um universo de 3.295 participantes (apenas aqueles que responderam ter visitado espaços expositivos no ano antecedente à pesquisa) também buscou mapear as principais razões pelas quais as pessoas visitam espaços expositivos. Entre elas, 44% dos participantes alegaram visitar pelo conhecimento, 13% pelas exposições, 10% para se divertir e 9% para saber das novidades.

De maneira geral, o que motiva você a visitar um museu?



Universo de 618 respondentes

Perfil dos participantes das rodas de conversa

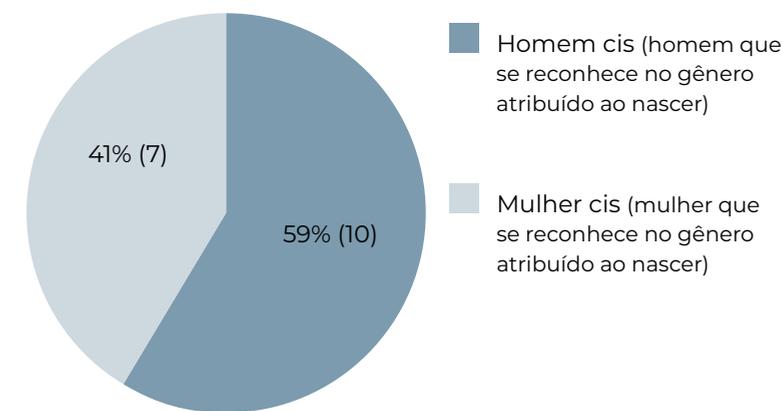
O universo de 17 participantes caracterizou-se por uma maioria autoidentificada como branca (15 pessoas) e com faixa etária acima de 40 anos (16 pessoas) – sendo 12 pessoas (71% do total) com mais de 50 anos. O perfil contemplou homens (59%) e mulheres (41%), e apenas duas pessoas afirmaram possuir algum tipo de deficiência (baixa visão e visão subnormal).

Todos os participantes possuem Ensino Superior, sendo que 16 possuem mestrado e 11 também possuem doutorado, todos com mais de 10 anos

de atuação em suas áreas. As formações dos participantes estão dentro das humanidades – antropologia, arquitetura, cinema, direito, história, letras e museologia. No anexo 2 deste relatório, é possível acessar as minibiografias dos participantes.

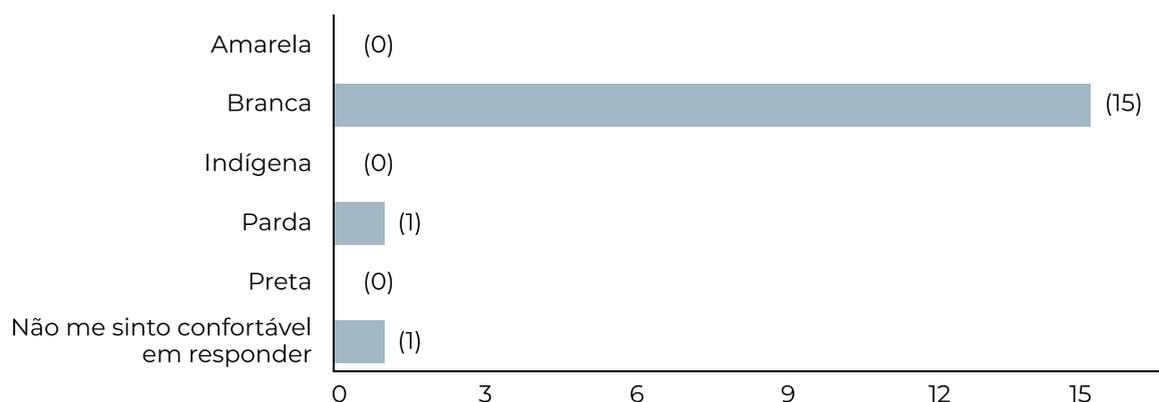
É possível dizer que a diversidade étnico-racial, etária e social acabou não sendo a marca da composição dessas rodas e isso deve ser considerado como um dado relevante na leitura dos dados. Por outro lado, são notáveis a experiência e o acúmulo de conhecimentos específicos dos participantes relacionados a museus e à literatura, principal critério estabelecido pela equipe da Rede para definir a composição das rodas de conversa.

Identificação de gênero dos participantes – Rodas de conversa



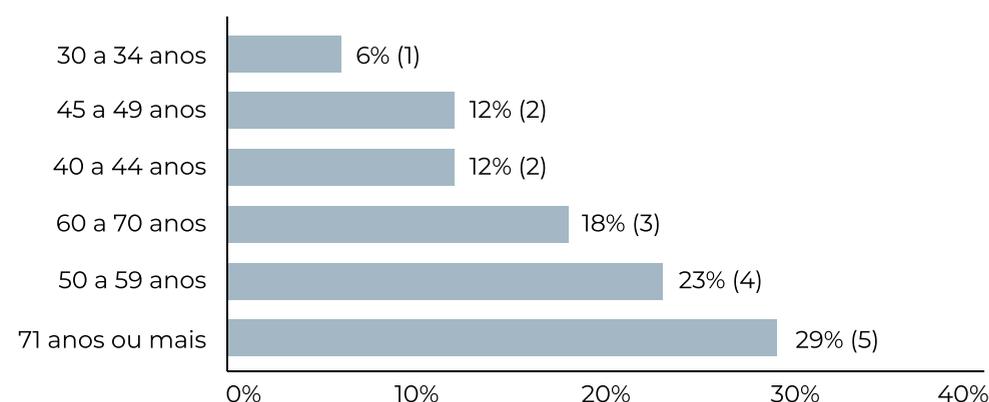
Universo de 17 respondentes

A cor ou raça, de acordo com a classificação do IBGE, que melhor identifica você é:



Universo de 17 respondentes

Faixa etária dos participantes – Rodas de conversa



Universo de 17 respondentes

Vale um comentário geral sobre a composição do Conselho de Orientação Artística (COA⁵), já que uma das rodas de conversa foi voltada para a escuta desse grupo. O COA tem como responsabilidade deliberar sobre a linha curatorial dos equipamentos, apoiando a decisão sobre aquisições, conservação, restauração, transferência, aceitação e empréstimos de obras e bens. Contribui também com diretrizes para a programação cultural das Casas. Ele é composto por membros convidados pela Rede, avalizados pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e os critérios levados em consideração são: perfil, biografia, experiência e especialização na área museal ou literária. Dentre os participantes da roda (5 de 7 membros⁶), e com base na própria declaração de cada um, todos são brancos, tem acima de 60 anos, têm formação em nível superior na área das humanidades (arquitetura, direito, história e letras) e possuem ao menos mestrado.

5 O COA da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, segue o modelo do Decreto Estadual n. 53.547, de 13 de outubro de 2008, que define as atribuições dos conselhos de orientação artística e cultural para auxiliar na tomada de decisões ligadas à política de acervo do estado, com ênfase nos casos de aquisição, conservação, restauração, transferência, aceitação e empréstimo de acervos. Constituídos por meio de resoluções do secretário publicadas no Diário Oficial do Estado, esses conselhos são compostos por especialistas e pessoas com histórico significativo nas áreas relacionadas aos acervos e temáticas dos museus da SEC-SP.

6 Duas integrantes não puderam comparecer por motivos de força maior, ambos justificados, portanto, não temos os dados de perfil delas.

Cabe destacar que as rodas de conversa, aconteceram dias depois do pleito que definiu o novo presidente da República e o governador do estado de São Paulo. Havia, portanto, um clima de muita expectativa de mudanças significativas para o setor cultural.



4. Museus em rede: seus entornos e conexões

4. Museus em rede: seus entornos e conexões

retículas
redes desredes
reticulares ares áreas
áreas
reticulares
reticulária
colares de quadrículos
contas cubículos
áreas ares
tramas retramas
desarticulária
de áreas reais
o rosto implode
camaleocaleidoscópio

Trecho de “Parafernália para Hélio Oiticica”
Haroldo de Campos

Quais são as barreiras de acesso impostas pela localização dos museus? De que forma os museus se relacionam com o entorno? Quais são as potencialidades dos territórios em que os museus estão inseridos?

Qual o propósito da atuação em rede e o que articula os três museus-casa? De que forma a rede pode contribuir com a existência, gestão, inovação dos três museus-casa?

Como a atuação em rede pode potencializar os museus-casa?

Pensar os museus e suas relações com os territórios em que estão inseridos, sejam eles geográficos ou temáticos, próximos ou mais distantes, aparece como algo fundamental. Este capítulo descreve brevemente os bairros ou as regiões em que esses museus estão inseridos, as facilidades e dificuldades de transporte para acessá-los e as possíveis relações com espaços, iniciativas, movimentos, equipamentos e instituições culturais da cidade de São Paulo. Apresenta também algumas reflexões sobre as conexões entre os museus-casa, a atuação conjunta entre eles e algumas das características e potencialidades do trabalho em rede e da própria Rede.

Localização e acesso

A Casa Guilherme de Almeida está localizada na Rua Macapá, 187, no bairro de Perdizes, próximo ao estádio Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu, Zona Oeste da cidade de São Paulo. Perdizes é um bairro de classe média alta e abriga o terceiro maior índice de desenvolvimento humano (IDH) entre os distritos paulistanos. A rua em que o museu está localizado é residencial e não possui grande movimento de veículos. Apesar disso, está a poucos metros da Rua Cardoso de Almeida, importante via do bairro, que conecta a Avenida Dr. Arnaldo à Avenida Francisco Matarazzo e ao acesso ao Elevado João Goulart (conhecido como Minhocão) e, por isso, possui fluxo constante de veículos, incluindo ônibus. A estação de metrô Sumaré (Linha Verde) é a mais próxima da Casa, a cerca de um quilômetro de distância. É importante destacar que as ruas do território de Perdizes são bastante íngremes, o que pode dificultar o deslocamento a pé ou de bicicleta.

A Casa Mário de Andrade está localizada na Rua Lopes Chaves, 546, no bairro da Barra Funda, próximo à Avenida Pacaembu, Zona Oeste da cidade de São Paulo. A Barra Funda foi por muitos anos um bairro de vocação industrial, mas atualmente é um bairro de uso misto, com residências de classe média

e de pequenos escritórios. As estações de metrô mais próximas do museu são a Marechal Deodoro e a Barra Funda, ambas localizadas na Linha Vermelha, a cerca de 600 metros e um quilômetro de distância respectivamente. É importante destacar que diversas linhas de ônibus passam perto do museu. No território da Barra Funda ainda se destaca a presença do Terminal de Ônibus Barra Funda, da Quadra da Camisa Verde de Branco, do Allianz Parque (estádio do clube de futebol Palmeiras) e dos estúdios da rede de televisão Record.

A Casa das Rosas está localizada na Avenida Paulista, 37, no bairro Bela Vista, no limite entre as zonas Centro-Sul, Central e Oeste da cidade de São Paulo. O fluxo de pedestres é intenso e abrange as mais diversas motivações, como trabalho, passeio, turismo e circulação entre destinos. Seu acesso se dá tanto pela Avenida Paulista como pela Alameda Santos. A Avenida Paulista é considerada uma das mais importantes vias e um dos principais centros financeiros da cidade, como também um dos corredores culturais e pontos turísticos mais característicos de São Paulo. A estação de metrô mais próxima é a Brigadeiro (Linha verde), a poucos metros do museu, e passam em frente ao equipamento diversas linhas de ônibus que atendem a região.

No questionário, não foram feitas perguntas específicas sobre o território em que os museus estão inseridos ou perguntas diretas sobre possíveis dificuldades de acesso em função da localização dos museus. Entretanto, nas perguntas sobre o **motivo de nunca ter visitado os museus**

presencialmente ou de nunca ter participado de atividades, havia alternativas sobre a localização para os respondentes escolherem. E, no caso dos três museus, nas duas perguntas com essas opções, **o maior impedimento** apontado foi justamente **a localização ou a distância em relação às residências e locais de trabalho** (isso será visto em detalhe no capítulo 5).

Nos campos abertos do questionário, alguns comentários sobre a localização e o acesso como fatores que podem dificultar uma visita presencial apareceram, com maior destaque para a Casa Guilherme de Almeida.

Localização. Sei que a Casa [Guilherme de Almeida] não pode ser mudada de lugar, mas parece ser um lugar pouco acessível. Não lembro de ter encontrado lojas, padarias ao redor.
[Homem cisgênero, pardo, na faixa de 30 a 34 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida uma vez há mais de dois anos.]

Eu gosto muito dos cursos da Casa Guilherme de Almeida, já fiz muitos. E, apesar de morar em SP, prefiro os cursos on-line, pois acho o transporte público na região péssimo. Já fiquei horas esperando ônibus para ir embora, e ainda teria que pegar metrô e outro ônibus. Então, quando voltarem ao presencial, seria legal ter uma forma de acompanhar os cursos, ao vivo ou gravados.
[Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas ao menos uma vez há mais de três anos.]

Apesar de os três museus serem relativamente próximos um do outro, existem diferenças significativas em relação ao entorno geográfico imediato em que estão inseridos. Enquanto, a Casa das Rosas ocupa uma posição privilegiada de grande fluxo de pessoas, a Casa Guilherme de Almeida está localizada em uma rua com menor fluxo de pessoas, em um bairro residencial da cidade; a Casa Mário de Andrade está em uma rua que possui imóveis residenciais e comerciais, porém também com fluxo menor de pessoas, quando comparada à Casa das Rosas.

O acesso ao transporte público para chegar aos museus também é bastante diferente: a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade estão um pouco mais distantes de uma estação de metrô, a Casa das Rosas possui um metrô praticamente na porta. Essas nuances que compõem os territórios em que os museus estão inseridos trazem características diversas para o perfil do público frequentador, impõem diferentes desafios às suas gestões e devem ser consideradas na leitura e interpretação dos dados apresentados neste relatório.

De territórios e possibilidades: proximidade física e afinidades temáticas

A **relação com o território** pode derivar tanto de desafios, ativos e possibilidades oferecidos por cada localidade quanto do interesse e da disponibilidade das Casas em se abrir ao diálogo para potencializar suas ações.

O território⁷, contudo, não pode ser definido apenas como geográfico: o **território temático** também é celeiro para diversificar as ações. Por isso, compreender a extensão e a efervescência de temas e ações similares e convergentes na cidade e, se possível, no estado apareceu como tarefa primordial.

Os participantes das rodas de conversa reiteraram a importância de a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, para **manter e ampliar a sua relevância**, estabelecer conexões com instituições, movimentos e espaços diversos – isto é, **inserir as Casas em diferentes redes e circuitos**.

Na visão desses interlocutores, é fundamental identificar e estabelecer contato com redes que

⁷ Para Milton Santos, o espaço geográfico é uma totalidade dinâmica, produto de processos históricos, e se constitui como uma categoria fundamental para elaborações sobre o futuro. “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (SANTOS, 2007, p. 14).

comportem tanto instituições de cultura “mais oficiais” do estado de São Paulo e do Brasil – por exemplo, o Museu da Língua Portuguesa, a Biblioteca Mário de Andrade, a Casa Rui Barbosa e a Casa Ema Klabin – quanto movimentos, iniciativas e espaços como saraus, bibliotecas locais e cenas menos institucionalizadas que estejam em plena produção e ebulição. **Conectar-se é uma palavra-chave**, inclusive com outros países e cenas.

De maneira geral, os participantes das rodas sugeriram que é preciso **tecer melhor a relação dos museus com seus entornos** (geográficos ou temáticos), favorecendo um fazer coletivo entre equipamentos e iniciativas culturais oficiais e não oficiais.

As potencialidades dessas múltiplas conexões são várias: relacionar-se com **saberes, fazeres e produções de várias origens e naturezas**, mas com pontos em comum (a serem definidos: poesia? literatura? tradução? museus-casa? história dos bairros?), enriquecendo e dinamizando os repertórios das Casas; fazer **circular ideias, pessoas, projetos**, conectando lugares e grupos sociais distintos; **atingir um público maior e mais diverso**, contribuindo para a inclusão e a democratização do acesso à cultura.

Nesse sentido, um primeiro passo importante sugerido seria **realizar um mapeamento** de equipamentos, movimentos, espaços culturais etc. que compõem o universo ao redor das Casas, seja por proximidade física, seja por proximidade temática. Um outro passo seria **identificar as**

afinidades e promover uma cooperação entre os equipamentos e iniciativas, conectando ações similares e evitando a repetição de atividades. Esse ponto sobre a otimização e complementaridade de ações foi destacado sobretudo para equipamentos vinculados à própria Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Tanto do ponto de vista geográfico como temático, não é incomum iniciativas similares estarem acontecendo ao mesmo tempo, mas não conversarem entre si e tampouco as instituições realizadoras aproveitarem a oportunidade para otimizar recursos, dinamizar espaços e compartilhar públicos, fazendo-os circular pelos museus e equipamentos. Nesse sentido, e como algo que foge ao escopo da Rede, apesar de poder ser por ela estimulado, a questão de uma **governança mais sistêmica e estratégica da Secretaria de Cultura e Economia Criativa** foi apontada como algo essencial. Como mantenedora principal e indutora de políticas, caberia à Secretaria apoiar e fornecer informações, ferramentas e recursos para essa articulação.

Eu acho que tem um trabalho que precisa ser feito, e me incluo nesse trabalho, incluo o Museu da Língua nesse trabalho, que é um mapeamento mesmo, uma compreensão do que são essas redes. E isso exatamente para a gente poder pensar cooperação e o não pleonasma das políticas públicas em relação à língua e literatura dos equipamentos do estado já. [...] Então acho que tem uma primeira coisa, que é compreender esse universo do que a gente está falando,

*institucionalizado e não institucionalizado, ligado à língua e literatura. [...] Mas ordenar e entender essa rede, em termos de cultura institucionalizada, em termos não institucionalizada, e como isso dialoga com a academia, eu acho que é um papel da política pública. [...] Assim, a gente tem os três museus-casa, o Museu da Língua Portuguesa, duas Bibliotecas – tudo isso dentro da estrutura do próprio... do estado, né? Tudo isso gerido por Organização Social. **Marília Bonas***

A necessidade de **“ancorar” esses museus em comunidades** também apareceu como algo importante, isto é, seria interessante que cada museu, ou o conjunto dos três museus, encontrasse uma comunidade com a qual estabelecesse uma relação de maior intimidade e pertencimento. Essas comunidades não precisam estar no território fisicamente imediato aos museus, mas precisam tecer laços de sentido com esses espaços. Certamente, como manifestaram alguns dos interlocutores, a proximidade física pode ser fator relevante e propiciar essa integração com mais facilidade – embora não seja limitadora, pode ser um aglutinador de causas. Por isso, se aproximar da vizinhança aparece como estratégia importante para os três museus.

Bom, a segunda coisa que eu chamaria atenção é o fato de que elas têm uma localização e essa localização nem sempre é muito feliz em termos do entorno. Porque o que eu estou querendo dizer é o seguinte: é preciso ancorar esses equipamentos no entorno, e às vezes é muito difícil estabelecer relação com o entorno. Então,

*às vezes esse entorno não é natural, não é aquele que você, passando um compasso nos 300 metros do entorno, você define o entorno. Às vezes não é. Às vezes o entorno é o que você estabelece – numa relação razoável em termos físico – que você estabelece com uma determinada comunidade. É preciso ancorar numa comunidade. **Carlos Augusto Machado Calil***

*Outra coisa que eu acho muito importante é abraçar a comunidade local. É uma coisa que a gente não tinha – esse viés. A gente não pensava sobre isso. Mas, hoje em dia, tentar abraçar a comunidade local, não de uma maneira: “estamos abraçando a comunidade local. Temos aqui um dia para os moradores virem gratuito...” Mas abraçar mesmo, colocar o bairro em diálogo com as casas-museu. Acho que isso é muito importante. Existe uma coisa... um soft power aí, uma ligação de todas aquelas pessoas que moram ali com a própria arquitetura e o tempo que eles moraram ali, o avô morou ali, o porquê que eles foram para lá. Existe uma relação entre as pessoas que moram no local, na região, com aquele local específico. Então tem que, de alguma maneira, conseguir abraçar mesmo a comunidade. **Tadeu Jungle***

O **Centro Cultural São Paulo** e a **Fundação Casa de Rui Barbosa** foram exemplos de espaços que conseguiram tornar-se “casa” para determinados grupos – lugar de identificação, pertencimento, encontro e convivência. E os museus-casa literários de São Paulo, quais são os públicos que já se conectam com seus espaços? Quais poderiam

ser? O que pode ou precisa ser diferente para que determinados grupos se sintam pertencentes às Casas? Quais são os impeditivos? Essas e outras reflexões atravessaram as discussões das três rodas de conversa realizadas.

A Casa das Rosas já faz parte de um importante corredor cultural da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista, que possui uma série de instituições, cada qual com suas peculiaridades e objetivos, o que colabora para compor uma ampla programação de atividades, oficinas, instalações e exposições culturais. Há inclusive uma iniciativa, a Paulista Cultural, “que propõe diálogo e intercâmbio de programação entre sete instituições culturais que estão localizadas na Avenida Paulista, unidas pelo território e pela vocação”⁸ da qual a Casa das Rosas faz parte junto com o Centro Cultural Fiesp, IMS Paulista, Itaú Cultural, Japan House São Paulo, Masp e Sesc Avenida Paulista. Contudo, a existência dessa iniciativa não esgota as potencialidades de novos diálogos que a própria Casa das Rosas pode fazer, ao contrário, sugere que os caminhos para criar esses circuitos e trabalhos em rede podem ser vários – nesse caso, a proximidade física e a finalidade cultural mais geral, e não específica, foram os motores.

Apesar da localização privilegiada da Casa das Rosas, os outros dois museus-casa também ocupam territórios com equipamentos culturais importantes, como é o caso da proximidade

⁸ Informações retiradas do site <https://www.paulistacultural.com.br>. Visitado em 15 de dezembro de 2022.

da Casa Guilherme de Almeida com o Museu do Futebol; e da Casa Mário de Andrade com o Memorial da América Latina.

*É muito interessante este momento da Rede, assim. [...] a gente, no Museu da Língua, reabriu no ano passado, e também estamos esculpindo conceitualmente qual é o lugar do Museu da Língua, e até o lugar em diálogo com a Rede de Museus-Casas Literários. Qual é o lugar da literatura no Museu da Língua? Como se constrói, de maneira complementar? E, por tabela, também o [lugar do] Museu do Futebol, que está aqui no entorno, falando especialmente da Casa Guilherme [de Almeida]. O que é um território? O Pacaembu é um território? A gente fala de território, mas o que é articular territórios quando a gente está em espaços como esse? E articular públicos, tudo mais. Acesso, ônibus, como se chega? Então também tem outros níveis, assim, bem pragmáticos que me instigam. **Marília Bonas***

O **estreitamento ainda maior dos laços com as universidades** também foi mencionado como um potencial a ser mais bem explorado pelas três Casas, sendo mencionadas a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) como exemplos. Manter e expandir essa relação aparece como algo frutífero por alguns motivos. Entre eles, pelo fato de os museus se configurarem como **espaços educacionais potentes e mais acessíveis do que as universidades**, e que podem funcionar como pontes entre estas e a sociedade; e por serem **capazes de identificar e**

conectar diferentes produções literárias (inclusive mais marginalizadas ou pouco estudadas) e, em parceria com a universidade, produzir registros e conhecimento sobre elas.

*Então acho que isso é fundamental, assim como também a conexão com a universidade, embora, de novo, o museu não tenha que substituir a universidade. Mas o museu sempre é, no caso dos museus-casa literários, uma vitrine para a sociedade, que na maioria das vezes a universidade não consegue perpassar, não consegue chegar nesse grande público. E o museu é uma das janelas possíveis para fazer essa ponte entre a universidade e a sociedade de um modo geral, né? **Davidson Panis Kaseker***

*Eu vejo a Casa Guilherme e a Casa das Rosas não só como museus, mas também como centros educacionais que, como disseram aqui, permitem trazer um conhecimento que está sendo feito dentro da universidade para o público geral. **Rodrigo Bravo***

Eu acho que no futuro seria muito interessante estender o olhar para essas comunidades que cultivam ainda outras práticas literárias, que não especificamente na língua portuguesa. E junto com o corpo que nós temos aqui, de professores, em parceria com a USP, com os tradutores literários da USP e da PUC também, traduzir a literatura dessas pessoas, trazer essas pessoas para falarem aqui, para apresentarem suas ideias, mostrarem seus vieses estéticos, as escolas

de literatura que estão sendo desenvolvidas.

Rodrigo Bravo

Em um **mapeamento** muito preliminar⁹, realizado no âmbito deste diagnóstico, é possível vislumbrar uma mínima parcela da diversidade de equipamentos e iniciativas culturais de São Paulo. O mapeamento destacou lugares e iniciativas mais óbvias e evidentes ou com temáticas correlatas, como *saraus* e *slams*, ou da mesma tipologia de museu-casa. Foi possível incluir ainda, também de modo preliminar, parcerias já existentes e que foram identificadas nos documentos fornecidos.

A visualização espacial das Casas em relação à distância, tipologia e mesmo às variedades de temáticas das instituições pode ser um importante ponto de partida para a construção de pontes e diálogos entre elas e grupos diversos. A ideia é que as Casas possam interagir e ampliar esse mapeamento, buscando conexões de várias ordens. Esse mapa deve ser visto como um primeiro passo para pensar novas conexões e potencializar as relações dos museus nos diferentes territórios em que atuam, físicos e temáticos. Uma futura pesquisa de cunho etnográfico¹⁰, ainda, poderia

⁹ Este mapeamento foi realizado pela Tomara! utilizando a ferramenta My Maps, do Google, e tem como intuito apresentar muito preliminarmente as potencialidades de diálogo com equipamentos da cidade. Longe de pretender esgotar ou enquadrar demais as ações e lugares, deve servir como ponto de partida e inspiração para um mapeamento ainda a ser realizado.

¹⁰ Etnografia (pesquisa etnográfica) é uma abordagem de investigação científica qualitativa das ciências sociais (antropologia) que permite analisar formas de sociabilidade, discursos, práticas, regras de convivência, significados

ajudar a conhecer mais profundamente as características dos entornos dos três museus, principalmente em relação às motivações das comunidades que circulam nesses espaços.

É fundamental mencionar que **as Casas já possuem parcerias** com outras instituições culturais e também com ações e parceiros não institucionalizados, portanto, não partem do zero na construção dessa rede de conexões. Entretanto, na visão dos participantes das rodas de conversa, é necessário **ampliar e adensar essas conexões**, isto é, estabelecer relações de maior intimidade e profundidade com os diferentes atores sociais do território, tornando os museus referências e agentes ativos de seus entornos.

Da conexão entre as Casas: tecendo sentidos para a Rede

Os museus Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas passaram a compor a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo apenas em 2018, isto é, menos de cinco anos atrás. E nesse período houve uma pandemia.

Juntos, os três museus realizam programas, ações e atividades de modo colaborativo, com relações conceituais e temáticas, mantendo, no entanto, as especificidades de cada Casa. Mas o quanto

atribuídos a coisas, lugares e condutas, relações de poder, dinâmicas e contextos sociais, entre outros aspectos, a partir do engajamento do pesquisador no território e da interlocução com pessoas.

as pessoas conhecem a Rede, o que as pessoas sabem dessas colaborações e como as pessoas enxergam essa sinergia entre as Casas é algo a ser mais bem compreendido.

*Eu não vejo muita sinergia entre as Casas. É engraçado. O Guilherme era amigo do Mário, tal, mas a Casa Guilherme não é amiga da Casa Mário de Andrade. É curioso. Não sei por quê. Eu não sei por que não é. Então a programação é um pouco alheia, enfim, não fazem nada juntos. E claro que podia ser um pouco mais próxima, a programação conjunta [...] Essa possível liga pode se dar pela curadoria conjunta ou curadoria cooperativa. Quer dizer, não pode ser cada um por si e Deus contra, como no Macunaíma, tá certo? Cada Casa tem a sua interface com as três, e, portanto, onde é que a gente caminha nessa interface? Qual é a possível? **Carlos Augusto Machado Calil***

*Então eu acho que a formação da Rede é muito importante justamente para poder nivelar de alguma forma o conhecimento em torno dessas figuras e das especificidades dos museus. Mas a acessibilidade é muito importante para fazer com que as pessoas conheçam o espaço de fato. A Casa Guilherme de Almeida, ali na Macapá, ela ainda, sim, é muito escondida em relação aos outros dois espaços, o que é uma pena. **Donny Correia da Silva***

Para alguns dos participantes das rodas, aparentemente existe uma **conexão mais evidente**

entre a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade do que em relação à Casa das Rosas. Enquanto as duas primeiras têm como referência autores representantes do modernismo e possuem uma ligação muito estreita com esses escritores por terem sido sua residência, a Casa das Rosas teria uma conexão ainda frágil com Haroldo de Campos e desconhecida por muitos. E isso, na visão das pessoas ouvidas, é um dos desafios a serem enfrentados também.

*E outra coisa que me chamou atenção é que me parece que a casa de Mário de Andrade e a de Guilherme de Almeida são muito mais parecidas entre si, do que essas duas com a Casa das Rosas. [...] Eu senti que a definição casa-museu... Você tem arquitetura de um lado, mas você também normalmente tem uma personalidade ou que morou nessa casa ou que deixou a coleção. E a Casa das Rosas eu acho que é a mais impessoal das três que foram apresentadas. Então acho que ela... Eu não sei se dá para ela ser pensada junto com as outras duas, porque as outras duas, elas têm um foco específico: elas trazem a memória, ou a coleção de arte, ou o legado artístico de uma figura. Então aquele museu-casa tem arquitetura, mas tem a personalidade e as relações com a época contemporânea. Então você tem esses três pilares. A Casa das Rosas não. Pelo que eu sei, ela não tem esses três pilares. Então é uma questão assim, que me saltou à vista vendo esse vídeo. **Ilana Seltzer Goldstein***

Então eu acho que essas duas Casas [Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade],

elas têm uma perspectiva muito estimulante de estarem ligadas a duas presenças absolutamente riquíssimas, multifacetadas; e de guardarem essa relação estreita, porque foram as casas onde os dois passaram praticamente a vida inteira. A Casa das Rosas tem um desafio grande porque o Haroldo de Campos, que também é um personagem fundamental, maravilhoso da cultura brasileira, ele, em si, nunca teve nenhuma relação com a Casa das Rosas. E aí fica um desafio que, da minha experiência, é sempre muito difícil de ser enfrentado, que quando os visitantes entram numa residência, a primeira pergunta [que fazem é] [...]: “Quem morou? Como é que a pessoa vivia? Como é que era a vida? Quem construiu? Por quê?” “Que memórias que aquela casa tem?” E as memórias da Casa das Rosas, que é uma casa fundamental, interessantíssima, é uma das únicas residências preservadas da arquitetura original da Avenida Paulista e, sem dúvida, a mais bem preservada, que também tem, obviamente, todas as suas memórias, não tem uma relação direta com a literatura e nem com o Haroldo. Então, esse é um desafio que eu acho que é muito grande e que precisa ser pensado de uma maneira muito especial. [...] Se a definição é a manutenção da Casa das Rosas como um espaço que abriga a biblioteca do Haroldo, e vai ter essa personalidade de uma atuação voltada para a área de literatura... E essa memória da Casa também terá que ser trabalhada paralelamente. Eu acho que esse é um desafio muito grande e, enfim, eu sei que os diretores, o Marcelo [Tápia], tem essa consciência,

conversamos a respeito disso muitas vezes [...] Mas eu acho que é um desafio que precisa ser pensado com muito cuidado, porque o que é para mim uma enorme potência na Mário de Andrade e na Guilherme de Almeida, é um desafio problemático para a Casa das Rosas. Não é um fator impeditivo, obviamente, mas é um fator que tem que ser levado em conta com muito cuidado. **Marcelo Mattos Araújo**

Além do desafio em relação à identidade da Casa das Rosas, sinalizaram também o desafio com o acervo de Mário de Andrade, majoritariamente sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). De modo geral, as Casas possuem diferentes desafios e potencialidades. Por isso, os interlocutores apontaram que o **que esses museus são, ou podem vir a ser, passa por escolhas e construções que devem ser cuidadosas e explicitadas ao público.**

A gente tem um museu-casa mais típico na Casa Guilherme de Almeida. É um monumento, essa casa. É um dos meus lugares favoritos no mundo! Acho que a maneira como todo o processo foi pensado, antes de virar museu, faz toda diferença, permitiu que a gente tivesse essa preciosidade, que é quase um túnel do tempo. O museu-casa Mário de Andrade tem uma parte de acervo porque houve uma retomada, um esforço de reconstituição do que teria sido a residência do Mário ali, do que qualquer outra coisa, né? Enfim, o acervo, boa parte dele foi para o IEB. Não permaneceu [na casa]. E depois houve toda uma tentativa de recuperar,

de ter uma expografia, réplicas etc. Mas ele não é um museu-casa no sentido ideal, pelo menos, do termo. E eu não acho ruim. E eu acho importante deixar claro até como é que a gente constrói e reconstrói a nossa memória o tempo todo. E essa reflexão eu acho muito importante levar para a Casa das Rosas, porque, assim, ela é um nó no estado, desde que ela virou um bem estatal. Ela é originada de um processo grande, de uma sensibilização, inclusive popular, para evitar que se perdesse aquele monumento arquitetônico, mais do que qualquer coisa, na Avenida Paulista. Ela é muito mais um museu-casa de uma rua, de um tempo histórico, de um período do desenvolvimento de São Paulo do que da família do Ramos de Azevedo, e com certeza [mais que] do acervo do Haroldo de Campos, ainda que faça todo o sentido a gente trabalhar todos esses personagens que tem a ver com a história do desenvolvimento desse equipamento cultural. Então, assim, a minha provocação é um pouco no sentido de pensar a diferença desses museus-casa, o quanto isso é simbólico da maneira como nós, no Brasil, construímos o nosso patrimônio, a nossa memória, os nossos legados. E a gente muito mais perde do que mantém, estamos correndo atrás para refazer. E tem que tomar um cuidado danado para não correr o risco de tentar reproduzir uma história que não é verdadeira. E, assim, de não contar, de fetichizar um patrimônio. **Claudinéli Moreira Ramos**

O Haroldo de Campos, ele pode estar ali dentro. O que é importante é que a pessoa seja informada.

A pessoa entra e diz assim: “É, mas quem morou aqui?” / “Ah, quem morou aqui foi fulano” – tem toda essa coisa de colocar o Ramos de Azevedo ali. E o Haroldo tem o seu espaço ali também, porque não dá pra colocar tudo dentro de uma caixinha, bonitinha! A gente tentou categorizar – eu me lembro de ter feito parte disso [risos], pra dar uma ajuda para categorizar os museus. É muito complicado a gente enfiar e arrumar essas caixinhas todas. [...] Agora, há necessidade de a gente explorar essas dimensões. [...] Então, eu entendo essa grande situação da Rede, de ter duas Casas, que tem tudo a ver o protagonista, a coleção. [...] O importante é que eu acho que as pessoas tenham informação, tenham essa informação do que está acontecendo ali, porque realmente é uma riqueza, é um tesouro!! Essas três Casas, para mim, são um tesouro de cultura, [...] de importância social fundamental. **Jurema da Costa Seckler**

Os participantes das rodas de conversa salientaram a necessidade de uma **maior articulação e publicização da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo**. Em diferentes falas, os interlocutores apontaram que a atuação dos três museus-casa na perspectiva de rede não é evidente – houve até a observação de que o vídeo institucional apresentado em duas das rodas contribuiu para uma ideia de rede que muitos não tinham, por exemplo. Ainda que haja aproximações temáticas entre as três Casas, foi quase unanimidade para os participantes das três rodas que é necessário estruturar melhor a Rede, trabalhando de modo mais integrado, da comunicação à gestão.

São duas coisas que eu pensei quando eu estava vendo esse vídeo [referindo-se ao vídeo institucional apresentado no início da roda]. Primeiro, que o vídeo dá uma ideia de rede mais clara do que a que eu acho que as pessoas têm na cabeça. Eu acho que a noção de conexão entre esses três espaços não é tão clara pros públicos em geral de São Paulo. É difícil falar de públicos “em geral”, mas acho que mesmo para mim a conexão ficou muito mais clara no vídeo. Então parece-me que isso precisaria ser mais trabalhado. É uma impressão. **Ilana Seltzer Goldstein**

Nessa perspectiva, fortalecer a identidade da Rede apareceu como algo essencial e necessário para promover maior sinergia e comunicação entre as Casas e tornar a ideia da Rede mais nítida para os diferentes públicos.

Na visão de muitos dos participantes das rodas, **individualmente os museus atuam de forma satisfatória**, porém, **em conjunto essa atuação ainda não é óbvia**. Na opinião das pessoas ouvidas, parece necessário primeiro **definir melhor o escopo e os propósitos da Rede** para depois elaborar, de modo coeso e coerente, proposições conjuntas entre os três museus-casa para a programação de atividades, oferta de serviços etc.

A **publicização e comunicação da Rede** enquanto marca apareceu como algo que pode contribuir para a **construção de uma percepção coletiva** sobre a sua existência e para sua própria constituição efetiva – apenas a título de

exemplo, em uma rápida mirada nos sites dos museus e nas redes sociais de cada um, apesar de a informação de que eles compõem um rede estar ali, ela não é imediata ou sequer facilitada. Atualmente, a comunicação principal das Casas é feita de maneira centralizada pela Poiesis e é preciso avaliar as vantagens e desvantagens dessa opção¹¹.

*Eu sinto um pouco de falta de sinergia entre as três Casas. Eu acho que, historicamente, elas foram aos poucos se modificando em torno dessa gestão da Poiesis, que tem funcionado muito bem individualmente para as Casas. Mas eu acho que não é muito perceptivo para o público, de que todas as outras Casas tem uma única gestão, né? Eu acho que... Isso acho que, em termos principalmente de divulgação, eu sinto falta. **Paulo de Freitas Costa***

A Rede está institucionalmente formada, entretanto ela **ainda “existe pouco” para os diferentes públicos**. Ela parece muito mais uma intenção do que uma realidade, e mesmo o propósito de sua existência não está claro para

¹¹ No Plano Museológico da Casa Mário de Andrade, consta essa observação “o fato de a área de Comunicação estar dentro da raiz matricial da POIESIS, que gerencia diversas tipologias institucionais (museus, oficinas culturais e fábricas de cultura), fragiliza o entendimento do público por não conceituar e dialogar com proposições museológicas e curatoriais, de acordo com a demanda de cada instituição. É recomendável que cada museu da Rede tenha sua equipe de comunicação para agilizar as ações e possa criar uma identidade própria com suas especificidades, ainda que ligada à POIESIS e à Rede de Museus-Casas, com o objetivo de fortalecer as marcas.” (2018, p. 45)

alguns públicos. E, dentro dessa perspectiva, a Casa das Rosas aparece como o espaço mais desafiador.

*Para mim é muito tranquilo essa relação das três Casas pela questão literária. Como eu sou da área de letras, então é tranquilo. Mas eu vejo que para o público em geral realmente essa conexão com a Casa das Rosas é meio perdida, porque o Mário [de Andrade] e o Guilherme [de Almeida] foram contemporâneos. Aí, para a gente, fica mais fácil, se compreende melhor que os dois estão ligados – até por uma questão de vivência mesmo, o período que eles viveram e tal. E com relação à Casa das Rosas, [...] [o visitante] quer saber qual era o quarto do escritor, que objetos que pertenciam a ele. E é uma coisa que também, aqui no Museu Alphonso, a gente tem um problema, porque a gente não tem um mobiliário da casa, a gente tem pouco mobiliário, e a gente supriu isso com a literatura, então a gente investiu mais na produção literária naquele momento. Eu não sei se seria interessante, como o Haroldo é do concretismo, pensar também a questão do concretismo na arquitetura, sabe? Pensar a questão da casa também, qual é essa arquitetura [do concretismo] – que isso esteja presente ali. **Ana Cláudia Rôla***

Eu acho que tem que ficar bem claro qual é o perfil dessa Rede, porque se é uma rede de museus ligados à literatura, entra o Museu da Língua. Se é de instituições culturais ligadas à literatura, também entram as bibliotecas que foram citadas aqui. Se é de casas-museu... Não! Se é de casas literárias só do estado de

São Paulo, é menor ainda; ou se é de casas literárias de todo país, ou mesmo as que não são da mesma gestão pública, mas que tenham alguma coisa em comum. Então eu acho que tem que ficar mais claro qual é o escopo dessa Rede. Eu acho que para mim não ficou tão claro, e não sei se para todo mundo isso está claro.

Ilana Seltzer Goldstein

Vale dizer que no questionário, diante da pergunta “Você sabia que os museus Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas fazem parte da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo?”, 70% dos respondentes (445) afirmaram saber que os museus-casa fazem parte de uma rede. Entretanto, é preciso ponderar dois pontos: primeiro que parte dos respondentes compõe o *mailing* das Casas e, possivelmente, a existência da Rede é mais nítida; em segundo, a existência da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo era anunciada no questionário, na apresentação dos objetivos da pesquisa. Por isso, torna-se mais difícil ter certeza se todos de fato já conheciam a Rede previamente ou se ficaram conhecendo ao acessar o questionário para respondê-lo.

Os participantes das rodas de conversa que atuam em outros museus, em especial aqueles que atuam em outros museus-casa, demonstraram mais naturalidade com a Rede, descrevendo as relações consolidadas das quais os museus participam e, inclusive, o papel da Rede de Museus-Casas Literários em conexões mais amplas relacionadas a essa tipologia

de museus – que vai desde encontros para discussões de temas comuns até a participação no próprio Demhist¹². Para esse grupo de participantes, a Rede parece ser vista com mais clareza e a teia de conexões da qual faz parte, sobretudo nos registros museu-casa e literatura, é robusta.

Uma coisa que eu acho importante registrar, e legal que a gente tem a presença da Ana Cláudia [Rôla] e da Jurema [da Costa Seckler] aqui conosco, é que talvez uma das Redes mais atuantes no Brasil seja dos museus-casa de escritor. Há uma prática, já há muito tempo, tanto a Fundação Casa Rui Barbosa, como a Guilherme de Almeida, como a Casa de Cora Coralina, em Goiás, têm um papel histórico aí no estabelecimento dessa rede, da atuação. E eu acho que é uma coisa interessante, precisa ser pensada, porque existe aí uma reflexão acumulada de experiências, de trocas muito grande e de muito tempo. E, como eu disse, acho que talvez, mais do que qualquer outra tipologia de casas-museu, que essa é uma muito específica, essa de casa, enfim, de escritor.

Marcelo Mattos Araújo

Existe um turismo, não é, gente? Um turismo ligado a essa gente que ama os escritores e querem visitar a casa deles. Existe um turismo no mundo sobre isso. Então, eu sou uma apaixonada! Eu sou uma apaixonada pela Jane

¹² Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas, do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Austen, aquela coisa bem de 200 anos e não sei quantos atrás! [Risos] E meu sonho era, um dia, ir lá na casa dela! Eu li um livro com 14 anos, que é Orgulho e Preconceito, e pronto, me apaixonei! E meu sonho eu só consegui [realizar] agora, há poucos anos! [Risos] Eu fui lá 10 dias, bater minhas pernas no sul daquela cidadezinha para visitar a casa, e foi uma emoção para mim! Então eu entendo o que é a emoção do fã daquele escritor. A casa literária, ela tem muitos tesouros.

Jurema da Costa Seckler

De diferentes formas, os participantes das rodas de conversa contribuíram com pistas sobre o que poderia articular melhor o trabalho em rede dos museus. Para todos eles, o **fio condutor comum da literatura** e a preservação de acervos relacionados a essa temática é inegavelmente a grande potência e fator articulador das Casas e, portanto, da Rede. Pensar a **literatura como direito** e tornar essa perspectiva um eixo de atuação, além de preocupação e bandeira comum a ser encampada pelas Casas, foi uma das sugestões feitas.

Assim, ele [museu Casa das Rosas] é problemático, em si, mas ele tem outros potenciais incríveis que eu acho que merecem ser explorados. E, nesse sentido, eu diria assim, que essa ideia do museu-casa podia ser trabalhada de forma diferente em cada museu, conectando essa discussão da museologia mais contemporânea, mas também se relacionando a um ou outro ponto que eles têm em comum, e que para mim faz toda diferença na hora de pensar em rede, e que aí, sim, é muito mais

forte do que a ideia de museu-casa, que é a ideia de museu literário. Assim, dois deles foram residência de grandes escritores, né? Tem toda uma construção de um museu que um dia abrigou uma pessoa que produziu obras incríveis e agora se dedica a pensar questões da literatura sob várias perspectivas - tradução literária, oficinas de escrita criativa. O outro não abrigou um grande escritor, não foi a residência dele. Até abrigou a família de um grande arquiteto, mas, enfim, isso é outra história. Acho que é importante estar presente, mas é outra coisa. Porém, recebeu o acervo de um grande escritor, de um grande autor brasileiro, que estudou os outros, como o Marcelo [Mattos Araújo] lembrou – se bem que isso é uma conversa antiga. Mas, enfim, eu acho que na hora que a gente pensa essa integração pela função social do museu, que nesses três casos se caracteriza muito por uma discussão literária, por uma preservação de acervos que tem a ver com a literatura, por uma construção de patrimônio em torno dessa temática, eu acho que a gente tem uma conexão mais feliz. Acho super legítimo a gente recuperar as questões arquitetônicas, nos três casos, as questões de território geográfico, especialmente na Casa das Rosas. E eu acho que a fala do Tadeu [Jungle] é muito feliz: essa recuperação do Ramos de Azevedo faz todo um sentido ali, nesse contexto mais amplo, do que é esse espaço para o coração da cidade. Mas acho que se eu fosse fazer uma aposta de integração da Rede eu insistiria muito, além disso tudo, em fortalecer essa ideia da função social desses museus

*literários como o grande motor de articulação desses três equipamentos culturais. **Claudinéli Moreira Ramos***

O senhor está me lembrando agora, se me permite dizer, o direito à literatura, do Antonio Candido, que talvez devesse ser o eixo das Casas nessa atuação. Ele procura justamente colocar o direito à literatura como um direito inalienável decorrente da necessidade imprescindível do próprio ser humano que, pela literatura, se humanizaria. E a partir daí a questão... Até onde eu me lembro, eu li esse ensaio dele muito bacana. E há duas conclusões, me parece: todos devem ter acesso a quaisquer tipos de formas literárias, das mais simples às mais eruditas, mas também a pessoa que tem acesso à forma popular de literatura, tem que lhe ser dado o acesso à forma erudita também, né? [...] eu acredito que o eixo das Casas teria como bandeira muito esse direito à literatura, do professor Antonio Candido. Abrir para todas as vertentes e trazer esses públicos.

José D'Amico Bauab

*Mas esse exercício de imaginação, para mim a resposta vem muito disso. Assim, um lugar em que você consiga ter um manancial que te abra, um manancial que é preservado e um manancial de estímulos. E eu vejo muito a literatura como esse lugar. Estou falando de literatura, mas a gente pode falar muito nessa perspectiva da linguagem mais ampliada também. **Marília Bonas***

Dentro da literatura, a poesia também foi destacada como assunto aglutinador não apenas das Casas, mas também de novas redes.

*Um dos temas óbvios que reúne as três Casas é a questão da poesia. A poesia é uma das mais difíceis áreas para trabalhar em termos de museologia e atividade cultural, mas ela é também das mais gratificantes. Basta vocês irem à periferia ver um desses saraus. A força que o sarau tem é impressionante [...] Eu fui a vários, todos têm muita força. Então, a primeira coisa que podia ter entre as três Casas são os saraus de poesia circulando entre eles e provocando desafios poéticos, enfim, estimulando a partir de poetas, né? Enfim, um lugar de lançamento de poetas. **Carlos Augusto Machado Calil***

A poesia, na visão de alguns participantes, não é um tema necessariamente fácil de trabalhar em termos museológicos ou de programação, por não exercer atratividade imediata nos públicos, mas é um eixo comum potente e que tem ganhado projeção em diferentes espaços. Identificar e se conectar aos já mencionados entornos temáticos, redes e saraus da periferia de São Paulo – como o movimento literário “Sarau da Cooperifa”, idealizado por Sérgio Vaz em 2001, no bairro Jardim Miriam na cidade de São Paulo – aparecem como formas de atrair novos públicos e integrar outros circuitos que vivenciam, produzem e experimentam o mesmo tema.

*Então seria mudar um pouco a bitola, para ampliá-la no sentido de fazer essa conexão e torná-la permanente, não casual. E talvez aí, vou evocar a palavra do professor [Carlos Augusto Machado] Calil, uma curadoria específica que trabalhasse a partir dessas premissas, para que não seja algo isolado. Convidamos o Sérgio Vaz para vir aqui e morreu aí a situação. Como poderíamos fomentar a permanência dele ou da Cooperifa ou de outros coletivos, ou de outros projetos de popularização aqui nas Casas? Seria realmente a implementação com permanência dessas políticas, né? **José D’Amico Bauab***

*Então, acredito eu, que, para além dos especialistas, há sim uma rede a ser desvendada aí, nessa área da criação mesmo, da valorização das subjetividades, inclusive nas comunidades indígenas, nos territórios indígenas, que a gente tem poesia nos territórios indígenas também, né? Então há mesmo uma rede de capilaridade a ser desvendada aí. Eu acho que esse é um dos grandes desafios. **Davidson Panis Kaseker***

Atuar em prol de uma programação colaborativa, mais ampla e permanente em torno da literatura e da poesia, com saraus circulando entres as Casas e em outros espaços, pode contribuir para inserir a Rede de outra forma na cidade e, com isso, torná-la mais nítida para os diferentes sujeitos. Como dito anteriormente neste capítulo, a perspectiva de maior conexão com a cidade apareceu em diferentes falas dos participantes também como

uma forma de as Casas acessarem **públicos potencialmente interessados**, mas que ainda não as enxergam ou as experimentam como **espaços que também podem ser ocupados por eles**.



5. Experiências nos museus-casa

5. Experiências nos museus-casa

O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir.

"Paulicéia desvairada"
Mário de Andrade

Qual é o conhecimento do público sobre as programações e sobre a temática dos museus-casa?

Como os respondentes do questionário e os participantes das rodas de conversa avaliam a programação dos museus?

Os museus-casa possuem um leque diverso de atividades e programações, que vão desde exposições temporárias e de longa duração a cursos, oficinas, palestras e seminários, bem como apresentações artísticas como saraus, recitais, exibição de filmes, concertos etc.

Uma programação diversa

A **Casa Guilherme de Almeida** possui o Centro de Estudos de Tradução Literária CGA, que dispõe do Programa Formativo para Tradutores Literários e oferece cursos e oficinas temáticas. A Casa conta também com o Núcleo Cinematographos, que realiza o Programa Cinematographos de Estudos de Cinema e oferece, por exemplo, ciclos de estudos do cinema brasileiro e mostras de filmes. O museu-casa possui ainda o Núcleo de Ação Educativa que desenvolve atividades educativas e realiza visitas temáticas com o público da Casa. Além da exposição de longa duração, que preserva o acervo de obras de arte, biblioteca, objetos, mobiliário etc. originais do escritor Guilherme de Almeida, acontecem na Casa cursos como “Princípios de teoria literária para tradutores”, ministrado ao longo de 2022; encontros como “Transfluências: saberes ancestrais em vozes femininas” – ciclo de conversas sobre intervenções

femininas em defesa dos direitos indígenas realizado em dezembro de 2022 –, “Notas em carrossel | 100 anos do rádio no Brasil” e “Encontros Peripatéticos”; debates e mostras como o “Ciclo de cinema brasileiro: cinema, política e ditadura no Brasil” e a “7ª Mostra Futuro do Cinema Brasileiro”. Todos apenas exemplos da farta e diversa programação ofertada pela Casa.

A **Casa Mário de Andrade** possui o Centro de Pesquisa e Referência Mário de Andrade, que promove produções teatrais baseadas em adaptações da obra do escritor e atua diretamente na estratégia de programação cultural e exposições da Casa. O Centro promove, por exemplo, o programa formativo “Patrimônio, memória e gestão cultural”, com cursos como “Gestão do patrimônio cultural” e “Patrimônio cultural: aspectos históricos e teóricos”, que são divididos em módulos ao longo do ano. A Casa conta também com um núcleo educativo que desenvolve visitas e atividades temáticas, a exemplo da visita temática “Mário & Alphonsus revisitados” realizada em parceria com o museu Casa Alphonsus de Guimaraens pela rede social Instagram dos museus. Entre maio de 2015 e setembro de 2022, a Casa Mário de Andrade apresentou a exposição de longa duração “Morada do coração perdido”, uma homenagem aos 70 anos da morte de Mário de Andrade.

A **Casa das Rosas** dispõe do Centro de Referência Haroldo de Campos, que realiza uma gama variada de programação, cursos, oficinas, apresentações, além de fomentar projetos de pesquisa e de tradução com vínculo acadêmico ou editorial. O Centro de Apoio ao Escritor (CAE), contribui para a formação de escritores oferecendo ampla programação gratuita presencial e virtual com temáticas que abrangem a escrita criativa, crítica e editorial, mediação de leitura e pesquisa. O núcleo educativo oferece visitas agendadas e espontâneas, como também atividades de formação e experimentação. Há cursos e palestras-recitais como “Sincronia e anacronismo em Haroldo de Campos” e “Poesia italiana: Haroldo tradutor de poetas e poeta traduzido”; e o “Curso Livre de Preparação de Escritores” (Clipe) – na versão para adultos, com uma programação anual dividida em módulos, e uma versão para jovens, com programação semestral e exposições temporárias no jardim. Todos apenas uma pequena amostra do que o museu faz, do que acontece mesmo com a casa fechada para reforma.

A **ampla programação das Casas evidencia a potência das temáticas** em torno da literatura e da vida e obra dos escritores de referência.

Os núcleos e centros de cada Casa servem como promotores dessas atividades e há áreas compartilhadas que atendem os três museus – a própria direção, a coordenação administrativa, a área de museologia e duas coordenações gerais: educativo e de programação cultural. Com isso, a Rede de Museus-Casas Literários busca

desenvolver os programas de modo colaborativo e trabalhar as relações conceituais e temáticas das Casas. Trata-se, contudo, de uma **programação bastante especializada**, aparentemente mais voltada a públicos interessados, ou especialistas em temáticas específicas, do que a um público geral.

O conhecimento do público sobre os museus-casa e suas programações

Para entender como o público atingido pelo questionário percebe a programação e os serviços ofertados, a experiência nos museus-casa foi um dos temas das perguntas. Primeiro

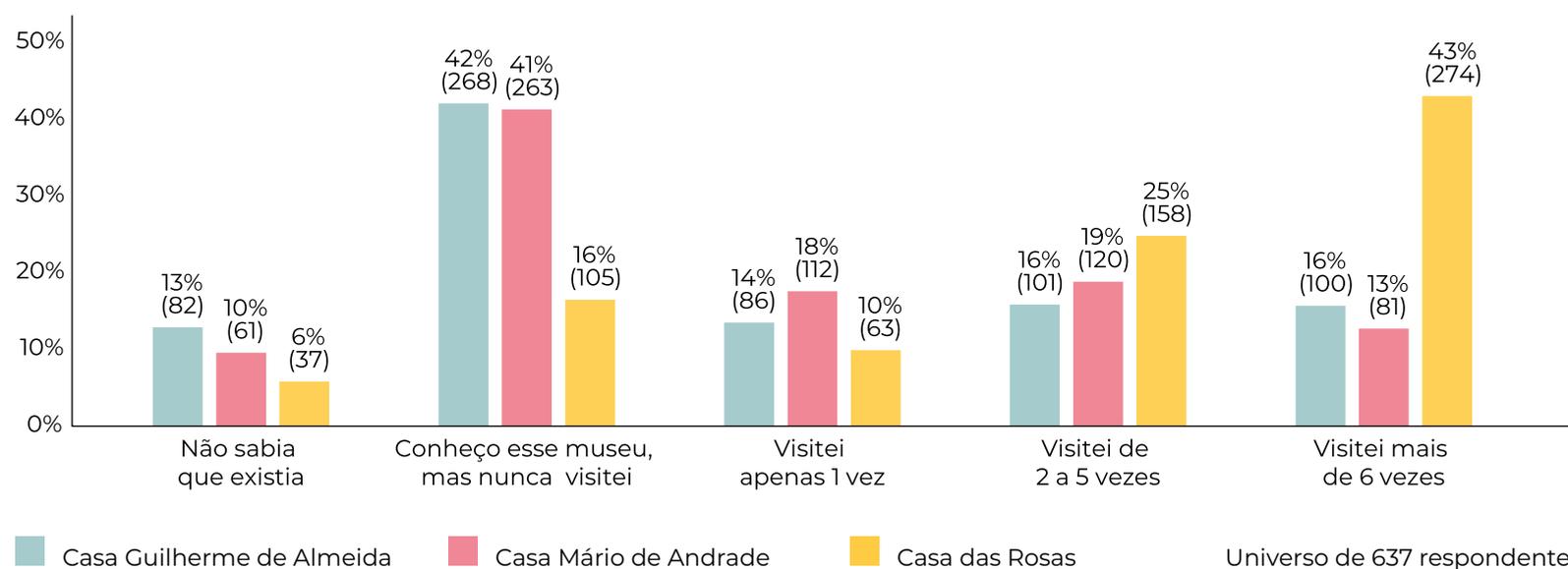
foi preciso conhecer o grau de conhecimento do público respondente sobre os museus: se sabiam que o museu existe, se nunca tinham visitado, mas conheciam o museu, e para aqueles que já conheciam, com qual frequência visitaram presencialmente os museus.

Para analisar as respostas recebidas, é preciso ter em vista que a Casa Mário de Andrade se encontra fechada desde setembro de 2022, e que a Casa das Rosas, desde setembro de 2020, funciona apenas com os jardins, orquidário e café disponíveis para atividades com o público¹³. Além disso, é preciso

¹³ Como já informado, os setores e as atividades de ambas as Casas foram deslocados temporariamente para o Anexo da Casa Guilherme de Almeida, no bairro de Perdizes.

Você já visitou PRESENCIALMENTE algum dos três Museus-Casas Literários listados abaixo?

(Exposição, atividade, evento etc)



levar em consideração a **pandemia de covid-19**, que teve impacto na programação e no fechamento ao público das três Casas nos três últimos anos. Segundo a pesquisa “Hábitos culturais III – 2022”, realizada pelo Itaú Cultural e pelo Datafolha, 62% dos 1.970 entrevistados passaram a realizar atividades culturais e de lazer com menor frequência após o período de pandemia.

Não é de estranhar, portanto, que a maioria dos respondentes confirmou que **nunca visitou presencialmente a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade, 55% e 51% respectivamente**; sendo que 13% e 10% não sabem que os museus existiam. Em relação à **Casa das Rosas**, a maioria dos respondentes já visitou mais

de duas vezes (68%), sendo que 43% destes mais de seis vezes, o que parece revelar uma estreita relação com a Casa, ainda mais considerando que 53% destes frequentadores realizaram visitas no ano de 2022. A localização privilegiada da Casa das Rosas, na Avenida Paulista, em comparação aos outros dois museus, pode ser um fator determinante para essa ocorrência.

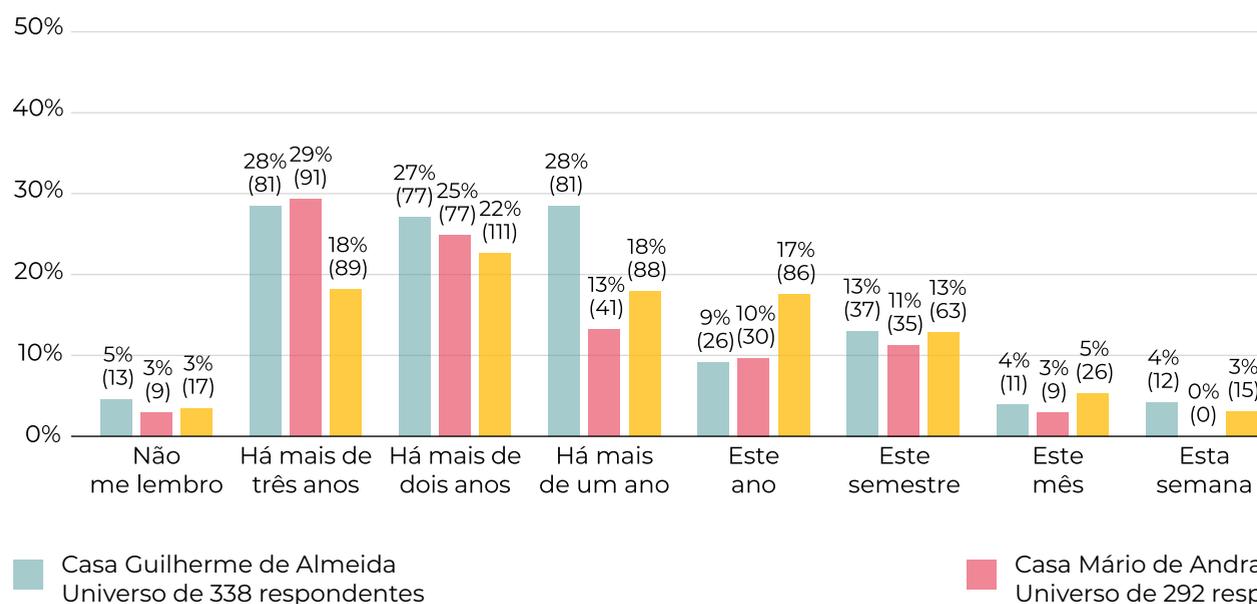
De modo geral, a maior concentração de visitas realizadas nas três Casas foi há mais de um ano, com números expressivos para a Casa Guilherme de Almeida, com 83%; e para a Casa Mário de Andrade, com 67%. Apesar de um número significativo de pessoas não ter realizado visitas presenciais, é notável que **a maior parte dos**

respondentes afirma conhecer os museus.

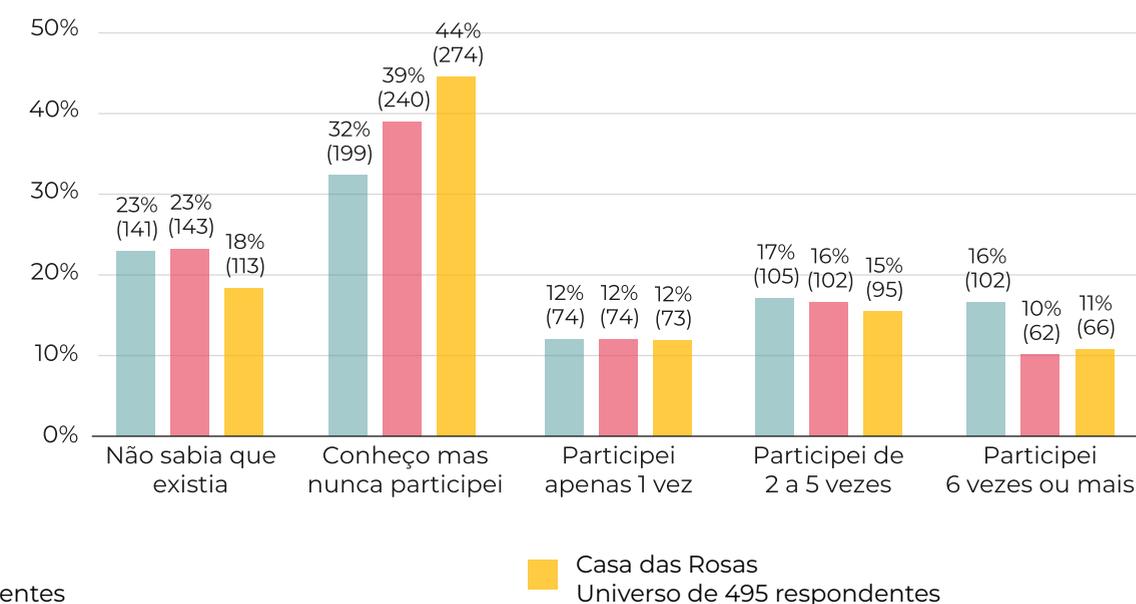
Quanto à Casa das Rosas, apesar de estar fechada para restauração há mais de dois anos, os números de visitação estão mais bem distribuídos ao longo do tempo, sendo que 38% contaram que a última visita foi em 2022.

Quando questionados sobre o motivo de ainda não terem visitado presencialmente os museus-casa, os respondentes apontaram como **maior impedimento a localização ou a distância em relação às suas residências e locais de trabalho** (55% para a Casa Guilherme de Almeida, 51% para a Casa Mário de Andrade e 79% para a Casa das Rosas), **seguido pela falta de tempo** para realizar as visitas (25% para a Casa Guilherme

Quando foi sua última visita presencial à...



Você já participou VIRTUALMENTE de alguma atividade nos Museus-Casas Literários de São Paulo?



de Almeida; e 27% para a Casa Mário de Andrade e para a Casa das Rosas). Os demais motivos elencados receberam menos de 10% das respostas.

O mesmo se aplica às ações virtuais dos museus-casa, a maioria dos respondentes nunca participou das atividades virtuais promovidas pelos museus: na Casa Guilherme de Almeida 55% afirmaram isso, sendo que 23% desses 55% não sabiam que existiam atividades virtuais no museu; na Casa Mário de Andrade 62% nunca participaram de atividades virtuais, e entre eles 23% não sabiam que elas existiam; na Casa das Rosas 62% nunca participaram das atividades, e 18% deles não sabiam que elas existiam. Ainda assim, é significativo o número de respondentes que participaram ao menos uma vez das atividades virtuais: 45% na Casa Guilherme de Almeida, 38% na Casa Mário de Andrade e 38% na Casa das Rosas.

A maioria dos respondentes que nunca visitou presencialmente os museus-casa também nunca participou virtualmente das ações promovidas pelos museus. Na Casa Guilherme de Almeida, por exemplo, **dentre o recorte de 52% (334) respondentes que ainda não visitaram presencialmente a casa**, 69% (231) também nunca participaram das atividades virtuais oferecidas, e 35% (118) nem ao menos sabiam que as atividades em meio digital existiam. Na Casa Mário de Andrade dos 48% (308) respondentes que nunca visitaram a Casa, 70% (216) também nunca participaram das ações virtuais. O mesmo ocorreu com a Casa das Rosas, em que

dos 20% (126) de respondentes que ainda não visitaram presencialmente, 74% (93) também não participaram das atividades virtuais promovidas pela Casa.

Considerando o universo total de 637 respondentes, 36% (231) nunca visitaram presencialmente a Casa Guilherme de Almeida nem participaram das atividades virtuais promovidas; 34% (216) estão na mesma situação com relação à Casa Mário de Andrade; e 20% (126) em relação à Casa das Rosas.

Apesar de uma parte significativa dos respondentes não ter participado de atividades virtuais dos museus, surgiram muitas respostas às questões abertas pedindo pela continuidade e expansão das ações virtuais. Os participantes destacaram a importância dessas ações, alguns por não residirem na cidade de São Paulo ou, entre os que residem na capital, por enfrentarem alguma dificuldade para o acesso presencial às Casas. Os depoimentos abaixo exemplificam a importância de ações virtuais para a democratização do acesso aos museus.

Gostaria que continuassem a disponibilizar cursos gratuitos na versão on-line para quem, como eu, mora fora de São Paulo. Durante a pandemia, pude finalmente cursar um deles e achei que eles fossem continuar. Por favor, pensem em quem não pode ir a São Paulo estudar! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já participou de atividade virtual da Casa Guilherme de Almeida uma vez.]

Como moro longe de São Paulo, as atividades virtuais têm me auxiliado muito para aprender e adquirir maiores conhecimentos sobre nossa história. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade de duas e cinco vezes.]

Como não sou tão jovem, e não dirijo, tenho dificuldade de frequentar cursos e palestras à noite no local. Se tivesse a opção de assistir via internet, no dia, ou se ficasse gravado no acervo digital, adoraria. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

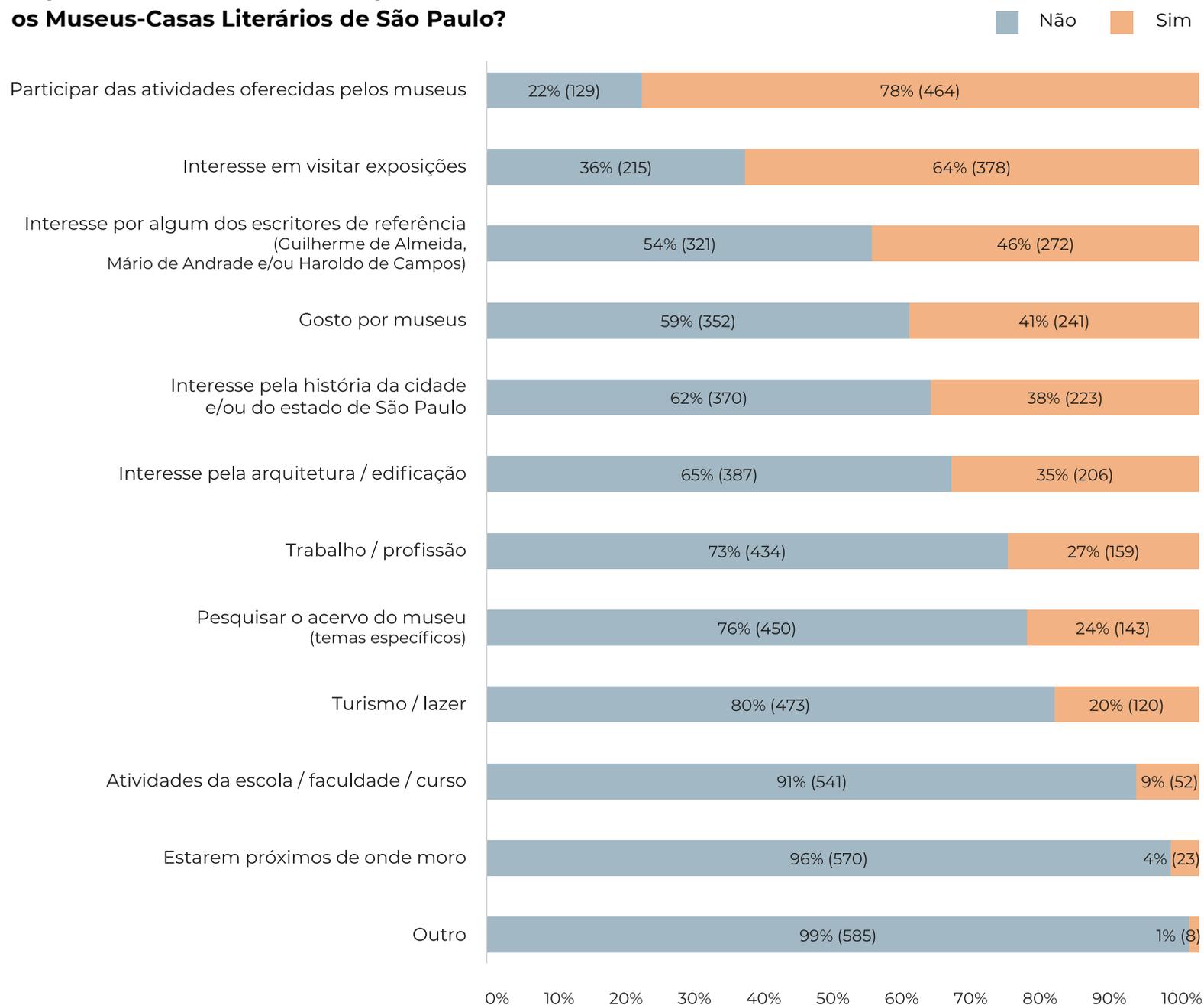
Ressalto que tudo o que pude assistir da Casa Mário de Andrade em muito enriqueceu meu intelecto. Não posso ir até a Casa, devido a distância. Mas gostaria muito que a Casa (as três) pudessem chegar até mim virtualmente. Muito obrigada por querer saber. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas e cinco vezes.]



Em relação às motivações específicas para visitar os museus-casa literários de São Paulo, a **participação em atividades** oferecidas aparece como prioridade, com 78%, seguida pelo **interesse em visitar exposições**, com 64%. Levando em consideração o fato de as exposições serem grandes atrativos que levam os públicos aos museus, esses percentuais podem talvez indicar que **um diferencial dos museus-casas literários são suas programações e atividades temáticas**.

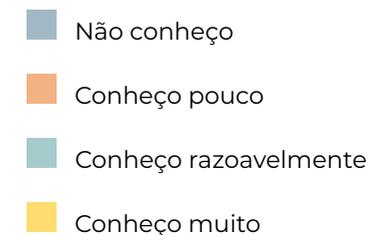
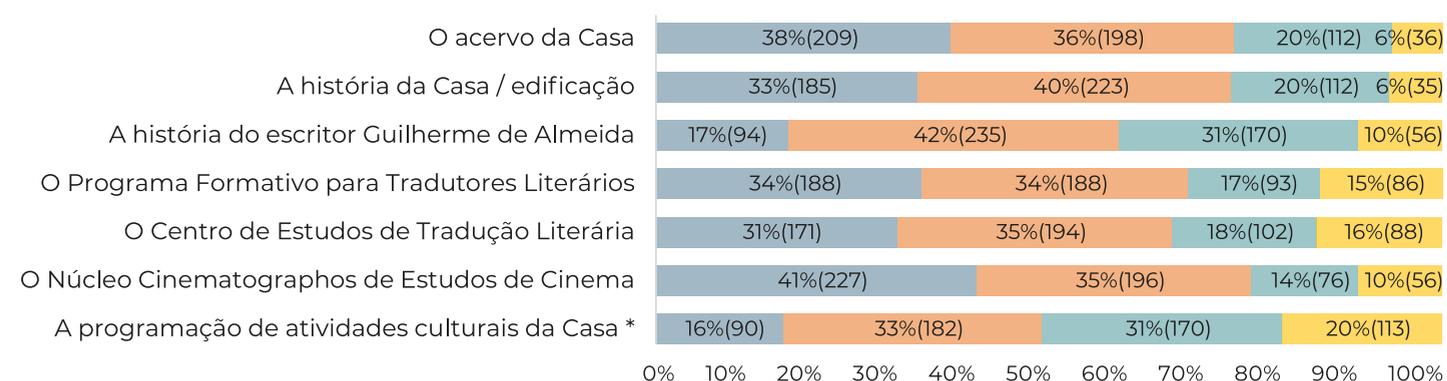
Como parte das provocações propostas pelo questionário, buscou-se mapear o **conhecimento específico do público** em relação a programações, núcleos, centros de estudo e à própria história dos museus-casa e de seus escritores de referência. Como é possível observar nos gráficos dedicados à cada Casa, na próxima página, grande parte dos respondentes diz conhecer, mesmo que pouco, os programas e a história dos escritores e das Casas.

O que mais te motiva a visitar presencialmente ou virtualmente os Museus-Casas Literários de São Paulo?



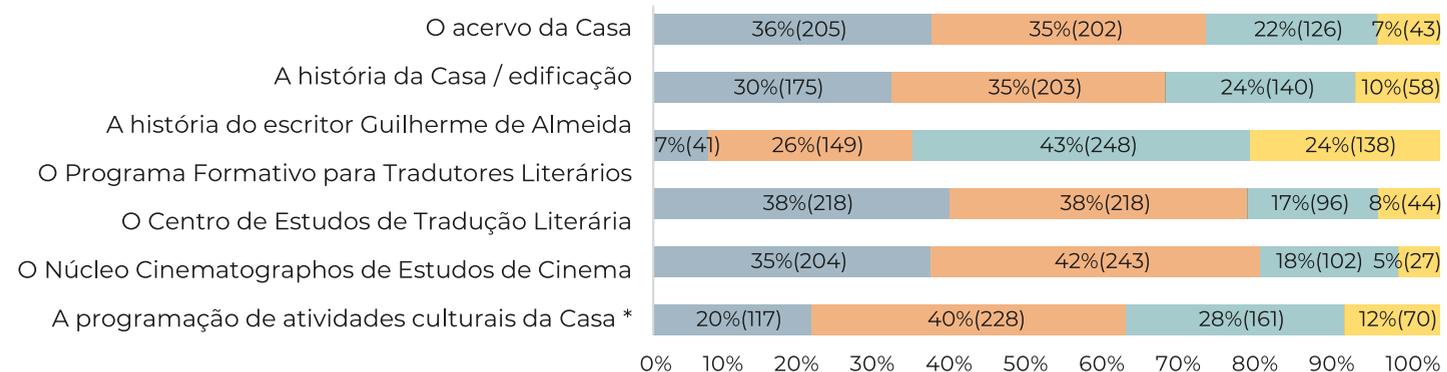
Universo de 593 respondentes

Considerando a Casa Guilherme de Almeida, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



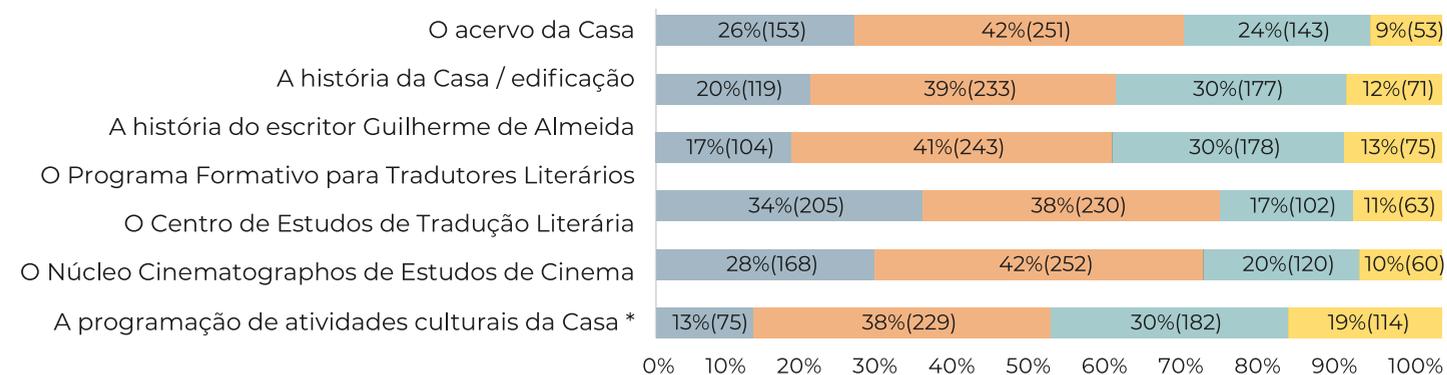
Universo de 555 respondentes (os respondentes que não sabiam que a Casa Guilherme de Almeida existia não responderam à questão).

Considerando a Casa Mário de Andrade, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



Universo de 576 respondentes (os respondentes que não sabiam que a Casa Guilherme de Almeida existia não responderam à questão).

Considerando a Casa das Rosas, gostaríamos de saber quanto você tem conhecimento sobre:



Universo de 600 respondentes (os respondentes que não sabiam que a Casa Mário de Andrade existia não responderam à questão).

* (visitação, atividades educativas, cursos, palestras, oficinas etc)

Considerando o conhecimento sobre a programação, respondentes do questionário e participantes das rodas avaliaram que a **divulgação das três Casas poderia ser melhorada** – mesmo os membros do COA manifestaram que nem sempre sabem sobre as atividades promovidas. Além disso, reforçando a análise sobre a fragilidade da Rede, apontaram a necessidade de **melhorar a divulgação conjunta, enquanto Rede** e não individualizada de cada museu, como é feito atualmente.

Nós, que somos os conselheiros, não temos essa informação e é importante que a gente tenha essa informação. Então, dentro dessa programação, deve haver divulgação. Gente, não há divulgação. Na universidade, tem que ser enviado ao diretor, por exemplo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, mas também às universidades particulares, a informação do que está ocorrendo nas Casas, para que os alunos universitários venham assistir aos eventos, porque está fazendo falta esse evento... essa participação presencial. [...] Vou dar um exemplo: o próprio Marcelo Tápia [diretor] me informou que na última reunião da qual ele participou apresentando um texto dele, havia parece que 39 inscritos on-line e não tinha ninguém presencial. Quer dizer, isso não pode acontecer. Então, que sejam selecionados eventos de interesse não apenas universitários, mas – aqui vem a novidade – dos estudantes do Ensino Médio. [...] Então devia ser feita uma divulgação junto aos diretores da rede de colégios próximos a cada Casa. Quais são os colégios próximo à [Avenida] Paulista, aqui a zona de Perdizes e à São

*João? Para [permitir] que os diretores das escolas, tanto particulares como públicas, sejam informados e informem seus alunos. **Aurora Fornoni Bernardini***

*Não sei, eu acho que em termos de divulgação, eu até vejo nas redes sociais, e tudo. Mas as divulgações sempre vêm individuais, ou é da Casa Mário, ou da Guilherme de Almeida ou da Casa das Rosas, né? Por que não divulgar como a Rede das Casas literárias? Quer dizer, divulgar isso em conjunto eu acho que poderia ter um impacto grande, e também de se promoverem atividades, enfim, relacionadas entre as várias Casas. **Paulo de Freitas Costa***

O trabalho realizado com as Casas, os cursos são excelentes. Creio que um trabalho mais abrangente no que tange à divulgação dos espaços seria importante. Muita gente nem sabe que as Casas existem, principalmente a Mário de Andrade e a Guilherme de Almeida. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Acho que destacaria a questão da divulgação e comunicação como uma das principais medidas a serem tomadas em relação às três Casas. Conheço e frequentei muito a Casa das Rosas, sobretudo antes da pandemia (faz tempo que não vou lá, e vi que está em restauro) por ela estar na Avenida Paulista, pela avenida ficar livre aos domingos para as pessoas andarem, então se torna um lugar ótimo para visitar. A Casa Guilherme de Almeida me chamou a atenção por conta da

placa na Avenida Dr. Arnaldo, tentei acho que umas duas vezes, mas já estava fechando no final do domingo. A Casa Mário de Andrade apenas ouvi falar uma vez. Acho que a divulgação desses espaços precisava ser mais incisiva, massiva, junto com as informações de horários e como chegar, destacando linhas de metrô/trem e ônibus, por exemplo. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Gostaria que as três Casas tivessem mais divulgação, repercussão na mídia e participação maior no mercado editorial e em parcerias com outros equipamentos culturais da cidade e do estado. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Saber melhor o que acontece na Casa. Não sei se não tenho acesso às mídias da Casa das Rosas, ou se as mídias mesmo que não têm muito alcance e acabam não chegando na minha bolha, mas eu nunca sei o que tá acontecendo na Casa das Rosas. Vejo a newsletter algumas vezes, mas o layout é antigo e difícil de ler/prestar atenção numa caixa de e-mail que já tem outros mil e um conteúdos. O curso que já fiz e as exposições que já visitei foram indicação de amigos bem pontualmente. De resto, não sei bem nada do que acontece. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

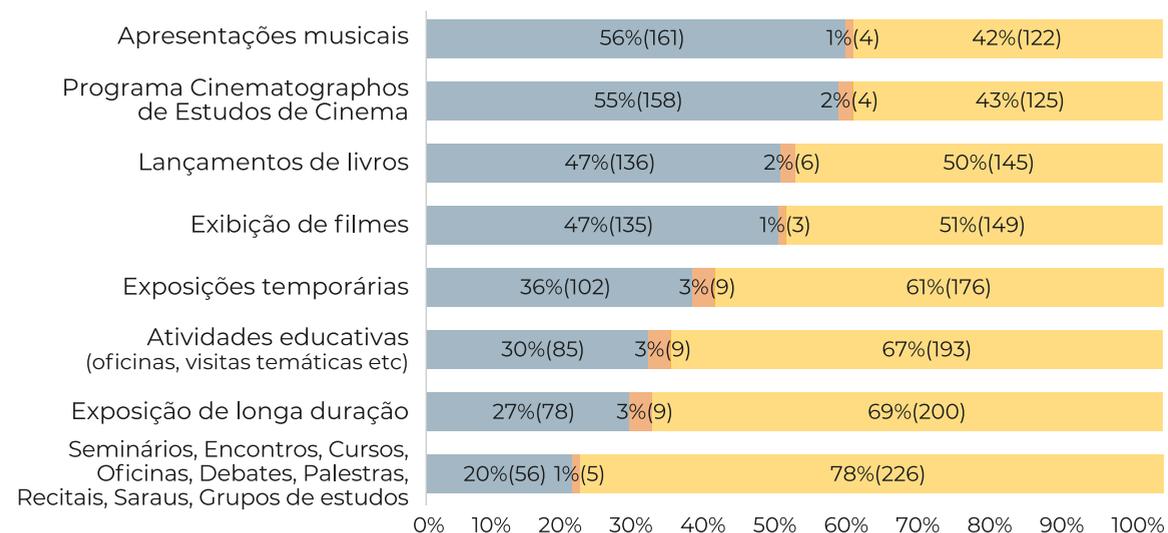
Que os espaços sejam mais multifuncionais, atraindo diversas atividades e, conseqüentemente, diversos públicos, por meio de ampla interatividade, divulgação em redes sociais e mídias convencionais e acessibilidade geral. Espero que os espaços sejam cada vez mais incorporados no cotidiano paulista, figurando como marco das possibilidades de entretenimento, cultura, lazer e até consumo, na cidade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Avaliação da programação dos museus

O questionário permitiu também que o público avaliasse a atuação das Casas. Com base em uma escala de satisfação sobre a experiência de visitação e/ou participação presencial nas atividades promovidas por cada Casa, foi possível gerar um panorama da avaliação do público. As perguntas avaliativas não foram feitas para todos os respondentes, mas apenas para aqueles que visitaram e/ou participaram pelo menos uma vez das exposições e atividades.

Em rela o   **Casa Guilherme de Almeida**, as **atividades e os programas presenciais foram bem avaliados**, com destaque para os cursos, encontros, seminários e oficinas (78%) e as exposições de longa duração e temporárias, com 69% e 61% de satisfação respectivamente. Há, contudo, atividades aparentemente mais desconhecidas, sobre as quais mais da metade dos respondentes não emitiu juízo de valor por não saber responder: apresentações musicais (56%) e Programa Cinematographos de Estudos de Cinema (55%) tiveram os percentuais mais altos de desconhecimento.

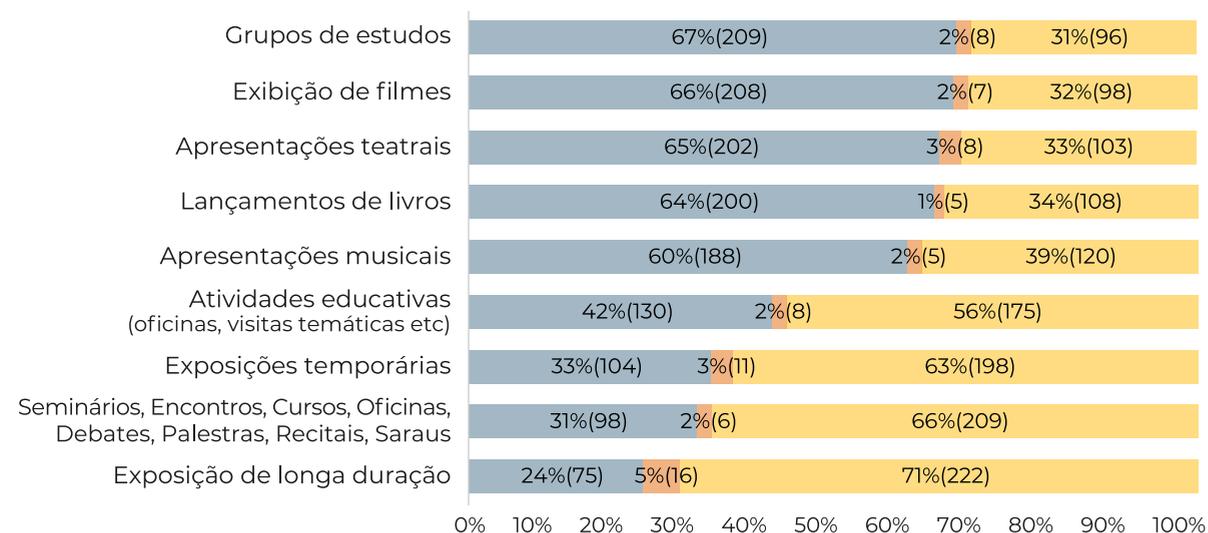
Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação PRESENCIAL na **Casa Guilherme de Almeida** nas atividades listadas a seguir?



Universo de 287 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação PRESENCIAL na **Casa Mário de Andrade** nas atividades listadas a seguir?



Universo de 313 respondentes

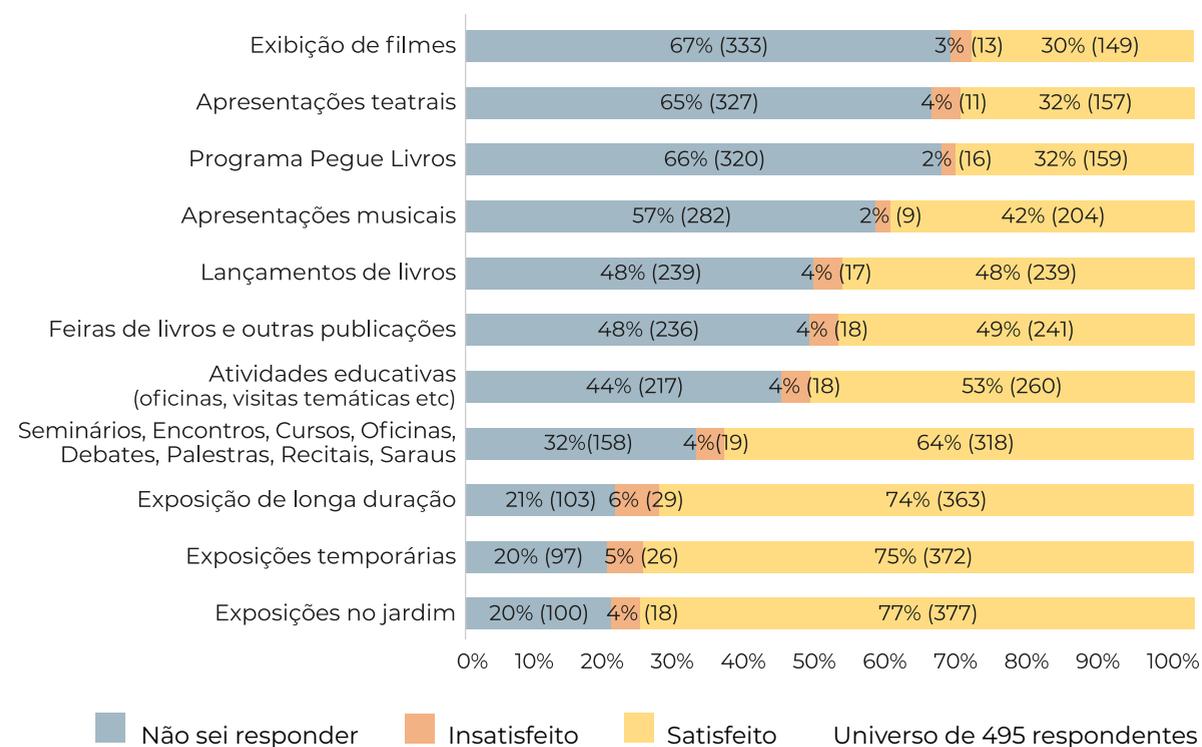
Na **Casa Mário de Andrade**, 71% dos respondentes se dizem satisfeitos quanto à exposição de longa duração, e 63% em relação às exposições temporárias. O fechamento desde setembro de 2022 não influenciou as respostas, uma vez que a maioria dos visitantes havia realizado a visita e/ou participação há mais de um ano. **A Casa também foi bem avaliada no que se refere ao desenvolvimento de atividades e programas presenciais**, tais como cursos, seminários e oficinas, tendo recebido 66% de satisfação. Algumas das atividades, contudo, também tiveram

alto percentual da alternativa “Não sei responder”: grupos de estudo (67%), exibição de filmes (66%), apresentações teatrais (65%), lançamento de livros (64%) e apresentações musicais (60%) tiveram as maiores ocorrências.

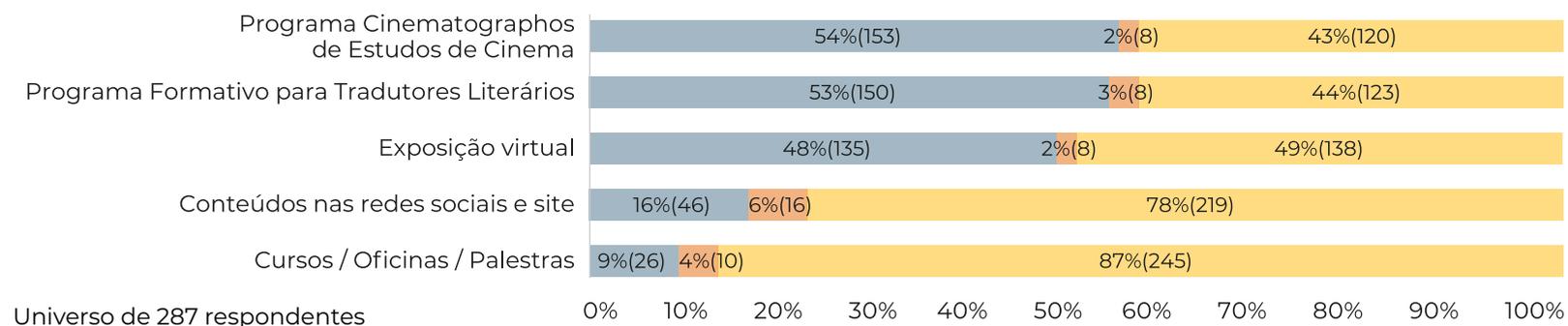
A **Casa das Rosas** está fechada para obras de restauro desde setembro de 2020, portanto, sem exposição de longa duração ou temporárias dentro da Casa há mais de dois anos. Apesar disso, os respondentes avaliaram bem as exposições de longa duração e temporárias que visitaram em

algum momento, com 75% e 74% respectivamente. O **destaque fica para 77% de satisfação em relação às exposições realizadas no jardim da Casa das Rosas**. Também foram bem avaliados atividades, cursos e ações educativas oferecidas (64%). Como nas outras duas Casas, o percentual da alternativa “Não sei responder” foi alto para algumas atividades: exibição de filmes (67%), programa Pegue Livro (65%), apresentações teatrais (66%) e apresentações musicais (57%) foram as ocorrências clicadas por mais da metade das pessoas.

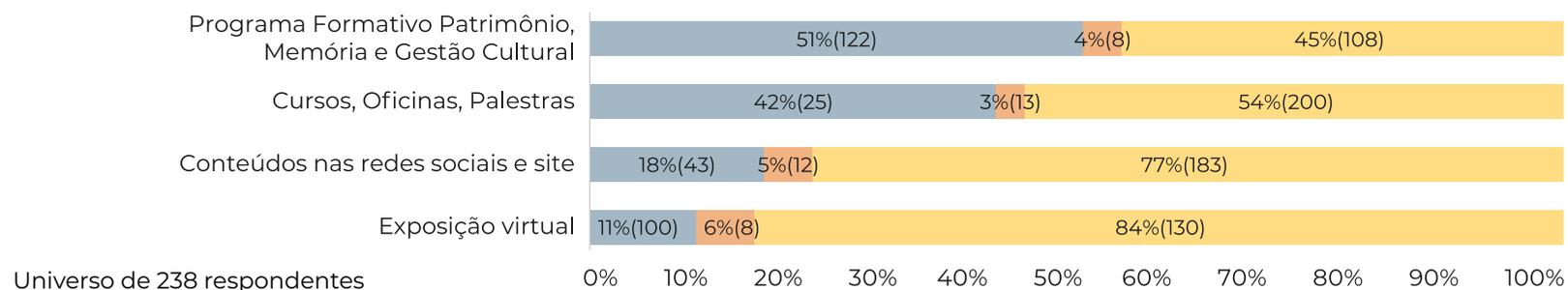
Como você avalia sua experiência de visita e/ou participação PRESENCIAL na Casa das Rosas nas atividades listadas a seguir?



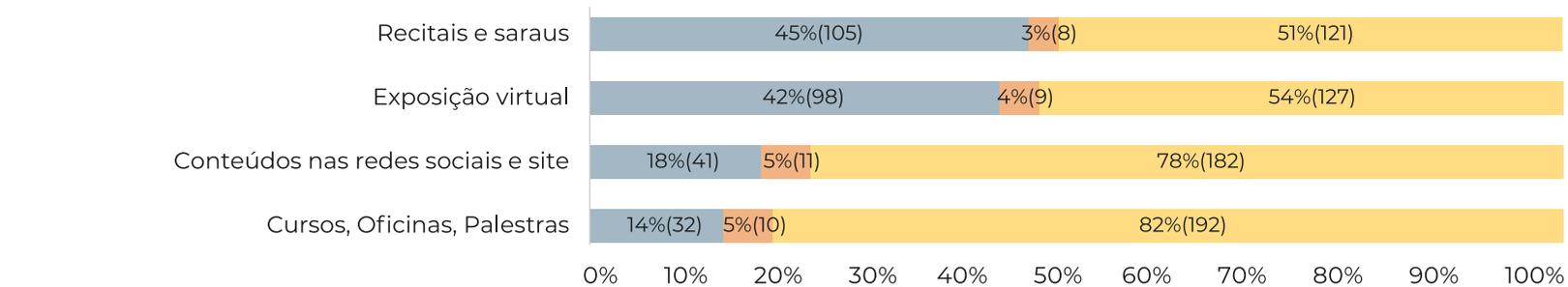
Como você avalia a sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa Guilherme de Almeida nas atividades listadas a seguir?



Como você avalia sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa Mário de Andrade nas atividades listadas a seguir?



Como você avalia a sua experiência de visitação e/ou participação VIRTUAL na Casa das Rosas nas atividades listadas a seguir?



Universo de 234 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

As ações promovidas pelos museus em **meio virtual** também foram avaliadas. A satisfação dos respondentes se manifesta principalmente em relação a cursos, oficinas e palestras.

A satisfação com as atividades foi reforçada em comentários positivos sobre as ações virtuais, acompanhados dos motivos pela preferência pelo virtual (por exemplo, localização e oferta de transporte ruins; pouco acesso a atividades culturais no interior).

Agradecer as atividades on-line porque são muito importantes para nós que estamos no interior do Brasil e não temos acesso a atividades culturais e formativas com a qualidade e curadoria dos museus-casa. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa das Rosas de duas a cinco vezes.]

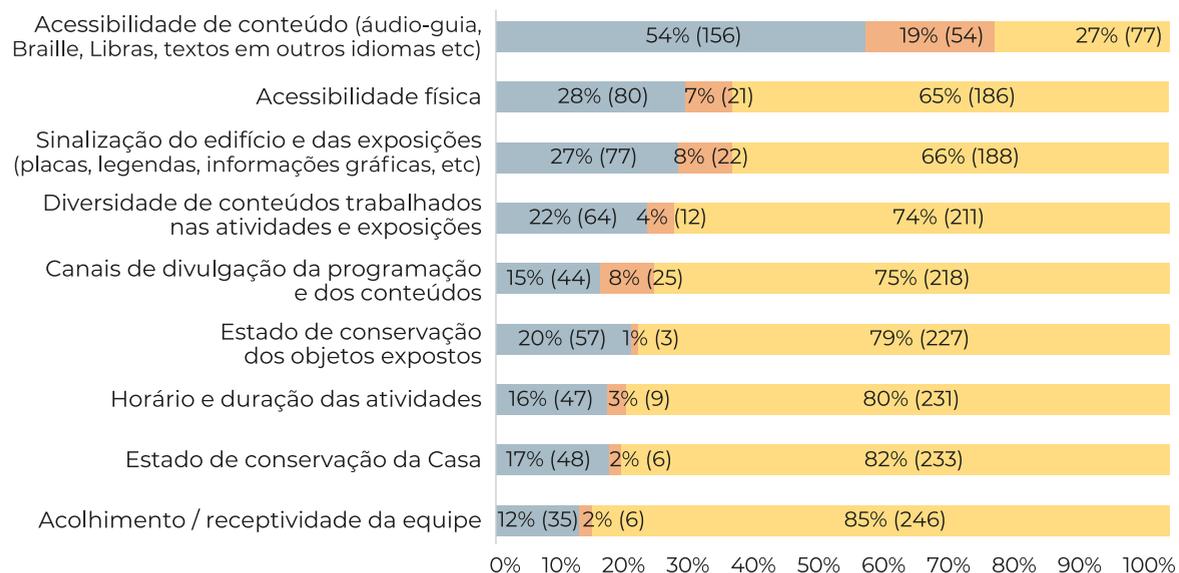
Avaliação dos serviços e da infraestrutura dos museus-casa

O nível de satisfação dos respondentes em relação aos serviços e à infraestrutura de cada museu também foi alvo do diagnóstico. Essa pergunta foi feita **somente para quem visitou ou participou presencialmente de exposições e atividades em 2022** (“este ano”). Como as condições de infraestrutura e de serviços prestados estão em constante melhoria e atualização, a data da última visita é uma variável importante para qualificar e tornar mais fidedignas as respostas.

Na **Casa Guilherme de Almeida** o nível de satisfação foi alto em praticamente todos os itens, com destaque para o acolhimento e a receptividade da equipe (85%), o estado de conservação da casa (82%) e o horário e duração das atividades (80%). No entanto, nota-se uma insatisfação dos respondentes (19%) em relação à acessibilidade de conteúdo (áudio-guia, Braille, Libras, textos em outros idiomas etc.). Os itens sobre os quais os respondentes manifestaram maior insatisfação foram: a sinalização do edifício e das exposições (8%), os canais de divulgação (8%) e a acessibilidade física (7%).

A **Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas** tiveram na maioria dos casos a avaliação dos serviços e da infraestrutura classificada como satisfatória. A maior insatisfação dos respondentes se manifestou em relação aos canais de divulgação de programação e conteúdo das casas (14% e 13% respectivamente), o que de algum modo é corroborado com o dado de o menor índice de satisfação (37%) ser acessibilidade de conteúdo em ambas as Casas.

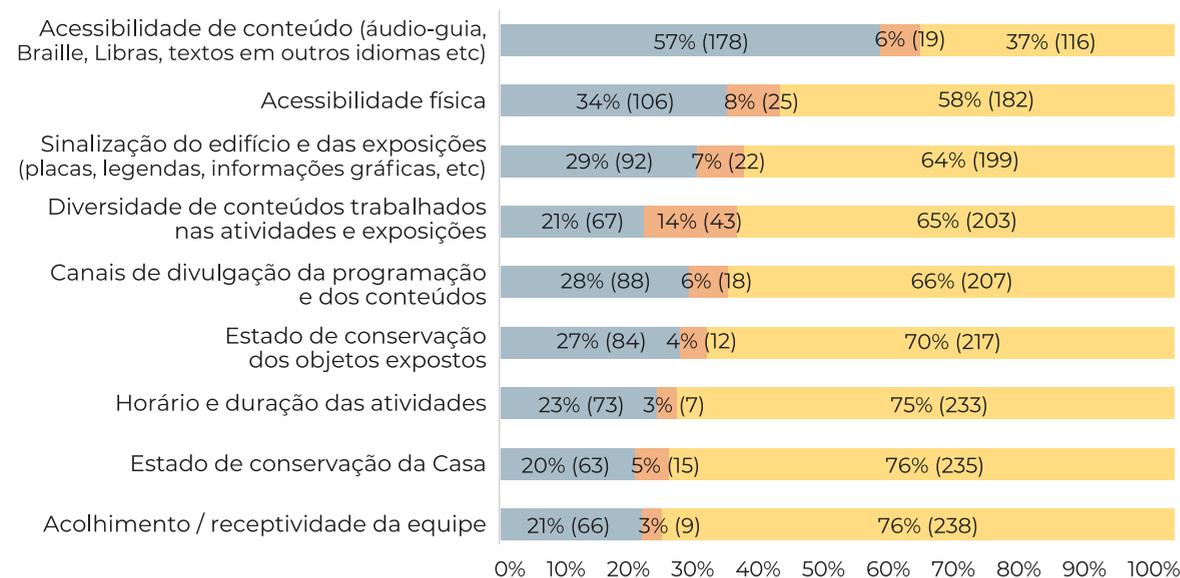
Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa Guilherme de Almeida?



Universo de 287 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa Mário de Andrade?



Universo de 313 respondentes

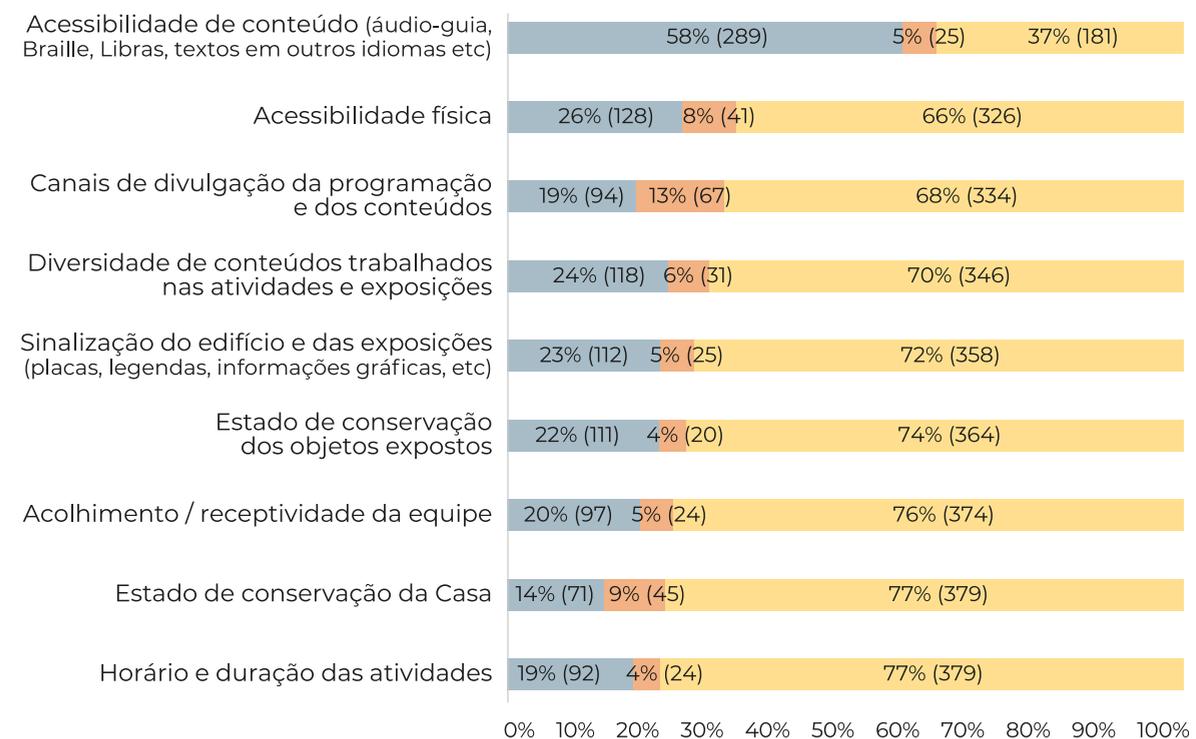
Quando perguntados sobre os possíveis **motivos para não participar das atividades** oferecidas pelas Casas, os respondentes apontaram como maior dificuldade a **falta de vagas** para as atividades com vagas limitadas (47%), a **localização** e a distância dos museus em relação a residência e ao local de trabalho (40%), a **falta de informações sobre as programações** (30%) e o **horário de funcionamento** das Casas (29%). Apesar de em menor quantidade, é importante ressaltar o

número de pessoas que apontaram as dificuldades de acesso, seja físico, digital ou de conteúdo, bem como aqueles que enfrentaram algum tipo de preconceito ou constrangimento ao frequentar os museus-casa. É possível constatar que os maiores problemas apontados pelos respondentes dizem respeito ao acesso de modo geral.

Apenas como referência vale citar que a pesquisa “Cultura nas capitais” (2014), realizada pela JLeiva

com o universo de 7.334 participantes, apontou as principais razões pelas quais os participantes não visitam espaços expositivos: 33% devido a falta de tempo, 29% por não gostar, 22% por motivos econômicos e 6% por ser longe (essa pergunta era feita apenas para aqueles que responderam não ter visitado espaços expositivos no ano que antecedeu à pesquisa).

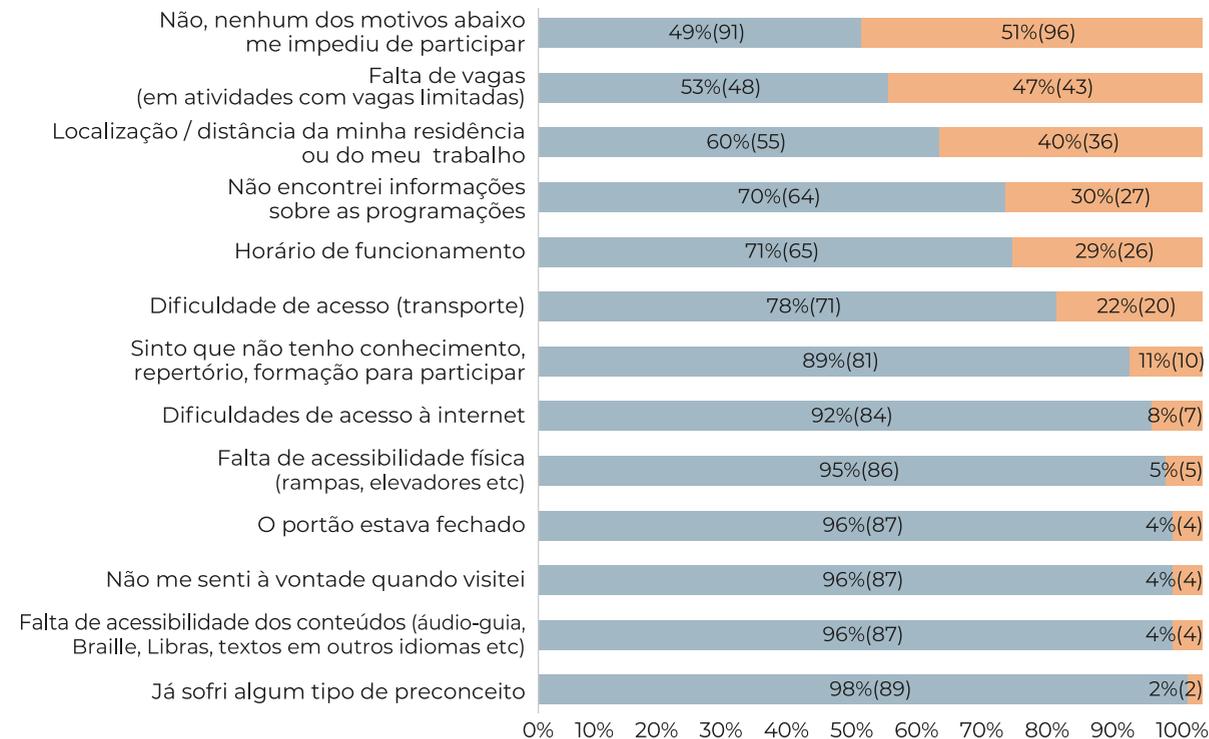
Qual é seu nível de satisfação em relação aos SERVIÇOS e à INFRAESTRUTURA da Casa das Rosas?



Universo de 495 respondentes

■ Não sei responder ■ Insatisfeito ■ Satisfeito

Você já deixou de participar de atividades em alguma das casas por algum dos motivos listados abaixo?



Universo é de 187 respondentes, sendo que dentre esses 91 já deixaram de visitar o museu por algum dos motivos listados.

■ Não ■ Sim

O quanto o público recomenda os museus e outros aspectos sobre a vocação dos museus-casa

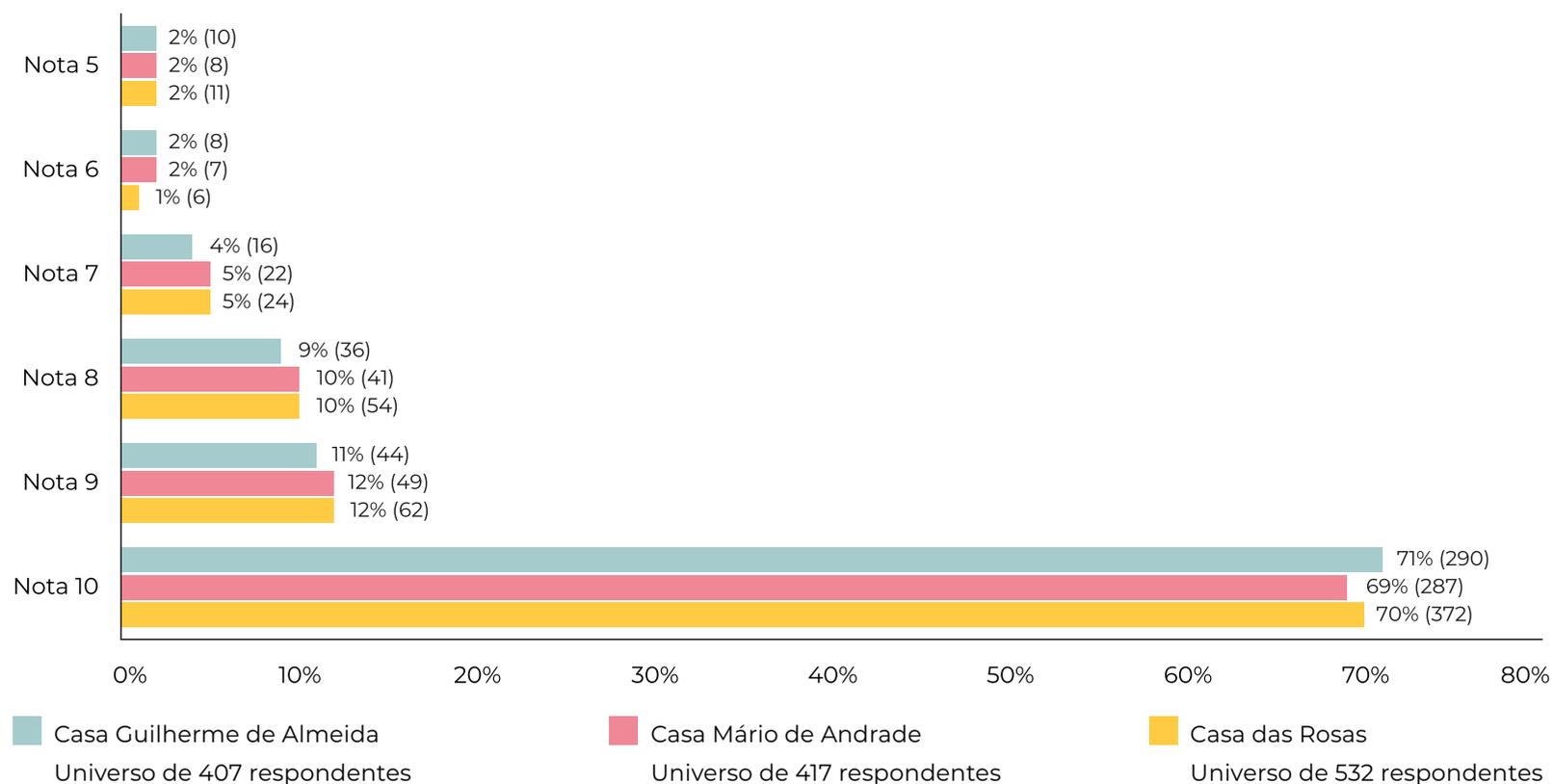
O questionário incluiu, apenas para aqueles que indicaram ter visitado os museus-casa, a pergunta “Em uma escala de 0 a 10, o quanto você recomendaria para outras pessoas a visita aos museus-casa literários de São Paulo?”. Essa questão se baseia na metodologia Net Promoter Score (NPS), comumente usada em pesquisas

de mercado para avaliar fidelidade e satisfação, e foi transposta para a realidade dos museus-casa literários com o objetivo de medir por uma mesma régua a visão dos respondentes sobre os museus. De acordo com a métrica NPS, os respondentes são classificados entre potenciais detratores (aqueles que dão notas de 0 a 6), neutros (aqueles que dão notas entre 7 e 8) e potenciais promotores (aqueles cujas chances de recomendar a iniciativa estão entre 9 e 10). Os detratores são pessoas com algum grau de insatisfação e que, potencialmente, podem

falar mal da iniciativa, enquanto promotores são aqueles que estão satisfeitos e que, potencialmente, podem defender e falar bem da iniciativa.

Conforme os resultados da pesquisa, a maioria dos participantes pode ser classificada como promotores, tendo **as respostas com notas 10 chegado a aproximadamente 70% nas três Casas**. Como possíveis detratores estão apenas 4% dos respondentes e como neutros aproximadamente 15% dos respondentes para os três museus. Por essas notas, o índice geral de NPS dos museus-casa literários é 66, considerado muito bom e dentro da zona de qualidade¹⁴.

Em uma escala de 0 a 10, o quanto você recomendaria para outras pessoas a visita aos Museus-Casas Literários de São Paulo?



Quem atribuiu notas de zero a seis era convidado a comentar o motivo de não recomendar a visita aos museus. Os comentários referem-se às atribuições de notas zero (0) a seis (6), ressaltando que cada museu recebeu apenas 3 respostas para as notas de zero (0) a quatro (4). As pessoas que deram essas notas relataram diversos pontos de atenção, de questões conceituais à infraestrutura, conteúdo, comunicação e atividades. As críticas apontaram a necessidade de uma maior e mais ampla **divulgação e comunicação** dos museus e da Rede, bem como pontuaram a respeito dos **conteúdos e temáticas** trabalhadas nos museus.

¹⁴ Para chegar ao índice NPS é necessário subtrair a porcentagem de promotores da porcentagem de detratores, o que permite estabelecer uma escala de classificação, em geral dividida nas seguintes faixas: entre 75 e 100 – excelente, ou que se encontra em zona de excelência; entre 50 e 74 – muito bom, também chamado de zona de qualidade; e de 0 a 49, razoável ou em zona de aperfeiçoamento.

A comunicação e divulgação precisam ser melhoradas. Diversidade de atividades também. [Nota 5 para a Casa Guilherme de Almeida e a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as duas casas uma vez há mais de dois anos.]

Falta acolhimento no atendimento ao público, faltam atividades mais diversificadas e melhor apresentação dos conteúdos. [Nota 5 para as três Casas.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas entre uma a mais de seis vezes inclusive este ano.]

Falta uma exposição mais interativa e também maior divulgação da programação da Casa. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida uma vez este semestre.]

Poderia ter mais informações sobre a Casa (estilo arquitetônico), mais informações sobre o contexto histórico da época, do bairro. Isso sem depender que alguém do museu explique oralmente. [Nota 6 para a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez este ano.]

Programação pouco variada, grade programática reduzida, poucas opções de cursos/palestras/oficinas associadas à literatura, falta de bússola para nortear atividades. [Nota 6 para a Casa Mário

de Andrade.) [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Eu participei de um evento e estava vazio, foi pouco divulgado e o tema ficou confuso. [Nota 3 para a Casa Mário de Andrade.] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez há mais de três anos.]

Fraca comunicação da programação. [Nota 6 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas entre duas e cinco vezes inclusive este ano.]

As atividades são, para mim, promovidas para e por escritores, ou para formação de escritores. O acervo de Haroldo não é visível, por motivos técnicos, não há exposições sobre o acervo. [Nota 2 para a Casa das Rosas] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Apesar do alto grau de satisfação observado na avaliação dos serviços e infraestrutura das Casas, alguns dos respondentes apontaram problemas de **infraestrutura, acesso e atendimento**, como evidenciado nos depoimentos a seguir.

Acredito que a falta de sinalização e a insegurança que o local transmite (muito ermo) acabaram me desmotivando a outras visitas. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes.]

Pela localização de difícil acesso e por não conhecer muito as atividades desenvolvidas na casa Guilherme de Almeida. Seria interessante investir mais na divulgação do que é realizado lá. [Nota 6 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de dois anos.]

Pós-pandemia, a Casa externamente parece degradada, carecendo melhorar infraestrutura, acessibilidade, sinalização interna e externa e divulgar melhor programação. [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Na última vez em que estive na Casa das Rosas, há muito tempo, fui muito mal atendida. Tanto que não voltei mais. [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de três anos.]

Questões conceituais sobre a **própria vocação dos museus e a elitização de suas programações** e, portanto, de seus frequentadores, também foram apontadas pelos respondentes como justificativas para as notas de recomendação dos museus. Esses depoimentos dialogam com uma hipótese levantada ainda na oficina realizada com as equipes da Rede para construção da pesquisa: de que alguns visitantes poderiam deixar de participar de determinadas atividades por acharem que seria necessária formação e repertório específicos para tal.

O curso oferecido aos escritores é um clube fechado, cuja seleção é esquisita e sujeita a questionamentos. Na última edição vi centenas de nomes selecionados. Nunca estive entre eles (mesmo tentando e insistindo). Então parti pra uma escola paga, onde também há senso crítico, avaliação etc. Percebi que não ter sido selecionado para a Casa das Rosas me ajudou a entender que eu não estava na categoria “não qualificado”, mas sim na categoria “não conhecemos essa pessoa”. E dobro a aposta se todos os “selecionados” terminaram o curso. Afinal, eram centenas! O curso de escritores da Casa das Rosas precisa ser totalmente reformulado. Tornou-se um clube de grife, disputado, cuja entrada não é amplamente democrática. Todos os anos é a mesma coisa: mandar textos para uma suposta avaliação seguida de resposta negativa e uma lista de “dezenas de selecionados”. Fui ver um a um e me surpreendi que em muitos casos a pessoa sequer escreve algo razoável, minimamente

compreensível. Mas ganhou a vaga :). É isso! [Nota 5 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

A Casa, em todas as minhas visitas, sendo eu escritor do interior acompanhado de amigos ou família, sempre teve ares elitizados e os membros da curadoria da Casa agem como tal na internet. [Nota 6 para a Casa das Rosas.] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 20 a 24 anos, graduando e que já visitou a Casa das Rosas entre duas e cinco vezes inclusive este ano.]

É opressora, há muito afastamento da instituição pro público. Frequentei muito a programação mas há uns 8 ... 9 anos e está bem ruim. [Nota 3 para a Casa das Rosas.] [Mulher cisgênero, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

A Casa das Rosas é um museu, porém não é visto pelo público como espaço museológico de fato, e sim como um centro cultural, as atividades culturais e de formação se sobressaem. [Nota 6 para a Casa das Rosas] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes.]

O acervo e sua exposição não me agradavam, muito oficialismo, sentia o cheiro da sudestinação tóxica da elite de São Paulo por conta do excesso de referência à Revolução de 32. Assim como o Museu do Ipiranga, creio que

a casa precisa ter algum espaço ali dentro que questione a própria narrativa da casa. [Nota 3 para a Casa Guilherme de Almeida.] [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades da Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de três anos.]

Percepções sobre um certo **oficialismo e elitização** dos museus-casa literários também surgiu nas falas dos participantes das rodas de conversa. Esses participantes salientaram que o oficialismo pode afastar diferentes públicos dos museus, sobretudo, as gerações mais novas.

*Existe o perigo do oficialismo. Esse perigo é enorme, sobretudo em relação ao Guilherme de Almeida. Guilherme [de Almeida] é o poeta oficial, é literatura oficial. O Paulo Bomfim, que eu conheci muito, de quem eu gostava muito, que era muito amigo do meu pai, também é um poeta oficial. Esse mundo acabou um pouco, entendeu? A sociedade brasileira se tornou muito complexa, muito transversal. Esse oficialismo não tem mais futuro. Então o Colar Guilherme de Almeida, isso não vai pra lugar nenhum. O que está palpitando é que o Sérgio [Vaz] vá lá na Cooperifa, botando os meninos e meninas pra declamar poesia própria, enfim. Tem uma vitalidade que vem de longe, e de baixo, né? Então o cuidado que eu teria particular: o cuidado com o oficialismo nessas instituições, porque vai afastar esse público mais jovem e mais dinâmico da própria atividade. **Carlos Augusto Machado Calil***

A nova definição incita os museus a terem uma participação mais ativa na sociedade, nos problemas contemporâneos, nas melhorias que podem ser promovidas naquela sociedade, de não ser mais aquele espaço neutro, só aquele espaço neutro educacional, vamos dizer assim, que era uma característica que os museus tinham muito desde os anos 70, e tudo. Enfim, esse papel educacional dos museus. Mas também como um palco mesmo pro debate, pra sociedade pensar sobre si mesma, pensar também em como lidar com o outro, né? Lidar com essas questões todas, além das questões que estão aí urgentes de sustentabilidade, enfim, de uma série de outras coisas. Mas eu acho que é principalmente isso: dos museus serem mais propositivos dentro da vida cultural e da sociedade. **Paulo de Freitas Costa**

Mas por que não esse diálogo democrático? Eu acho que nós temos que tirar as barreiras, na medida do possível, e fazer realmente esse monitoramento, esse mapeamento desses coletivos, para tentar trazê-los. E quebrar justamente esse oficialismo das Casas. **José Antônio Alves Torrano**

A pedido da equipe da Rede, foram introduzidas três questões que traziam afirmações sobre dimensões relevantes para os três museus: os respondentes tinham que se manifestar sobre o quanto concordavam ou não e, ainda, tinham disponível um campo para tecer comentários livremente, se quisessem.

Assim, quando perguntados se concordavam ou discordavam da afirmação “Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que dialogam com as questões contemporâneas da realidade social”, a maioria concordou totalmente ou parcialmente com a frase, 87% do total de 522 respondentes.

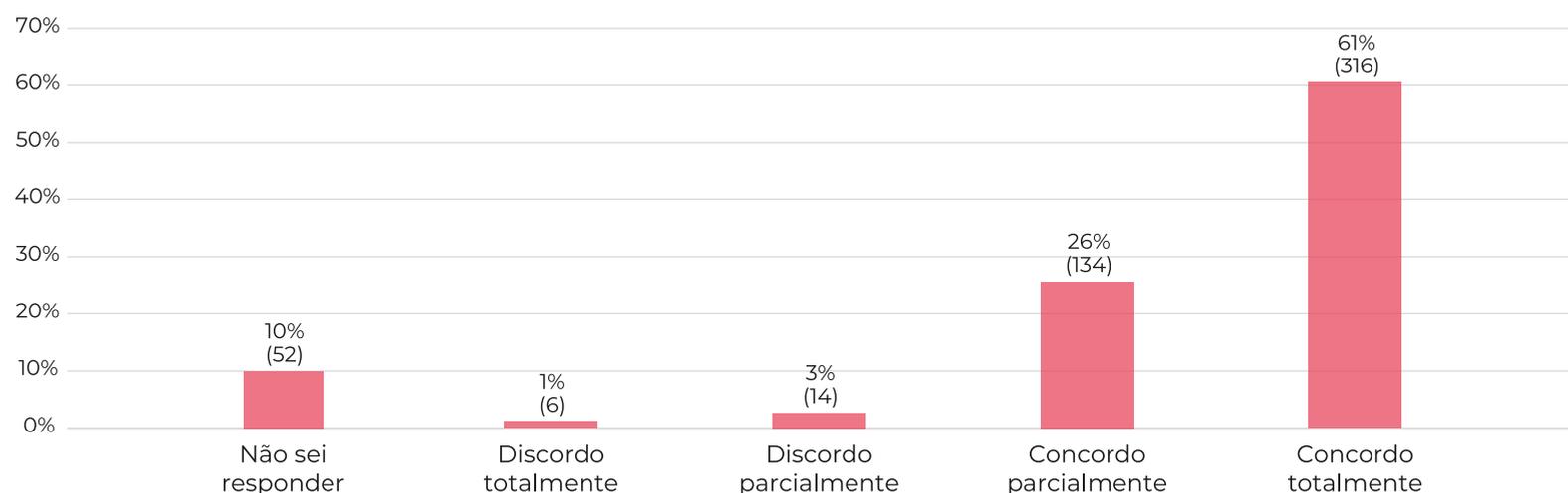
Muitos dos comentários feitos em relação a essa questão, contudo, salientaram **a necessidade de as Casas dialogarem melhor com outros públicos**, aumentando, por exemplo, a frequência e a participação de jovens. Entre as recomendações, sugeriram que os museus busquem compreender melhor a realidade social adequando seu conteúdo de acordo com a diversidade de seus públicos. Além da adequação

do conteúdo das Casas para o público jovem, alguns comentários também discorreram sobre a necessidade de trabalhar o **acesso das Casas ao público periférico** e de **incorporar conteúdos produzidos por populações indígenas e africanidades nas programações**.

Acredito que falta mediação cultural a fim de tecer o diálogo com as juventudes, com os coletivos de artes e de cultura. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

É necessário ampliar a frequência e a participação de jovens. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 71 anos ou mais, pós-graduada e que já

Você concorda com a afirmação: "Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que dialogam com as questões contemporâneas da realidade social"?



Universo de 522 respondentes

visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Acredito que sim, mas infelizmente o interesse por esses espaços ainda são na maioria de pessoas com Ensino Superior ou que estejam cursando uma graduação. Então, seria interessante abrir o espaço para pessoas (muitas das vezes sem nenhum tipo de estudo) ou para os jovens. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais das três Casas.]

Infelizmente esses espaços se localizam em regiões que impossibilitam o público periférico de usufruir de seus espaços, precisamos democratizar os espaços de acesso à arte e cultura na cidade. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas inclusive este semestre.]

Precisamos de uma casa literária mais periférica, talvez sobre Carolina [de Jesus], em um bairro mais afastado. Algo do tipo. [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades da Casa Guilherme de Almeida entre duas e cinco vezes há mais de três anos.]

As discussões são muito interessantes, mas é necessário ter um pré-conhecimento sobre o assunto para entender e discutir. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-

graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de dois anos.]

Os museu-casa literários realizam um trabalho incrível e muito importante, no entanto, no que diz respeito a programação (cursos, oficinas, encontros, temas de exposições etc.) ainda deixam muito a desejar. Isso porque a maior parte das atividades oferecidas não contempla, por exemplo, temáticas sobre povos originários, África, Africanidades e afins. O que vem sendo oferecido é muito pouco. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Os museus-casa têm oferecido slams, encontros com autores etc, mas ficam a desejar, por exemplo, em realizar palestras com escritores e escritoras indígenas, escritores e escritoras africanas, escritores e escritoras da diáspora e afins. As poucas atividades que tratavam desses temas, foram oferecidas pontualmente de modo irregular. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Gostaria de um espaço para escritores independentes, onde eles pudessem apresentar seu trabalho, sem precisar ter títulos, fama, mas ser escutado. [Pessoa na faixa de 45 a 49 anos, com Ensino Fundamental e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Acho que os museus-casa giram muito mais em torno dos seus homenageados, homens brancos prestigiados em seus círculos. Em datas muito específicas como novembro há atividades relacionadas à consciência negra ou em março atividades relacionadas à mulher. Não é suficiente, é o que o mundo faz pró-forma. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

É preciso se abrir para as múltiplas linguagens artísticas, fugir da escola clássica das coisas, entender o novo, a diversidade. Fiz uma oficina virtual da Casa das Rosas para escritores (quando abrem a opção aos não selecionados do curso para participar) e notei que o palestrante falava de algo desconexo, totalmente distante do mundo real. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Dialogam sim com as questões contemporâneas da realidade social, porém sempre pelo viés da arte, da linguagem artística, não pela filosofia, ou sociologia, ou historiografia, ou crítica social direta. O que é compreensível, cabível, adequado. Mas às vezes sinto falta de mais contemporaneidade, muitas atividades são voltadas para a história da literatura, para a tradição, mas, do pouco que vi, creio que poderia haver mais espaço (ainda) para escritores e obras contemporâneas. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já

visitou a Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Importante notar que, apesar dos comentários, **a programação das três Casas é bastante diversa.** Ao observar os temas da programação recente dos três museus, é possível identificar que diferentes assuntos foram abordados, tais como patrimônio, conservação, escrita criativa, tradução, cinema, teatro, mercado de trabalho para escritores, pensamento crítico, política, africanidades e questões indígenas, para citar alguns. As falas, contudo, talvez sinalizem a necessidade de aprofundamento e de uma divulgação mais ampla dessa grade. A participação dos públicos na definição dos temas também pode ser importante para que a democratização do acesso à programação seja de fato efetiva.

Muitos foram também os comentários positivos sobre a atuação das Casas no que diz respeito a questões contemporâneas, destacando a relevância dos cursos oferecidos pelos museus.

Há boa disseminação de informação sobre temas contemporâneos e relevantes, especialmente por meio dos cursos e palestras, sobretudo na Casa Mário de Andrade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Os museus que foram casas reais relacionados à vida de seus moradores devem, no meu entender, ter como pressuposto apresentar a forma da percepção da alma do seu “morador” e sim todas

as correlações da sua época vivida, e daí sim, conexão com os aspectos do contemporâneo. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou as três Casas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Que a diversidade étnica da cidade continue dando o tom cultural nas Casas. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de uma vez há mais de dois anos.]

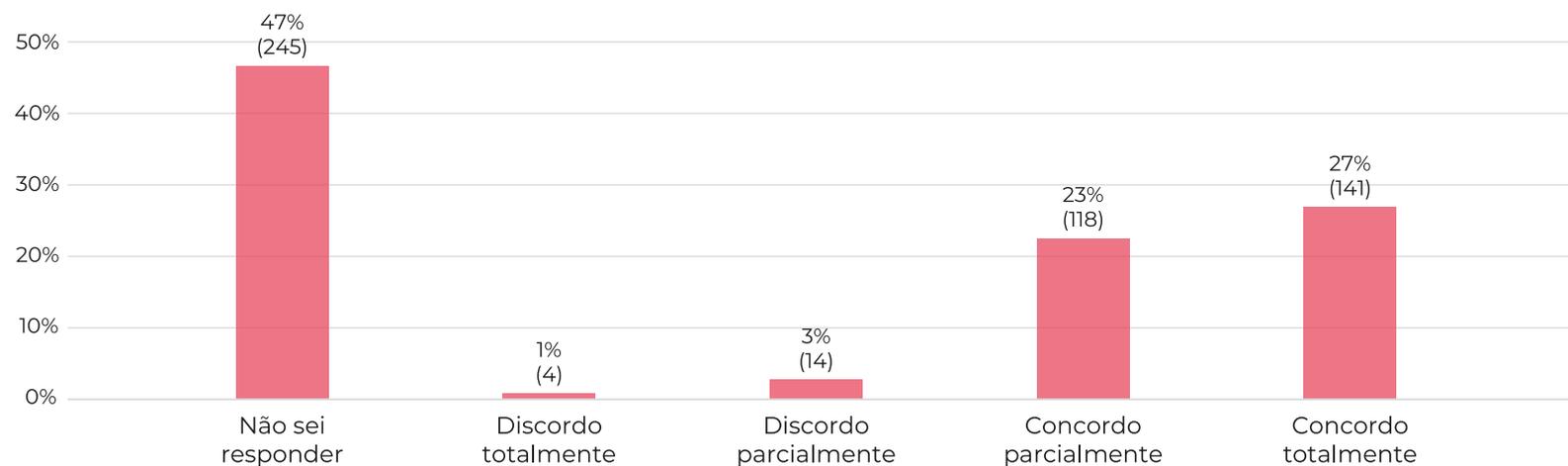
Todas as atividades ofertadas pelos museus-casa se preocupam em propiciar aos seus participantes a oportunidade de fazer o enlace entre o que está sendo exposto e a contemporaneidade. [Homem cisgênero, branco,

na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Na minha última visita a Casa Mário de Andrade fui muito bem-recebida pelo núcleo educativo, podendo dialogar sobre os meus diferentes interesses de pesquisa e recebendo total apoio e suporte. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Na mesma linha da pergunta anterior, os respondentes foram apresentados à seguinte afirmação e convocados a discordar ou concordar: “Os museus-casa literários de São

Você concorda com a seguinte afirmação: "Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem pessoas com deficiência"?



Universo de 522 respondentes

Paulo são espaços que respeitam e acolhem pessoas com deficiência”. Destaca-se o número de respondentes que apontaram não saber responder (47%), porém, de modo geral, as pessoas concordaram parcialmente e totalmente com a afirmação (23% e 27%).

Os depoimentos indicam que os espaços são acolhedores e promovem, na medida do possível, a acessibilidade física e de conteúdo. Porém, algumas demandas são apontadas, como **atividades para crianças**, destacando o potencial das temáticas literárias dos museus; e **atividades destinadas à rede pública de ensino**, ao menos uma vez por semana, de forma a criar um programa regular de visitação para crianças e jovens. Além disso, os comentários apontam as **dificuldades de acesso para pessoas com deficiência**, seja de carro ou de transporte público, bem como de acesso aos conteúdos devido à **falta de intérpretes de Libras** nas aulas *on-line*. Também apontam a necessidade de uma **maior acessibilidade para surdos e cegos**, o que poderia ser feito com peças de comunicação que alcançassem cegos e pessoas com baixa visão e, inclusive, informassem sobre os recursos e a infraestrutura disponíveis. No que tange à acessibilidade física também foi destacada a necessidade de “plataformas elevatórias / acessibilidade NBR 9050, cadeiras para obesos e lugar para cães-guia”.

Sou deficiente físico e desconheço as facilidades para os deficientes, como estacionamento, rampas etc. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de

71 anos ou mais, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de uma vez e a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Faltam recursos, em especial tecnológicos, para que a experiência de visitação aos museus seja equânime entre os públicos com e sem deficiência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Maior divulgação das facilidades para cadeirantes. Existem? Quais são? [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 71 anos ou mais, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de uma vez e a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Alguns comentários foram tecidos especificamente sobre cada museu-casa, apontando, principalmente, problemas de acessibilidade física dos espaços.

Sobre a Casa Guilherme de Almeida

A Casa Guilherme Almeida para pessoas com alguma dificuldade para andar tem dificuldade para transitar pela casa. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas pelo menos uma vez inclusive este ano.]

A Sala Cinematographos não tem acesso bom para pessoas com deficiência. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e

que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes há mais de um ano.]

O acesso de cadeirantes à sala Cinematographos é relativamente complexo. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Acho que deveria ter mais divulgação e ser mais receptivo. Quando fui na casa Guilherme de Almeida, faz mais de 5 anos, tive que bater na porta, parecia que ela estava toda fechada... sei que segurança é importante, mas se tivesse pelo menos uma placa com as informações na frente... eu entrei porque pesquisei muito mas mesmo assim quase fui embora. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas pelo menos uma vez há mais de dois anos.]

Deixei de participar dos cursos da Casa Guilherme de Almeida, porque os cursos, na maioria, são de tradução literária e atingem um público específico. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

A Casa Guilherme de Almeida é um pouco longe da estação, o que dificulta um pouco o acesso à Casa. E na primeira vez que fui, me perdi, pois a sinalização do Anexo não foi bem-feita, acabei perdendo o evento. [Mulher cisgênero, parda,

na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Guilherme de Almeida de duas a cinco vezes há mais de um ano.]

O museu-casa Guilherme de Almeida possui mais recursos de acessibilidade que os outros. Mesmo assim são poucos e parcos. É necessário que haja pessoas com deficiência dentre os funcionários do museu. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Sobre a Casa Mário de Andrade

Na época em que fiz um curso na Casa Mário de Andrade, além da escada, a sala era bem apertada e não funcional. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes há mais de três anos.]

A Casa Mário de Andrade apresenta escadas e dificulta a acessibilidade. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez este ano.]

A falta de acessibilidade em que a Casa Mário se encontra é preocupante e precisa ser enfrentada com coragem e seriedade. É necessário que haja pessoas com deficiência dentre os funcionários do museu. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa

Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Tenho deficiência intelectual e fiz oficinas de música na Mário de Andrade, tanto presencial quanto on-line. Canto e toco piano. Não tive nenhuma questão de falta de acolhimento.

[Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, com Ensino Médio e que já visitou e participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Sobre a Casa das Rosas

Meu sogro tem 84 anos e tem Alzheimer. Pintor, grafiteiro, poeta e artista plástico, esteve há dois ou três meses na Casa das Rosas, quando faziam algumas filmagens e fotos suas para um documentário independente. Seu filho pediu a um atendente que o deixasse sentar e desenhar, livremente, e foi negativa a resposta. O espaço que antes era de trânsito de pessoas e simplesmente para se sentar, descansar, olhar a paisagem da cidade e a própria Casa das Rosas, fora desativado. Isso é um verdadeiro desafio, numa cidade como São Paulo, um museu-casa em plena Paulista, deixar de convidar a que simplesmente se pouse o olhar, ou o corpo, por alguns momentos, e se desfrute. Sendo um idoso e um artista, complica ainda mais a situação de descrédito quanto aos rumos da instituição, ou aqueles que quem a administra escolha para ela. Ficou feio. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Em visita à Casa das Rosas, tive, com necessidades especiais, dificuldades para usar o banheiro. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Estive na Casa das Rosas em maio e o banheiro estava muito sujo! Necessita de reparos, conservação e limpeza permanente! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que visitou a Casa das Rosas de duas a cinco vezes inclusive este ano.]

Além dos comentários mais críticos, também foram feitos **elogios ao acolhimento e respeito às pessoas com deficiência**, com destaque à Casa das Rosas.

A Casa das Rosas me parece que sim, acolhe e respeita as pessoas com deficiência. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 30 a 34 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Só posso responder a partir das visitas que fiz ao museu Casa das Rosas. Creio que ele atende muito bem a todos os públicos, inclusive as pessoas portadoras de deficiência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Finalmente, os respondentes foram convidados a concordar ou discordar da seguinte afirmação: “Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem a comunidade LGBTQIA +”, e, mais uma vez, grande parte apontou não saber responder (40%), assim como a maioria também permaneceu concordando com a afirmação apresentada (60%).

Muitos comentários abertos trouxeram reflexões e críticas pertinentes à questão apresentada, discorrendo sobre a diversidade, o respeito e o acolhimento ao público LGBTQIA + nos museus-casa.

Foi o que eu percebi nos cursos que eu pude participar on-line. Muito respeito e acolhimento por todos os tipos de ideias, pessoas e interação entre vários grupos diversificados. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais das três Casas.]

Recentemente houve uma mostra dos filmes de Pasolini, onde pessoas assumidamente homossexuais fizeram suas análises trazendo seus pontos de vista sobre a abordagem homossexual do diretor em suas obras da Trilogia da Vida. Considero como um acolhimento. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou as três Casas

ao menos uma vez este semestre e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida mais de seis vezes.]

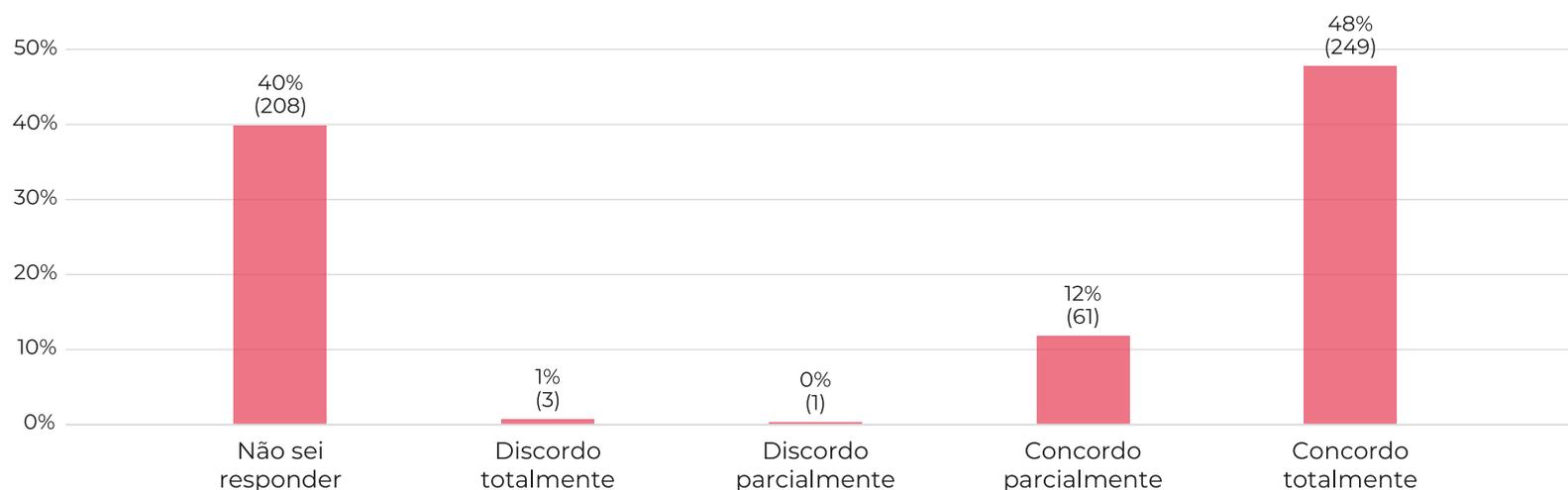
O tratamento respeitoso que os museus-casa dão aos LGBTQIA+ é exemplar. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

São lugares inclusivos e acolhedores. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, graduanda e que participou das atividades virtuais das três Casas mais de uma vez.]

Esses espaços têm-se mostrado como importantes aliados na luta por espaços para pessoas LGBTQIA+, assim como poderia também colaborar em outras lutas como antirracista e anticapacitista. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou de atividades virtuais das três Casas mais de uma vez inclusive este ano.]

Neste caso falo apenas da Casa das Rosas pois é a que mais conheço: já fiz vários cursos, já assisti palestras, saraus e percebo um público bem plural em todas essas atividades. Mas não sei se é suficiente, se isso dá conta de questões mais amplas relacionadas à comunidade LGBTQIA+. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Você concorda com a seguinte afirmação: "Os Museus-Casas Literários de São Paulo são espaços que respeitam e acolhem a comunidade LGBTQIA +"?



Universo de 522 respondentes

Acolher não é só receber e aceitar no espaço, acolher é conhecer para incluir e incluir para pertencer. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Como integrante da comunidade LGBTQIAPN+ não reconheço ações efetivas neste sentido. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de uma vez há mais de três anos.]

Não percebi ainda entre a equipe de funcionários esta diversidade, apenas nos visitantes. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Sou LGBT e não me senti “bem-vinda” na Casa das Rosas, onde a “segurança” é hostil. [Mulher cisgênero, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Não vejo nas programações abordagens ligadas a esta temática. Além disso, acredito que estes espaços deveriam também contratar pessoas deste e de outros grupos minorizados, a fim de fazer valer a pluralidade nestas instituições. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive esta semana.]

A pesquisa realizada demonstrou, de maneira geral, que o público tem interesse pelas atividades realizadas nos três museus-casa, mas apontam falta de divulgação e comunicação da programação; dificuldades de acesso, principalmente aos museus-casa Guilherme de Almeida e Mário de Andrade; pouca informação sobre características arquitetônicas das três Casas; e uma possível elitização da programação.

6. Futuro das programações e exposições

6. Futuro das programações e exposições

Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana, que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade...

Só há que caminhar perto de coisas e pessoas de verdade.

O essencial faz a vida valer a pena.

E para mim, basta o essencial.

Trecho de “O Valioso tempo dos maduros”
Mário de Andrade

Este capítulo apresenta dados sobre o desejo dos participantes da pesquisa em relação às programações culturais e ações educativas, às exposições de longa duração e temporárias, aos acervos e temas.

É importante dizer que um dos aspectos apontados pela maioria dos participantes das rodas de conversa ao serem provocados a refletir sobre as suas expectativas de futuro para os três museus e para a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi **o desejo de garantir, pelo menos, a existência das Casas**. Esse desejo do “mínimo”, da garantia de continuidade, reflete, sobretudo, o momento de instabilidade política, econômica e social vivenciado no Brasil nos últimos anos, com grande impacto para os diferentes setores, inclusive o cultural¹⁵. Apesar do tom de esperança e do clima ameno das conversas, grande parte dos participantes se mostraram apreensivos ao refletir sobre o futuro dos museus.

¹⁵ Para além da pandemia de covid-19, que teve efeitos de grandes proporções, muitas ações (e a falta delas também) impactaram fortemente o setor da cultura no país recentemente: o Ministério da Cultura deixou de existir; a secretaria que passou a cumprir as funções do antigo ministério passou por sucessivas mudanças de gestão; as políticas de isenção fiscal foram alteradas e permanecem instáveis; para citar alguns exemplos.

A gente está num tempo difícil. Acho que o essencial aqui é a sobrevivência. E isso ainda vai levar um tempo pra gente ter tranquilidade. Acho que há esperança atualmente, mas pra ter alguma tranquilidade vai demorar. **Paulo de Freitas Costa**

A barbárie nunca bateu tão perto. E essa barbárie, eu não preciso me estender, acho que todo mundo sabe do que eu estou falando, ela não foi criada nos últimos quatro anos. Ela não é um fenômeno recente, ela estava oculta, enfim, ela estava se gestando. Ela se apresentou agora, mas ela está aí. Portanto, é uma questão estrutural da sociedade brasileira, [...]. Nós estamos por um triz no campo da civilização. Por um triz! Lembrem-se do número de votos que separou uma candidatura da outra. Portanto, os bárbaros estão batendo à porta de Roma e nós sabemos aonde isso pode dar. O problema então, na minha opinião, é: nós temos que resistir. Resistiremos até o fim. Deveremos resistir até o fim, até o último de nós, ao avanço da barbárie. **Carlos Augusto Machado Calil**

Então é difícil até pra gente que produz arte, além também dessa questão do trabalho na cultura, é muito difícil produzir arte agora, ultimamente. É muito difícil poder estar nesses

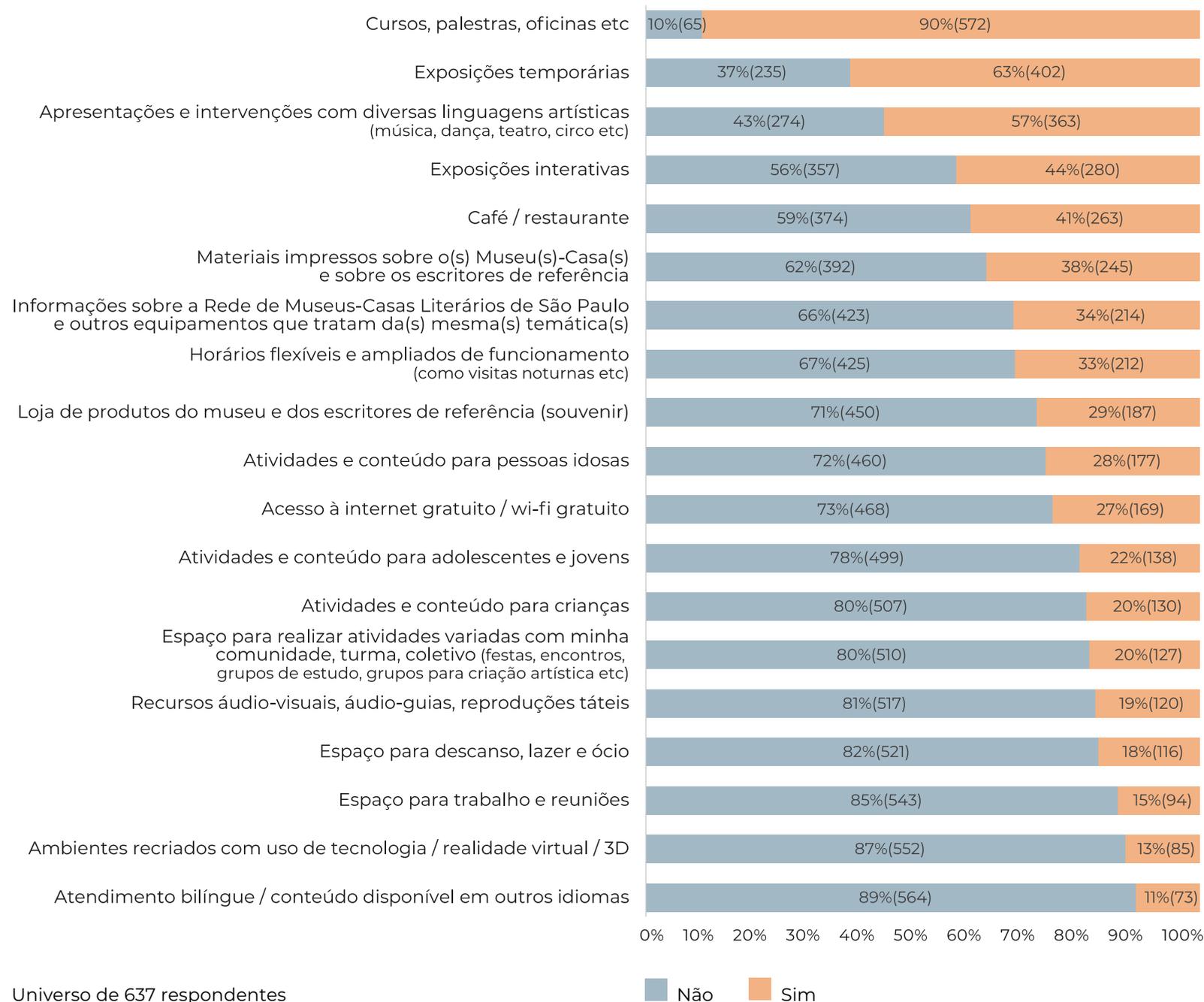
espaços, porque os espaços vão deixando de existir. Mas há uma pontinha de esperança. A gente ainda sente, pelo menos agora, um despontar de uma esperança, ainda que pequena. **Rodrigo Bravo**

[...] eu acho que estamos vivendo um momento importantíssimo de transição, seja politicamente, seja culturalmente. Eu acho que é preciso reviver, que revivamos, que recriamos uma... eu diria assim, uma visão de mundo. Eu acho que isso é uma coisa que precisa ser considerada. Acho que a nossa sociedade está bastante desestruturada. Muita coisa precisa ser feita para as crianças, para os adolescentes, para os adultos, para os velhos, para as minorias. Eu acho que o mundo está fora do prumo, na minha opinião. O mundo está muito fora do prumo. **Alzira Leite Vieira Allegro**

Atividades culturais e exposições: temas e aspectos prioritários

Nas respostas ao questionário, e em conformidade com os resultados apresentados anteriormente, o que o público mais gostaria de encontrar nos museus são **cursos, palestras e oficinas**. Tais atividades foram apontadas como **prioritárias para 90% dos respondentes**, seguidas pelas exposições temporárias (63%), apresentações e intervenções artísticas (57%). Também apareceu de maneira expressiva o desejo por exposições interativas (44%), pela existência de café/restaurante nas Casas (41%), por materiais impressos para divulgação dos

O que você gostaria de encontrar prioritariamente nos Museus-Casas Literários de São Paulo?

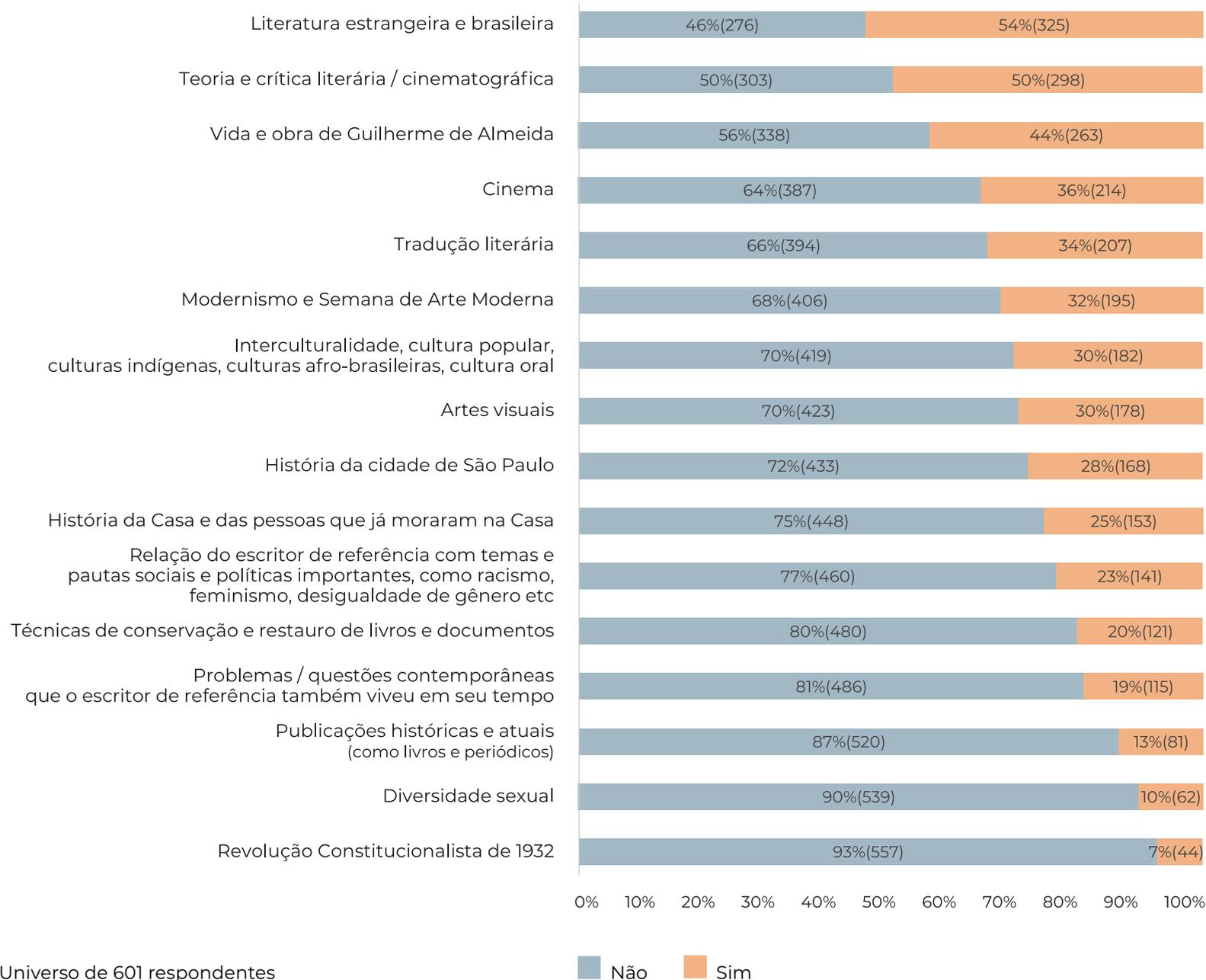


museus e seus escritores (38%), por informações sobre a Rede (34%) e por horários flexíveis e ampliados de funcionamento (33%).

Os respondentes do questionário também foram convidados a priorizar até cinco temas mais desejados para as atividades culturais de cada museu-casa. Os assuntos propostos foram definidos pela equipe da Rede, com ligeiras diferenças para cada Casa.

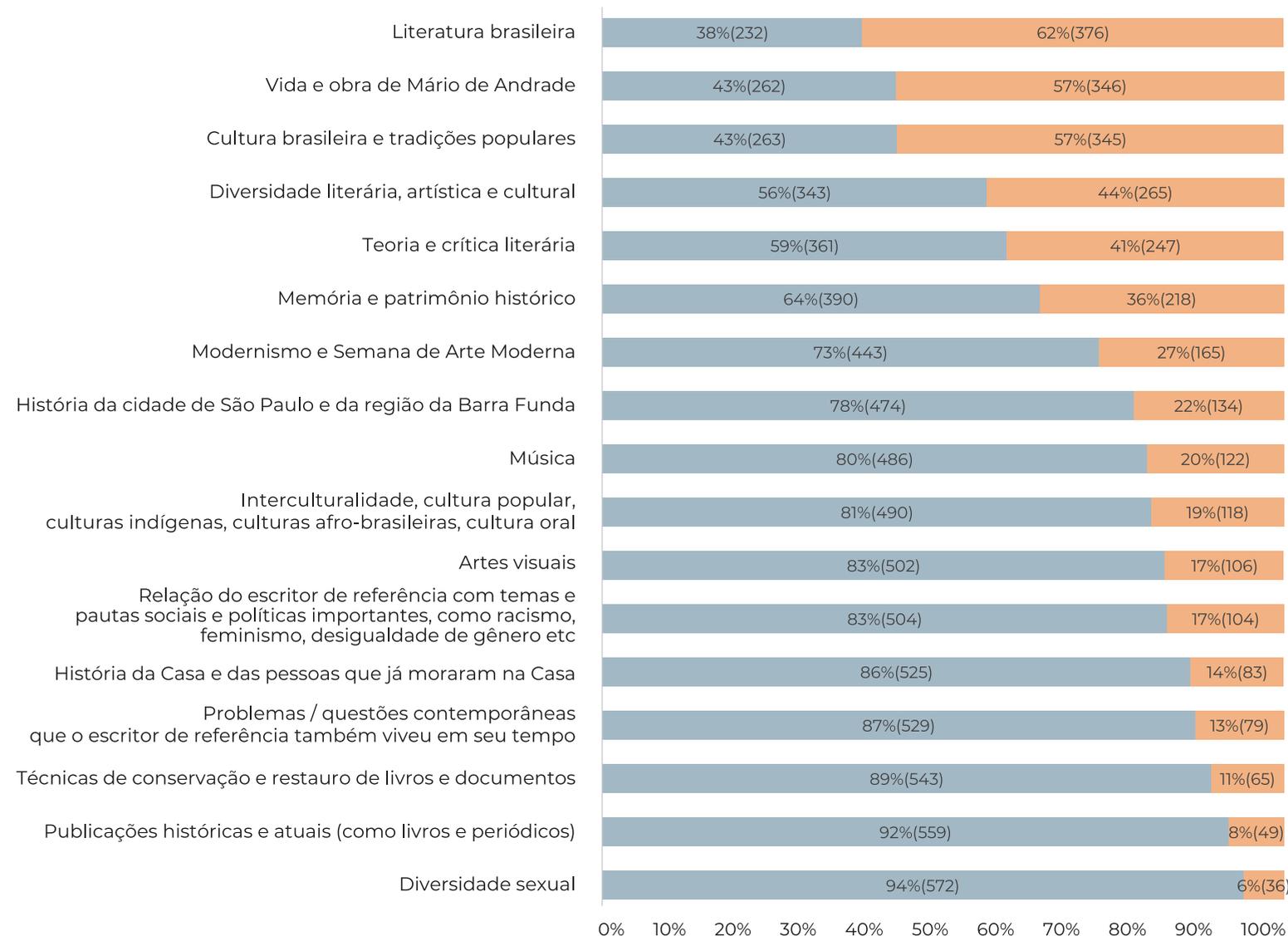
Para a **Casa Guilherme de Almeida**, literatura estrangeira e brasileira (54%), teoria e crítica literária e cinematográfica (50%) foram temas escolhido por pelo menos metade dos respondentes, seguidos de vida e obra do escritor (44%), cinema (36%) e tradução literária (34%), que foram os outros três temas mais votados.

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na Casa Guilherme de Almeida (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Já a **Casa Mário de Andrade** teve três temas votados por mais da metade dos respondentes para as atividades culturais: literatura brasileira (62%), vida e obra do escritor (57%), cultura brasileira e tradições populares (57%), estes dois últimos empatados. Os outros dois temas mais escolhidos foram diversidade literária, artística e cultural (44%) e teoria e crítica literária (42%).

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na Casa Mário de Andrade (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



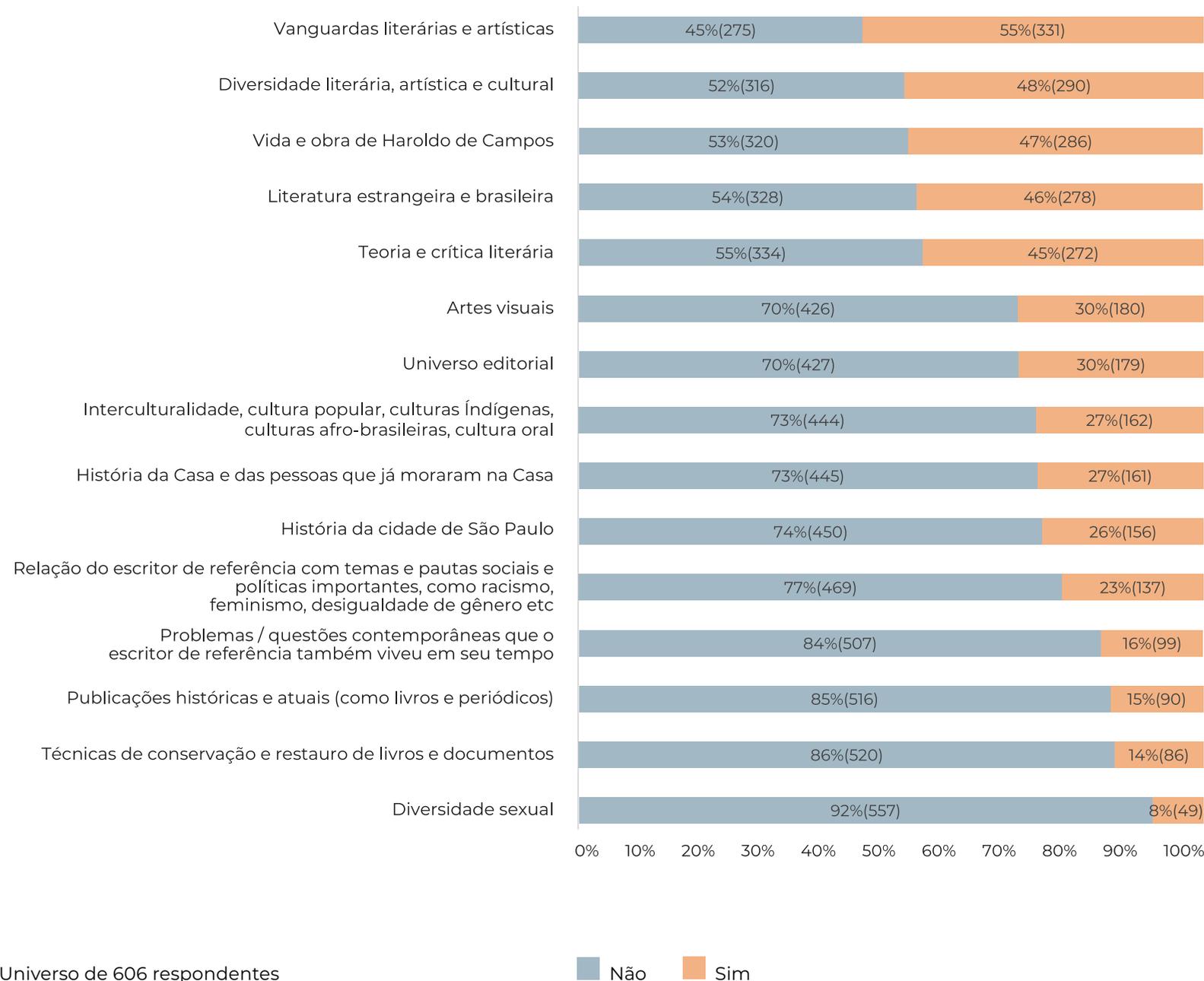
Universo de 608 respondentes.

■ Não ■ Sim

O único tema votado por mais da metade dos respondentes como prioritário para as atividades culturais da **Casa das Rosas** foi vanguardas literárias e artísticas (55%). Os outros quatro mais votados, com percentual muito parecido, foram: diversidade literária, artística e cultural (48%), vida e obra de Haroldo de Campos (47%), literatura estrangeira e brasileira (46%), teoria e crítica literária (45%).

Interessante notar que **literatura brasileira e teoria e crítica literária** são os temas que se repetem e aparecem como prioritários para as três Casas, além de **vida e obra dos autores relacionados a cada Casa**, o que é revelador sobre o desejo dos respondentes de saber mais sobre os escritores referência. Como já mencionado no início do relatório, o interesse pela vida e obra de quem viveu nas casas ou está sendo homenageado é uma característica e uma das expectativas que os públicos têm ao visitar essa tipologia de museu.

Considerando os possíveis temas para as atividades culturais na **Casa das Rosas** (cursos, palestras, oficinas etc), marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



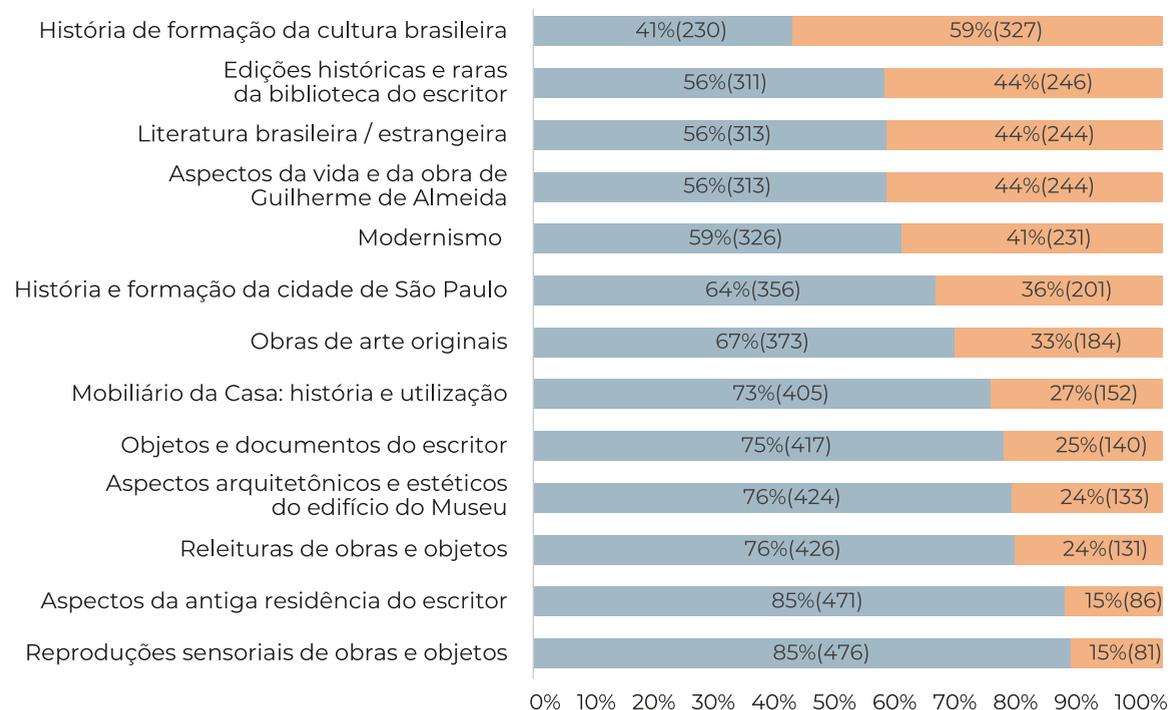
Além das atividades culturais, as exposições também foram alvo de perguntas no questionário. Na **Casa Guilherme de Almeida**, mais da metade dos respondentes espera ver, prioritariamente, exposições sobre a **história da formação da cultura brasileira** (59%). Empatados com 44%, os outros temas sugeridos para as exposições foram: edições históricas e raras da biblioteca do

escritor, aspectos da vida e da obra de Guilherme de Almeida e literatura brasileira e estrangeira. Por fim, ainda entre os cinco temas mais votados, aparece o modernismo, com 41%.

As temáticas priorizadas para as exposições temporárias na **Casa Mário de Andrade** foram similares às da Casa Guilherme de Almeida, com

a diferença de que três temas foram escolhidos por mais da metade das pessoas: **história da formação da cultura brasileira** (62%), **aspectos da vida e da obra de Mário de Andrade** e **modernismo e vanguardas** (poesia concreta, experimental, visual) aparecem empatados, com 59%. Por fim, ainda entre os cinco temas mais votados, estão literatura brasileira e estrangeira

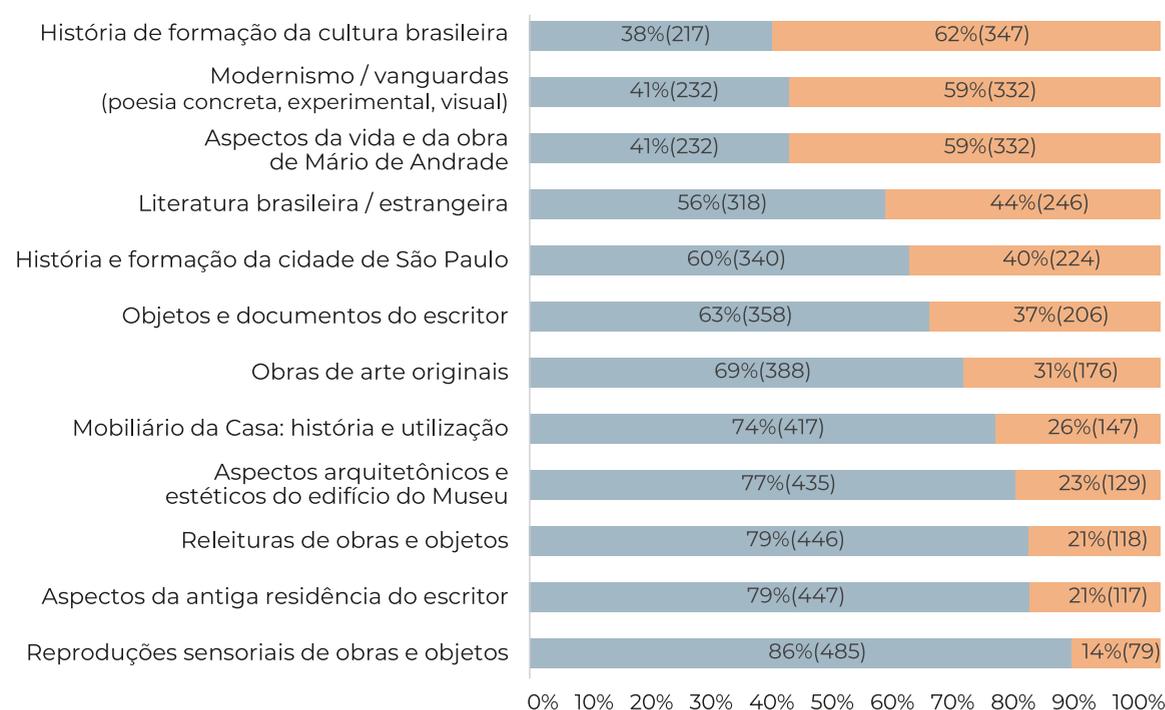
Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa Guilherme de Almeida, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Universo de 557 respondentes

■ Não ■ Sim

Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa Mário de Andrade, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



Universo de 564 respondentes

(44%) e história e formação da cidade de São Paulo (40%). Os respondentes poderiam também sugerir outros temas, e houve alguns comentários específicos direcionados à Casa:

A casa abrigou, nos anos de 1970, a Escola Macunaíma de teatro. Seria interessante pesquisar como foi a experiência da escola na casa de Mário, fazer um debate ou exposição sobre o que, como e com quem a experiência ocorreu. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Mário de Andrade mais de seis vezes inclusive este semestre.]

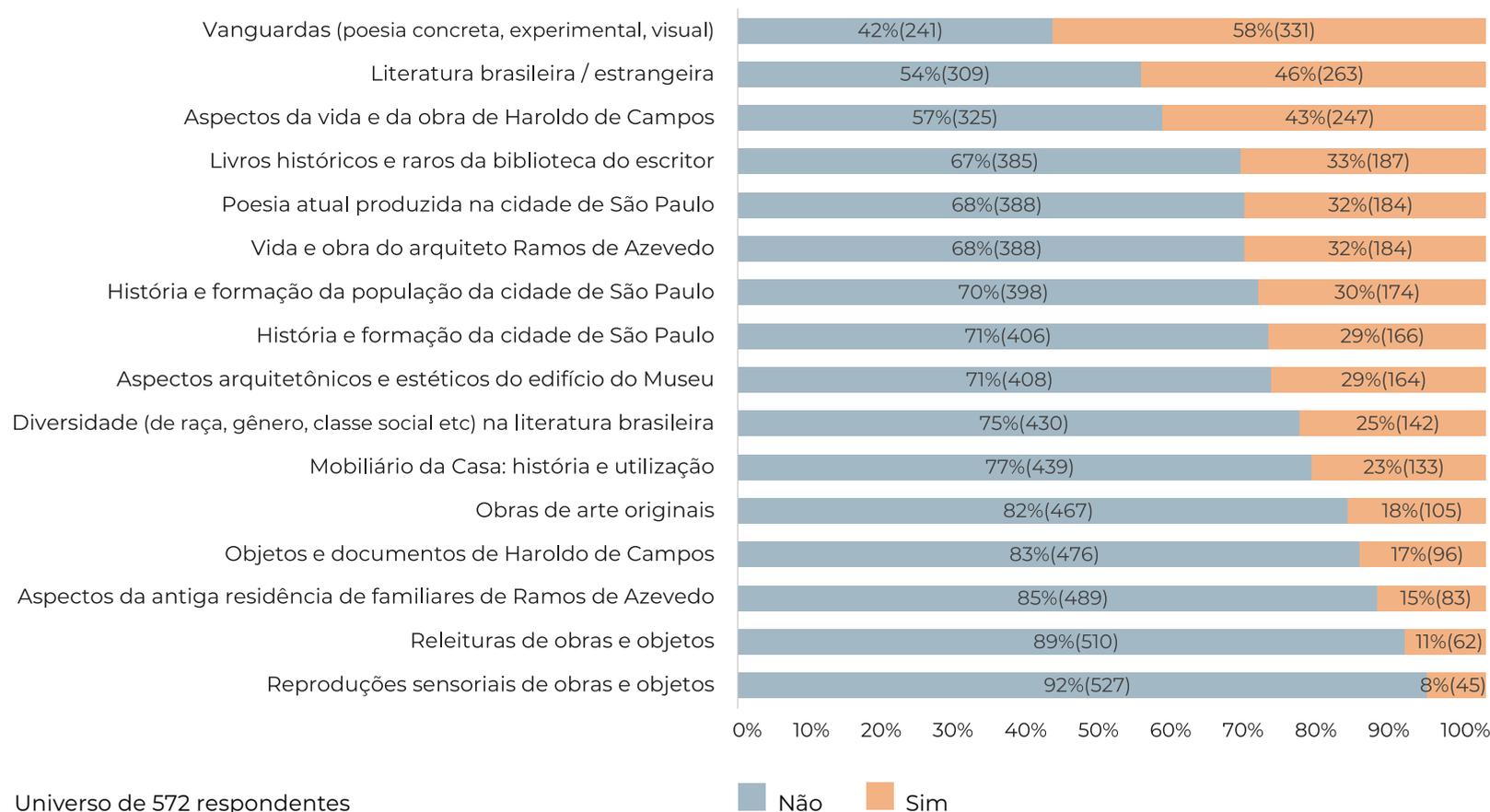
Importante: registro das exposições retrospectivas já ocorridas nas Casas que foram espetaculares e, muitas delas, sem nenhuma publicação ao menos. É necessário um resgate desse trabalho já feito nas Casas, principalmente na Casa das Rosas. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este mês.]

Na **Casa das Rosas** o único tema escolhido por mais de metade das pessoas foi **vanguardas (poesia concreta, experimental, visual)**, considerado prioritário por 58% dos respondentes. Os outros quatro mais escolhidos foram: literatura brasileira e estrangeira (46%), aspectos da vida e da obra de Haroldo de Campos (43%), livros históricos e raros da biblioteca do escritor (33%) e vida e obra

do arquiteto Ramos de Azevedo, que projetou a edificação (32%). **As duas personagens associadas de alguma forma à Casa**, como é possível notar, **são alvo de interesse** do público respondente.

Essa mesma questão, apresentada com pequenas diferenças para as três Casas, tinha como desdobramento a possibilidade de o respondente

Considerando as possibilidades de temáticas para exposições temporárias na Casa das Rosas, marque até cinco alternativas que mais despertam seu interesse



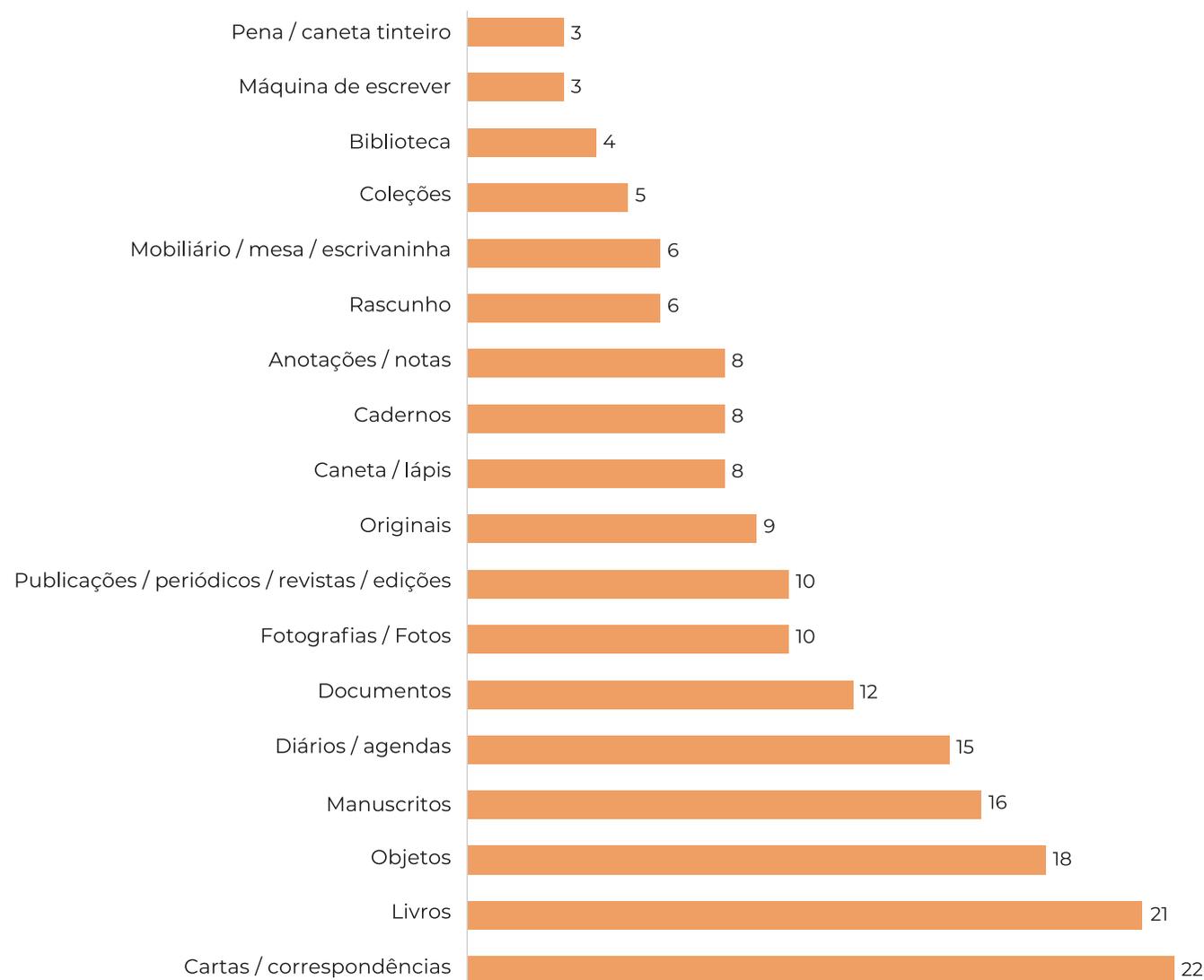
detalhar os objetos e documentos dos escritores de referência de cada Casa que gostaria de ver – a opção aparecia somente para quem marcasse essa alternativa. Apesar de nas três Casas a alternativa não ter ficado entre as cinco mais votadas, em todas obteve algum grau de interesse, com destaque para a Casa Mário de Andrade (37%), seguida da Casa Guilherme de Almeida (25%) e Casa das Rosas (17%). As sugestões de itens específicos que esses respondentes gostariam de encontrar em uma visita foram sistematizadas, por tipo. Destacase o grande interesse por cartas/correspondências, mas também por acesso a livros, objetos diversos, manuscritos e diários dos escritores. No total, foram **184 menções diretas a tipos de objetos**, que foram interpretados por aproximação e agrupados no gráfico apresentado ao lado.

Algumas pessoas mencionaram diretamente que objetos, aspectos ou temas gostariam de encontrar em visitas às Casas e que podem ser destacados dos mais genéricos e recorrentes sistematizados no gráfico por serem **itens específicos do cotidiano de cada escritor** ou do que se espera de um museu-casa. Acessar elementos que se relacionam à criação das obras, ter acesso a esboços e também a documentos pessoais estão entre os desejos. Uma amostra desses comentários é apresentada a seguir.

Sugestões gerais para as três Casas

Tudo relacionado ao cotidiano culinário da casa, festas, recepções. Hábitos alimentares. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 60 a 70 anos, pós-

Destaque itens específicos que os respondentes gostariam de encontrar em uma visita



graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Gostaria de encontrar os livros que “formaram” culturalmente os escritores, que lhes deram inspiração. [Mulher cisgênero, amarela, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Interessante o público ter acesso aos esboços dos escritores. A partir destes arquivos poderia contribuir no entendimento do processo criativo destes intelectuais. [Homem cisgênero, preto, na faixa de 40 a 44 anos, graduado e que nunca visitou os museus presencialmente por morar fora de São Paulo, mas já participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida uma vez.]

Os livros que ele gostava de ler, as músicas que gostava de ouvir, as cartas que ele trocava com os amigos, os objetos pessoais, os presentes que ele guardou de recordação. [Homem cisgênero, preto, na faixa de 40 a 44 anos, graduado e que nunca visitou os museus presencialmente, mas já participou das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes.]

Como arquiteta gosto de conhecer os espaços dos museus-casa e conhecer sua relação com a cidade, além da relação da vida do autor com seu tempo e com o tempo presente. O que de suas preocupações ou influências chegaram até

nós como estímulo a novas produções. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Itens específicos sobre Guilherme de Almeida

Manuscritos, livros com marginalia, cartas, roupas, as bandeiras que pertenceram ao escritor Guilherme de Almeida. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Na verdade, tenho interesse em documentos, gostaria de conhecer mais a respeito da participação do Guilherme de Almeida na exposição que ele organizou para a festa do quarto centenário. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Itens citados específicos sobre Mário de Andrade

A coleção de arte popular de Mário de Andrade. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 25 a 29 anos, pós-graduação e que já visitou a Casa Mário de Andrade uma vez há mais de um ano.]

Cartas, notadamente aquelas com interesses polêmicos / políticos, como a carta à Manuel Bandeira, onde Mário admite que é homossexual. Enfrentar os tabus!!!! [Homem cisgênero,

indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades das três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Mário de Andrade: documentos pessoais (do tipo: certidão nascimento, fotos da sua infância, dos pais, histórico escolar, cadernos etc.). [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade mais de duas vezes inclusive este semestre.]

Rascunhos de Macunaíma. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Sinto falta na Casa Mário de Andrade algumas obras que foram tão importantes em sua vida, como o Cristo de Trancinhas de Brecheret, o qual só me lembro de ver uma foto da obra, e obras de Anita Malfatti. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou ou participou de atividade virtual da Casa Mário de Andrade mais de duas vezes há mais de um ano.]

Tudo sobre as viagens de Mário de Andrade pelo Brasil. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de um ano.]

Utensílios de cozinha da família do Mário de Andrade. Cadernos e livros com anotações do Mário de Andrade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já

visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Itens citados específicos sobre Haroldo de Campos

As obras de Haroldo de Campos e livros raros e/ou que o escritor usava como referência. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduado e que já visitou as três Casas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Coisas do relacionamento de Haroldo com Octavio Paz. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 25 a 29 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes inclusive esta semana.]

Livros raros ou de referência utilizados pelo Haroldo de Campos com suas anotações. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas uma vez inclusive este semestre.]

Manuscritos / rascunhos de Haroldo de Campos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de três anos.]

Além dos assuntos assinalados como os mais prioritários, os respondentes também trouxeram espontaneamente sugestões de temas em outros campos abertos do questionário. A seleção de comentários abaixo ilustra algumas das expectativas do público ouvido. Entre elas, destacam-se a importância de refletir sobre o

papel das casas na construção de narrativas sobre a cidade de São Paulo e sobre o país (que história se quer contar?); e o desejo de maior **protagonismo do público na própria concepção das atividades.**

Temáticas gerais para as três Casas

Gostaria que as Casas trabalhassem mais conteúdos relacionadas aos povos indígenas, África, estudos africanos e literatura negro-brasileira, como cursos, encontros, simpósios, palestras, oficinas, lives etc. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Acho que as temáticas “Haroldo de Campos”, “Modernismo” e “Poesia” são muito repetitivas na Casa das Rosas. Por que não explorar mais a prosa, a literatura e a escrita criativa? [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Maior conteúdo sobre teoria da tradução e sobre autores brasileiros. Sei que a Casa Guilherme de Almeida tem apresentado programação sobre esses temas, mas ao menos as palestras e cursos que acompanhei este ano me pareceram fracos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme De Almeida mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Que incluam na difusão da obra dos autores atividades audiovisuais, tais como: cinema, teatro, música e poesia. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Acredito que as Casas devam ajudar a construir uma nova imaginação política sobre a cidade e o país, no caso de São Paulo pensar a volta de suas florestas, a afirmação da cultura de suas periferias, a reabertura de seus rios, a afirmação dos valores republicanos, democráticos, latino-americanos e de pluralidade na diferença. [Homem cisgênero, indígena, na faixa de 34 a 39 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades das três Casas mais de uma vez há mais de um ano.]

Exemplos de atividades

Antes de mais nada, registro aqui a expressão do meu eterno agradecimento pela formação que recebi das três Casas em literatura e cinema. Mas gostaria de propor constantes atividades no apoio ao desenvolvimento de obras artísticas literárias (apoio a escritores, mesmo fora dos cursos de formação da Casa) e maior abertura para proposição de cursos planejados com enfoque diferente dos paradigmas adotados pela casa: em arte não há regras e os pontos de vista para formação do artista são quase que “ilimitados”. Assim, gostaria de conhecer como as equipes de formação dos saraus da periferia trabalham (eles têm um método próprio para formar seus

juvencos escritores) e eu mesmo gostaria de propor cursos para escrita criativa e outros cursos propondo uma maior amplitude na bagagem para reconhecimento artístico como semiótica e estilística. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou as três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Com relação às três Casas: que permaneçam os saraus literários na Casa das Rosas e sejam também estendidos para as casas Guilherme de Almeida e Mário de Andrade. [Homem cisgênero, pardo, na faixa de 60 a 70 anos, graduado e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este mês.]

Programação musical em todas! Relacionar a história do local, das pessoas que ali habitavam com a cidade. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 45 a 49 anos, graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Participar de uma formação que trate da mediação entre literatura, museologia e cidade de São Paulo. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Cursos de higienização, manuseio de papel (diferentes papéis) e restauro de obras museais! [Homem cisgênero, branco, na faixa de 20 a 24 anos, graduando e que conhece, mas nunca visitou as três Casas.]

Gostaria de ter acesso a novos documentos e a espaços com atividades interativas que nos aproximasse dos escritores. Sugiro também que criação de um passeio aos túmulos dos escritores nos cemitérios mais importantes de São Paulo, pois é uma oportunidade de conhecer aspectos pouco explorados da cultura. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Participantes das rodas de conversa destacaram o potencial da Casa Guilherme de Almeida como um lugar de **valorização da cultura e da literatura de imigrantes, em língua portuguesa e estrangeira;** e o da Casa Mário de Andrade para **discussões sobre questões étnico-raciais.**

Eu vejo a Casa Guilherme de Almeida, mais especificamente, como um lugar em que essas culturas diferentes que existem e que coabitam conosco podem convergir, porque nós não temos só literatura escrita em língua portuguesa. A gente tem o exemplo aí da literatura árabe brasileira, escrita pelos poetas egípcios e libaneses que chegaram aqui no começo do século XX. A poesia escrita em português. Tem uma escola de haikai japonesa aqui, em São Paulo, que se desenvolveu em paralelo com as escolas japonesas. [...] São coletivos artísticos que já existem há muito tempo, são estabelecidos aqui há muito tempo. E claro, agora também, com a chegada de mais imigrantes da China, imigrantes do Haiti. Nós temos outras tradições,

outras culturas e outras literaturas circulando aqui, no Brasil, que não são especificamente em língua portuguesa. Então, conhecendo o espírito do Guilherme, que era um diplomata, uma pessoa sempre envolvida com a comunicação entre as culturas, ele era cidadão honorário do Japão, ele trouxe, ele foi a ponte entre a imigração japonesa e os brasileiros. Então, partindo desse espírito do Guilherme, pensando em como a Casa pode contribuir com essa integração, eu acho que no futuro seria muito interessante estender o olhar para essas comunidades que cultivam ainda outras práticas literárias, que não especificamente na língua portuguesa. **Rodrigo Bravo**

Eu gostei da ideia de acolher essas minorias, os indígenas... a literatura, a cultura dos estrangeiros que viveram no Brasil. Acho que hoje a gente precisa estimular isso. Não sei, acho que seria maravilhoso ter um haitiano contando da literatura dele, um afegão, que veio para o Brasil, um iraniano, ucraniano, seja de onde for. Literatura não tem fronteiras! **Alzira Leite Vieira Allegro**

A partir do Mário de Andrade a gente pode discutir também o recorte étnico-racial, porque a gente passa ao largo dessa discussão, muitas vezes, e na ótica das ações decoloniais, que cada vez mais são necessárias – o Marcelo [Mattos Araújo] lembrou muito bem. Essa é outra urgência e talvez possa atrair o público mais jovem, o público mais periférico desses temas que às vezes parecem tão elitistas, né? **Claudinéli Moreira Ramos**

Vida íntima, vida digital e novos públicos: dimensões fundamentais

Nas rodas de conversa, foi consenso entre os participantes que para o visitante de um museu-casa é fundamental que o espaço seja uma **janela para a intimidade** de seus antigos moradores, para a vida dos escritores de referência de cada Casa. Todos concordam que os visitantes anseiam encontrar bastidores da vida cotidiana e do ambiente doméstico.

Uma das participantes destacou como as experiências com o ambiente doméstico podem ser surpreendentes: contou sobre uma pesquisa etnográfica realizada no museu Casa Ema Klabin em que a pesquisadora constatou que o banheiro da casa é o principal lugar de fotos (*selfies*) e onde os visitantes mais permanecem. Relatos da equipe da Rede sobre a Casa das Rosas também dão conta de que o banheiro é um dos principais lugares de visita da casa. Esses dois exemplos reforçam a ideia de que entrar na intimidade das casas é uma expectativa e um desejo compartilhado pelos visitantes.

Uma aluna minha fez uma pesquisa na Fundação Ema Klabin e ela queria entender por que as pessoas passavam tão rápido pelo quarto da Ema, em que tem arte africana, pré-colombiana e ninguém ficava sequer um segundo! São peças raríssimas pré-colombianas. E ela começou a conversar com o público – ela é mediadora lá – e as pessoas diziam: “A coleção é bacana. Mas eu venho aqui porque eu fico

imaginando a Ema nessa casa”, então... Parece que o lugar que as pessoas fazem mais self é o banheiro. [...] Ela mediu o tempo, [...] levou um cronômetro, e o lugar em que as pessoas ficam mais tempo é o banheiro. Eu acho que elas ficam imaginando a intimidade daquela mulher, que é de outra época, outro estrato social, origem europeia, ali naquele banheiro [...]. Então, a sala de jantar, a biblioteca e o banheiro chamam muito mais atenção do público do que a coleção [de arte], que é também espetacular – que tem um [Marc] Chagall, por exemplo.

Ilana Seltzer Goldstein

*Porque nos museus, nesses museus – os museus literários, principalmente, a gente tem aquele público que entra por curiosidade. Tem aquele público que gosta, que é admirador daquele escritor, daquele poeta. Agora, tem uma legião também de fãs completamente apaixonados, que também a gente tem que dar conta, né? E a gente vê muito isso. Eu vi, eu assisti. Não agora, mas há alguns anos, na Casa Rui (há bastante tempo! [Risos]), as pessoas chegavam e choravam: “Meu Deus! Ele dormiu nessa cama! Ele tocou, assim, ele tocou, ele escreveu com essa pena?” Existe esse encantamento, esse fascínio do protagonista também, da conexão. **Jurema da Costa Seckler***

Na perspectiva de muitos participantes das rodas de conversa é fundamental recompor a história dos escritores de referência de cada uma das Casas, mas também de outros antigos moradores dessas residências, da própria edificação, dos objetos e até mesmo do entorno (bairro, cidade) ao longo

do tempo. Isso não significaria “remontar um cenário” fixo de como era a casa antigamente, mas sobretudo **abordar as transformações e múltiplas relações estabelecidas nas e com as casas em seus diferentes momentos de vida**: a relação entre pessoas (dentro e fora), objetos e edificação, registrando os seus movimentos ao longo do tempo.

E também tenho uma preocupação em ter a memória do espaço em si, da própria edificação dos estilos arquitetônicos, enfim, de como que se chegou ali. É óbvio que o maior destaque é a Casa das Rosas, que é do [obra do] Ramos de Azevedo, mas as outras Casas também têm eu acho que uma história pra contar, né? A [Casa] Guilherme de Almeida, aqui, ainda tem os ambientes preservados, mas as outras Casas não, então isso coloca uma dificuldade adicional de trazer essa memória daquele espaço, enquanto casa, enquanto era habitado, né?

Paulo Freitas da Costa

Acho que o papel – algo muito importante que tem que estar em vista das instituições culturais públicas, dos museus, dos museus que trabalham com bem material e imaterial, né? – é pensar que a gente tem que salvaguardar aquilo que já foi produzido em todos os campos desse conhecimento vasto que começa com a língua e vai se expandindo para outras técnicas do domínio humano ao longo da história. Eu acho que esse é o papel da preservação, esse é o papel da redescoberta da difusão da memória: é exatamente guardar aquilo que já foi construído até aqui e cuidar

para que isso seja fomentado e mostrado às outras gerações. **Donny da Silva Correia**

Para além dos objetos, uma das maneiras de abordar essas múltiplas narrativas também é por meio da **história oral**. No caso da **Casa Mário de Andrade**, o fato de o acervo estar no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) **impõe um desafio para uma eventual reprodução de ambientes**, mas essa memória pode ser abordada de outros modos, sem o suporte dos objetos. O registro oral de pessoas é parte fundamental desse processo, sobretudo considerando que a edificação continua estabelecendo novas memórias durante o percurso de vida – o fato de a casa estar em reforma agora redobra a exigência desses registros.

Na Casa Mário de Andrade foi feita uma restauração, que eu acho maravilhosa, a gente tem a sala do piano, da aula funcionando. Só que tudo que compunha aquilo – e a gente tem esse acesso por causa do vídeo que foi feito, post mortem, está no IEB ou está com familiares. Então eu acho que tem uma questão de acesso, em primeiro lugar, que é: a gente tem que remontar, e eu acho que não é “cenarizando” aquilo, mas tem que remontar por onde aquelas peças foram[...]. Primeira coisa que eu quero falar sobre publicização: a gente tem que entrevistar pessoas que passaram por esses lugares e essas entrevistas têm que ser disponibilizadas. Nós temos canais digitais para isso, porque isso é uma superfície de estímulo, até mesmo para a literatura que está sendo ensinada no ambiente escolar, né? Hoje não adianta mais pensar em

*enciclopédia... Não é esse o mecanismo. Mas existem trabalhos de acessibilidade e inclusão que podem ser feitos a partir dessa coleta de memórias – quase rodas de conversa. A Casa Mário de Andrade precisa disso urgentemente, ainda mais porque, com essa linda intervenção que ela vai sofrer, ela vai se desmontar ao mesmo tempo, né? **Fernando Atique***

A Casa das Rosas tem seus desafios próprios, como já mencionado anteriormente. A construção da relação da casa com **Haroldo de Campos** começou com a chegada de seu acervo e vem se fortalecendo ao longo dos últimos anos, mas, por ser menos “natural” do que a relação dos outros autores com as outras casas, exige atenção redobrada.

*[...] Eu também vejo como um grande desafio a Casa das Rosas, porque o visitante fica fascinado com essa viagem no tempo ou com você conhecer a intimidade de um personagem histórico. E aí, como é que fica se isso não é colocado em destaque, numa casa tão linda, né? **Ilana Seltzer Goldstein***

Além de Haroldo de Campos, na visão de vários dos participantes das rodas de conversa, a Casa das Rosas também precisa **trabalhar melhor a relação com Ramos de Azevedo**, assim como com a Avenida Paulista, desde a sua construção até os dias atuais.

Acho que valeria lembrar que a Casa das Rosas foi construída pelo Ramos de Azevedo e tem toda

*uma história ligada à Avenida Paulista. Eu acho que isso era bom de ser recuperado, né? De ter essa consciência que ali foi feito pelo Ramos de Azevedo, que ele habitou ali. Contar a história desse personagem. Abraçar o Ramos de Azevedo assim como se abraçou o Haroldo [de Campos]. Eu acho que essa dupla faz bem à Casa, mas tem um protagonismo maior na questão do Ramos de Azevedo, com filmes, vídeos. Enfim, contar a história, que é isso que a gente estava falando. Então, “De quem era essa casa?”/ “Do Ramos de Azevedo, quem foi esse fulano. Aconteceu isso...” Fotos da época [...] E aí abraça a coleção do Haroldo também. O próprio jardim, ali da Casa das Rosas, é muito propício para que se façam exposições do lado de fora, porque as pessoas ali transitam, né? O público espontâneo que passa pela frente da casa, se interessa muito pela casa e pelo jardim. A gente tem uma semelhança com isso com relação ao Museu Paulista. [...] Assim, muitas pessoas vão lá para ver o palácio. Elas estão indo para conhecer aquele palácio. Era um monumento que virou um museu – o Museu do Ipiranga. As pessoas vão ver aquela coisa do palácio, aquela grandiosidade. Eu acho que isso acontece também na Casa das Rosas. É um dos museus mais visitados que a gente tem aqui. Então essa luz no Ramos acho que seria interessante para a Casa – ganhar essa vida dele, né? Passar isso para dentro e ser isso mais evidente. **Tadeu Jungle***

E eu acho importante deixar claro até como é que a gente constrói e reconstrói a nossa memória o tempo todo. E essa reflexão eu acho

*muito importante levar para a Casa das Rosas, porque, assim, ela é um nó, no estado, desde que ela virou um bem estatal. Ela é originada de um processo grande, de uma sensibilização, inclusive popular, para evitar que se perdesse aquele monumento arquitetônico, mais do que qualquer coisa, na Avenida Paulista. Ela é muito mais um museu-casa de uma rua, de um tempo histórico, de um período do desenvolvimento de São Paulo do que da família do Ramos de Azevedo, e, com certeza do acervo do Haroldo de Campos, ainda que faça todo o sentido a gente trabalhar todos esses personagens que tem a ver com a história do desenvolvimento desse equipamento cultural [...] Acho super legítimo a gente recuperar as questões arquitetônicas, nos três casos, as questões de território geográfico, especialmente na Casa das Rosas. E eu acho que a fala do Tadeu é muito feliz: essa recuperação do Ramos de Azevedo faz todo um sentido ali, nesse contexto mais amplo, do que é esse espaço para o coração da cidade. **Claudinéli Moreira Ramos***

A constituição de **bancos de dados** sobre os escritores de referência e sobre o acervo dos museus-casa, com pleno acesso a referências e a publicações sobre os autores, apareceu como um ponto importante compartilhado por mais de um participante das rodas. Nesse sentido, o **uso das tecnologias digitais** apareceu como um grande aliado, pois permite que todo o material seja disponibilizado para consulta nos sites dos museus.

Essas pessoas, elas foram importantes para os seus lugares – e acho que nada supera a

*experiência de ocupar esses lugares. Então a Casa Guilherme, ela é um desbunde! Ela está íntegra, com todo acervo. Só que, ao mesmo tempo, você chega lá para visitar e acontece algo, que é muito recorrente no sistema cultural do Brasil inteiro – alguém quer... “Tem publicação sobre isso, para eu poder levar e reproduzir?” Não tem publicada no offset e não tem na internet. E a gente sabe que a gente tem uma produção no sistema universitário enorme sobre isso! Eu, pelo menos, conheço duas pessoas que fizeram trabalho sobre a Casa Guilherme. Sobre a Casa Mário então, tem várias! Sobre a Casa das Rosas é gigantesco! [...] Eu tive um orientando que o ano passado defendeu a biografia do Ernesto Dias de Castro. [...] A gente descobriu várias coisas! Onde é que esse material está depositado? Não está! Como é que o sistema de cultura do estado tem que atuar? Ele tem uma imprensa oficial! Ele tem que apoiar a publicação que diz respeito aos equipamentos dele e ele não faz isso! **Fernando Atique***

Para além de um banco de dados capaz de contemplar múltiplas referências, usar **recursos que consigam ampliar as possibilidades de fruição** dos conteúdos no espaço expositivo também apareceu como sugestão.

Eu brinco com o pessoal da Casa Mário que seria super bonito a gente, um dia, conseguir fazer uma exposição holográfica das peças que estão disponíveis no acervo do IEB, por exemplo, colocando ali um simples leitor de QR-Code. Isso é algo que também dá para ser feito. Isso dá para ser feito via concurso.

*A gente tem um monte de produtor digital, que aparentemente não tem nada a ver com literatura, mas tem tudo a ver com o espaço dos museus. E eu, como estou na universidade, e a gente está sendo impelido a pensar isso, eu quero fazer um pouco essa provocação. A gente não tem mais que pensar o que foi até agora, na sobrevivência. Ele [o museu] tem que ser pensado a partir das contemporaneidades das novas linguagens e do dinheiro que o estado tem, porque tem. Então eu acho que a gente tem que convergir para as novas possibilidades aí de atuação. **Fernando Atique***

Eu sempre senti falta de uma visita guiada nos museus com QR-Code, audioguia nos celulares.

Davidson Panis Kaseker

O uso de tecnologias digitais como estratégia para tornar os museus-casa mais atrativos para novos públicos também foi destacado como recurso para favorecer a comunicação com novos públicos, sobretudo os jovens.

Como seduzir essas pessoas? Como tornar o museu sexy? Como as casas-museu ficam sexy? Como que a gente consegue entrar definitivamente nesse século XXI tão conectado, tão polemizado pelas coisas digitais, pelas redes etc.? Hoje em dia a gente tem personagens que a gente nem sonhava há, sei lá, cinco, seis anos atrás – os influencers! Quem são essas pessoas? O cara tem lá 100 mil seguidores! A Casa tem 30 mil, 20 mil. [Risos] O cara, qualquer coisa, ele vai ter 100 mil, 200 mil, 500 mil, 1 milhão

de seguidores! Esse mundo que a gente está vivendo... A gente precisa dialogar com esse mundo. Quer dizer, não precisa gostar desse mundo, mas precisa dialogar com esse mundo. Então eu acho que, de alguma maneira, tem que haver consciência disso dentro das diretorias das casas-museu, dos conselhos, para que eles se tornem mais pop [...]. Que a difusão consiga ser traduzida. Que se pegue uma determinada informação e ela seja traduzida de uma maneira mais pop, para tentar pegar também a molecada que está chegando, que tem um outro tipo de pensamento. Vivemos aí durante décadas, ou século, com determinado tipo de olhar para museus etc. etc. E hoje em dia isso é completamente diferente. As pessoas têm um interesse muito grande pelas informações curtas, sucintas etc. **Tadeu Jungle**

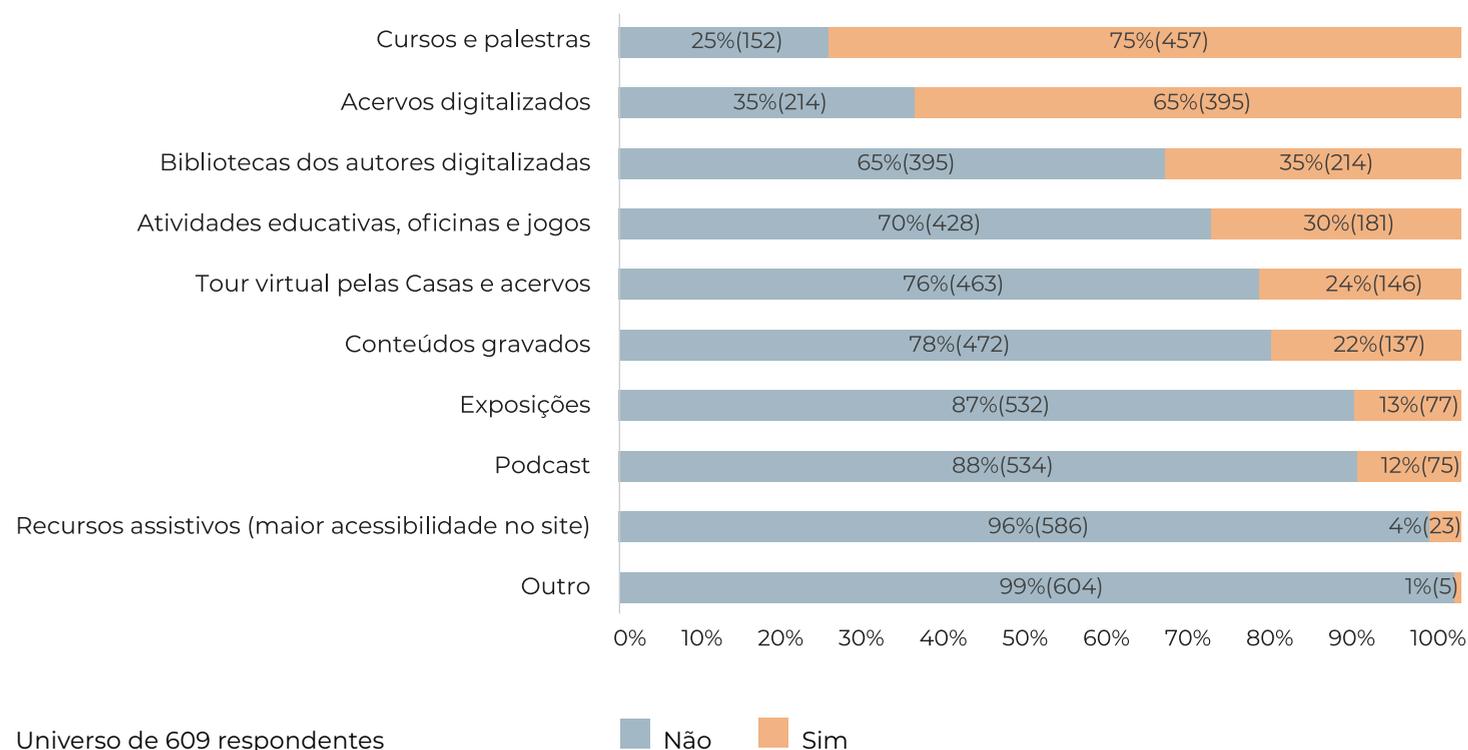
Nesse contexto de possibilidades para ações virtuais e de uso de recursos de tecnologia digital, os respondentes do questionário tiveram que priorizar até três atividades ou itens que gostariam que os museus-casa oferecessem em ambiente virtual. O item mais escolhido foi **cursos e palestras** (75%), o que dialoga diretamente com comentários abertos do questionário (apresentados a seguir) que reforçaram a importância de versões virtuais dos cursos oferecidos pelas Casas. Além disso, a **disponibilização digitalizada dos acervos** (65%) e das bibliotecas dos autores de referência (35%), em proporção um pouco menor, foram os dois outros itens mais votados, reforçando a sugestão também apontada pelos participantes das rodas de conversa.

Interessante notar que comentários relacionados a ações virtuais apareceram ao longo de todas as perguntas abertas do questionário. A manifestação espontânea sobre o tema demonstra a **relevância de considerar e incrementar a programação digital** como algo constitutivo das instituições museais – inclusive, aproveitando os aprendizados obtidos durante a pandemia de covid-19, que exigiu rever a atuação nesse meio e criar novos modos de se relacionar que vieram para ficar.

Acho que faltam cursos de formação em literatura e escrita. Os Clipes têm poucas vagas e são presenciais. Seria interessante ter mais cursos síncronos ou on-line. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Eu gostaria que as Casas oferecessem todas as alternativas sugeridas no ambiente virtual, mas

O que você gostaria que os museus-casas literários oferecessem em ambiente virtual?



só podia marcar três! [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Por favor, fortaleçam a possibilidade de oferecer cursos de formação, como o programa para tradutores literários, com turmas on-line. Resido no MS e não tenho condições de participar presencialmente das atividades. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduado e que já participou das atividades virtuais das três Casas mais de duas vezes e visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Gostaria de ter acesso ao acervo virtualmente e ter acesso às gravações de palestras e cursos. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 30 a 34 anos, pós-graduado e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa das Rosas mais de uma vez inclusive este semestre.]

Gostaria que as atividades virtuais noturnas (cursos e oficinas) iniciassem às 20h, pelo menos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

O que mais me interessa são palestras e cursos on-line, sobre literatura, poesia e tradução. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais da Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas mais de duas vezes inclusive este mês.]

Por outro lado, houve quem manifestasse desejo e saudade das atividades presenciais, reforçando que os museus são também percebidos como **espaços de encontro e convivência**.

Gostaria que os cursos presenciais voltassem. Realizei vários cursos nas três Casas antes da pandemia e agora só vejo cursos on-line. Os cursos presenciais são uma ótima forma de conhecer pessoas e andar pela cidade. Obrigada. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das três Casas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

A necessidade de **expandir as atividades dos três museus-casa para novos públicos, principalmente para o público jovem**, também foi um dos temas trazidos pelos participantes tanto das rodas quanto do questionário. A **utilização de outras ferramentas de diálogo** foi descrita como forma de acessar esses novos públicos. De diferentes linguagens artísticas, como a performance, ao uso de novas tecnologias e recursos digitais, com *podcasts*, realidade virtual etc., todos são dispositivos vistos como aliados estratégicos na relação com novos públicos. **Atingir públicos mais periféricos** também foi uma expectativa apontada pelos participantes das rodas de conversa, que ressaltaram o desafio dessa ampliação de público. As alianças com os saraus e movimentos sociais, já mencionados, aparecem como possibilidades de contribuição para a popularização e a democratização dos conteúdos trabalhados nos museus.

As Casas têm se preservado e têm crescido em termos de consideração, conhecimento e reputação. Então, eu vou abordar um aspecto que eu acho fundamental. A questão de interessar, particularmente agora, não apenas o público cativo, o público que as próprias Casas têm, em função dessa disposição, disponibilidade e atuação do diretor, mas o público jovem. Então eu acho que existem várias possibilidades. Em primeiro lugar, a divulgação das agendas que possam interessar aos jovens. [...] é preciso se abrir acho que pra juventude, como que os jovens podem ser atraídos pela programação da Casa. Convidar esse público jovem para fazer performances aqui. Eles adoram isso! Eles adoram, eles mesmos serem os autores, eventualmente, de projetos ligados a Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Haroldo de Campos, não é? Quer dizer, poetas. Eles gostam de fazer performance de poesia. Eu assisti pessoalmente a performance de poemas do Affonso Ávila, que eu havia lido, assim, sem me emocionar tanto. Era um poema chamado "Pedra". E ele conseguiu criar uma atmosfera de atenção e de entusiasmo na plateia, devido a essa performance. [...] Eu acho que a performance é muito importante para esse público jovem, que venha ele mesmo participar.
Aurora Fornoni Bernardini

Trazer os alunos até aqui também, mas principalmente divulgando a mensagem das escolas. A aproximação com esses coletivos de literatura espalhados pela periferia. Esse diálogo não é feito. **Paulo de Freitas Costa**

Então eu acho que esse aspecto de preservar a memória e o conhecimento é um aspecto fundamental. E isso tem a ver com a nossa identidade cultural. Agora, é preciso se abrir, acho que pra juventude, ver como que os jovens podem ser atraídos para a programação da Casa. **José Antônio Alves Torrano**

Eu fico pensando na possibilidade até de concursos de poesias nas escolas, evidentemente capitaneado pelas Casas, nessa sinergia criada pelas três, levando a proposta, um eixo temático, enfim, a possibilidade até para escolas mais distantes que não tenham acesso, não, professor? Porque a ideia de trazer a escola para as Casas é muito significativa. Porém, eu fico pensando naquela escola mais distante, na periferia, que teria uma dificuldade. É claro, a prioridade, com o tempo, seria fazer um programa de aproximação desses alunos e transporte. **José D'Amico Bauab**

Por fim, mas não menos importante, **abrir o espaço das Casas, incorporar novos agentes, abrigar múltiplas vozes e trabalhar para garantir a projeção de perspectivas decoloniais** são movimentos essenciais e sem volta, que têm entre seus efeitos criar novos sentidos e narrativas para os espaços.

Acho que agora, particularmente, [e isso] é reforçado a partir do meu trabalho em museus, que sempre foi a minha área de atuação, pensando e repensando e reforçando a crença na possibilidade do trabalho em rede, que eu

acho que é o caminho absolutamente necessário e fundamental para o desenvolvimento do trabalho museológico, para os desafios, chamados de decolonização. Eu acho que a perspectiva museológica se traduz justamente pela necessidade de abertura de espaços e de incorporação de novos agentes e novas vozes no processo museológico como um todo, e não apenas de uma maneira... como objetos das nossas ações, mas agentes atuantes em todos os momentos, seja de coleta, de conservação, de definição de procedimentos de catalogação e, obviamente, nas atividades de mediação e, portanto, de exposição, como de educação.

Marcelo Mattos Araújo

7. Considerações finais

7. Considerações finais

E cruzam-se as linhas
no fino tear do destino.
Tuas mãos nas minhas.

“Romance”
Guilherme de Almeida

Existe um caráter pessoal, afetuoso e convidativo em visitar um museu-casa. As trajetórias precursoras dos escritores Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Haroldo de Campos, evidenciadas por recortes que os homenageiam e os celebram, criam espaços ímpares nos três museus, Casa Guilherme de Almeida, Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas. Há algo de incrível nesses três personagens que por si só é inspirador. Por sua vez, o cotidiano da vida das casas – como as pessoas se relacionavam ali, como executavam suas tarefas domésticas, como viviam – despertam o interesse do público que visita os museus.

É essa curiosidade de espreitar o ambiente doméstico, pessoal, familiar, privado e descobrir, na dimensão do cotidiano alheio, os pequenos segredos da vida, que torna a experiência de visita ao museu-casa diferente da visita ao museu clássico. No ambiente do museu-casa a memória não é, não está, ela percorre, engaja, religa lembranças e criativamente se reinventa.

A inserção dos museus-casa a seu entorno amplifica o território simbólico e salvaguarda a memória local e suas conexões com a cidade. A perspectiva da imaterialidade é intensificada pelo fato de os museus-casa refletirem a vivência de pessoas e de suas relações, em tempo e

espaço (lugares ocupados, utilizados, vividos, sentidos). Há, portanto, múltiplas camadas de tempo no mesmo espaço, com alto potencial de alcançar os afetos dos visitantes, que, ao terem contato com espaços íntimos, mobilizam memórias pessoais e coletivas.

Conhecer a vida íntima de quem morou em cada casa – o dia a dia, as relações, as trocas de cartas, o dormitório, o banheiro, as refeições, os segredos, os frequentadores da casa – e coisas simples do cotidiano estão entre os grandes atrativos de um museu-casa. Os museus-casa têm ainda o potencial de promover reflexões e levantar controvérsias a respeito de como vivemos e despertar questionamentos de várias ordens, da vivência pessoal à vivência coletiva.

As casas só existem no tempo. E o tempo não para. Cada casa pode ser muitas a depender de quem e de quando se observa – e é fundamental declarar essa perspectiva ao visitante. Abordar as casas em toda sua complexidade é também abordar as ausências, os apagamentos, as contradições históricas e estabelecer novas narrativas, complementares e disruptivas.

Com base em um farto volume de dados qualitativos e quantitativos, este diagnóstico permitiu identificar aspectos importantes para que os três

museus possam avaliar seu trabalho e projetar o futuro. Trouxe também respostas para muitas das inquietações da própria equipe, em especial, sobre aspectos relacionados à oferta de atividades.

De modo geral, a avaliação das atividades foi positiva. Analisando a oferta presente na programação, é possível afirmar que ela é bastante variada, dinâmica e volumosa. Contudo, nas três Casas, **as atividades ainda parecem majoritariamente voltadas para grupos e nichos muito específicos**, e não conseguem acessar ou atrair públicos mais gerais e diversos – a programação, assim, fala mais com os mesmos e para os mesmos.

O diagnóstico mostra que **os museus precisam expandir e adensar as relações com novas redes** e estabelecer conexões mais próximas e íntimas com os entornos físico e temático.

Para construir programações mais diversas, é preciso também ser diverso – do conselho às equipes. Esse parece um ponto de atenção importante: uma programação que de fato seja capaz de atingir novos públicos precisa partir de bases mais diversas.

Colocar-se no **lugar de aprendiz** pode ser um movimento importante: o que outras pessoas, grupos, lugares, movimentos e modos de fazer podem ensinar às Casas e a suas equipes?

É fundamental, ainda, criar **estratégias para melhorar a comunicação e a divulgação das atividades**. A Rede precisa se assumir como rede, apresentar com nitidez seu propósito, definir e adensar a relação entre os museus. É preciso que a sinergia e a colaboração entre os museus fiquem mais evidentes e sejam mais efetivas na prática.

Algumas diferenças significativas entre os três museus, como o fato de Haroldo de Campos nunca ter residido na Casa das Rosas, aparecem como desafios que, se enfrentados com estratégia, podem se transformar em oportunidades para contribuir com a própria **capacidade da Rede em se fazer presente e visível** entre os mais diversos públicos.

A ampliação da **extroversão on-line** é desejada. Compreender a interação virtual não apenas como complementar, mas como constitutiva da era pós-digital é um passo que pode ser importante para garantir a qualidade da interface digital dos museus. Também é preciso criar elementos para que as exposições presenciais sejam mais atrativas (com uso de tecnologia e dispositivos expográficos mais interativos).

Os museus são espaços de encontro e convivência, presencial ou virtual, e devem buscar a democratização do acesso e da produção. **Parte do público ouvido tem desejo de participar de forma mais ativa na própria concepção da programação.** Há também pessoas que não entendem os critérios utilizados para definições e

escolhas feitas pelas Casas em suas programações. **Ser transparente, rever métodos, explicitar e ampliar o rol de critérios, abrir-se para outros grupos e abordagens** aparece como um ponto fundamental.

Estabelecer estratégias para garantir que a governança das três Casas seja cada vez mais integrada e, ainda, apostar em um **programa de hospitalidade**, transversal a todas as áreas, e que conceba questões relacionadas ao acesso, à acessibilidade, ao bem receber e à inclusão dos públicos de modo articulado talvez sejam caminhos importantes para o próximo ciclo de vida das Casas.

Por fim, vale dizer que todos os dados aqui apresentados devem ser analisados com atenção e revisitados diversas vezes pela Rede – **o conhecimento da equipe é precioso para promover outros insights** ou mesmo provocar novas chaves para a interpretação dos resultados.

Com base nesses resultados, é possível pensar em algumas recomendações gerais que podem guiar os próximos passos da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo – apresentadas a seguir.

Algumas recomendações

Consolidar a Rede de Museus-Casas Literários junto à sociedade

- **Fortalecer a identidade da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo.**
 - Definir e disseminar o propósito institucional da Rede (por exemplo, o direito à literatura, à poesia).
 - Atuar para desenvolver o gosto pela literatura e pela poesia nos mais diferentes grupos, agindo na relação e no acesso por meio de ações de comunicação e formação que permitam uma relação mais estreita da população com o tema e com as Casas.
 - Fazer uso de experiências poéticas pela cidade como forma de firmar o propósito e a relevância das Casas (poetizar a cidade como um valor inegociável da rede?).
 - Revisar o conceito e as diretrizes da marca, integrando toda a comunicação (promover um estudo de *rebrand* geral das marcas).
 - Criar uma programação com curadorias compartilhadas e colaborativas entre as equipes das Casas, sempre pensando na ocupação de seus espaços.
- **Realizar um planejamento estratégico para a Rede.**
 - Estabelecer estratégias de governança que garantam efetivamente a integração entre as Casas – das equipes à programação ofertada ao público.
- **Criar um sítio único de acesso às Casas – um portal que abrigue e articule os sites de cada Casa.**
 - Garantir informações integradas e facilitadas sobre a Rede.
 - Ampliar a divulgação das atividades.
 - Manter conteúdos atraentes e navegação facilitada para pesquisa e consulta com vistas a um futuro centro de referência virtual.
 - Criar programa de história oral.
- **Estabelecer novos círculos de aconselhamento, orientação e proteção da Rede – conselhos precisam de inovação, diversidade étnico-racial, juventude, diversidade social e urge atuar nessa frente.**
- **Criar um comitê de referência teórica e estética para as Casas, com nomes de profissionais e projetos inspiracionais.**
- **Avaliar a diversidade atual da equipe, em termos étnico-raciais, de gênero, etário, entre outros marcadores, e estabelecer estratégias concretas com base nos resultados dessa avaliação.**

■ Conexão entre as Casas

- Definir especificidades e valores de cada Casa, assumindo aqueles compartilhados (a literatura, a poesia) e evidenciando os que são de cada um dos espaços (a atuação de cada escritor, seus tempos históricos, suas conexões).
- Reorganizar os espaços a partir de suas forças – as casas habitadas pelos escritores precisam ser tratadas de forma diferente da Casa das Rosas.
 - Pensar os espaços expositivos a partir de novos recursos interativos.
 - Trazer para o contexto das casas o conceito de digital.
- Definir melhor a identidade da Casa das Rosas.
 - Atribuir à Casa das Rosas o papel de centro da Rede, que reúne as equipes e fomenta o pensamento; pensar em um anexo nas redondezas, sem abrir mão de atividade nas Casas.
- Trabalhar os diversos momentos históricos das Casas.

■ Novas redes e parcerias

- Ampliar as conexões com instituições, grupos, espaços, iniciativas.
 - Fortalecer a conexão das Casas com saraus, bibliotecas comunitárias, movimentos sociais da cidade e do estado, ampliando sempre que possível para outras regiões do país e da América Latina.
 - Liderar mapeamento de lugares e iniciativas de leitura e literatura na cidade e depois no estado; criar um mapa entre essas experiências que releve também os percursos dos escritores.
 - Identificar os diferentes entornos (locais, temáticos, digitais), seus recursos e conexões com as Casas e com a Rede.
 - Realizar incursões etnográficas pelo entorno das Casas.
 - Identificar potencialidades de internacionalização de programas para itinerar fora do país e/ou iniciativas internacionais para apresentar nas Casas; trazer o legado de autores que transitaram pelo circuito dos escritores de referência das Casas para essas conexões.
- Avaliar as parcerias existentes e pensar em critérios e diretrizes para renová-las e ampliá-las.
- Articular-se com as instituições culturais também vinculadas a Secretaria de Cultura e Economia Criativa; estabelecer estratégias conjuntas para otimizar recursos, evitar sobreposições, aproveitar melhor programações similares e estimular os públicos a circular.

■ Programação das Casas

- **Desenvolver estratégias para fomentar e propiciar maior participação e protagonismo do público, inclusive na concepção da programação.**
- **Considerar outras e novas produções literárias, que circulam em meios menos hegemônicos (periféricos, negros, indígenas etc.).**
- **Criar mais espaços para as escolas, com programas voltados para o Ensino Médio e para a carga da reforma curricular que prevê aulas optativas no contraturno; oferecer cardápio de programas especiais para as escolas próximas.**
- **Diversificar as formas de acesso do público aos conteúdos dos museus (podcasts, exposições mais interativas etc.).**
- **Manter e incrementar a programação digital, é preciso criar uma programação específica para o meio virtual.**

■ Públicos

- **Ancorar os museus em comunidades, criando ou fortalecendo sentimentos de pertencimento em relação aos museus.**
 - Envolver as comunidades, nomeá-las e apresentá-las para a sociedade a partir das suas próprias vivências (por exemplo, contar as histórias dessas pessoas como se fossem experiências literárias).
- **Estabelecer estratégias para alcançar diferentes públicos.**
 - Públicos jovens.
 - População negra.
 - Público mais geral e menos especialista, que pode se interessar e se conectar de diferentes formas às Casas.

■ Palavras-chave – rodas de conversa

Ao final de cada roda de conversa, os participantes foram convidados a expressar desejos e intenções para os museus-casa, o que não poderia faltar ou de que não se poderia abrir mão no futuro – ver na próxima página¹⁶.

Esse exercício permitiu elencar ideias-chave, princípios e valores a serem perseguidos **para inspirar a gestão e as equipes** ao planejar os próximos passos para as Casas.

Que seja leve, proveitosa e instigante essa nova fase.

¹⁶ Reflexões propostas pela facilitação em cada roda de conversa: Roda 1: “Vamos pensar assim, qual seria um sonho? Um exercício de imaginação aqui entre nós.” Roda 2: “Como vocês veriam esses três equipamentos daqui a uns cinco anos?” Roda 3: “De que palavra, gesto, atitude, desejo, valor a gente não pode abrir mão? Eu queria, assim, que cada um falasse uma coisa, o inegociável pra gente chegar nesse futuro, pra olhar de lá para essas Casas, essa rede, esse lugar que está sendo formado. Do que não se pode abrir mão?”

ACOLHIMENTO CIDADANIA EMANCIPADOR
DIREITO À LITERATURA BUSCA ATIVA DE
VISITANTES REPENSAR A LINGUAGEM LUGAR
DE DEBATE ESTÍMULO IMAGINAÇÃO BEM
RECEBER MUSEUS PROPOSITIVOS CULTURAL
E SOCIALMENTE EXPERIÊNCIA INTIMIDADE
TER ESCUTA QUEBRA DO OFICIALISMO FAZER
SENTIDO CIVILIZAÇÃO EMANCIPAÇÃO DOS
JOVENS SENSIBILIDADE COM O OUTRO MARCA
REDE SEDIMENTADA DEMOCRATIZAÇÃO
VÍNCULO PORTAS ABERTAS MÚLTIPLAS VOZES
PARTICIPAÇÃO PERTENCIMENTO DIÁLOGO



RODA 01



RODA 02



RODA 03

8. Referências

8. Referências

AFONSO, M. M. Casa-museu, museu-casa, casa histórica: um lugar de memórias. **Revista Semestral**, Ano 1, jan.-jun., 2016.

CARVALHO, Ana Cristina (org.) **Museus casas históricas no Brasil**. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.

CAVALARI, V. **Casas-museu**: o encontro da arquitetura, literatura e memória. 2020. ECA-USP. Jornalismo Júnior. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/casas-museu-o-encontro-da-arquitetura-literatura-e-memoria/> Acesso em: 18 dez. 2022.

CAYER, N. A.; SCHEINER, T. C. Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cienc. Hum.** Belém, v. 16, n. 2, e20200108, 2021.

CHAGAS, M. A poética das casas museus dos heróis populares. **Unirio Mosaico**, v. 2, n. 4, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v2n4.2010.62790>.

CICCACIO, A. **O jardim das resistências**: uma história da Casa das Rosas. São Paulo: Risco Editorial, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

PONTE, A. **Casas-Museu em Portugal**: teoria e prática. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2007.

PONTE, A. Casas-Museu: entre o conceito e o modelo de ação, da constituição ao modelo de investigação. In: **10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal** (Coleção Patrimônio a Norte, n. 1, p. 45-50). Comitê Internacional do ICOM, 2019.

REDE DE MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS. **Desenvolvimento de Plano Museológico**: Casa Guilherme de Almeida; Casa das Rosas; Casa Mário de Andrade. São Paulo, 2018.

SPINELLI, T. **Museus literários no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2009.

Pesquisas de público consultadas

HÁBITOS CULTURAIS DOS PAULISTAS. Pesquisa SP. JLeiva, 2014. Disponível em: <http://www.pesquisasp.com.br/>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

DADOS PARA NAVEGAR EM MEIO ÀS INCERTEZAS. Parte II: Resultados da pesquisa com públicos de museus. Realização ICOM BRASIL e TOMARA! EDUCAÇÃO E CULTURA, 2020.

PESQUISA HÁBITOS CULTURAIS: expectativa de reabertura e comportamento digital. Realização Itaú Cultural e DataFolha, setembro, 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/datafolha-lancam-pesquisa-sobre-habitos-culturais>.

PESQUISA MUSEUS: narrativas para o futuro. Realização Oi Futuro e Consumoteca, 2019. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/pesquisa-museus-2019/>.



Anexos

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO VERSÃO FINAL EM PDF

[Acesse aqui](#)




Realizado por
    

Pesquisa Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo

Olá! Agradecemos sua disponibilidade para participar desta pesquisa. Queremos muito saber o que você pensa sobre a Casa Guilherme de Almeida, a Casa Mário de Andrade e a Casa das Rosas. Sua visão e suas percepções são importantes para nos ajudar a pensar sobre o futuro dos Museus-Casas Literários. O tempo estimado para preenchimento deste questionário é aproximadamente de 20 minutos. Pode ser um pouco mais ou um pouco menos. Vamos lá?

Importante: o questionário pode ser respondido tanto pelo celular quanto pelo computador, mas a navegação é melhor pelo computador. Em alguns aparelhos de celular, pode ser necessário clicar mais de uma vez para avançar para a próxima página e dar início ao questionário. Em caso de dúvidas, sugestões ou dificuldade para responder às perguntas, você pode nos contatar no e-mail pesquisas@tomaraeducacaoocultura.com.br (<http://pesquisas@tomaraeducacaoocultura.com.br>). Esta pesquisa está em conformidade com a Lei nº 13.709 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) do Brasil e com a Política de Privacidade da Tomara! Educação e Cultura. (<https://www.tomaraeducacaoocultura.com.br/pol%C3%ADtica-de-privacidade>)

ANEXO 2

MINIBIO DOS PARTICIPANTES DAS RODAS DE CONVERSA

Roda de conversa 1 – 09/11

Membros do Conselho de Orientação Artística Presencial

Todos os participantes são graduados, sendo que 16 possuem mestrado e 11 também possuem doutorado, todos com mais de 10 anos de atuação em suas áreas. As formações dos participantes estão dentro das humanidades, tais como antropologia, arquitetura, cinema, direito, história, letras e museologia.

Aurora Fornoni Bernardini

Graduada e mestre em Letras, com doutorado em Literatura Brasileira e livre-docência em Literatura Russa. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária.

Carlos Augusto Machado Calil

Cineasta, ensaísta, professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP. Dirigiu instituições culturais como a Embrafilme, Cinemateca Brasileira e Centro Cultural de São Paulo. Foi secretário municipal de Cultura de São Paulo entre 2005 e 2012.

José Antônio Alves Torrano

Graduado, mestre, doutor em Letras e livre-docência em Literatura Grega. Atualmente é professor titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo. Trabalha com os seguintes temas: tragédia grega, pensamento mítico e filosofia grega.

José D'Amico Bauab

Bacharel em Direito, mestre em Direito Civil, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro do Conselho de Orientação Artística da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, gestor responsável pelo Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Paulo de Freitas Costa

Arquiteto e mestre em Artes pela USP. Curador da Fundação Ema Klabin desde 2001. Participa, anualmente, da organização do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, promovido pelo Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

Roda de conversa 2 – 10/11 - Presencial

Alzira Leite Vieira Allegro

Graduada em Letras, mestre em Língua e Literatura Norte-Americana e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Atualmente é professora de Literaturas de Língua Inglesa e Tradução na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de coordenar a Oficina de Tradução Literária/Prosa na Casa Guilherme de Almeida.

Davidson Panis Kaseker

Mestre em Museologia. Graduado em Letras Clássicas e Vernáculas. Tem especialização em Administração de Empresas e em Gestão e Política Cultural. Foi secretário municipal da Cultura e Turismo da prefeitura municipal de Itapeva no período de 2007-2012 e, desde junho de 2013, é diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM SP).

Donny Correia da Silva

Poeta e cineasta, mestre e doutor em Estética e História da Arte e bacharel em Letras. Realizou os curtas experimentais *Anatomy of decay* e *Brainteaser*, co-organizou o volume *Cinematographos*, antologia da crítica cinematográfica (2016), com textos críticos escolhidos do poeta Guilherme de Almeida. É membro da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) e da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte).

Fernando Atique

Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo. É arquiteto e urbanista, mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e doutor em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. É pós-doutor em História. É membro fundador da Associação Ibero-Americana de História Urbana - AIHU. É, também, membro do ICOMOS-Brasil.

Marília Bonas

Historiadora, especialista em museologia e mestre em museologia social. Foi curadora de diversas exposições, dirigiu o Museu do Café, o Museu da Imigração e coordenou o Memorial da Resistência de São Paulo. Atualmente é diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa e do Museu do Futebol. Também é membro da diretoria do Conselho Internacional de Museus no Brasil (ICOM Brasil).

Rodrigo Bravo

Rodrigo Bravo é tradutor, dramaturgo e diretor de teatro. Bacharel em Letras Clássicas e mestre em Linguística pela USP, onde realiza pesquisa de doutorado em Estudos da Tradução. Professor de escrita criativa do curso de pós-graduação em Música Popular – Rock, nas Faculdades Santa Marcelina. Coordenador do selo de tradução literária Pythia, da Mocho Edições. Autor de livros, ensaios e artigos sobre tradução e crítica literária, tendo traduzido as tragédias *Hamlet* (2021) e *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Membro fundador da Cia. Vento Áureo de Teatro, pela qual dirigiu os espetáculos *Hino a Dioniso* (2019), *Hinos Homéricos: a tradução do pensamento mítico* (2019), *Louvor às Deusas* (2020) e *Ecos de Andrômaca* (2021). Autor dos livros de poesia *Poligonia do Haikai* (2017), *Teso* (2018) e *Mavórcio Libreto* (2018).

Roda de conversa – 11/11 - Remota

Ana Cláudia Rôla

Licenciada, especialista e mestre em Letras. Foi professora da rede pública e privada de Mariana-MG e região, integrou a equipe da Ufop no programa Alfabetização Solidária, no interior do estado da Paraíba. Coordena o Museu Casa Alphousus de Guimaraens. Acompanhou todo o processo de revitalização do Museu Casa Alphousus de Guimaraens sendo responsável pela curadoria da exposição de longa duração.

Claudinéli Moreira Ramos

Historiadora, mestre em Filosofia da Educação e doutoranda em Cultura e Informação. Especialista em Gestão e Políticas Culturais. Professora do curso de especialização em Museologia, Cultura e Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do MBA em Gestão de Museus da Universidade Cândido Mendes. Desde 2019, atua como consultora para instituições como a Unesco, FGV, Itaú Cultural e JLeiva Cultura & Esporte.

Ilana Seltzer Goldstein

Mestre em Antropologia Social e em Mediação Cultural e doutora em Antropologia Social. Docente no Departamento de História da Arte da Unifesp. Foi coordenadora do MBA Gestão de Bens Culturais da FGV, e docente na pós-graduação em Gestão Cultural do Senac. Participou das curadorias das exposições “Terra paulista: história, arte e costumes” (Sesc Pompeia); “Jorge, amado, universal” (Museu da Língua Portuguesa); “Tempo dos sonhos: a arte aborígine contemporânea da Austrália” (Caixa Cultural).

Jurema da Costa Seckler

Museóloga, com especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais. Ingressou como museóloga no Museu Casa de Rui Barbosa em 1975, onde desempenhou diversas atividades técnicas e administrativas. Aposentou-se em 1994, retornando a chefia do museu em 1997, permanecendo até 2000. Em 2003 retornou para a chefia do museu, permanecendo até agosto de 2020. Atua também ministrando aulas no mestrado profissional da Fundação Casa de Rui Barbosa e no MBA da Universidade Cândido Mendes. É membro do Demhist e do Comitê Internacional das Casas Históricas do ICOM.

Marcelo Mattos Araújo

É bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, especialista em Museologia e doutor em Arquitetura e Urbanismo. Assumiu, entre 2002 e 2012, a direção da Associação Pinacoteca Arte e Cultura (APAC). Em 2008, assumiu também a administração do Memorial da Resistência de São Paulo. Foi secretário estadual da Cultura, presidente do Ibram entre 2016 e 2018, presidente da Japan House São Paulo de 2018 a 2020, e desde abril de 2020 é diretor-geral do Instituto Moreira Salles.

Tadeu Jungle

Graduado em Rádio e TV, é um artista multimídia brasileiro com atuação nas áreas de fotografia, vídeo, instalações, poesia visual e realidade virtual. É sócio-fundador da produtora de cinema Academia de Filmes. Dirigiu o longa-metragem de ficção *Amanhã nunca mais*. Dirigiu o documentário *Evoé*. Dirigiu o documentário brasileiro em realidade virtual intitulado *Rio de Lama*, sobre a tragédia de Mariana-MG e o filme em realidade virtual feito com os índios do Xingu, *Fogo na floresta*.

ANEXO 3 - FOTOGRAFIAS

OFICINA



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)



Oficina interna (29/09/2022)

RODAS DE CONVERSA



Roda de conversa 1 - presencial (10/11/2022)



Roda de conversa 2 - presencial (11/11/2022)

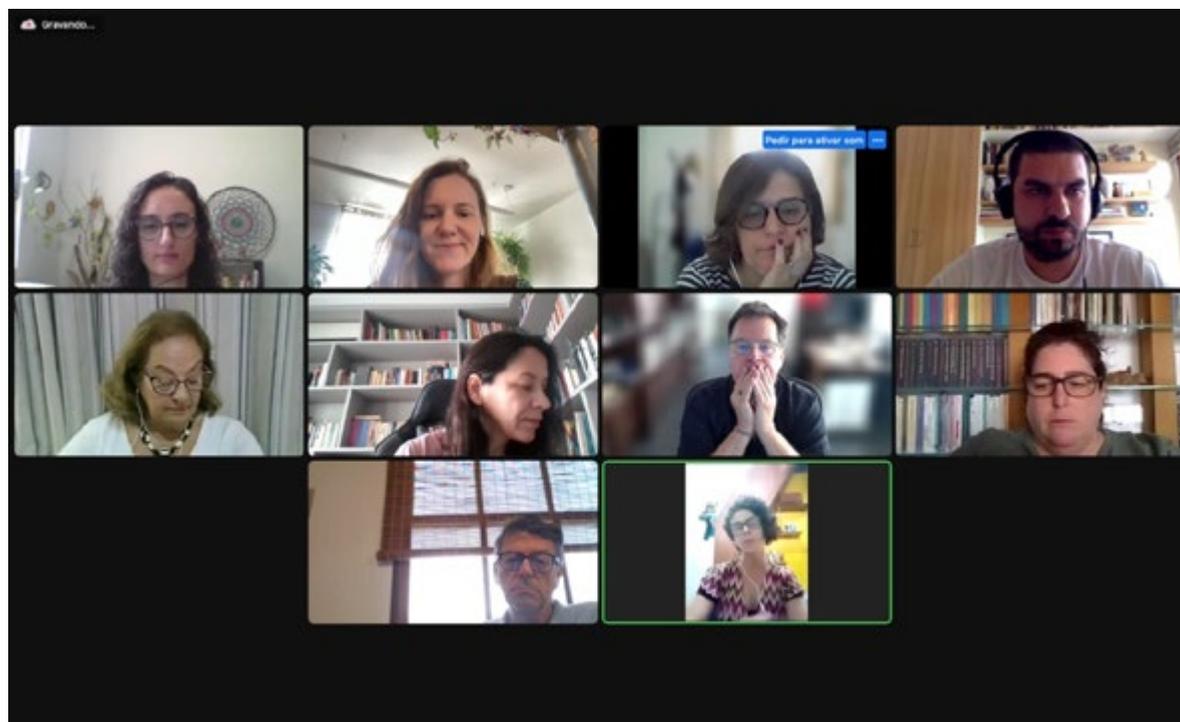


Roda de conversa 1 - presencial (10/11/2022)

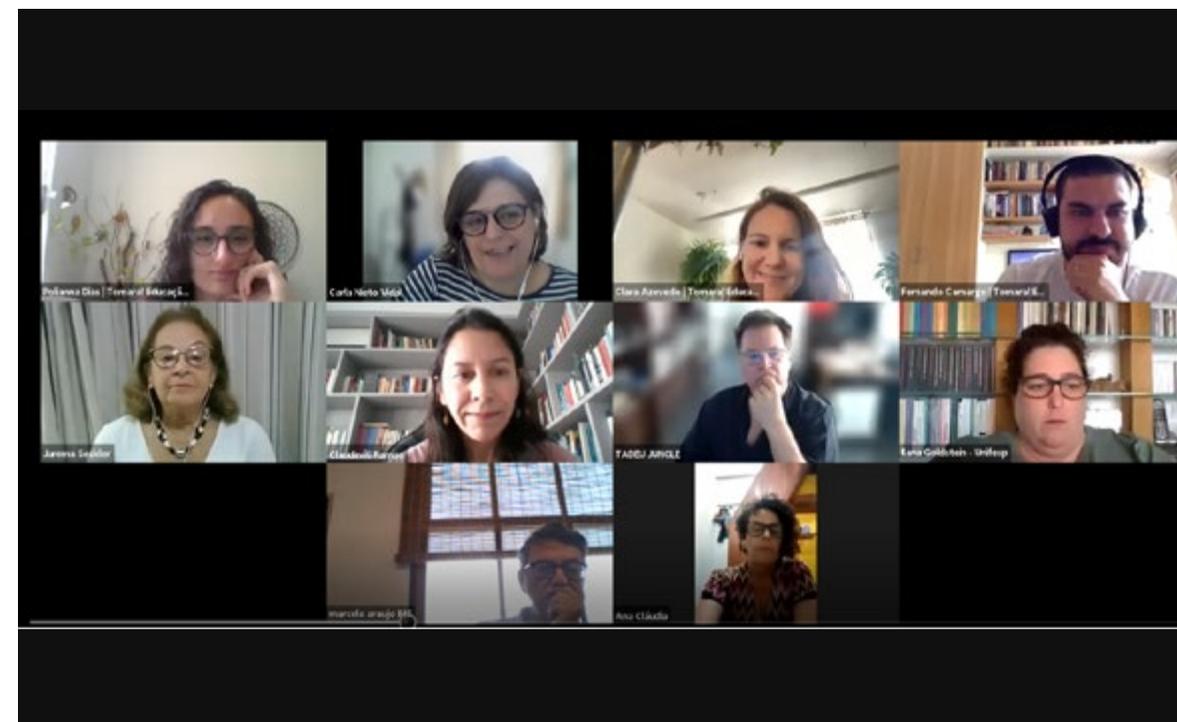


Roda de conversa 2 - presencial (11/11/2022)

RODAS DE CONVERSA



Roda de conversa 3 - remota (12/11/2022)



Roda de conversa 3 - remota (12/11/2022)

ANEXO 4

Lista de comentários direcionados aos Museus-casas e à Rede coletados nas questões abertas do questionário

Gostaria que conhecessem uma incipiente casa-museu no interior paulista, na cidade de Capivari: Ponto de Cultura Casa Rosa - Memorial de Virginia e Carlos Mattos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou as Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade apenas uma vez há mais de dois anos.]

Casa Mário de Andrade: desejo enviar uma proposta para realizar uma oficina de danças afro-brasileiras nesse espaço. [rodepaula@hotmail.com] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduada e que já visitou as Casa Mário de Andrade de duas a cinco vezes inclusive este semestre.]

Prezada, sou formada na área técnica em conservação e restauro de livros e documentos, pela UNB-DF, pela APAE-DF. Que trabalhei a 5 anos, como instrutora de conservação e higienização de bens culturais, nos órgãos públicos do DF pela APAE-DF. Gostaria de conhecer os acervos históricos de museus e gostaria de saber se aqui na cidade de São Paulo existe oportunidade para pessoas formadas somente na área técnica em conservação, higienização e restauro de livros e documentos? Agradeço desde já. Atenciosamente, Dalva

Rodrigues da Silva. [dalva03.rs@gmail.com] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 40 a 44 anos, com Ensino Técnico e que já participou mais de seis vezes das atividades virtuais da Casa Mário de Andrade.]

Reitero que desejamos mais exposições pras crianças, atividades lúdico educativas, pode do ou não envolver os pais, oficinas que trabalhem a escrita, o fazer artístico, criança de um livro, ilustração... Pra dar o gosto da literatura para as crianças. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduanda e que já visitou as três Casas mais de 6 vezes inclusive no ultimo semestre.]

Sobre a questão da diversidade: é muito bom ter chamado a escritora Amara Moira para compor o quadro docente do clipe. Porém, ter Evandro Affonso no mesmo curso é para se repensar. Ele era claramente preconceituoso, chamando-a pelo pronome masculino o tempo todo, mesmo todas as vezes quando corrigido. O exemplo é prático para ilustrar que a preocupação precisa ir além quando falamos em diversidade, inclusão etc. Obrigada pela oportunidade. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 45 a 49 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Sou professora de Arte da prefeitura na Zona Norte de São Paulo e gostaria muito que tivesse um material educativo e parceria com ônibus para levar os estudantes para conhecer pessoalmente os museus. [mayara.faraco@hotmail.com] [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 25 a 29 anos, pós-

graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes inclusive este ano.]

Visitar as Casas. Faz tempo que não as visito, pois sou deficiente físico, cadeirante e desconheço se teria facilidades para estacionar e me locomover no espaço! Meu telefone para contato é 3887-8927. Sou cadeirante! Tenho 81 anos. [marciacjardins@terra.com.br, marciacjardins@gmail.com] [Mulher cisgênero, branca, 81 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de dois anos.]

Eu já enviei propostas de oficinas das quais nunca tive retorno, só a comunicação do recebimento e de que analisariam para entrar na agenda da casa. [daniel.tapia@uol.com.br] [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, pós-graduado e que já visitou a Casa Mário de Andrade e Casa das Rosas de duas a cinco vezes há mais de dois anos.]

Fiz os cursos Formativo e de Aprimoramento para tradutores da Casa Guilherme de Almeida, com os quais fiquei muito satisfeita. No entanto, senti a falta de informações e apoio ao estudante na inserção no mercado de trabalho editorial. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, graduada e que já visitou a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas mais de duas vezes há mais de dois anos.]

Gostaria de agradecer o processo de revitalização do museu-casa Mário de Andrade que tem afetado, contagiado o entorno. Obrigada pelo

grande exercício de cidadania e pedagógico através da cultura popular. A Barra Funda está cada vez mais cultural, histórica e culta, sem dúvidas o museu-casa Mário de Andrade é um desses atores que mobiliza toda uma comunidade, cidade. [Mulher cisgênero, preta, na faixa de 35 a 39 anos, graduanda e que já visitou a Casa Mário de Andrade mais de seis vezes há mais de três anos.]

Já participei de diversos cursos nas três casas e assinei lista de presença. Até então, só recebi dois certificados. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 39 anos, graduado e que já visitou e participou de atividades nas três Casas mais de duas vezes inclusive este ano.]

Minha experiência com a Casa das Rosas e Mário de Andrade é virtual. Moro em São José, Santa Catarina; fiz alguns cursos no período da pandemia e pós-pandemia. Cursos de excelente qualidade. Meu desejo de futuro com relação a casa das Rosas e a casa Mário de Andrade é que continue sendo assim: Propositiva, eficiente e atenta às necessidades das pessoas que gostam e privam da cultura do Brasil. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já participou de atividades virtuais da Casa das Rosas mais de seis vezes.]

Parabenizo a Poiesis pela gestão das casas, agradeço a dedicação e disponibilidade de Alexandra Rocha e Ivanei Silva, por todas as vezes que me receberam com meus alunos. Parabenizo a dedicação e o dinamismo de Marcelo Tupinambá

Leandro por cursos, palestras e exposições tão importantes para conhecermos quem somos. [Mulher cisgênero, branca, na faixa de 60 a 70 anos, pós-graduada e que já visitou e participou das atividades virtuais das Casa Mário de Andrade mais de seis vezes inclusive este semestre.]

Quero parabenizar todas as pessoas envolvidas nas atividades dos Museus-Casas. Dos responsáveis pela programação ao pessoal do apoio, todos exercem suas atividades com muita competência e dedicação. Desejo que esses espaços se fortaleçam e que possam continuar cumprindo suas missões civilizatórias, o que já fazem com maestria. [Homem cisgênero, branco, na faixa de 50 a 59 anos, graduado e que já visitou ou participou de atividade virtual das três Casas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Desejo que sejam abertas 24h. Incluam língua russa, ótima oportunidade para barrar a russofobia. [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 45 a 49 anos, pós-graduada e que já visitou as três Casas mais de duas vezes há mais de um ano.]

Gostaria de levar meus alunos, para conhecer as casas, aprender sobre seus patronos, em excursões divertidas e didáticas. Obrigada. [divinagalvao3@gmail.com] [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 35 a 39 anos, pós-graduada e que já visitou a Casa das Rosas mais de seis vezes há mais de um ano.]

Sou escritora e artista plástica independente, tenho 03 livros publicados. Sou de São Paulo

mas atualmente moro em Morro de São Paulo na Bahia. Amo museus e gostaria de uma oportunidade para mostrar meu trabalho. Recolho redes no mar, lixo e faço obras de arte para conscientização sobre nossos Mares. Estamos na década do Oceano, Ods 14 da ONU e é muito importante falarmos sobre a preservação e cuidado de nossas águas! Espaços maravilhosos em São Paulo e muitas vezes ociosos e o pior herméticos. Precisamos abrir as casas de cultura para todos e a questão ambiental se faz urgente. Deixo aqui meu contato no insta Sandra_Catrouxo e meu email sandracatrouxo@gmail.com e aproveito para agradecer esta oportunidade. Um detalhe: tenho 50 dias para desocupar um espaço em São Paulo onde guardo em média 80 peças sobre violência sexual contra mulher. Um trabalho lindo que realizei falando de um estupro que sofri na adolescência. Esses trabalhos me gritam pedindo para serem mostrados e sei que seria uma exposição emocionante. Falta apenas aquela oportunidade que nunca chega! Grata! [Mulher cisgênero, parda, na faixa de 50 a 59 anos, graduada e que já visitou a Casa das Rosas uma vez há mais de três anos.]

ANEXO 5

Número de respondentes por Distrito de São Paulo

Lapa	52	Cidade Ademar	2
Vila Mariana	39	Mandaqui	2
Pinheiros	36	Rio Pequeno	2
Sé	33	São Mateus	2
Butantã	17	São Miguel	2
Consolação	12	Tucuruvi	2
Mooca	12	Vila Formosa	2
Santana	12	Vila Guilherme	2
Santo Amaro	12	Vila Maria	2
Ipiranga	11	Vila Matilde	2
Freguesia do Ó	9	Água Rasa	1
República	9	Barra Funda	1
Pirituba	8	Belém	1
Liberdade	6	Brasilândia	1
Penha	6	Capão Redondo	1
Campo Limpo	4	Ermelino Matarazzo	1
Itaim Bibi	4	Jaçanã	1
Jabaquara	4	Jardim Helena	1
Santa Cecília	4	Morumbi	1
Saúde	4	Perdizes	1
Casa Verde	3	Ponte Rasa	1
Cursino	3	São Domingos	1
Itaim Paulista	3	Socorro	1
Itaquera	3	Tatuapé	1
M'Boi Mirim	3	Tremembé	1
Vila Prudente	3	Vila Sônia	1
Aricanduva	2		

